

CURSO DE LITTERATURA

**PORTUGUEZA E BRAZILEIRA.**

S. LUIZ.—Imp. por B. de Mattos, Typ. rua da Paz, 5 e 7.

CURSO DE LITTERATURA

# PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

**PROFESSADO**

POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

NO

INSTITUTO DE HUMANIDADES

DA

**PROVINCIA DO MARANHÃO.**

DEDICADO PELO AUTOR

AO DIRECTOR DO MESMO INSTITUTO



TOMO QUARTO.

MARANHÃO.

MDCCCLXVIII.

✓  
859  
R 375  
1866

O Autor reserva-se o privilegio da sua obra,  
que não poderá ser reimpressa sem o seu con-  
sentimento.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume achou-se registrado

sob número 6845

do ano de 1946

## INTRODUÇÃO.

---

Consta este volume de dois livros, o quinto que ainda diz respeito á Litteratura Portugueza e Brazileira, e o sexto que trata da Litteratura Brazileira propriamente dita, e termina com a apreciação dos poetas da segunda parte desta, Odorico Mendes, e Gonçalves Dias, sem abranger a dos prosadores da mesma época por falta de margem.

Preferimos terminar neste ponto á dar uma apreciação incompleta de nossos prosadores, com suppressão de autores eminentes, e das passagens notaveis, donde tiramos os modelos de analyse; pois restão-nos ainda em ser, e promptas para a impressão, duas prelecções sobre o marquez de Maricá, duas sobre Frei Francisco de Monte Alverne, cinco sobre João Francisco Lisboa, uma sobre o seu biographo, duas sobre as obras em prosa de Gonçalves Dias, bem como uma vista de olhos sobre a Litteratura Portugueza contemporanea, que comprehende seis prelecções sobre Garrett, e uma sobre a prosa poetica do Sr. A. Herculano, ou sobre o seu Eurico, o que tudo reunido prepará um volume quasi igual ao que agora se publica.

Comprender toda essa materia com a que fica publicada, em um só volume de perto de 600 paginas, recorrendo ás suppressões sobreditas, seria não só faltar ao que de nós requer a Litteratura Brazileira, como dar á mocidade noções incompletas sobre nossos principaes prosadores, e deixar por conseguinte de preencher o fim que nos propuzemos.

Assim si pudermos contar, para a publicação de mais um volume, com o mesmo animador auxilio, que tivemos para a dos 4 impressos, visto como entre nós o producto só da assignatura não cobre as despesas

da impressão em uma obra de algum vulto, cuja extracção é aliás lenta, daremos ainda um quinto volume com a apreciação dos mencionados autores, senão ficará no ponto em que a deixamos, a publicação deste Curso, a qual sem aquelle animador auxilio não teria passado do primeiro volume.

Quanto ao que fica publicado da Litteratura Brasileira, já é uma tal amostra para dar-nos della mui vantajosa idéa, porque o P.<sup>o</sup> Sousa Caldas, e Gonçalves Dias, são dois poetas de primeira ordem, que, por seu extraordinario engenho e cabal instrucção, honrão não só a nossa, que enriquecêrão com seus escriptos, mas a mesma Litteratura moderna, onde quer que chegue o conhecimento da lingua portugueza. Esta vantajosa idéa porem continuará a ser confirmada por alguns de nossos eminentes prosadores, si pudermos publicar o volume com a apreciação delles.

Na apreciação publicada dos autores da segunda parte da Litteratura Brasileira, julgamos conveniente não comprehender os que ainda vivem, supposto haja entre elles poetas de mui elevado merito, de alguns dos quaes dêmos noticia nas prelecções que servem de introduccão a este Curso, quando tratámos de determinar as differenças entre a nascente Litteratura Brasileira, e a Portugueza; pois são de primeira intuição os inconvenientes que resultão da apreciação de autores vivos, não só por que senão dá a respeito delles a mesma liberdade, que a respeito dos mortos, como por que nunca fica completo o trabalho, podendo o autor ou produzir mais, ou alterar o que tem produzido. Neste ponto, apenas nas prelecções que estão por imprimir, fizemos duas excepções em mui pequena escala, si tal nome merecem,—os juizos sobre a biographia de João Francisco Lisboa, e sobre a prosa poética do Eurico—, sendo que versão sobre trabalhos especiaes sem pretensões á uma apreciação completa sobre as demais obras dos respectivos autores: e isso, pelas razões plausiveis abi allegadas.

OPERA DI NICCOLÒ MACHIAVELLO  
IN SECCO PRIMA

LIVRO V.





---

## SECÇÃO PRIMEIRA.



Francisco Manoel do Nascimento, vulgo Filinto Elysio, poeta; sua biographia; suas Poesias Lyricas; suas Poesias Didaticas; sua Traducção das Fabulas de La Fontaine; sua Traducção dos Martyres de Chateaubriand.

### LICÇÃO LIX.

Vou, Senhores, tratar hoje de um dos maiores poetas lyricos dos tempos modernos, ou do verdadeiro Pindaro Portuguez, que possui ao mesmo tempo as qualidades de Horacio, o Padre Francisco Manoel do Nascimento, conhecido vulgarmente pelo nome de Filinto Elysio, que adoptou em suas poesias, como era costume entre os poetas portuguezes desde a época da restauração das letras em Portugal e seus dominios, ou desde a fundação da Arcadia no reinado de D. José I. Este grande poeta, que é incontestavelmente pelos dotes do seu engenho um dos primeiros vultos da litteratura portugueza, e cuja vida foi um triste romance como a de Camões, atravessou por sua longa idade não menos de quatro reinados, o de D. João V, o de D. José I, o de D. Maria I, e o de D. João VI; mas florecêo propriamente no principio deste seculo, em

que começárão a ser diffundidos, e geralmente conhecidos e apreciados os seus escriptos. Foi não só grande poeta e prosador distincto, mas grande philologo e profundo conhecedor da lingua, que enriquecêo como nenhum, e a que na phrase de Almeida Garret valêo elle só uma academia, para expurgal-a dos gallicismos, que a abastardavão; por isso tanto as suas poesias, como as suas obras em prosa, devem ser manuseadas e estudadas como as de um de nossos primeiros classicos. E se vale aqui a minha autoridade, direi que nunca aprendi tanto em poeta nenhum, como neste, que une o exemplo ao conselho.

Nascêo Francisco Manoel do Nascimento em Lisbôa, no antigo sitio e rua da Ferraria, na freguezia de S. Julião, a 23 de Dezembro de 1734, como elle proprio diz, posto que a sua certidão de idade lhe dê mais dois dias de nascido, e fallecêo em Paris, de hydropesia de peito, aos 25 de Fevereiro de 1819, com 85 annos de idade, ou quasi da mesma, que o Padre Antonio Vieira. Seu corpo foi sepultado, segundo o Sr. Innocencio F. da Silva, no cemiterio du Père la Chaise, segundo M. Ferdinand Denis, na igreja parochial de S. Felippe du Roule, fazendo-lhe mui decentes exequias o marquez de Marialva, então embaixador de Portugal em França, o qual provêra largamente ao seu tratamento na enfermidade a que succumbio. Seus ossos forão em 1841 trasladados para Portugal por ordem do então ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, depositados previamente em uma das ca-

pellas interiores da Sé de Lisboa, e depois em 1856 sepultados com pompa em um tumulo, para isso mandado preparar pela camara municipal daquella cidade no cemiterio do Alto de S. João.

Francisco Manoel pertencia a uma familia distincta de Portugal; seu pae era um honrado official de marinha que lhe dêo uma esmerada educação, attestada pela sua grande proficiencia nas lettras, e deixou-lhe demais a mais uma honesta fortuna, com que o poeta, que havia abraçado o estado ecclesiastico, vivia na abundancia, todo entregue á cultura das lettras, e ao commercio das Musas, pelo qual abandonou os estudos theologicos, a que á principio se dedicára. A musica e o amor desenvolvêrão nelle bem cedo o talento poetico. Mas ou fosse natural acanhamento ou modestia, occultou por muito tempo o poeta os seus versos, até que a amisade, como adiante se verá, os denunciou á celebridade contemporanea e posthuma.

Sobrevindo o horrivel terremoto que destruiu Lisboa em 1755, o poeta que estava então nos seus 21 annos, salvou a vida com incrível energia por entre as ruinas onde tantos a perdêrão; e monsieur Ferdinand Denis, que lhe ouvira na infancia a animada narração desta catastrophe, diz, que foi tal a impressão que lhe causou, que toda a sua vida conservára lembrança della.

Reedificada Lisboa pelos esforços do marquez de Pombal, continuou o poeta a entregar-se a seus estudos favoritos e a cultivar a poesia, occultando sem-

pre suas producções, porque desconfiava de si; mas os seus amigos, que o avaliavão melhor, imprimirão, sem que elle o soubesse, ou a contra gosto seu, algumas dellas, provavelmente as que virão a luz em Portugal antes de sua expatriação, com o nome supposto de Marcellino da Fonseca Minc's Noot, anagramma de Francisco Manoel do Nascimento; e desde então começou o seu nome a ser conhecido na republica das letras.

Mas si o poeta, diz monsieur Ferdinand Denis que o conhecêra em Paris, conseguiu escapar ás convulsões da natureza, não poude escapar aos furores da malevolencia. A inquisição exercia o seu terrivel poder; o exterminio de Francisco Manoel foi resolvido, por se lhe attribuir uma traducção do Tartufo que então apparecêra; a condemnação contra elle fulminada ia alcançal-o, a não ser a sua assombrosa presença de espirito.

Apresenta-se em sua casa um familiar do Santo Officio: o poeta que se recordava sem duvida da sorte de Antonio José, arma-se de um punhal, ameaça o encarregado de prendêl-o si gritar, escapa-se por uma escada furtada, foge rapidamente, ganha a casa de um negociante francez, e alguns dias depois está a bordo de um navio que o transporta á França.

O Sr. Innocencio Francisco da Silva refere o facto um pouco diversamente, precisando porem as datas, e nomeando o denunciante do poeta ao Santo Officio.

•Era (diz este) thesoureiro collado na igreja das Cha-

gas de Christo, pertencente á confraria dos mareantes, quando em 22 de Junho de 1778 foi denunciado ao Santo Officio por um clérigo do arcebispado de Braga, residente então em Lisboa, chamado José Manoel de Leiva, que ouvira ter elle proferido certas proposições heterodoxas, ou mal soantes. O tribunal passou as ordens necessarias para a sua captura, e effectivamente foi procurado em casa pouco depois das cinco horas da manhã do dia 4 de Julho, por um dos *familiares* a quem se encarregara a diligencia. A sua bôa fortuna deparou-lhe a facilidade de escapar-se, mediante uma escada interior, pela qual conseguiu evadir-se para a rua a seu salvo, e subtrahir-se ás pesquisas dos seus perseguidores. Buscou primeiramente guarida no palacio do conde da Cunha, que lhe ficava proximo, e depois em casa do seu amigo Timotheo Verdier, negociante francez, onde esteve homisiado durante onze dias. Ao fim delles, em 15 do dito mez, obteve passagem em um navio destinado para o Havre de Grace, entrando para bordo disfarçado, e conduzindo ás costas um cesto de laranjas.»

Assim é que o barbaro tribunal que havia perseguido a Vieira no reinado de D. Affonso VI, e queimado a Antonio José no de D. João V, obrigava então a Francisco Manoel a expatriar-se para sempre, e annos depois aferrolhava a Bocage nos seus carceres, mostrando-se inimigo jurado de todo talento, ainda depois de abolido o supplicio do fogo pelo marquez de Pombal.

Chegando ao Havre, passou-se logo o poeta d'alli a Paris, onde vivêo até 1792, em que Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde da Barca, e então ministro de Portugal em Hollanda, o chamou para seu secretario particular. Em Haya residio cinco annos, vivendo vida insipida por não ter com quem fallar portuguez, a não ser com alguns judêos desta nação. Em 1797 regressou á França, onde vivêo o resto de seus dias, residindo ora em Paris, ora em Versailles, ora em Choisy.

Obteve-lhe o seu amigo Araujo um decreto que o reintegrava nos fóros de cidadão portuguez, que havia perdido com a fuga, mas não quiz voltar á patria, enquanto lhe não fossem restituídos os bens, que lhe tinham sido confiscados; o que nunca se realisou.

Em Paris e seus suburbios vivia do fructo de seu trabalho, ou do producto das obras que imprimia, mas vio-se ali em graves apuros, sendo duas vezes roubado por criadas que o servião. Como porém era de compleição robusta, trabalhou, apesar da sua muita idade, até poucos dias antes de sua morte, sendo a ultima producção que deixou, a versão da Ode feita a Camões por monsieur de Raynouard.

A maior consolação que experimentava o misero poeta no seu longo e trabalhoso exilio, era ouvir fallar o portuguez, e ter na sua visinhança alguns portuguezes, com quem pudesse conversar. Com isso é que suavizava as saudades da patria, que o ralavão constantemente.

Perseguido, desterrado e reduzido á extrema pobreza, como Camões, foi talvez Francisco Manoel, ainda mais para lastimar, que o immortal cantor dos Luziadas, no terminar seus longos e cansados dias em terra estrangeira, o que lhe devia sobremodo amargar os ultimos momentos.

«Eu conheci este nobre ancião (é monsieur Ferdinand Denis quem falla): conservava no meio dos revezes uma serenidade d'alma pouco commum, reunindo em sua physionomia a brandura e a gravidade; mas si alguma lembrança lhe excitava o espirito, então seus olhos se enchião de fogo, suas feições exprimião ardente energia, havia poesia em seu olhar, poesia em sua linguagem.»

Como poeta compoz Francisco Manoel odes pindaricas, horacianas e mixtas, epistolas, sonetos, fabulas, epigrammas, e outras poesias lyricas; traduzio, alem de varias peças de theatro, poematos e poesias lyricas, a segunda Guerra Punica de Silio Italico, parte do 1.º canto da Pharsalia de Lucano, o Oberon de Wieland, as fabulas de La Fontaine, e os Martyres de Chateaubriand.

Como prosador compoz o discurso sobre Horacio e suas obras, e a novella Armindo e Florisa: traduzio a Vida de el-rei D. Manoel composta em Latim por Ozorio, o Tratado do Sublime de Longino, novellas e outras obras.

Nas suas poesias originaes ha muitas odes sublimes do genero o mais elevado, e muitas de graça inimitavel,

adubadas da mais sã philosophia, não só porque o poeta se alça em seus vôos lyricos á toda a altura do genio, como porque conhece perfeitamente todas as bellezas de estylo, todos os segredos do rithmo e da harmonia imitativa. Ha certamente muitas epistoias, que podem passar por um primor do genero didatico, e nada ficção a dever ás de Horacio. Mas entre tanta, tão rica e admiravel poesia, ha tambem não pouca farragem, que merece aliás toda desculpa, porque o poeta, para ter que comer, via-se obrigado a imprimir tudo quanto lhe sahia do bico da penna.

Das traducções são admiraveis as do Oberon, das Fabulas, e dos Martyres, que equivalem a outras tantas obras originaes, seja pela difficuldade vencida, seja pelas bellezas de estylo, e sobretudo a ultima, que aformoseou o poema em prosa de Chateaubriand, e não tem rival em lingua viva na riqueza do dialecto poetico.

Das obras em prosa a melhor é sem contradicção a traducção da Vida d'el-Rei D. Manoel, que póde passar por uma verdadeira obra classica, não obstante os erros typographicos, com que sabio impressa.

Muitas são as edições das obras do poeta, feitas em diversas épocas, mas a mais completa, sem ainda verdadeiramente o ser, é a que se fez em Paris, de 1817 á 1819, na officina de Bobée, em 11 tomos (8.º grande), com o titulo de Obras completas de Filinto Elysio.

É Francisco Manoel um verdadeiro genio na poesia lyrica, ou se attenda á sublimidade do conceito, ou ao



fogo do estro, ou á virtude philosophica, ou á belleza da forma, e genio de ordem tal, que a bem poucos dos lyricos antigos e modernos será dado emparelhar com elle em merito. Era versadissimo em todo genero de litteratura, e com especialidade na classica, de que fez porfiado e incessante estudo durante o curso de sua dilatada vida, a ponto de se dizer d'elle, que sabia Horacio de cór. Muitos são os poetas e criticos, nacionaes e estrangeiros, que rendem sincera homenagem ao extraordinario e singular engenho do grande poeta exilado, que foi para a litteratura patria na poesia lyrica, o que Camões foi na épica. E porque fôra longo enumerar a todos, só mencionarei dos primeiros a Bocage, a Garrett, a Pato Moniz, a Costa e Silva: dos segundos, a Chateaubriand, a Lamartine, a Ferdinand Denis.

Como classico portuguez é ainda este poeta um dos mais abalisados, pois si houve quem conhecesse a fundo o nosso idioma, e soubesse fazer conveniente emprego de sua grande riqueza, foi certamente elle, e elle mais que ninguem, do que dão irrefragavel testemunho não só as suas sublimes poesias lyricas, como mui principalmente as suas traducções ou imitações das Fabulas de La Fontaine e dos Martyres de Chateaubriand. Ha quem o censure de excessivo no rehabilitar termos antiquados, a portuguezar termos latinos, e formar termos compostos; mas si o emprego da linguagem a mais expressiva e rica em composições, que imperiosamente o requerião, taes como as duas tra-

ducções citadas, pode vir algumas vezes a redundar em defeito, fica um tal defeito como escondido pelos grandes serviços que o poeta prestou á nossa bella lingua, salvando-a da corrupção franceza, e nobilitando-a com muitissimas expressões adequadas á sua verdadeira indole.

Tendo-vos dado noticia da vida e obras de Francisco Manoel do Nascimento, ou Filinto Elysio, bem como do seu subido merito como poeta, passarei em outros discursos a analysar as melhores producções do seu engenho, pondo aqui termo a este.

## LICÇÃO LX.

Disse-vos eu, Senhores, no precedente discurso, que Francisco Manoel do Nascimento, vulgo Filinto Elysio, era um dos maiores poetas lyricos modernos, isto referindo-me ao tempo em que o mesmo veio ao Mundo; dir-vos-hei hoje, sem fazer distincção de idades, que é elle effectivamente um dos maiores poetas lyricos, por que não tem superior, e difficilmente encontra rivaes entre antigos e modernos, quando se eleva a toda a altura do genio em suas sublimes odes, com que nenhuma emparelhão. Em verdade! Que ha em Pindaro, Alcêo, Horacio, Chiabrera, Diniz, Rousseau, que seja superior, ou si quer igual á ode aos Novos Gamas, á ode ao Estro, ou á Camões, á ode a Affonso de Albuquerque, á ode a Liberdade, e á intitulada Neptuno aos Portuguezes? Que ha em Horacio e Garção, que se possa pôr acima da ode, que começa «Lá vem a Au-

rora o manto apavonado Lançando pelas c'roas dos outeiros»? Que ha em Sapho, Horacio, Anacreonte e Diniz, que seja mais bello, que o hymno à Noite?

Francisco Manoel é um prodigioso e singular engenho na poesia lyrica, porque reunio n'um só e o mesmo sujeito as qualidades de Pindaro, Horacio, Sapho e Anacreonte, mostrando-se eminentemente superior em toda a escala lyrica que percorrêo, desde o tom o mais elevado até o mais suave e brando.

Nenhum poeta, de que eu tenha noticia, remontou mais alto seus vôos lyricos, ou attingio melhor os despenhadeiros do sublime, percorrêo com passo mais seguro a verdadeira e magestosa estrada do grandioso, e revelou mais fogo de estro, inspiração mais nobre, e imaginação mais rica no exalçar as acções heroicas, as producções do genio, o patriotismo, e a virtude; nenhum soube philosophar melhor, e mostrar-se mais instruido quer na historia, quer nas cousas da vida, para licção dos outros homens; nenhum cantou melhor as graças ingenuas, os prazeres e as saudades do campo, as delicias da amisade, as doçuras do amor, e as alegrias da mesa. Nenhum se exprimio em estylo mais energico, grandiloquo, impetuoso, animado, pittoresco, gracioso, ameno e enlevador, segundo os generos lyricos, que tratou; nenhum colorio melhor os seus quadros, e empregou imagens mais poeticas, figuras mais arrojadas e felizes; nenhum enriquecêo jamais a poesia lyrica com linguagem tão variada, expressiva e bella.

Antes porém de entrar na analyse das sublimes e inimitaveis odes de tão grande poeta, devo reproduzir aqui acerca dellas as opiniões de dois juizes mui competentes na materia.

«Que direi das odes? (é Garrett quem falla). Minha intima persuasão é que nunca lingua nenhuma subio tão alto como a portugueza na lyra de Francisco Manoel. Que ha em Pindaro comparavel a ode a Affonso de Albuquerque? Onde ha poesia sublime, elegante, immensa qual seu assumpto, como na dos Novos Gamas? Si o patriotismo fallasse algum'hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia elle dizer-lhes igual áquella inestimavel ode que se intitula Neptuno aos Portuguezes? E quando a liberdade trôa na espada de Washington, submete os raios de Jupiter, e o sceptro dos tyrannos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Penn os laços da fraterna união? Que immenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objectos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Marcia *voltando inopinada*, no hymno á Noite, se requebra em amoroso jubilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de estylo, de delicadeza, de inimitayel poesia. . .»

«Por elle (diz Pato Moniz) não temos que invejar a algum antigo ou moderno poeta lyrico; ao menos de nenhum sei eu, que tão grande numero compozesse de tão excellentes odes, nem sei que lhe falte alguma das qualidades requeridas neste sublime genero de poesia. Rica, opulenta, vigorosa e ardente imaginação, regu-

lada por um argutissimo juizo, e esse illustrado de toda a humana sabedoria! Eis-aqui o que por todas ellas reina: eis-aqui a magia com que Francisco Manoel embebe em suas proprias idéas, repassa de seus proprios affectos, e possui de seu proprio extasi os leitores, embriagados das formosas imagens, dos formosissimos quadros que lhes apresenta, illuminados pelas mais vivas côres do estro! Milagres do saber, do engenho, e da harmonia, nunca em suas odes posso ler, ou cogitar, que por todas minhas fibras não recorra, e não as estremeça alguma centelha do fogo sagrado, que em ondas se revolvia na mente do vate á hora da composição.»

«Este sim, este é o nosso Pindaro: harmonioso, energico, sublime, rapido, arrojado, impetuoso, e mil vezes original, nenhum tem elle que lhe seja superior. Que importa o não fazer como Diniz a divisão de suas odes por strophes, antistrophes, e epodos? Chimerica é para nós essa divisão, uma vez que ella já para o canto não serve, como em sua primitiva: além de que, por essa lhe faltar, negar-se-ha por ventura que tenha Horacio algumas tão boas odes como as de Pindaro? Pois ainda mais tem Francisco Manoel.»

Depois destes juizos tão competentes de dois poetas, um delles de primeira ordem, e outro mui distincto, entrarei sem mais preambulo na minha analyse, e passarei a ler-vos hoje duas poesias de Francisco Manoel, uma no genero sublime, a ode ao Estro, em que o poeta celebra as mais admiraveis producções do genio,

outra no gracioso e mixto, o hymno a Noite, em que canta as doçuras do amor furtivo, e o remanso do placido socego, ambas magnificas e primorosas.

Muito se deleitava o poeta com a variedade, que arreda para longe o fastio da monotonia; por isso seguindo as suas mesmas pégadas, não vos darei no decurso desta analyse duas ou mais odes seguidas do mesmo genero, mas de diversos:

Éstro filho de Apollo, quando desces  
Do verde Pindo, sobre accesas nuvens,  
Impetuoso assaltas  
Inopinado Ingenho,  
E chamma imperiosa, insana furia  
Levantas na alma digna de teu vôo.

Tu á morada Olypia arrebataste  
O Cantor Grego, Pae da heroica tuba,  
Que a Achilles iracundo  
Trôa, quando affadiga  
O anhelante Heitor, longo dos muros  
Da emmudecida Troya descoroadá.

Tu lhe déste ousadia, com que olhasse  
Fito a fito o tremendo Soberano  
Dos Deoses e dos Homens  
Que só c'um sobrecenho  
(Quando a cholera as faces lhe roxêa)  
Abala os Céos e a Terra, empóla os mares.

E lhe déste o pincel, com que arriscado

Pinta a Jove, e o trisculo raio iroso  
 Que a mão de ardor lhe córa  
 Ao remessa-lo ás gentes:—  
 E os fuzís vingativos da cadeia,  
 Que suspende e castiga o error de Juno.

Ao Épico pregão do Ausonio Povo,  
 Da trompa argentea os áros enrolaste,  
 Quando cantou sonoro  
 Accolhidos na Italia  
 Os Troyanos Penates foragidos,  
 E da alta Roma os triumphantes muros.

Pintaste-lhe o Furor impio, sentado  
 Sobre as armas crueis, e atraz das costas  
 Retorcidos os pulsos  
 Com cem laços de bronze,  
 No templo, afferrolhado de Mavorte,  
 Bramando horrendo co'a sanguinea bocca.

Abriste-lhe a Cavérna da Sibylla,  
 E as propheticas folhas do Futuro,  
 Pejadas de successos,  
 Que as entranhas dos Fados  
 Sem ordem, sem conselho descompunhão,  
 Ao capricho dos ventos revoando.

Tu a Pindaro, a Alcêo, ao Venusino  
 Subiste em tuas azas inflammadas  
 Ao concelho das Musas,  
 Onde ávidos gostarão



O almo liquor da reservada veia,  
Que em Divino transmuda o canto humano.

Franqueaste-lhe alli pródigas chaves  
Dos Theouros que encerra a Natureza;  
E o fusco véo rasgando,  
Que lhes cobria a mente,  
O trilho que conduz da Terra ao Olympo,  
Ao colloquio dos Numes, lhe apontaste.

Assim Camões, por Ti enfurecido,  
Ao cume do Parnaso se avizinha;  
E os Delphicos loureiros,  
Quando elle sóbe, curvão  
Ao novo Homero os orgulhosos tópes;  
E arredão larga estrada ao Vate egrégio.

Calliope a mão lhe dá; e ás doudas grutas,  
(Do rapido talento asylo) o guia,  
Onde a sublime trama  
Da Iliada sonóra,  
Palpando as chordas da Épica harmonia,  
Cantára Apollo, e transcrevêra Homéro.

Alli subio Camões; alli a Musa  
A bócca e vozes do immortal Alumno  
Banhou de Poesia;  
E co'as Irmãas que invóca,  
Co'as tres Graças, que tudo aformosêo  
Enchem do Vate o peito, dadivosas.

Eis chega ao sabio côro o Ausonio Cysne  
Comedido, e das faces ressumbrando

Assômos de Celeste:

E tanto se afeigôa

Do valido das Musas Tagitanas,  
Que por Alumno e confidente o aceita.

Das reconditas minas da Memória,

A seu pedido, as ricas veias abre,

Que Camões enthesoura:

Tambem lhe réga o engenho

Co'Épico arcano, em limpidas correntes,

Que manárão nos novos Argonautas.

Entôa o forte Gama, avassallando

Os mares não trilhados de outros lenhos,

Impavido affrontando

O conflicto das ondas,

Que o Thyonêo contra elle acapellava,

Ajudado do impróvido Neptuno.

Sobrevem Sapho, e canta de Ignez linda

A ternura fiel, tragico termo

De viçosos Amores;

Ambição crua e cega,

Cubiça de mal firme valimento,

Tu lhe enterras no peito o frio ferro!

Homéro inchando á tuba o bronzeo ventre

Mais alto resoava, e tinha em fogo

A vista rutilante,

Quando lançava as vozes  
Do Adamastor membrudo, e arduas vinganças  
Do quebrado segredo de seus mares.

Como sentiste do animo o alvoroto,  
Absôrto Vate, quando o intimo seio  
Os sons te revolvião  
D'aquella voz valente,  
Tonante voz, encêrro de prodigios,  
Voz de que assim se ufana a natureza!

Como já n'alta mente as côres punha  
Nos quadros dos Lusíadas illustres!  
Aqui se ateia a briga  
Dos doze de Inglaterra:  
Além, da agua que sorve, engrossa a nuvem,  
E o pé que tem no mar, a si recolhe.

Quanto se ergue entre stupidos humanos  
Quem ao nascer sortio um peito altivo  
Capaz de inclyta empreza?  
Mais que homem é um Nume.  
Os parabens te dou, oh Lusa Patria:  
Tambem os tomo, de dever-te o berço.

Oh prole de Japêto, a tudo ousada,  
De ser do barro vosso me gratúlo,  
Quando contemplo a chamma  
Que em vós prendêo celeste,  
Luzir no engenho, disferir no esforço,  
Brazão, e assombro das futuras éras!

Logo Tyrtêo, para as feroces guerras  
 O prendou c'o clarim agudo e forte,  
     Que a côr ao gesto muda;  
     E nelle os tons lhe ensaia,  
 Com que recontе as ásperas batalhas  
 De Nuno féro, e do pugnaz Pacheco.

Eis no carro, que as alvas pombas tirão  
 Lhe entrega agradecida a meiga Venus  
     (Do mimoso regaço)  
     Quadros de Idalia e Chypre,  
 As fontes, e arvoredos namorados,  
 Com que elle adorne a Ilha dos Amores.

Os olhos para a sphéra erguei celêste:  
 Como raia vermelha no Oriente!  
     Do centro escapa um lume  
     Que de ouro reluzente  
 Vai as nuvens cobrindo. . . Um Deus radioso  
 Com placido semblante á terra desce.

Pelo cinto do lucido horisonte  
 Melodias dulcisonas se espalhão;  
     Alados Hymnos voão  
     Flammigeros em torno  
 Da verde-laurea frente; as alvas azas  
 Dos Zephyros, na lyra, ferem vozes.

Mas já o previdente Apollo abrindo  
 O fatidico seio do Futuro,  
     Movido do ardimento

Do generoso Vate,  
 Põe nelle os olhos de splendor trajados,  
 E estas aladas vozes lhe dirige:

«Feliz Mancebo, que a veréda pizas,  
 «Dos dois Cysnes, que alem de todos preso,  
 «Não desmaies, ao vêres  
 «Os sustos, os despenhos  
 «Que ameação na senda alcantilada  
 «Do laurifero Pindo, temeroso.

«Com meu raio facundo, e nunca incerto  
 «Quero teu guia ser na Épica lida:  
 «E serás celebrado  
 «Na esteira perigosa  
 «Que intrepido em rasgal-a aos teus, a stranhos,  
 «De não murchandas flores esmaltares.

«Mas Éstro adquire gloria, e não thesouros.  
 «Morrerás pobre, tendo submettido  
 «Mais riscos, mais trabalhos,  
 «Que o Gama a quem dás nome.  
 «Aos Vates, que só põem na Fama o fito  
 «Serás pharol de náufrago penêdo.

«O mesmo Fado desustroso empunha  
 «Irado raio, em damno dos que venhão  
 «Por essas broncas frágas,  
 «E absortos na harmonia  
 «Dos sonorosos teus ousados versos,  
 «Te imitarão na lyra, e na desgraça.

«Coridon, Coridon, que improba estrella,  
 «Te dá Nome immortal, fonte de invejas?  
     «Pelos salões das honras  
     «Te arremessa ás masmorras,  
 «Onde os annos consumes, que devêrão  
 «Ser de ampla gloria e louros assombrados.

«Lá vai, de atroz Calumnia perseguido  
 «Correr mares, trilhar estranhas terras  
     «O candido Filinto  
     «Que tanto tinha a peito  
 «O seu Camões grandiloquo a quem lia  
 «Com gôsto, com respeito ás Musas grato.

«Lá, contigo abraçado, em seu desterro,  
 «Em ti bebe a corrente nobre e pura,  
     «Com que os seus versos banha.  
     «Ainda, ausente, brada  
 «Ás novas Aguias da soberba Elysia,  
 «Que o teu canto e dicção tomem por Norte.

«Mas, enquanto te estuda, e te defende,  
 «Lavra contra elle séttas a Ignorancia;  
     «E dos seus bens e fama  
     «Põe opimo despojo  
 «Nos altares da Inveja e da Calumnia.  
 «Iniquo galardão de haver-te amado!

---

Deosa, que espalhas pela etherea zona

No mudo carro de évano brunido  
 As sombras repousadas, os amores  
     De furtivo decoro;  
 Tu, que acompanhas com fiel escolta,  
 Ao prazo dado o amante impaciente,  
 E c'o piedoso manto encobres roubos  
     De divinaes prazeres;  
 Que as doces leis de Venus, de Cupido  
 (Almo recôbro da vivaz natura)  
 Benigna estendes nos calados tectos,  
     Nos namorados bosques:  
 Que pedes ás estrellas mais propicias  
 Um froxo raio de modesto brilho,  
 Com que os rubis da bocca, com que os lyrios  
     Do peito entrever deixas:  
 Portanto ouves os gratos murmurios  
 Dos amantes ditosos, que redóbrão  
 Em teu louvor, pelo macio amparo  
     Que em tua sombra encontrão.  
 Ouves o som do trépido ribeiro,  
 Que inflammado dos meigos ais visinhos,  
 Novo Alphêo se apressura namorado,  
     Após nova Arethusa.  
 São mais doces de noite, e mais mimosos  
 Os afagos de Amor. A luz patente  
 Do sol constringe o gôsto, e sólta ao pejo  
     Mui reservadas redeas.  
 E a Nympha que olha pelo céu luzido  
 Aqui Léda, alli Io, alem Calixto,  
 E o cortejo de estrellas, com que as honra  
     Não deslebrado Jove:

Que, como ella, nas selvas, junto aos rios,  
 Outr'ora essas estrellas se humanárão,  
 E os troncos, como a ellas, que a convidão  
     C'o susurro das folhas;

Toma a Léda ou Calixto por traslado,  
 Cerra ao Recato a rabujenta bocca  
 Co'a mesma mão, com que ameigára a face  
     Do porfiado amante.

Noite melhor que o dia, quem não te ama?  
 Quem não vive mais brando em teu regaço,  
 Despindo da alma, e dos cançados membros  
     O dia afadigado?

Tu dás vida aos vergeis com teu suave  
 Prolífico lentôr; a curva rosa,  
 O lyrio, a quem pendêo o sol ardente,  
     Se erguem, e se retoução.

As penas, e os cuidados que os humanos  
 Corações remordião como abrólhos,  
 As ambições, os perennaes processos,  
     (Crueis aquuleos da alma!)

Ao ver descer o Somno, que a teu lado  
 Vem reclinado no tardio coche,  
 E derramar nos ares o recreio  
     Do placido socego;

Afroxando os cordeis já manso e manso  
 Descahem mão dos infernaes supplicios,  
 Que dão, antes da morte, aos imprudentes  
     Que espancal-os não ousão:

Que não sabendo pôr honras, riquezas  
 No merecido grau, são desditosos,  
 São baldões da Fortuna, são captivos



Do insolente Orgulho.

Vem estender sobre o meu leito, oh Noite,  
Com mão amiga, o manto do Socego,  
Negado a camas regias, e a bordadas  
Cobertas oppressoras.

Vem consolar do acinte dos destinos,  
Das injurias dos mãos, o assiduo Vate,  
Que trabalhou por ser aos seus proficuo,  
Enfeitando a virtude.

Tu, em teu seio o toma, e lhe refresca  
Com leve sôpro a frente, e a face roxa  
Das chammas, que no sangue lhe ateára  
Apollo enfurecido.

Vem, Noite amena, vem, traze contigo  
Os sonhos agradaveis, que o Céu brando,  
Por premio guarda mais mimoso ás nobres  
Fadigas do Parnaso.

Vem spargir pelos olhos, pelos membros  
Ás mãos cheias as languidas papoilas,  
Que escolhêra Morphêo nas descuidadas  
Ribanceiras do Lethes.

Que eu com grinaldas, com festões das flores  
Que ao teu surgir despontão do casulo,  
Sempre a ti grato, enquanto alento a vida,  
Cobrirei teus altares.

Na primeira das duas odes, tudo, senhores, é grandioso, magnifico, sublime,—o exordio, a narrativa, a conclusão. Começa o poeta por bellissimos quadros de alguns logares escolhidos da Iliada e da Eneida, apresenta depois a soberba pintura dos Luziadas feita

por diversos poetas, segundo a natureza do talento de cada um em relação á das passagens memoradas, e conclue por um discurso posto na bocca de Apollo, em que este prediz á Camões a sua celebridade e triste sorte, a que se ligão por incidente as desventuras de Garção e as do mesmo Filinto. Nunca ahi arrefece o entusiasmo, nunca fallece a phantasia a mais brilhante; as imagens são as mais poeticas: os quadros, os mais pittorescos; o estylo o mais grandiloquo e sublime; a linguagem a mais rica; e em toda a ode reina a bella apparente desordem, que se nota em algumas das de Pindaro.

Eis-aqui um dos quadros mais magnificos e admiraveis:—

«Assim Camões, por ti enfurecido,  
Ao cume do Parnaso se avisinha;  
E os Delphicos loureiros,  
Quando elle sobe, curvão  
Ao novo Homéro os orgulhosos topes,  
E arredão larga estrada ao vate egregio.

«Calliope a mão lhe dá; e ás doutas grutas,  
Do rapido talento asylo, o guia,  
Onde a sublime trama  
Da Iliada sonora,  
Palpando as chordas da Épica harmonia,  
Cantára Apollo, e transcrevêra Homéro.

«Alli subio Camões; alli a Musa  
A bocca e vozes do immortal Alumno

Banhou de Poesia;  
 E co'as irmãs que invoca,  
 Co'as tres Graças, que tudo aformosêão.  
 Enchem do vate o peito, dadivosas.»

Nesta bellissima pintura ha principalmente a notar as arrojadas e felicissimas metaphoras: «E arredão larga estrada ao vate egrio, . . .» «Alli a Musa A bôcca e vozes do immortal Alumno Banhou de Poesia;» a não menos arrojada e feliz prosopeia, com que o poeta anima os loureiros: «E os Delphicos loureiros Quando elle sobe, curvão Ao novo Homero os orgulhosos topes;» já a ousadia com que elle chama ás grutas, *doutas*, e a expressiva metonymia, ou si mais querem, synecdoche, com que toma o peito pelo espirito «Enchem do Vate o peito, dadivosas.» Ah! todos os epithetos formão poeticas imagens; a harmonia que resulta das pausas dos versos, é a mais perfeita; tudo enfim concorre para dar realce ao quadro, que se apresenta aos olhos do entendimento.

O estylo figurado, grandiloquo e sublime, que se nota nesta passagem domina igualmente em toda a ode, que consta de uma serie de quadros, todos tão bem acabados e primorosos, como esse, dos quaes só vos citarei mais um, em que o poeta descreve a descida de Apollo á terra:—

« . . . . . Um Deos radioso  
 Com placido semblante á terra desce:

Pelo cinto do lucido horisonte  
 Melodias dulcisonas se espalhão;  
     Alados Hymnos vôão  
     Flammigeros em torno  
 Da verde-laurea fronte; as alvas azas  
 Dos zephyros, na lyra, ferem vozes.»

Neste abreviado e brilhantissimo quadro não sei o que seja mais para admirar, si a copia de palavras compostas, que dão novidade e magestade ao estylo, si o serem todas esdruxulas, o que muito concorre para a harmonia enlevadora dos versos, si a belleza das metaphoras: «Pelo cinto do lucido horisonte; . . . . «As alvas azas Dos Zefyros, na lyra, ferem vozes;» si a ousadia da prosopopeia «Alados Hymnos vôão»; com que o poeta anima os Hymnos. Tudo ahi é nobre, harmonioso, esplendido, e digno do Nume que se descreve em seus attributos de inventor do canto, e pae das nove Musas, que a elle presidem.

A segunda ode, ou o hymno á Noite, é uma admiravel poesia, que parece traçada pelas mãos das Graças, e como em nenhuma lingua viva se encontra no tocante á primores de imaginação e de estylo. Tão bella é ella e sem senão, que vendo-me embaraçado na escolha de uma passagem, que sobresaia entre as outras, para apresentar-vol-a, lanço mão logo das primeiras estancias:—

«Deosa, que espalhas pela etherea zona  
 Nô mudo carro de évano brunido

As sombras repousadas, os amores  
 De furtivo decóro:  
 Tu, que acompanhas com fiel escolta  
 Ao praso dado o amante impaciente,  
 E c'o piedoso manto encobres roubos  
 De divinaes prazeres;  
 Que as doces leis de Venus, de Cupido,  
 Almo recôbro da vivaz Natura,  
 Benigna estendes nos calados tectos,  
 Nos namorados bosques:  
 Que pedes ás estrellas mais propicias  
 Um frouxo raio de modesto brilho,  
 Com que os rubis da bôcca, com que os lyrios  
 Do peito entrever deixas.  
 Portanto ouves os gratos murmurios  
 Dos amantes ditosos, que redóbrão  
 Em teu louvor, pelo macio amparo  
 Que em tua sombra encontrão.  
 Ouves o som do trépido ribeiro,  
 Que inflammado dos meigos ais visinhos,  
 Novo Alphêo, se apressura namorado  
 Após nova Arethusa.

Tanta é a delicadeza dos conceitos, e do sentimento, tantos são os donaires de elocução e de linguagem, que se achão disseminados por esta bellissima passagem, e as outras da mesma ode, que a mente do critico, arrebatada por taes primores, difficilmente se pode prestar a fazer-lhe a analyse, que fica sempre amortecida e desbotada diante de tanto esplendor e graças. Os trópos os mais felizes, as imagens as mais

pittorescas, a expressão a mais primorosa, os sentimentos os mais delicados, ou a forma a mais graciosa e rica rivalisando em belleza com a fantasia a mais engenhosa e poetica, a harmonia a mais ajustada nas pausas dos versos, tudo ahi se acha distribuido com mestria, animado de sentimento, e pintado com pincel inimitavel. Vêde que delicadeza de pensamento, e que magia de expressão figurada e imaginosa: «As sombras repousadas, os amores Do furtivo decóro;» E co' piedoso manto encobres roubos De divinaes prazeres;» Nos namorados bosques;» Que pedes ás estrellas mais propicias Um frouxo raio de modesto brilho;» «... Pelo macio amparo Que em tua sombra encontrão» «Ouves o som do trépido ribeiro Que inflammado dos meigos ais visinhos, Novo Alphêo, se apressura namorado Após nova Arethusa.» Poesia igual a essa em belleza de pensamento, senão em primor de elocução, só me recordo de haver lido em um poeta da antiguidade que não cede a Virgilio em talento, ou nos admiraveis versos que Lucrecio dirige a Venus no começo do seu poema—*De rerum Natura*.

Razão pois teve Garrett de dizer que nunca a lingua portugueza subio tão alto como na lyra de Francisco Manoel, a qual, accrescentarei, é sem contradicção uma das primeiras entre todas as de poetas até hoje conhecidos.

Em outro discurso continuarei a analysar estas sublimes e primorosas poesias, fazendo por hoje ponto aqui.

## LICÇÃO LXI.

A poesia lyrica, senhores, a que mais se amolda ao canto pela variedade harmonica do metro, é tambem a que mais se presta ao sublime sustentado pela brevidade das respectivas composições, que não excedem as raias de certas dimensões mais ou menos circumscrip-  
tas. Nada mais sublime, que alguns psalmos de David, como seja por exemplo o que começa, «Cœli enarrant gloriam Dei»: nada igualmente mais elevado, que algumas odes de Francisco Manoel do Nascimento, entre outras as que começam, «Onde me sobes, Musa? Em que acceso licor me embebes a alma?» e, «Assim deixou de Creta as cem cidades O fabuloso Mestre»: mas estas composições admiraveis por sua constante sublimidade são todas de modica extensão.

A poesia épica e a dramatica prestão-se tambem ao sublime, e muito certamente, mas com intervallos, e

mais de longe em longe; porque as longas producções, em que se comprehendem, não permitem por sua extensão o sublime sustentado e não interrompido, como os psalmos, as odes, os hymnos, as cantatas, que são producções de muito menores dimensões.

A tragedia antiga, é verdade, admittia os córos, que constavão ordinariamente da mais sublime poesia lyrica; alguns tragicos modernos os introduzirão tambem nas suas peças de theatro; são sobretudo admiraveis os córos da Athalia de Racine, e da Castro de Ferreira. Isto porem prova ainda em favor de nossa opinião, que a poesia lyrica é pela brevidade das respectivas composições a mais propria para o sublime sustentado.

A poesia descriptiva e a didatica podem tambem admittir o sublime, mas ainda mais raramente, que a épica e a dramatica, em que elle tantas vezes tem logar accommodado.

Assim a poesia lyrica do genero elevado é por sua sublimidade nunca desmentida a verdadeira linguagem dos Numes, sem que a poesia de outro qualquer genero o deixe de ser tambem por vezes, ou quando se sublima a toda a altura d'aquella.

Nem ha nisto cousa que nos deva surprehender e admirar. O sublime, ou provenha da elevação do pensamento, que é a sua primeira fonte, ou do pathético que é a immediata, é de sua natureza rapido, e ou nos assombra como o raio, ou nos arrebatata como a torrente. As fontes de ornato que dimanão da forma, como



figuras de pensamento e palavras, nobreza no dizer ou escolha de trópos e termos apropriados, composição e arranjo nas palavras ou numero e harmonia, são inteiramente subordinadas áquellas duas primeiras. Por isso será sempre mais natural que o sublime fulgure e arbore nos discursos de modica extensão, que nos longos e prolixos, em que não é possível manter-se constantemente na mesma altura sem decahir.

Não quero com isto dizer, que não haja muitos logares e passagens sublimes na Iliada, na Eneida, na Divina Comedia, nos Luziadas, na Jerusalem Libertada, e no Paraizo Perdido, bem como nas tragedias de Sophocles, de Euripedes, de Corneille, de Racine, e de Shakspear, mas só é unicamente, que nessas admiraveis produções do genio, a mór parte das quaes são por sua perfeição o maior esforço do espirito humano, o sublime propriamente dito, não é, nem pôdia ser, attenta a grande extensão das mesmas, sempre continuado, ou não interpolado, como acontece quasi sempre nos psalmos de David, nas odes de Pindaro, nas de Francisco Manoel, e outras composições lyricas do genero elevado, pois que nem todas as dos mencionados poetas o são.

O sublime até deixaria de ser sublime, e degeneraria no turgido, no pueril e no ridiculo, si não fosse interpolado, e interrompido, nas obras de grande extensão, para brilhar em todo o seu esplendor onde, e quando convem; porque nem todos os logares, nem todas as situações e circumstancias o comportão. Que-

rer estendel-o a todas as passagens de um poema heroico ou de uma tragedia, seria não só desconhecer-lhe a natureza, mas confundir com elle o estylo nobre e levantado, que deve reinar em taes composições.

Ninguem descrevêo melhor a queda do sublime no ridiculo, que Napoleão o grande, nestas poucas palavras: «Du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas,» do sublime ao ridiculo não vai mais que um passo. Muitos poetas e prosadores, querendo ser sublimes fóra de tempo e lugar, tornárão-se inchados, ou puerís, dando o passo fatal, que os fez resvalar no ridiculo. Podia eu aqui citar grande numero dos primeiros, mas basta mencionar-vos em globo os da escola castelhana em Portugal com Gabriel Pereira de Castro á sua frente; porque o mais seria formar um longo cathalogo de poetas, cujos vicios aliás já vos tenho apontado em diversas occasiões.

O sublime pois é o que ha de mais nobre e elevado no discurso, seja este feito em verso, seja em prosa, porque excita a nossa admiração, e nos arrastra, levando-nos como de vencida, sem que de forma alguma possamos resistir á impressão, que nos causa. Tanta é a sua força! Um discurso todo sublime, ou em que o sublime se ache constantemente sustentado, é uma obra prima do espirito humano, um verdadeiro prodigio artistico.

A composição que vou submeter á vossa illustrada consideração, é uma das melhores odes de Francisco Manoel, uma poesia no genero o mais elevado, e que

não tem rival nas producções lyricas da antiguidade classica, nem dos tempos modernos, um perfeito modelo de um discurso todo sublime. Eil-a; é a ode aos Novos Gamas:—

Assim deixou de Creta as cem cidades  
 O fabuloso mestre  
 As estranhadas nuvens dividindo  
 Com atrevidas pennas;  
 Assim nos ensinou a ser monarchas  
 Do ligeiro elemento:  
 Mas, do arrojo agastada a natureza,  
 Sob alçapão ferrado  
 O temerario arcano poz seguro,  
 E aos seculos vindouros  
 Com manto espesso de nublada treva  
 Lhe encobrio o jazigo.  
 Que não vence indefesso improbo estudo,  
 Que põe na gloria o fito!  
 Que marcos não transpõe esporeado,  
 Destemido desejo!  
 Virão da morte a hedionda catadura  
 (E com pausados olhos)  
 Os heroes arrojados, que na lança  
 Levárão sanguinosa  
 Conquistados imperios, e deixârão  
 Improvida memoria.  
 E os que, seguindo as leis da ardua virtude,  
 Calcárão denodados  
 O collo insidioso da Calumnia,  
 Dragão de atro veneno.

Já tinha em fragil lenho submettido  
     Os reinos de Neptuno,  
 Mortal, despresador de dubia morte;  
     E, alongando a carreira,  
 Da roixa aurora visitado o leito;  
     Do tardio Boótes  
 Penetrado os gelados escondrijos  
     C'o sagaz Astrolabio.  
 Já devassando os terminos do Mundo,  
     Inquietos humanos  
 Tinhão serras longinquas, invios ermos  
     Trilhado aventureiros;  
 Com mão profana as lobregas entranhas  
     Da terra revolvido. . .  
 E tu, Vulcano, que as Lipareas ilhas  
     Regias indomavel,  
 Regido foste, e á sabias leis sujeito,  
     Para os humanos Joves,  
 Em dura schola, trabalhaste os raios,  
     Que estalão com ruina  
 Nas cerradas phalanges, nos reparos  
     Das munidas cidades.  
 As estrellas, os orbes despedidos  
     Reconhecêrão regras;  
 E o raio assustador, que vago e solto  
     Estendia ou quebrava  
 O roixo trilho do farpado incendio,  
     Hoje a Franklin submisso,  
 Pela perita barra, ingrata via,  
     Reluctante discorre:  
 Só resistia ufano e mal soffrido

Ao tentame frustrado,  
 Do vasto Eólo o imperio mal seguro,  
 Diaphanas campinas.  
 Os rijos Aquilões, Euros fogosos  
 C'o sopro amedrontavão  
 A progenie arriscada de Japeto:  
 As aguas infamadas,  
 C'o nome do mancebo mais que affouto,  
 Com descorados medos  
 A empreza ambiciosa represavão.  
 Debalde a natureza  
 Ao pertinace esforço se esquivava,  
 De sustos povoando  
 O largo plaino dos desertos ares,  
 Desamparadas quedas  
 Oppoudo, escarnecidas, por barreiras!  
 O desvelo incangado  
 Que aguça a vista á sensação reflexa,  
 Arremessado rompe  
 Pelos montões de obstaculos, e investe  
 C'os penetraes vedados,  
 A arrancar o segredo perigoso.  
 Para escalar os astros  
 Intexe um globo, imitador dos orbes,  
 Que gyrão no ar vasio. . .  
 Eu mesmo o vi. Obediente ao mando  
 Deixou airoso a terra;  
 Sobre as frentes dos homens assombrados  
 Levantado planeta  
 Sulcava as raras ondas magestoso  
 (Em soberbo triumpho

A regrada sciencia aos céos subia)  
 E furtando-se aos olhos  
 A nova estrella prefazia o gyro.  
 Tal Jupiter subido  
 Tira bizarro, pelo ethereo campo,  
 Os satellites fidos,  
 De um Pólo, a outro Pólo, passeiando,  
 Na clara estiva noite.

Nesta ode, em que o poeta celebra a ascensão dos dous aeréo-nautas Charles e Robert, occorrida no seu tempo em Paris, ou para amplificar a idéa, o invento da navegação aerea, tudo, senhores, é sublime,—objecto, pensamento, estylo; porque achão-se magnificamente descriptos todos os grandes inventos do saber humano, que podem ter com aquelle relação. Quem quizer saber que cousa seja o sublime, quer na essencia, quer na forma, leia com attenção esta admiravel poesia, que nella aprenderá melhor a conhecê-lo, que no tratado de Longino, ou nas instituições oratorias de Quintiliano, porque o exemplo é mais poderoso, que o conselho. Começa o poeta ex-abruto, e logo por uma soberba comparação, que lhe dá logar a entrar no assumpto:—

«Assim deixou de Creta as cem cidades  
 O fabuloso Mestre,  
 As entranhadas nuvens dividindo  
 Com atrevidas pennas;

Assim nos ensinou a ser Monarchas  
 Do ligeiro elemento;  
 Mas, do arrojo agastada a Natureza,  
 Sob alçapão ferrado  
 O temerario arcano poz seguro,  
 E aos seculos vindouros  
 Com manto espesso de nublada treva,  
 Lhe encobrio o jazigo.»

Nada mais apropriado e soberbo em tal assumpto, que a comparação dos novos aereonautas com Dédalo, de quem fabúla a antiguidade que fugira de Creta para escapar ás iras de Minos, cortando os ares com azas de sua invenção, ou como diz Horacio em uma de suas melhores odes, com pennas não concedidas ao homem, *pennis non homini datis*. Não só o pensamento é sublime, mas a magestade do estylo que é todo cheio de imagens e primores de expressão, bem como a dos versos que são onomatopicos, correspondem exactamente á magestade da idéa. Nestes versos tão naturaes como bellos, «Assim deixou de Creta as cem cidades O fabuloso Mestre, As entranhadas nuvens dividindo Com atrevidas pennas, Assim nos ensinou a ser Monarchas Do ligeiro elemento,» notai primeiro o pittoresco das expressões, *fabuloso Mestre, entranhadas nuvens, atrevidas pennas*; depois a harmonia das pausas dos versos que pintão o magestoso da ascensão. Vêde como dest'outros, não menos bellos, forma cada um uma poetica imagem: «Mas, do arrojo agastada a Natureza, Sob alçapão ferrado O temerario

arcano poz seguro, E aos seculos vindouros Com manto espesso de nublada treva Lhe encobrio o jazigo.» Nada falta a este quadro, quer em grandioso, quer em atrevimentos felizes, quer em belleza de colorido, quer em perfeição metrica, para ser do mais maravilhoso effeito, e servir de introdução a tão admiravel poesia. É um verdadeiro quadro de mão de mestre.

Eis agora outro não menos bem acabado e bello:—

«E tu, Vulcano, que as Lipareas Ilhas  
 Regias indomavel,  
 Regido foste, e a sabias leis sujeito;  
 Para os humanos Joves  
 Em dura schola trabalhaste os raios,  
 Que estalão com ruina  
 Nas cerradas phalanges, nos reparos  
 Das munidas cidades.  
 As Estrellas, os Orbes despedidos,  
 Reconhecêrão regras;  
 E o raio assustador, que vago e solto  
 Estendia, ou quebrava  
 O roxo trilho do farpado incendio,  
 Hoje a Franklin submisso,  
 Pela perita barra, ingrata via,  
 Reluctante discorre.

Este soberbo quadro é duplo, ou representa duas diversas faces, porque nelle descreve o poeta tanto o invento da artilharia, como o do para-raios, os quaes nunca forão cantados, ou para melhor dizer, pintados



em mais bella poesia. Ahi as idéas são grandiosas como o assumpto, e o estylo não é menos levantado do que ellas. O fogo acha-se personificado em Vulcano, a quem a antiguidade fabulosa tinha por deus, ou principio deste elemento. Os reis são chamados, humanos Joves, por uma bella peryphrase. O invento da artilharia é descripto por seus terriveis effeitos, ou por uma metonymia não menos bella. «Para os humanos Joves Em dura schola trabalhaste os raios Que estalão com ruina Nas cerradas phalanges, nos reparos Das munidas cidades.» Ha ainda a notar a magnifica especie de prosopeya: «As Estrellas, os Orbes despedidos Reconhecerão regras.» Mas nada se encontra em poesia lyrica alguma que seja comparavel em belleza ás poeticas imagens contidas nestes admiraveis versos: «E o raio assustador, que vago e sôlto Estendia, ou quebrava O roxo trilho do farpado incendio, Hoje á Franklin submisso, Pela perita barra, ingrata via, Reluctante discorre.» Que soberbo colorido de estylo! Que bellissima harmonia imitativa! Neste sublime quadro o poeta não descreve, pinta, e pinta com pincel, a que nenhum se iguala. Ninguém certamente ao ler taes versos deixará de reconhecer a verdade do axioma, «Sicut pictura poesis.»

O quadro final, porque termina a ode, não é menos admiravel, que o que lhe serve de introdução:—

O desvelo incançado  
Que aguça a vista á sensação reflexa,

Arremessado rompe  
 Pelos montões de obstaculos, e investe  
 Co'os penetraes vedados  
 A arrancar o segredo perigoso.  
 Para escalar os Astros  
 Intexe um Globo, imitador dos Orbes,  
 Que gyrão no ar vasio...  
 Eu mesmo o vi. Obediente ao mando  
 Deixou airoso a terra;  
 Sobre as frentes dos homens assombrados  
 Levantado planeta,  
 Sulcava as raras ondas magestoso:  
 (Em soberbo triumpho  
 A regrada sciencia aos Céos subia)  
 E furtando-se aos olhos  
 A nova Estrella prefazia o gyro.  
 Tal Jupiter subido  
 Tira bisarro, pelo ethereo campo,  
 Os satellites fidos  
 D'um Pólo, a outro Pólo passeando,  
 Na clara, estiva noite.»

Brilha neste bellissimo quadro a mesma sublimidade no conceito, que excita a nossa admiração, a mesma nobreza e gallardia no estylo, que a tudo dá vida, a mesma poesia imitativa, que torna a pintura, para assim dizer, fallante. Notai primeiro, entre os mais felizes atrevimentos, o Desvelo personificado, operando tudo quanto lhe attribue o poeta nestes versos essencialmente onomatopicos: «O Desvelo incançado Que aguça a vista á sensação reflexa Arremessado rompe

Pelos montões de obstaculos, e investe Co'os penetraes vedados A arrancar o segredo perigoso. Para escalar os Astros Intexe um Globo, imitador dos Orbes, Que gyrão no ar vazio...» Vêde agora, que magestade de idéas, que poesia de imagens, que pompa no estylo, que harmonia nos versos: ... «Obediente ao mando Deixou airoso a terra; Sobre as frentes dos homens assombrados, Levantado planeta Sulcava as raras ondas magestoso: Em soberbo triumpho A regrada sciencia aos Ceos subia, E furtando-se aos olhos A nova Estrella prefazia o gyro.» Cumpre ainda notar, que a ode que começa por uma comparação de maravilhoso effeito, termina por outra não menos admiravel e poetica: «Tal Jupiter subido Tira bisarro, pelo ethereo campo, Os satellites fidos, D'um Pólo, a outro Pólo passeando Na clara, estiva noite.» Tal é a verdade e perfeição desta pintura, que parece estarmos vendo a ascensão dos dois aereonautas, que desaparecem com o seu globo nas nuvens, e experimentando o mesmo assombro dos que o presenceárão! Nada do que tenho lido no mesmo genero, chega a esta magnifica e divina poesia.

Bellezas iguaes ás que se notão nestes quadros, pululão, e resplandecem por toda a ode, que é incontesavelmente uma das mais sublimes concepções do engenho humano, do numero daquellas, cujo sublime tem por fonte a elevação do pensamento, assim como a cantata de Dido por Garção o é, do d'aquellas, cujo sublime dimana do pathetico.

Voltando porem ao meu primeiro proposito, provo com a mesma ode, que o sublime sustentado não se pode dar, senão em discursos de modica extensão como este, porque o espirito cansa dos mesmos esforços que faz para produzir bellezas de ordem tal, e decahe por algum tempo depois de as haver creado. Tal é a condição da natureza humana.

Tendo analysado tres odes de Francisco Manoel, ou do principe dos poetas lyricos portuguezes, duas no genero elevado, e uma no mixto, passarei em outros discursos a apreciar as suas poesias didaticas, bem como as suas primorosas traducções das Fabulas de La Fontaine, e dos Martyres de Chateaubriand. Por hoje aqui faço ponto.

## LICÇÃO LXII.

Francisco Manoel, ou Filinto Elysió, senhores, não é somente o príncipe dos poetas lyricos portuguezes, e um dos maiores lyricos conhecidos sem distincção de nacionalidades, nem de tempos, porque reunio n'um só e o mesmo individuo as qualidades de Pindaro, Horacio, Sapho, e Anacreonte, como vistes nos precedentes discursos, mas tambem um grande poeta didatico, e o maior sem contradicção que escrevêo em nosso idioma; porque juntou o exemplo ao preceito, e nada ficou a dever nesta parte, nem a Horacio, nem a Boileau, que paixão pelos melhores modelos do genero d'entre antigos e modernos. Nenhum poeta portuguez com effeito legislou melhor sobre a materia, ou sobre a arte de bem escrever, cujo principio e fonte é o saber, como vereis da sua carta acerca da lingua portugueza, que deve constituir hoje o objecto de minha analyse, e co-

meça: «Lembras-me, amigo Brito, quando a pluma Para escrever magnanimo meneio. Ama o meu Brito a Lusitana lingua, Pura, como elle, energica, abastada, Extreme de bastardo francezismo, E que a joio não trave de enchacoco. . . » Nenhum desde Camões enriquecêo tanto o nosso dialecto poetico, nem prestou mais serviços á lingua, que salvou da corrupção, antes total naufragio, com o seu poderoso exemplo, e constantes censuras e apodos aos ignorantes tarelos, que a abastardavão.

Ha só uma unica differença no que se refere á lingua entre os dois maiores vultos da poesia portugueza:—Camões fixou o portuguez, e creou-lhe o dialecto poetico;—Francisco Manoel restaurou o primeiro do abastardamento em que tinha cahido, e opulentou o segundo. Esta differença resume-se afinal em uma questão de tempo: cada um destes dois extraordinarios engenhos, ambos de primeira ordem nos generos a que se dedicárão, foi o mais proprio para o tempo em que florecêo; o primeiro fez, pela força de seu genio, de um idioma ainda rude um dos mais cultos da Europa; o segundo salvou, tambem pela força de seu genio, de naufragio quasi inevitavel esse mesmo idioma já fixado, e ambos o enriquecêrão, e nobilitárão, como nenhum outro poeta portuguez.

Sobre os serviços por Francisco Manoel prestados á lingua e poesia portugueza eis-aqui a opinião de Pato Moniz, que se conforma com a minha.

«Si todos se perdessem os escriptos portuguezes,

salvos somente os de Francisco Manoel, mais rico vocabulario poderia delles compôr-se, que nenhum outro, nem ainda todos quantos até agora possuímos. Ó immortal Filinto! Entre os teus outro só tem havido como tu: e por ti, e por Camões, com todo o mundo poetico podemos afoutamente competir. Camões, avantajado em todos os dons da natureza, aperfeiçoado por todos os melhoramentos d'arte, alcança não somente a gloria de ser o primeiro dos nossos antigos lyricos, e o primeiro d'entre todos os nossos antigos e modernos poetas épicos, senão que até conseguiu ser aquella que ainda hoje fallão os nossos sabios, a mesma linguagem que elle polio e enriquecêo. Eis aqui mais uma especie de gloria peculiar dos grandes poetas. São elles que determinão, fixão, e estabelecem a mais culta linguagem do seu paiz: e a portugueza, depois de Camões, deve a Filinto a sua maior opulencia. Muitos são os chascos e contradicções que elle tem nesta parte soffrido, já dos ignorantes presumpçosos, e já dos eruditos pedantes; mas tambem Camões os soffrêo; e bem de tudo isso um e outro são vingados pelo voto unanime dos imparciaes, sensatos, e intelligentes, que muitas graças e louvores lhes dão, de tanto por seu engenho e saber opulentarem a linguagem, que nunca é sobejamente rica para um bom orador, e muito menos para um grande poeta.»

Sobre a mesma materia já em outra occasião reproduzi o juizo de Almeida Garrett, em que este grande poeta diz que Francisco Manoel valêo elle só á lingua portugueza mais que uma academia inteira.

Quanto ao subido merito de Francisco Manoel como poeta didatico, é esse incontestavel, e attestado não só por seus escriptos didaticos, dignos de ser versados com mão diurna e nocturna pelos amadores da boa poesia e da lingua, mas ainda por seu longo e aturado estudo dos modelos do genero, como se evidencêa de seu succulento e minucioso discurso sobre Horacio e suas obras, em que nada escapa á sua judiciosa apreciação. Quem conhecia tão bem os preceitos da arte, e era demais a mais favorecido da natureza com tão rico engenho, devia saber fazer d'elles a mais feliz applicação. A prova temol-a na carta, que passo a analysar, e de que por extensa apenas vos lerei algumas passagens mais frisantes, por onde podereis avaliar a justeza do que digo, seja aquilatando a arte e estylo do poeta, seja fazendo justiça á sua doutrina.

.....

Oh classicos do nosso augusto sec'lo,  
 Que sempre fostes o patente molde  
 De elegante escriptura genuina,  
 Oh quanto deveis hoje mais que nunca  
 Ser o que são bandeiras nas batalhas!  
 Quando vai roto o exercito, e esgarradas  
 C'o mêdo e fuga as Marciaes fileiras,  
 Longe da róta o General previsto  
 Manda cravar em sitio bem disposto  
 Os contos das bandeiras. Trôão logo  
 Os rufos do tambor echo-batente;  
 Voltão a vista os vagos fugitivos,



Aonde os rufos clamão; vêm nos ares  
 Sôltas as côres dos pendões jurados,  
 Correm, vão-se apinhar em torno delles,  
 E cobrando com vél-os novos brios,  
 Rugem Leões, as brigas já re-pedem,  
 Cahem na hostile cohorte, rompem, vencem.  
 A vista das Bandeiras em triumpho  
 Lhes transmudou a fuga. — Nos desta arte  
 Usar convêm, na fuga, e desbarato,  
 Em que nos poz o exercito confuso  
 Da pujante Ignorancia, a qual cercou-nos,  
 E de vencida nos levou, no tempo  
 Do nosso mal-soffrido captiveiro.  
 Cumpre ao pé dos pendões enfileirar-nos;  
 Entrarmos na refréga c'os sedições  
 Pedantes, c'os Casquilhos da moderna,  
 Que nos mofão, nos seguem, nos perseguem,  
 Quaes bandos de pygmêos, e vem armados  
 Cada um como um Sansão, como um Alcides.  
 Valentes como impavidos Quichotes,  
 Os da Corja Academico-Tarouca  
 Com hexigas e estalos farfalludos;  
 E os mais com pélas de Francez *conducta*,  
 De *afferes*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,  
*Egidio*, *populácea*, e iguaes remendos  
 De mal alinhavada Francezia.

Não que á lingua Franceza eu odio tenha;  
 Que fora absurdo em mim. Ninguem confessa,  
 Mais sincero, o valor de seus bons livros  
 De todo o bom saber patentes cofres,  
 De polidez e de eloquencia ornados.

Bastára em seu louvor, se o carecêra,  
 Ser bem vista e presada em toda a Europa,  
 Das Côrtes, e dos Sabios no Universo.  
 Conter em si, ou proprio, ou traduzido,  
 Quanto Minerva poz no peito humano,  
 As fadigas das Artes, das Sciencias,  
 E os enfeites do flórido discurso.

Mas, como fôra escarnecido em França  
 O que emprehendesse himpar de phrases Lusas  
 Um discurso Francez em prosa ou verso;  
 Assim pede entre nós ser apupado  
 O tareco Doutor, que á pura força  
 Quer atochar de termos bordalengos  
 O nativo desdêm da nossa falla.

Se temos de pedir á alguma bolsa  
 Termos que nos fallêção, seja á bolsa  
 De nossa Mãe Latina, que já muito  
 Nos acudio em préssas mais urgentes,  
 Quando em bronca escassez já laborámos,  
 Ao sabirmos das mãos da bruta gente.

Uma lingua tão dura como as armas  
 Que em nosso pró terçavão nas pelejas,  
 Era a lingua dos Lusos valerosos,  
 Antes que os claros lumes do alto Pindo  
 Queimassem fêzes Gôdas e Mouriscas  
 Da tosca algaravia, que em seu seio  
 Lavrou até ao seculo apurado  
 De João segundo, de Manoel ditoso.

Quem, vendo, em carcomidos pergaminhos,  
 Forâes de Gôda-Arabica escriptura,  
 Dirá que elles descendem da elegancia

Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,  
Que a bem fallámos muitos centos de annos!

Que foi, depois que as guerras e infortunios  
Alagárão os predios de Minerva,  
Derribárão columnas de seu Templo,  
Rodárão na torrente os moveis sacros,  
Deixando só ruinas mal cobertas  
De apodrecidos limos e de abrólhos?

Então quebrou o fio precioso  
Do Collar de medalhas, guarnecido  
C'os nomes de eruditos Portuguezes;  
Que atou depois com laço mal seguro,  
O Freire, e inda algum mais, mas raro e froxo,  
Que o pouco cabedal levou comsigo  
Do puro Portuguez, que inda restava;  
E em lingua bruta, ôcco-rimbomba, ou freira,  
Núa de valentia, e de doçura,  
Lardeada de ensôssos, baixos termos  
Foi a classica lingua convertida.

Tal era a Gerigonça mais da móda,  
(Quando eu nasci) nos Pulpitos gritada,  
E cantada nas nobres Académias;  
Quando Ingenhos mais altos, indignados  
Da fatal corrupção, a resurgirão  
Das campas do lethargo em que a puzerão  
Balôfos Biltres, mazorraes Syndapsos.

.....

Inda te dou, que possas como o Vulgo

Fallar correcto ás vezes. Não te basta  
 Trivial locução, para subires  
 O primeiro degráo do Templo que honra  
 O Mérito eloquente. Evitar erros  
 É erguer-se apenas do plebeio lodo:  
 Longe estás de ganhar subido premio,  
 Que pende para quem com louçania,  
 C'o dom de aurea dicção dá garbo ás fallas,  
 Varía, extrêma a phrase mais venusta,  
 Com que dote de splendida riqueza  
 De seu discurso a intrepida structura.  
 Que é soberbo Palacio um bom Poema,  
 Cuja Fachada, Camarins e Salas  
 Com regia pompa ser ordenados pedem.  
 O ouro e o matiz das sedas e pinturas,  
 Dos coffres mais reconditos da lingua  
 Os tira á luz o pródigo Poeta.  
 Vocabulos, effigies dos objectos,  
 Que Camões, que Vieira memorárão;  
 Que informe pó cobre hoje. Se erudita  
 Mão lh'o saccóde, e as cãs remoça activo,  
 Com lingua rica additará a Elysia.

Quando orphão de bons classicos o Idioma  
 Se viu ao desamparo, ao desalinho  
 D'um tropel de ignorantes, todo o rico  
 Custoso cabedal, que tinha herdado,  
 Da ancia, do estudo de escriptores sabios,  
 Se esvaio pelas mãos de ruins Tutores.  
 Um fastioso de *apoz*, desfez-se delle;  
 Este espancou *quica*, ess'outro *asinha*:

É assim dos mais. Foi roupa de Francezes.  
 Os termos mais energicos, mais curtos,  
 Os mais sonoros, por melindre, ou birra  
 Forão longe da lingua degradados;  
 E outros forão perdidos, por desleixo.  
 E nós de ávidos bens herdeiros lídimos,  
 N'um patrimonio entrámos defraudado  
 D'ouro, padrões, alfaias, nú e crú.

Vistes vós n'uma casa, onde morrêrão  
 Pae e Mãe, e mui ricos, mas sem dono,  
 Ficão muitos filhinhos? Um começa  
 A descompór gavêtas, a abrir coffres,  
 D'um lenço de cambrãia faz zorrague,  
 Cavalga outro em bengala castão de ouro,  
 Este um dedal de prata, aquelle um diche  
 De subido valor, pela janella,  
 Brincando, ou descuidado, deita á rua,  
 Ródão broches e aneis pelo sobrado,  
 (Preço de muitas lidas!)—sóbem logo  
 Enxames de rapazes con-visinhos  
 Barulheiros, daninhos, ou milhafres,  
 Que bólem, quebrão, vasão, pilhão, levão,  
 Ouro, diamantes, louça, doces, fructa,  
 E uma herança atélli graúda e rica  
 Pára em mesquinha, misera pobreza.  
 Tal da lingua os thesouros se escoárão  
 Em poder de crianças litterarias,  
 De personagens nescias, ou perluxas.

Vêde em tal desbarato, em tal desleixo,  
 Que valente Orador, Vate atrevido  
 Póde fallar conciso, ser ornado.

Ser altiloquo, ou terno, se lhe faltão  
 Cabedaes com que abaste, com que enfeite,  
 Donde tire a prazer, a expressão curta  
 Que encrava mais profunda na alma a ideia;  
 E não meandros de torcidos trópos,  
 Que resválão do ouvido, e da memoria,  
 Antes que o fio da vindoura phrase  
 Se ate c'ò fio bambo da já lida:

Remontar ao sublime ha sido sempre  
 O perpétuo lidar, o fito nobre  
 Dos que as obras meditão, que os vindouros,  
 Desempõem com fructo e com agrado:  
 E o *sublime* quer grande e nova ideia,  
 Curta, e que muito senso apérte em summa.  
 Que se inépto, por falta de baixélla,  
 Lanças em vasto desbordado vaso  
 A' pura activa essencia concentrada,  
 O concebido spirito sublime  
 Na vasteza chocalha, e se derrama;  
 Perde o cheiro, e mes-cabado  
 Na turba das surrápas se deshoura.  
 Tu mormente, oh Poeta, a quem no encaixe  
 Do verso, estreito emprêgo e estôfa cabe;  
 Se em palavras transbordadas, vás por fóra  
 Da marca abalisada, e dás c'ò verso,  
 Desatento, atravez: e desde o intróito  
 Enójas, e os ouvintes adormentas.  
 Sê mui parco na ensancha das palavras,  
 Se ousas tocar as raias do *sublime*,  
 E dos ouvidos déspota, se queres

Tél-os captivos a teus dignos versos:  
 Mas para parco ser thesouro ajunta;  
 Que sem muita licção serás verboso.  
 Quanto mais ferramenta tem o Mestre  
 Mais faceis, mais subtís prefaz as obras:  
 Quanto mais panno tem, mais poupa o córte  
 Menos monte alardeia de retalhos  
 A afreguezada, esperta Costureira.  
 Na casa em que a despensa recheada  
 Acóde á mesa com sobejo alarde,  
 Banquêtes, com que o Pobre se arruina,  
 O rico os dá frequente á pouco custo.

Se queremos achar abertas veias  
 Do custoso metal que as fallas doura,  
 Visitemos as minas encetadas  
 Pelos nossos antigos Escriptores,  
 No Lacio e Achaia, que inda nos convidão  
 C'o largo aberto seio a ser ricassos.  
 E se a ruim Pregniça vos atalha  
 Mover o passo a longos territorios,  
 Tendes em casa, e a vossas mãos disposto  
 O producto das minas já cavado  
 Limpo de fêzes, crysolado, e puro  
 Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abobadas longas intrincadas,  
 Labyrinthos reconcovos, e escusos  
 De conceitos agudos, predicaveis,  
 De bastardo saber, de ingenho vésgo,  
 Ha. por cantos escuros, por desvios  
 De sermões requintados do Vieira

Desprezados terrões de ouro encoberto,  
 Que enriquecer mil paginas poderão  
 Por artifices mãos melhor lavradas.

A carta de que acabei de lêr-vos duas passagens, é uma collecção de preceitos os mais salutaes, tanto sobre a melhor maneira de bem escrever em Portuguez, como sobre a arte de vestir o pensamento com forma a mais apropriada, ou de bem compôr, e ornar o estylo com todos os primores e donnaires da elocução. É escripta em versos faceis e naturaes, que não deixão de ser ornados, mas que muitas vezes se approximão da boa prosa, como quer o grande mestre Horacio em composições de semelhante natureza. Póde bem em summa supprir a falta de uma Arte Poetica em Portuguez, supposto não fosse composta para semelhante fim.

Na primeira dessas passagens em que o poeta aconselha o estudo dos classicos, como meio de restaurar a linguagem corrompida por innovadores ignorantes, notai primeiro, senhores, a bella comparação que faz dos classicos com as bandeiras nas batalhas que servem de guia aos combatentes, depois a graça com que zurze os afrancezados, cobrindo-os de indelevel ridiculo, e por ultimo os sãoos conselhos que dá sobre as fontes em que se devem ir procurar os termos, quando é mister innovar.

De toda a passagem só reproduzirei aqui o seguinte trecho, que não podia ser mais apropriado em tal assumpto:--



Mas, como fôra escarnecido em França  
 O que emprehendesse limpar de phrases Luzas  
 Um discurso Francez em prosa ou verso;  
 Assim pede entre nós ser apupado  
 O tareco doutor, que á pura força  
 Quer atochar de termos bordalengos  
 O nativo desdem da nossa falla.

Si temos de pedir á alguma bolsa  
 Termos que nos fallêção, seja á bolsa  
 De nossa mãe Latina, que já muito  
 Nos acudio em pressas mais urgentes,  
 Quando em bronca escassez já laborámos  
 Ao sabirmos das mãos da bruta gente.

Uma lingua tão dura como as armas  
 Que em nosso pró terçavão nas pelejas,  
 Era a lingua dos Luzos valerosos,  
 Antes que os claros lumes do alto Pindo  
 Queimassem fezes Gôdas e Mouriscas —  
 Da tosca algaravia que em seu seio  
 Lavrou até ao seculo apurado  
 De João segundo, de Manoel ditoso.

Nada pode haver mais proprio para envergonhar e cobrir de ridiculo os escriptores da lingua portugueza que empregão termos francezes no contexto do discurso, que o argumento de paridade apresentado pelo poeta, de que seria escarnecido em França «O que emprehendesse limpar de phrases Luzas Um discurso francez em prosa ou verso;» assim como nada tambem, mais

autorizado, que o conselho que nos dá de irmos buscar á lingua mãe os termos que nos fallecem, a exemplo do que praticarão os claros lumes do alto Pindo, que polirão o nosso idioma, que a principio foi bronco e rude como todos. Os versos de que consta o trecho imitam a prosa, empernando-se uns nos outros, mas sem deixar de ser harmoniosos e ornados, quanto comporta o assumpto. Alguns delles até formão imagens pittorescas, como os seguintes que são bellos: «Assim pede entre nós ser apupado O tareco doutor, que á pura força Quer atochar de termos bordalengos O nativo desdem da nossa falla;» e est'outros não menos bellos; «Uma lingua tão dura como as armas Que em nosso pró terçavão nas pelejas, Era a lingua dos Luzos valerosos Antes que os claros lumes do alto Pindo Queimassem fezes Gôdas Mouriscas Da bronca algaravia que em seu seio Lavrou até ao seculo apurado De João segundo, de Manoel ditoso.»

Na segunda passagem em que o poeta lamenta o desbarato do idioma empobrecido em sua riqueza por um tropel de tarelos ignorantes, que compara com muita propriedade á meninos desperdiçados, que fazendo joguetes das joias paternas, as lanção pelas janellas, ha sobretudo a notar o seguinte trecho sobre o sublime, que aquí reproduzo:—

Remontar ao *sublime* ha sido sempre  
O perpetuo lidar, o fito nobre  
Dos que as obras meditão, que os vindouros

Desempõem com fructo e com agrado:  
 E o *sublime* quer grande e nova ideia,  
 Curta, e que muito senso aperte em summa.  
 Que se inepto, por falta de baixella,  
 Lanças em vasto desbordado vaso  
 A pura activa essencia concentrada,  
 O concebido espirito sublime  
 Na vasteza chocalha, e se derrama:  
 Perde o vivido cheiro, e mes-cabado,  
 Na turba das surrapas se deshonra.  
 Tu mormente, ó poeta, a quem no encaixe  
 Do verso, estreito emprego e estofa cabe;  
 Si em palavras transbordadas, vás por fóra  
 Da marca abalisada, e dás e' o verso  
 Desatento, atravez: e desde o intróito  
 Enojas, e os ouvidos atormentas.  
 Sê mui parco na ensancha das palavras,  
 Si ousas tocar as raías do *sublime*,  
 E dos ouvidos déspota, si queres  
 Têl-os captivos a teus dignos versos:  
 Mas para parco ser thesouro ajunta;  
 Que sem muita licção serás verboso.

Quem em verdade podia dar licções sobre o sublime melhor que Francisco Manoel, que compoz as mais sublimes odes, que se leem na lingua portugueza, e com as quaes difficilmente revalisarão as mais bem escriptas em alguma outra lingua? O preceito tem sem duvida dobrado valor na bôcca de um tal mestre, porque o exemplo anda nelle unido ao conselho. São neste trecho sobretudo admiraveis pela viveza das

imagens os seguintes versos: «Que si inepto, por falta de baixella, Lanças em vasto desbordado vaso A pura activa essencia concentrada, O concebido spirito sublime Na vasteza chocalha; e se derrama; Perde o vivido cheiro, e mes-cabado Na turba das surrapas se deshonra. «A idea sublime, que se afôga n'um mar de palavras, é aqui com muita justeza comparada ao espirito que se evapora, si o lanção em vasto desbordado vaso, onde perde toda a força que continha. Nada com effeito mais opposto ao sublime, que a verbosidade no discurso, ou o circumloquio de palavras inuteis, que enervão o vigor do pensamento.

As outras passagens desta carta em que o poeta a cada passo dá testemunho de seus vastos conhecimentos em litteratura, atilado juizo critico e bom gosto, são igualmente apreciaveis, quer em pureza de doutrina, quer em propriedade de estylo, que é em tudo accommodado ao assumpto. N'uma dellas por exemplo é com muita graça e bom senso introduzido a falar Garção um dos poetas mais castigados e correctos da lingua portugueza, em outra Vieira, um dos seus mais abalisados prosadores, e ambos por conseguinte com voto decisivo na materia.

Neste excellente poema didatico, em que um tão grande mestre dá leis aos poetas contemporaneos e futuros, ha muito que aprender para os que quizerem formar o estylo em verso ou prosa. O seu defeito é ser extenso talvez em demasia, como reconhece o proprio autor, que o escreveu *currente calamo*, velho e alque-

brado, e não teve tempo, nem vagar para resumil-o mais; mas este defeito em nada prejudica á lição, que nelle podem beber os estudiosos.

Tendo apreciado á Francisco Manoel como poeta didatico, passarei no seguinte discurso a avaliar a sua primorosa traducção das Fabulas de La Fontaine. Por hoje faço aqui ponto.



## LICÇÃO LXIII.

Poeta essencialmente lyrico e didatico, e não épico e dramático, Francisco Manoel ou Filinto Elysio, prima pela elevação ou delicadeza do pensamento, qualidades em que ninguém o excedêo, e bem poucos o igualarão, ou pela pureza da doutrina, que tambem ninguém expendêo melhor em nosso idioma: e não pelas grandes creações fantasticas, ou apaixonadas, que são do dominio da epopéa e do drama, porque tal não era a sua vocação. Censural-o, como fazem alguns, por que durante a sua longa vida não se dêo a composições desta natureza, seria o mesmo que censurar á Horacio, porque não compoz um poema como a Eneida, ou á Virgilio, porque não produzio odes, epistolas, e satyras como Horacio. Assim parece-me que disparão em vão todas as censuras dos que dizem, que o grande poeta exilado foi um engenho pouco creador, unicamente

porque não produziu epopéas e dramas; pois guardada a differença dos generos, como convem, nenhum outro d'entre antigos e modernos, foi maior, ou melhor poeta, que elle.

Eminentemente classico, mais que nenhum outro poeta portuguez estudou, e reproduziu Francisco Manoel a belleza e a perfeição da forma antiga, que brilhão a cada passo nos seus versos; philologo profundo, e restaurador de nosso idioma, abastardado por estolidos pedantes, mais que nenhum outro o enriquecêo, e nobilitou com novas galas; grande sabedor do Latim e dos idiomas seus derivados, mais que nenhum outro ainda possuiu cabedal poetico e luzes, para bem verter em Portuguez as producções do genio nelles compostas; por isso as suas bem acabadas traducções enriquecem muito mais a litteratura e a lingua, que as obras originaes do commum dos poetas, em que ha muito menos que aprender, que nellas.

Dentre estas será hoje objecto de minha analyse a traducção das Fabulas de La Fontaine, uma das mais notaveis que nos dêo a sua elegante penna, si se attender ao grande merito da difficuldade vencida em obra tal. Antes porem de entrar na minha analyse devo dizer alguma cousa sobre o apólogo.

O apólogo, ou a fabula, é um meio de dizer a verdade, rebuçando-a com o véo de alguma ficção engenhosa, em que figurão como interlocutores, o homem, os brutos, e os mesmos seres inanimados, e donde se tira por conclusão qualquer moralidade proveitosa á



correcção de costumes, defeitos e vícios dos homens. É um invento filho da escravidão, e dos calamitosos tempos de despotismo, em que não pôde cada um dizer o que sente sem risco de perder-se. Dos dois mais notaveis fabulistas da antiguidade classica, Esopo foi um escravo phrigio; Phedro, um liberto romano, que escreveu durante a sombria e feroz tyrannia de Tibério. Dos modernos La Fontaine que dêo mais amplidão ao genero que nenhum, e é superior a quantos o precederão, e lhe succederão, escreveu no tempo do ferreo despotismo de Luiz XIV, o qual fez morrer de paixão ao grande Racine, retirando-lhe a sua graça, por haver este com uma inadvertencia, filha da distracção de poeta, desagradado á regia concubina madame de Maintenon! O apólogo pois tem a sua época propria, como qualquer outro genero de poesia.

Traduzir as Fabulas de La Fontaine, que é d'entre os Francezes um dos escriptores mais originaes por sua mesma chistosa ingenuidade, e ao mesmo tempo um dos mais nacionaes por seus modos populares e especiaes de dizer, empreza era por certo mui ardua, e um verdadeiro escolho para o primeiro ousado, que o tentasse; o mesmo Francisco Manoel o reconhece, e só foi a isso levado pelo poder da amizade, como se infere destas suas palavras: «Traduzir em Portuguez as Fabulas de La Fontaine, com o mesmo pico, e dar luz ás multiplicadas allusões que nellas vêm, com a mesma singeleza do original, sempre o tive por impossivel, e assim o declarei ao intimo amigo, que com hon-

radas instancias me forçou quasi a traduzil-as.» Mas nada obstante sahio-se elle com muita honra da empreza, seja vencendo uma difficuldade, que parecia insuperavel, seja brindando a litteratura portugueza com uma producção do genio, que constitue um dos maiores florões da franceza, seja enriquecendo o nosso idioma com copia de termos compostos, ou novos e apropriados ao estylo do apólogo. Encarada debaixo destes ultimos pontos de vista a sua traducção é um verdadeiro thesouro, onde se encontrão muitos termos e expressões que nos fallecião, porque cada genero de composiçãõ tem o seu estylo e linguagem propria, e não havia em Portuguez fabulista algum celebre, que creasse um e outra.

Assim si Francisco Manoel não poude, como diz, passar com a mesma singeleza do original todo o pingo e finura de allusões verdadeiramente intraduziveis, porque as linguas tem cada uma o seu genio especial, e são eminentemente caprichosas, no porte e ademanes, vasou á larga no molde portuguez toda a riqueza de conceito e de expressãõ, ou todas as feições caracteristicas do seu grande modelo, fazendo com isso duplicaçãõ serviço á litteratura e á lingua portugueza, que opulentou, como nenhum fabulista nacional. E que mais se podia fazer, não só em attenção ás diversas indoles das duas linguas, como sobretudo a ser La Fontaine um escriptor essencialmente original para os mesmos Francezes? Tanto a primorosa traducção portugueza de suas fabulas é uma obra classica, e um rico thesouro de

linguagem accommodada ao estylo do apólogo, que serve constantemente de guia aos estudiosos na interpretação deste autor difficil, já pela queda natural de seu espirito, já por seus modos peculiares, e até caprichosos de dizer.

Passarei agora a ler-vos algumas fabulas desta rica versão, e pela sua analyse avaliareis o merito do traductor, e a verdade do que digo.

### O CÔRVO, E O RAPÔSO.

A' Ambrosio Côrvo, empoleirado na arvore,

Com um queijo no bico,

Gil Rapôso, que mui lampeiro acóde

Ao fãro, quasi quasi que assim falla:

(*Rap.*) «Bons dias, senhor Côrvo.

«Como é guapo! Que lindo me parece!

«Bofé, se a voz tem garbo igual ás plumas,

«Não ha hi Phénix tal, n'estas devêzas.»

Não cabe em si de gaudio, ao lôgro, o Côrvo.

Abre de par em par o bico,—e cabe o queijo.

Logo o Raposo o empólga.

(*Rap.*) «Aprenda, (assim lhe diz) meu senhorzinho,

«Que todo o lisongeiro

«Vive á custa de quem lhe dá ouvidos.

«Certo que esta licção bem vale um queijo!»

Triste, e torvado o Côrvo

Jurou (mas tarde!) não cahir mais n'outra.

## O CARVALHO, E O CANNIÇO.

O Carvalho, ao Canniço, disse um dia:

(*Carv.*) «Bem tens que te queixar da Natureza,

«Que, c'os pés d'um Picanço, fragil vergas:

«Um bafêjo de vento, quanto baste

«A encrespar a flôr d'agua, te assobérba;

«Emquanto, igual ao Cáucaso, eu, co'a fronte,

«Não farto de atalhar ao sol os raios,

«Dos negros vendavaes arrósto as furias.

«Nortias, com que anceias, são meus Zephyros.—

«Se ao menos te abrigáras co'estas folhas,

    «Que esses contornos cóbrem,

    «Tanto não padecêras;

«E eu contra os temporaes te déra amparo.

«Mas vossês nascem nessas ribas humidas

«Aos escarcéos do vento avassalladas....

«Com vossês foi injusta a Natureza.»

(*Cann.*)—Vem de boa alma o dó, que de mim mostras:

    —Mas cêsse esse cuidado.

—Menos que a ti me é temeroso o vento,

--Que eu curvo-me, e não québro. Tu lé'gora,

--Sem vergares o tronco, has resistido

    —Ás mais rijas refrégas.

—Vejamos até o fim.—Palavras ditas,

Eis do horisonte arranca furioso

    O mais terribil filho,

Que o Nórtte em seus quadris téqui trouxéra,

Vérگا o Canniço, téza-se o Carvalho;

Refórça o repellão o vento, e alcança

Descarnar a raiz de quem ufano

Roçava os Céos co'a fronte,  
C'os pés calcava o inferno.

Das duas fabulas que vos li, senhores, a primeira é escripta em estylo tenue, como é em geral o do apólogo, mas todo cheio de graça e viveza; na segunda, porem, o estylo levanta-se um pouco, porque La Fontaine que é um grande mestre na arte de escrever, toma todos os tons, conforme o requer o assumpto, a occasião, e o logar; isto quanto ao original. Vejamos agora como se tirou o traductor n'um e n'outro caso.

Da primeira, «O Córvo e o Raposo,» só vos reproduzirei comparado com o original o seguinte trecho:

«A' Ambrosio Córvo, empoleirado n'arvore,  
Com um queijo no bico,  
Gil Raposo que mui lampeiro acóde  
Ao faro, quasi quasi que assim falla:  
«Bons días, senhor Córvo.  
«Como é guapo! Que lindo me parece!  
«Bofé, si a voz tem garbo igual ás plumas  
«Não ha hi Phenix tal, nestas devèzas.»

Eis o Francez:

Maitre Corbeau, sur un arbre perché,  
Tenait en son bec un fromage,  
Maitre Renard par l'odeur alleché  
Lui tint a peu près ce langage:

Hé! bon jour monsieur du Corbeau,  
 Que vous êtes joli! Que vous me semblez beau!  
 Sans mentir, si votre ramage  
 Se raporte a votre plumage,  
 Vous êtes le Phenix des hotes de ces bois.

Toda esta passagem está mui bem traduzida, porque nota-se nella o mesmo movimento, graça e gallardia do original, com mais concisão ainda, o que é um merito de mais. Sô me parece que o traductor não passou toda a força da expressão franceza, *monsieur du Corbeau*, que vale o mesmo que a portugueza, senhor dom Côrvo, talvez namorado da belleza natural do verso, «Bons dias, senhor Côrvo,» cujo sacrificio não quiz fazer. Mas em compensação chama ao Côrvo, Ambrosio, que em Portuguez é synonymo de tôlo, e ao Rapôso, Gil, que é synonymo de astuto, quando o original traz em ambos, *maitre*, que se applica bem ao matreiro raposo, mas é com muita impropriedade applicado ao asneirão do Côrvo. O verso, «Não ha hi Pheniz tal, nestas devêsas», é pela ventura ainda mais bello, que o francez; «Vous êtes le Phenix des hotes de ces bois.» Como se vê não ha quebra no transumpto, antes realce.

O resto desta fabula acha-se todo admiravelmente traduzido, e tanto que para sentil-o basta pôr aqui os seguintes versos sem confrontação com o original:--

«Aprenda (assim lhe diz) meu senhorzinlio  
 Que todo lisongeiro

«Vive á custa de quem lhe dá ouvidos.

«Certo, que esta licção bem vale um queijo!

Triste, e torvado o Córvo

Jurou (mas tarde!) não cabir mais n'outra.

Da segunda, o «Carvalho e o Canniço», basta também confrontar com o original o começo para se conhecer quão primorosamente traduzida está:—

—O Carvalho, ao Canniço, disse um dia:

«Bem tens que te queixar da natureza,

«Que c'os pés d'um picanço, fragil vergas:

«Um bafejo de vento, quanto baste

«A encrespar a flôr da agua, te assoberba;

«Emquanto igual ao Cáucaso, eu, co'a fronte,

«Não farto de atalhar ao sol os raios,

«Dos negros vendavaes arrósto as furias.

«Nortias, com que anceias, são meus Zephyros.

Eis o Francez:

—Le Chêne un jour dit au Roseau:

Vous avez bien sujet d'accuser la nature;

Un roitelet pour vous est un pesant fardeau;

Le moindre vent que d'avanture

Fait rider la face de l'eau,

Vous oblige a baisser la tête;

Cependant que mon front au Caucase pareil

Non content d'arrêter les rayons du soleil,

Brave l'effort de la tempête.

Tout vous est aquilon, tout me semble Zephyr.

Esta passagem igualmente se acha mui bem traduzida, porque reproduz toda a nobreza de estylo do original, com as suas mesmas figuras, ou os seus equivalentes, tudo sem a menor quebra, antes realce no transumpto. São bellos e onomatopicos os versos! «Que, c'os pés d'um picanço, fragil vergas: Un bafejo de vento, quanto baste A enrespar a flôr da agua, te assoberba;» bem como est'outros: «Dos negros vendavaes arrôsto as furias. Nortias com que anceias, são meus Zephyros.» Aqui o traductor lucta com vantagem com o autor, porque a bella lingua portugueza muito mais poetica, que a franceza, o ajuda nos seus esforços para conseguil-o.

Vêde agora como é admiravelmente traduzido o final da fabula:—

«...Palavras ditas,  
Eis do horisonte arranca furioso  
O mais terrivel filho,  
Que o Norte em seus quadrís tequi trouxera.  
Verga o Canniço, teza-se o Carvalho;  
Reforça o repellão o vento, e alcança  
Descarnar a raiz de quem ufano  
Roçava os Céos co'a fronte,  
C'os pés calcava o Inferno.»

Este soberbo trecho em nada desdiz da belleza do original, que reproduz felicissimamente, si é que o não vence em força de expressão pelo onomatopico dos versos, que são de um effeito pela ventura mais poetico,



que os francezes, aliás mui bons, porque a lingua de Camões presta-se muito mais ás onomatopéas, que a de La Fontaine.

Bastão estas duas fabulas para nos dar idéa do subido valor da traducção, que é um verdadeiro thesouro, tanto para a litteratura, como para a lingua portugueza, pobres neste genero de composições. Verdade é que nem sempre o traductor lucha com vantagem com o autor como nestas duas fabulas, porque ha em La Fontaine muitas passagens intraduziveis, seja por sua graça peculiar e propria, seja pelo pico e finura das allusões, as quaes perdem de ordinario no transumpto, por melhores que sejam os trajes com que as vistão em outras linguas; mas para essas ha nos mesmos equivalentes creados pelas mestria do traductor, que é habilissimo no desenho da forma, pelo menos o grande merito da difficuldade vencida com honra, se não outro; o que já é muito por qualquer lado que se considere. Qual outro poeta portuguez, que não fosse tão profundo conhecedor da forma antiga como Francisco Manoel, nos daria esta bella traducção do poeta francez pela ventura o mais classico?

Tendo apreciado a sua traducção das Fabulas de La Fontaine, passarei nos seguintes discursos a analysar a sua ainda mais primorosa e rica traducção dos Martyres de Chateaubriand. Por hoje aqui faço ponto.



## LICÇÃO LXIV.

Francisco Manoel, ou por outra Filinto Elysio, foi um poeta lyrico, e não épico, como sabeis, mas nacionalizou pela força do seu engenho um poema épico estrangeiro, vestindo-o à portugueza com côres e atavios taes, que lhe quadruplicarão ou quintuplicarão o valor, que elle realmente tem no original. Este poema é o poema dos Martyres, ou Triumpho da Religião Christã, composto em prosa franceza poetica pelo visconde de Chateaubriand, e trasladado em admiraveis versos para a lingua de Camões pelo poeta portuguez. A belleza da forma, que em materias de arte é ponto essencial, e em muitas obras supera o trabalho da concepção, é tal nesta soberba traducção, que a torna sem comparação mais preciosa, que o original que lhe dêo origem, e uma verdadeira obra prima, que só tem rival em lingua viva na rica traducção do Ossian de Mac-

person pelo abbaçe Cesarotti, feita igualmente de prosa para verso.

Nunca depois do apparecimento dos Luziadas a lingua portugueza subio tão alto, como na traducção dos Martyres, superior ella só no que se refere ao primor da forma, á todas quantas epopéas de segunda ordem se tem escripto em Portuguez reunidas em um feixe, si assim me posso exprimir. Embocando a tuba épica para cantar em verso o Triumpho da Religião Christã, concebido e executado por um grande poeta em prosa, Francisco Manoel, o exilado do Santo Officio, tirou della os mesmos sons grandiloquos, magestosos e nunca ouvidos, que mais de trez seculos antes havia tirado Camões, quando a embocou para cantar os seus immortaes Luziadas; isto, porque o principe dos lyricos portuguezes reproduzio na sua traducção, ou antes na sua obra, toda a perfeição da bella forma antiga, de que durante a sua longa vida fez constante e aturado estudo, e que os modernos poetas romanticos ainda não tem podido igualar em suas composições, aliás mui dignas de apreço á outros respeitoos.

Neste magnifico transumpto dos Martyres de Chateaubriand o inimitavel do pincel, ou, para melhor dizer, a primorosa execução da forma, que dêo tanto realce ao poema, pertence exclusivamente ao poeta portuguez que lhe creou as côres, os ademanes, e trages proprios da epopéa, enriquecendo assim a litteratura patria com mais um inapreciavel thesouro de linguagem poetica, de estylo grandiloquo, e poesia onomatopica.

83 Ouçamol-o agora a elle proprio sobre o merito do original e trabalho da versão.

84 «O argumento do poema (diz na sua dedicatória ao conde da Barca), sobre ser religioso, foi tractado com muita elegancia e enriquecido de quanto ha de mais relevante na poesia sagrada e profana: não pode portanto deixar de fazer impressão a mais profunda e agradável no animo dos leitores. Si o autor menos afortunado em escrevê-lo em prosa e n'uma lingua pouco poetica, do que eu, em trasladal-o na do nosso Camões, não conseguio algumas vezes dar-lhe o realce adequado aos seus pensamentos, V. Exc. como sagaz e competente juiz da litteratura dos dous idiomas, saberá avaliar o trabalho acerbo desta versão que, segundo o conselho do mestre Horacio, corrigi oito vezes. . . Assim remato a minha carreira poetica, offerecendo aos meus compatriotas composição (e na verdade o é), em a qual me esmerei a exprimir o triumpho do christianismo com os termos os mais grandiloquos e sonoros da nossa lingua.»

85 «Nunca a estima e gabos, que recebe o traductor (acrescenta em outro lugar), se proporcionão c'o trabalho, nem com o merito d'uma assejada versão. E o traductor, que em tal reflecte, descorçoado recua. E ora bem fixo está, para uma traducção ser estimada, quanto trabalho se não requer. Que sufficiente não é entender bem o auctor que se traduz; compete identificar-se com elle, imbeber-se em seu espirito, e de seu genio se animar. Quanto á lingua do traductor, re-

leva que este saiba todos os primores della, que os tenha sempre de sobre-mão, e aviados: e mais que tudo lhe importa ser traductor e auctor, ao mesmo passo que vai trabalhando: porque pintar ao vivo pensamentos de outrem é como segunda criação dos mesmos pensamentos.»

Não tendo de apreciar nos Martyres de Chateaubriand, senão a belleza da forma poetica, com que os revistio o eximio traductor, não vos apresentarei aqui desenvolvido o argumento do poema, que consta de vinte quatro livros ou cantos, como a Iliada, e passa por uma das bellas composições épicas dos tempos modernos, quanto o pode ser uma épopéa em prosa; mas que na soberba traducção portugueza adquire todos os fôros de um verdadeiro poema épico, e dos mais admiraveis, porque nella a magia de estylo, que a cada passo nos enleva, corre parellas com o grande e bem distribuido desenho, com que o autor traçou a sua obra.

Quanto ás bellezas proprias do poema, que se resumem principalmente nas do pensamento, dessas formareis tambem ajustada idea pela admiravel traducção, que tantas creou de estylo, e de que passarei a lêr-vos algumas das passagens mais notaveis nesta, e na seguinte sessão.

Eis uma do primeiro, outra do terceiro, e outra do quinto livro.

Cantar quero os Combates, e a Victoria,  
Que houverão os Christãos dos Anjos réprobos,

Pela destimidez clara e magnanima  
 De dous Esposos Martyres. Oh Musa  
 Celeste, que inspiraste o Cysne illustre  
 De Sorrento e o Britanno cego Vate;  
 Tu, que no ermo Thabor, sentaste o throno,  
 E a quem severos pensamentos prazem,  
 Prazem contemplações sublimes, graves,  
 O teu auxilio, neste assumpto imploro.  
 Fére Harpa de David, e entôa Canto,  
 Que no Orbe sôe; e dá-me aos olhos lagrimas,  
 Sobre os desastres de Sion vertidas  
 Por Geremias Vate. As mágoas narro  
 Da perseguida Igreja, sonoro.

E tu, Virgem do Pindo, tu da Grecia  
 Filha engonhosa, desce do Heliconio;  
 Que eu as florentes rosas não engeito,  
 Com que, oh risonho, fabulado Numen,  
 Té jazigos enfeitas. Tu, que o grave  
 Das desditas, da Morte eneobrir sabes,  
 Vem, Musa enganadora, a lucta enceta  
 Co'a Musa da verdade. Si, em teu nome,  
 Já a padecer-lhe dêrão penas cruas,  
 Orna-lhe hoje o triumpho. Digna a acclama  
 (Pois te vencêo) que, só, na Iyra impere.

De Jesus Christo a Igreja, vezes nove,  
 Os sp'ritos infernaes contra ella vira  
 Conjurados: e, vezes nove a Barca  
 De Pedro se vio salva do naufragio.  
 Jazia o Mundo em paz. Diocleciano  
 Empunhava, nessa Éra, o sceptro augusto,  
 Principe protector, que aos Christãos dava,

Nunca dado télli, socego á Igreja.  
 A pleitear incensos começavão  
 Aras Christãs ás Aras dos Idólatras.  
 D'hora em hora medrava a grei de Christo:  
 Nem de Jove os Cultores, sós logravão  
 As honras, os trophéos, pompas, riquezas.

Vendo o Tártaro alluir-se-lhe o Reinado,  
 Ás victorias do Ceo quiz pôr atalho:

E Deos, que affracar via nas virtudes  
 Os seus Christãos, ao sôpro amigo e brando  
 Do prospero Galerno, affrouxou rédea  
 Aos Demonios (deixou que pendões novos  
 Ergão, vexem Christãos); mas seja hasteada,  
 No solio do Universo, a Cruz triumphante,  
 Seirão Idolos pó, seus templos rasos.

Como instigou esse Adversario antigo  
 Dos homens, a ser-lhe uteis paixões de homens,  
 Nos ruins projectos seus? Como, mormente,  
 O Amor com a Ambição, o auxiliárão?  
 Vós, que o sabeis, cantai-o ao Vate, oh Musas.  
 Mas primeiro influí, que a mim se ostentem  
 O egregio Penitente, a ingenua Virgem,  
 Que em dia de tal dó, de tal triumpho,  
 Fôrão cabaes no brio.—Ella de idólatras  
 Filha eleita do Céo; elle renato  
 No baptismo, a ambos ser piáveis hostias  
 De affrouxados Christãos, Gentios cegos.

.....  
 Sobem, do Bispo, ao throno eterno, os rogos;  
 O holocausto acceitou o Omnipotente;  
 Bem que não fosse a decretada victima,



Cyrillo, antigo Martyr, com que apague  
Os erros dos Christãos des-fervorosos,  
Clemente, co'elles Deos, ou Deos irado.

Entre os Creados Orbes, entre os Astros  
Sem conto, que lhes servem de limites,  
De muros, de caminhos, de alamêdas,  
A cidade de Deos fluctua immensa.  
Lingua não ha, que os seus prodigios conte;  
Fundou-lhe os alicerces mão eterna,  
E com muros de Jaspe lhe pôz cinto.  
Discip'lo amado, João, vio Anjo, em Patmos  
Medindo-lhe a amplidão, com braça de ouro.  
Jerusalem, da gloria de Deos summo  
É vestida, e adornada, qual, em vodas,  
Espôsa, para o Espôso se adereça.  
Maravilhas terrenas, arredai-vos,  
Nada sois, si aos portentos vos allronto  
D'essa Sion sagrada. Alli pleiteia  
O rico da materia, com a fórma  
De perfeição divina. Alli, pensiles  
De Saphyra e Diamante as Gallarias,  
Muito áquem o mortal esmero deixão  
Dos jardins Babylonios de tanta arte.  
Triumphaes Arcos, que Astros rutilantes  
Tem por fabrica, as altas frentes erguem.  
Encadeados Pórticos, lavrados  
De mil Sóes, extra-alcance, se prolongão  
Do firmamento na amplidão vastissima;  
Qual, no sertão areento de Palmira  
Passa, alem de olhos, fila de Columnas.  
Dêo-lhe Deos vida, dêo-lhe intelligencia

Á Sion, que fundou. Mansões do espirito  
 Não consentem materia: nada morre  
 Onde mora a Existencia Sempiterna.  
 As, que é força, que a Musa emprégue, tôscas  
 Palavras, quanto (oh quanto!) nos illudem!  
 Dão corpo, ao que, em feição d'um somno ameno,  
 Só visos déra de Divino Sonho.

Deleitosos jardins amplo-rodeião  
 A radiante Sion. Do Omnipotente  
 Throno, mana caudal um Rio, o Eden  
 Celeste banha, e na corrente volve  
 Sapiencia de Deos, e Amor purissimo.  
 Rasgada vai a mysteriosa veia  
 Em diversos arroyos, que se prendem,  
 Se dividem, se enlação, se desunem.

Médra a vinha immortal, e médra o Lyrio  
 Que se assemelha á Espôsa; as Flôres crescem,  
 Com que recende o Thálamo do Espôso.  
 Do thurífero Outeiro alça a da Vida  
 Arvore, o tópe; um tanto ao longe, os ramos  
 A da sciencia sparge, e discrimina  
 As profundas raizes; de ouro folhas,  
 Com que encerra segredos mil Divinos,  
 Cobrem do Bem, do Mal fixos Dictames,  
 Moraes, intellectuaes realidades,  
 Da occulta Natureza as Leis.—Attonta-nos  
 Esse saber, que alenta os Escolhidos.  
 Nos Reinos da sob'rana sapiencia,  
 Não dá nimio saber fructo de morte.  
 Á sombra d'esse tronco mysterioso  
 Vem seus prantos verter (prantos de Justos!)

Da humana prole os dous Progenitores.  
 A luz, que esses retiros esclarece  
 Felizes, dão-na as rosas matutinas,  
 Dão-na as merídias flammás, c'os da Tarde  
 Purpureos arreboés, sem que um só splenda  
 Sol, nem Estrella, no ambito do Emyreo,  
 Astro occaso não tem, nem Astro oriente:  
 Nada finda nos Ceos, nada começa.  
 Inefaveis clarões vem, como rócio,  
 Descendo, e desparzindo luz perenne,  
 Por toda a deleitosa Eternidade.

.....

«Parte da Noite nessa companhia  
 «(Por donosa, arriscada) enchia o tempo  
 «Que habitei com Hieronymo, e Agostinho,  
 «Quinta que sobre a encósta Pausilyppa  
 «Constantino possue. Ao romper d'Alva  
 «Á, que, em frente do Mar, devolve um Pórtico,  
 «Longa arcada, ia eu ver, como surgia  
 «Por detraz do Vesuvio, o Sol dourando  
 «Com meiga luz, Salerneas presas penhas;  
 «Dourandø o azul das ondas, mosqueadas  
 «De barcas de pescar com brancas velas;  
 «Praias dourando a Cápua, a AEnária, a Prócida,  
 «E o de Miseno Promontorio, e Baias,  
 «Com todos seus encantos, e delicias.

«São menos frescas, menos são suaves  
 «As flôres orvalhadas pela Aurora,  
 «Que os contornos de Neapoli, no prazo  
 «De descozer-se a trêva, e abrir-se o Dia.  
 «Sempre absorto fiquei, no olhar, do Pórtico

«Longa beira de Mar; e, qual murmura  
 «Mansa fonte, ouvir-lhe ondas espriar-se-lhe.  
 «N'uma columna, me encostando, extático,  
 «Não penso, nada anhélo: o Quadro rouba-me  
 «Squecidas horas: com delicia extrema  
 «Bêbo dessa aura tragos prolongados,  
 «Tão interior, me enlévo, que, nessa aura  
 «Me esvaece o corporeo; e me affiguro  
 «No inefavel prazer divinizar-me;  
 «E alar-me o Sp'rito puro, á pura sphêra.  
 «Potente Deos, quão longe então me via  
 «De soltar-me a Divina Providencia  
 «Dos cêpos das Paixões! Oh! quão grosseiro  
 «Meu corpo ao baixo lodo se prendia!  
 «Cerrada á Deos, minha alma abria as portas  
 «Aos encantos mortaes, da Creatura.  
 «Emquanto eu, de tão livre, devaneava  
 «Nadar em Mar de luz, gemia em ferros,  
 «Pela fé, nas prisões, algum Catholico,  
 «Que, o Chão deixando, aos Céos se ia, em seu vôo,  
 «Entre nuvens resplendidas de gloria.  
 «Após falsos prazeres (quão miserimos!)  
 «Corriamos então com ancia, em busca  
 «De erradías Beldades: ir-lhe ao encontro,  
 «Quando, á nós, vem sorrindo, em gentil Gôndola;  
 «Vogar com ellas, flôres despargindo,  
 «Pela tona do Mar; ir-lhes no alcance  
 «Por entre Murtas de embrenhadas sêlvas,  
 «Onde Elysios ditosos poz Virgilio.  
 «Lá deleitosos dias deslisávamos  
 «Que, de Dôr, nos hão ser, fontes perennes.

.....

Aquí vos reproduzo logo o começo da primeira passagem, que o é também do poema:—

«Cantar quero os Combates, e a Victoria,  
 Que houverão os Christãos dos Anjos réprobos,  
 Pela destimidez clara e magnanima  
 De dous Esposos Martyres. Oh Musa  
 Celeste, que inspiraste o Cysne illustre  
 De Sorrento, e o britanno cego Vate;  
 Tu, que no êrmo 'thabor sentaste o throno,  
 E a quem severos pensamentos prazem,  
 Prazem con'templações sublimes, graves,  
 O teu auxilio, n'este assumpto imploro.  
 Fêr2 Harpa de David, e entõa canto,  
 Que no Orbe sõe; e dá-me aos olhos lagrimas  
 Sobre os desastres de Sion vertidas  
 Por Jeremias Vate. As magoas narro  
 Da perseguida Igreja, sonoro.

E tu, Virgem do Pindo, tu da Grecia,  
 Filha engenhosa desce do Heliconio;  
 Que eu as florentes rosas não engeito,  
 Com que, oh risinho, fabulado Numen,  
 Té jazigos enfeitas. Tu, que o grave  
 Das desditas, da Morte encobrir sabes,  
 Vem, Musa enganadora, a luta enceta  
 Co'a Musa da verdade. Si, em teu nome,  
 Já a padecer-lhe derão penas crúas,  
 Orna-lhe hoje o triumpho. Digna a acclama  
 (Pois te vencêo) que, só, na lyra impere.»

Esta passagem contém a proposição e a invocação

do poema, expressas em harmoniosos e bellos versos, dignos em tudo do começo de uma epopéa.

Os versos da proposição, «Cantar quero os Combates, e a Victoria, Que houverão os Christãos dos Anjos réprobos, Pela destimidez clara e magnanima De Dous Esposos Martyres,» são todos esdruxulos, o que, além do tom grandiloquo que toma o poeta, contribue n'este caso para dar magestade ao estylo, quer pela variedade, fóra do commum, do accento tonico das palavras, quer pela da extensão dos versos, que tomão uma syllaba de mais.

Sem razão banirão os sectarios da escola bocagiana de suas composições os esdruxulos, privando-se assim de uma riqueza mais para a poesia de estylo e onomatopica. Francisco Manoel delles usa com reconhecida vantagem, tanto neste poema, como no Oberon de Wieland, e na Guerra Punica de Sílio Italico. Já antes delle Camões os havia empregado com igual vantagem nos seus Luziadas: «Não acabava quando uma figura Se nos mostra nõ ar robusta e valida De disforme e grandissima estatura. O rosto carregado, a barba esqualida, Os olhos encovados, e a postura Medonha e má, a côr terrena e pallida. Aquí os esdruxulos por sua extensão e excentricidade pintão admiravelmente o estupendo e descommunal da enorme figura de Adamastor, como já em outro lugar o fiz ver. O metro deve ser escravo do poeta, como o entendião os dous maiores poetas da lingua portugueza, e antes delles Homéro e Virgilio; não o poeta, escravo do metro,

como o entendem os bocagianos, fazendo-se servís adoradores de uma harmonia monótona.

Os versos da invocação que é dupla, porque o poema contem poesia sagrada e profana, a que devem presidir duas distinctas Musas, são tambem mui expressivos e bellos, seja pelo apropriado das imagens que os ornaõ, seja pelo bem calculado das pausas, que lhes varião a harmonia. Estes por exemplo não podem ser mais magestosos, nem mais dignos do assumpto: «... Oh Musa Celeste, que inspiraste o Cysne illustre De Sorrento, e o britanno cego Vate, Tu, que no êrmo Thabor sentaste o throno, E a quem severos pensamentos prazem, Prazem contemplações sublimes, graves, O teu auxilio, neste assumpto imploro. Fere Harpa de David, e entõa canto, Que no Orbe sõe; e dá-me aos olhos lagrimas Sobre os desastres de Sion vertidas Por Jeremias Vate: As magoas narro Da perseguida Igreja, sonoro.» É de notar que o que o poeta conseguiu no primeiro caso com os esdruxulos, consegue neste, empernando tres versos, uns nos outros, e empregando ainda um esdruxulo. Aqui a extensão ficticia e a variedade das pausas dos versos concorrem tambem para a magestade do estylo, aliás altiloquo pelos termos e figuras. Vêde agora como são pittorescos est'outros pelo gracioso e risonho das imagens de que se revestem: «E tu, Virgem do Pindo, tu da Grecia, Filha engenhosa, desce do Heliconio, Que eu as florentes rosas não engeito, Com que, oh risonho, fabulado Numen, Té jazigos enfeitas. Tu, que

o grave Das Destitas, da Morte encobrir sabes, Vem, Musa enganadora, a luta enceta Co'a Musa da verdade. Si, em teu nome, Já a padecer-lhe dêrão penas crúas, Orna-lhe hoje o triumpho. Digna a accláma (Pois te vencêo) que, só, na lyra impere.» Graças enlevadôras e inebriantes da Musa pagã, que portanto tempo dominou sem rival antes do apparecimento do Christianismo, e brilhante triumpho da Musa christã sobre ella obtido pelo martyrio, que a regenerou do que tinha de terreno, tudo ali se acha primorosamente debuxado com as mais apropriadas e vivas côres.

Da segunda passagem tomarei os seguintes versos para submeter á vossa consideração, ou antes á vossa admiração:—

«Deleitosos jardins amplo-rodeião  
 A radiante Sion. Do omnipotente  
 Throno, mana caudal um rio, o Eden  
 Celeste banha, e na corrente volve  
 Sapiencia de Deos, e amor purissimo.  
 Rasgada vai a mysteriosa veia  
 Em diversos arroios, que se prendem,  
 Se dividem, se enlação, se desunem.

.....  
 A luz, que esses retiros esclarece  
 Felizes, dão-na as rosas matutinas,  
 Dão-na as meridias flammæ, c'os da tarde  
 Purpureos arrebóes, sem que um só splenda  
 Sol, nem Estrella, no ambito do Emyreo.  
 Astro occaso não tem, nem Astro oriente:



Nada finda nos Ceos, nada começa,  
 Inefaveis clarões vem, como rócio,  
 Descendo, e desparzindo luz perenne  
 Por toda a deleitosa eternidade.

Nesta bellissima descripção, a que poucas se podem comparar na pompa e na riqueza, são admiraveis os seguintes versos, que pintão o movimento com uma propriedade e precisão, que nada deixão a desejar: «Rasgada vai a misteriosa veia Em diversos arroyos, que se prendem, Se dividem, se enlação, se desunem.» Esta bella precisão nos termos faz recordar Viêira, a quem Filinto em tal virtude muito se assemelha. Não o são menos est'outros pelo rico e esplendido das imagens poeticas: «A luz, que esses retiros esclarece Felizes, dão-na as rosas matutinas, Dão-na as merdias flammæ, c'os da tarde Purpureos arrebóes, sem que um só splenda Sol, nem Estrella, no ambito do Empyreo.» Que divina poesia digna em tudo de seu elevado objecto, qual é a descripção do Céu! Vêde agora como são bellos os ultimos, que pintão o movimento regrado e suave com uma propriedade, a que nunca podia chegar o Francez, porque não tem os nossos verbos frequentativos; ei-los: «Inefaveis clarões vem, como rócio, Descendo, e desparzindo luz perenne Por toda a deleitosa eternidade.» Tudo abi é lindissimo e admiravel. porque tudo se acha descripto com verdadeiro pincel de mestre, e mestre como ha poucos. Mas notai sobre tudo a arrojadissima prosopopéa, com

que o poeta dando corpo á eternidade, faz della um Mundo sem principio nem fim. É magnifico!

Da terceira passagem reproduzir-vos-hei o seguinte bellissimo trecho tambem descriptivo:—

«São menos frescas, menos são suaves  
As flores orvalhadas pela Aurora,  
Que os contornos de Neopoli, no prazo  
De descozer-se a tréva, e abrir-se o dia.  
Sempre absorto fiquei, no olhar, do Pórtico  
Longa beira do Mar; e, qual murmúra  
Mansa fonte, ouvir-lhe ondas espraia-se-lhe.  
N'uma columna, me encostando, extático,  
Não penso, nada anhélo: o quadro rouba-me  
Squecidas horas:—com delicia extrema  
Bêbo dessa aura tragos prolongados,  
Tão interior me enlévo, que nessa aura  
Me esvaece o corporio, e me affiguro  
No inefavel prazer divinizar-me,  
E alar-me o Spr'ito puro, á pura sphera.»

Nesta riquissima descripção não sei o que seja mais para admirar, si a belleza onomatopica dos versos, si a deliciosa pintura do devaneio do espirito. Onde é que se encontrão versos tão suaves e ao mesmo tempo tão expressivos e pittorescos, como estes? «São menos frescas, menos são suaves, As flores orvalhadas pela Aurora, Que os contornos de Neapoli, no praso De descozer-se a treva, e abrir-se o dia.» Notai principalmente a propriedade das bellas expressões me-

taphoricas deste ultimo verso, que pintão admiravelmente o alvorecer do dia. É como si se estivesse vendo! Attentai como a onomatopéa é soberbamente empregada nest'outros versos em que os esdruxulos representam principal papel, produzindo um effeito, que nunca produzirão os hendecasyllabos: «Sempre absorto fiquei, no olhar do Pórtico Longa beira do Mar; e qual murmúra Mansa fonte, ouvir-lhe ondas espaiar-se-lhe!» É como si se estivesse vendo e ouvindo! Podia o extasis ou arrobo de espirito ser mais poeticamente descripto, que nos versos que se seguem? «N'uma columna me encostando, extático, Não penso, nada anhelo: o quadro rouba-me Squecidas horas:—com delicia extrema Bêbo dessa aura tragos prolongados, tão interior, me enlévo, que nessa aura Me esvaece o corporeo, e me affiguro No inefavel prazer divinizar-me, E alar-me o Sp'rito puro, á pura Sphera.» Ha só uma palavra para exprimir o que se sente ao ler taes versos:—admiravel!

Bem vejo que em todas as tres passagens citadas o pensamento, e o colorido que comporta a prosa, são do autor; mas vejo igualmente, que a belleza da forma metrica com todas as suas expressivas onomatopéas, e o colorido especial á poesia, ou o mais rico e primoroso, pertencem ao traductor, que revestio o pensamento do autor com roupagens, que lhe dão muito maior realce, creando-o como que de novo. Por isso a cada um o louvor; que de direito lhe compete: um era um grande engenho; outro era um grande poeta.

Escusado é pôr aqui a prosa franceza, que não sofre a minima comparação com os bellos versos citados; e si é mister reforçar a minha opinião com a de um poeta, que a autorise, ahí vai ella: «E que deverá então dizer-se (é Pato Moniz quem falla) da farragem épico-prosaica de Chateaubriand? isto é, do poema dos Martyres por Francisco Manoel reduzido a metro portuguez, com um vigor, e uma elegancia por maneira tal affeiçãoada e sublime, que as bellezas da traducção encobrem os defeitos de toda a desconchavada contextura do tal chamado poema!... De boamente, e por muitos motivos, pômos de parte o original, para notar que a traducção é de per si um copioso thesouro da mais sonora e grandiloqua linguagem portugueza; e bem assim pode dizer-se prodigio, que na idade de oitenta annos tivesse Francisco Manoel tão opulentos os depositos da phantasia e da memoria, que alli desenvolvesse um vigor muitas vezes igual ao da sua mais poderosa florescencia.»

Em outra prelecção continuarei a occupar-me com a mesma materia, que merece por sua transcendencia ser devidamente apreciada. Por hoje aqui termino.

## LICÇÃO LXV.

Manifesta sem razão, Senhores, é excluir da apreciação litteraria as boas traducções, porque algumas dellas equivalem, pelo merito da execução, á verdadeiras obras originaes, e das melhores. A prova do que digo, tendel-a vós, não só na traducção portugueza dos Martyres com que me occupo, e na italiana de Ossian já citada, como tambem na portugueza dos psalmos de David pelo P.<sup>o</sup> Sousa Caldas, na italiana da Iliada por Vincenzo Monti, e poucas mais. Tal é a perfeição da forma nestas traducções, que ha mais que apreciar nellas, quanto ao estylo, á linguagem e metrificacão, que em todas as obras originaes analogas de segunda ordem das duas linguas, portugueza e italiana, que são muitas, como sabeis.

Traducções taes attestão alem disso duas cousas, que se não devem perder de vista: primeira, o grande ta-

lento dos traductores, que todos são poetas de primeira ordem, como os auctores, que vertêrão; segunda, a grande riqueza e perfeição das duas linguas, portugueza e italiana, unicas filhas da latina, que se prestão a trabalhos de tão primorosa e difficil execução. Dahi se conclue necessariamente, que só grandes poetas são proprios para verter grandes poetas, e que nem todas as linguas são boas para tudo.

A superioridade do Portuguez e do Italiano, como linguas poeticas, sobre os outros idiomas modernos, demonstrada aliás pelas obras originaes de cada uma, o é ainda com muito mais evidencia pelas quatro traducções citadas, porque as duas primeiras são mui superiores aos originaes, francez e inglez, de que são transumptos, e as duas ultimas luctão felicissimamente com o Grego e Latim, idiomas mui ricos e poeticos.

Assim seria um verdadeiro prejuizo, para nossa mocidade estudiosa, privar-a no que se refere ás bellezas da forma, da apreciação critica de obras tão primorosas, como as duas mencionadas traducções portuguezas, a primeira das quaes enriquecêo a litteratura patria com quanto ha de mais relevante na poesia sagrada e profana, na phrase do insigne traductor; e a segunda, com muito do que se nota de mais grandioso e sublime na poesia biblica, uma das mais bellas da antiguidade. Por isso resolvi comprehender no meu plano as traducções que fossem dignas de uma justa admiração, como ellas; e com especialidade as feitas em verso, em que o trabalho é, para bem dizer, dobrado.

A litteratura e a lingua de qualquer povo não se opulentão, e ennobrecem, unicamente com as galas proprias, mas tambem com as que tomão emprestadas das estranhas, fazendo-as suas pela propriedade com que as accommodão á sua indole, porte e feições. Muito tomou Virgilio de Homéro, que provavelmente fez outro tanto com os poetas que o precedêrão; muito mais ainda, a turba dos modernos poetas épicos com Dante á sua frente, de ambos os grandes épicos da antiguidade classica; de modo que se cada um se despojasse do que se apropriou dos outros, vestindo-o á sua maneira, bem pouco seria o que lhe havia restár de verdadeiramente original. Assim o merito da originalidade, com que alguns fazem tanta bulha, para olhar por cima do hombro os bons traductores, que nos enriquecem a litteratura, é de ordinario muito menor do que se suppõe, visto como o homem sempre foi, é, e será essencialmente imitador em materias de arte, como em tudo o mais.

Voltando porem á traducção dos Martýres, que é o actual objecto de minha analyse, continuarei a ler-vos algumas das suas mais notaveis passagens, para que faças cabal idéa de quão rica e aprimorada é. Eis ahi uma do decimo, outra do decimo quarto, e outra do vigesimo quarto livro:—

.....  
«Já estende o Ceo albôres matutinos.

Não dando de si copia alguma os Francos,

Volto ao Castélllo, e a desditosa Victima.  
 Dous sóes, fechando e abrindo o dia, olhárão  
 Nosso Pejo e Remorso. Á terça Aurora  
 Subio no Carro, a ver seu pae, Vellêda.

Inda apenas um souto m'a occultava,  
 Que já flammias em fumo enovelladas,  
 Por cima do Arvorêdo, aos Ceos subião;  
 Em quando o nóto, um Centurião me adverte,  
 Que se ouve o grito, com que os Gallos passão  
 De Aldeia a Aldeia as novas. — Persuadi-me  
 Que hão invadido alguma praia os Francos;  
 Prêsto a encontral-os vou, com hoste intrépida.

Avisto os Aldeões, que a unir-se, correm,  
 C'o grosso bando, que me vem fronteiro;  
 Contra esse me adianto bando rustico.  
 Apenas pôsto a tiro, e, nua a fronte:

(*Eudóro*) Que vos movêo a tal tumulto, oh Gallos?  
 Tomárão terra os Francos nas Armóricas?  
 Vindes em meu auxilio? ou contra Cesar?...  
 Sahe da fila um Ancião; vergão-lhe os hombros  
 Co'o peso da armadura; um ferro imbélle  
 Na dextra empunha: e eu cri, que via as armas  
 Que vi pender, na selva. Oh pasmo, e angustia.  
 Por ellas conheci... E quem?

(*Segenax*) Oh Gallos;  
 Estas armas da minha juventude  
 Sagradas a Irminsul, por ellas juro,  
 Que este é quem minhas cãs ha deshonrado:  
 Este me hallucinou a Filha. Eubáge,  
 Que a seguio, perpetrar vio o delicto:  
 Vingai Filhas, e Espôsas, vingai Numes,



E o ultrage de Vellêda.—Com mão debil  
 Me atira o dardo, que ante os pés me cáhe.  
 Oxalá me varára o dardo o peito!

Gritão, lanção-se a mim, com furia, os Gallos;  
 Acodem-me animosos os Romanos.

Em vão, traço atalhar os Combatentes:  
 Que, o que antes era arrôjo tumultuário,  
 Disparou em batalha mui ferido,  
 Cujó clamor confuso se ia ás nuvens.  
 Arrancados da brenha, os Gallos Divos  
 Crêras: e lá de còlmo das malhadas,  
 Star provocando os seus ao morticínio.  
 Tanta audacia lavrava, nesses rusticos!

De armas, golpes, e vida des-sentido,  
 Em salvar Segenax só levo o intento:  
 Com custo o arranco da Romana furia.  
 Dou-lhe asylo, no concavo d'um Róbre.  
 Eis vêm perdida flécha, no ar, silvando,  
 Que, ao Velho, em seu asylo o peito rompe.  
 —Junto ao tronco, por seus Avós plantado,  
 Segenax cáhe.—Tal, junto do Loureiro,  
 Que dos Tróicos Numes a Ara ensombra,  
 Á lançada, cahio, de Pyrrho, Priamo.

Vem, dos Confins do plaino, o Pae buscando,  
 Sólto o trançado, e nos Corceis pendendo,  
 Dando-lhe azas, co'açoute, em Carro, a Drúida.  
 Ouvio rumor, que em desaggravo da honra  
 Da Virgem de Sayna, Aldeões armára;  
 Toda a amplidão do error se lhe affigura.  
 —Trahida sou.—Do pae rastrêa os passos,  
 Rompe as filas fatáes dos Combatentes;

Arremessa-se ao centro do conflicto.

Vê o pae em mortaes vascas, arquejando;

Retem o Carro; abafa em taes pezares.

(*Vellêda*) Gallos, dai tregua ao ferro. Eu vossas penas  
Causei culpada.—Ao Pae dei (impia!) a morte.  
Por mim, que errei, não barateis as vidas.  
Não é réo o Romano: nem ultraje  
Se commettêo, na Virgem de Sayna.  
Eu fui quem me entreguei, e voluntaria,  
Os votos infringi. A' Patria, oh venhão,  
Co'a minha morte a Paz, venhão Venturas.—

Da frente a C'roa arranca de Verbenna,  
Déspe do cinto a affiada fouce de ouro,  
E, na acção de quem sacrifica os Numes:

(*Vellêda*) Adórnos de vestal, não mais vos mancho.—

C'o Sacro gume, o niveo cóllo investe,  
E o sangue, em espadana, sahe de rojo.  
Vellêda verga e cahe.—Assim nos sulcos,  
Que ha segado, a Ceifeira, o cóllo inclina,  
E, pesada de affan, se entrega ao somno.

Sólta, da frouxa mão, a fouce crúa,  
No hombro debruça brandamente a face.  
Quer inda proferir o amado nome,  
E só, nos labios, volve um som confuso.  
Vaga-lhe Eudóro, nos deliquios da alma,  
Té que olhos lhe cerrou somno invencivel.»

.....  
De bocca em bocca, vai, do Altar ao Pórtico,

D'uns a outros, como echo dos Ministros,  
 Dos Esposos o sacro juramento.  
 Compunção, e Innocencia, vireis juntas.  
 Symbolo puro do lavor domestico,  
 Lã, como Arminho nitida, se off'rece  
 Na encamisada róca, á Mãe Sob'rana.  
 Todo o sacro Esposorio, que, com lagrimas  
 Os Assistentes vião, modulavão  
 Virgens da Nova Sion,—Sponsaes cantares!  
 «Minha Amada entre as Virgens, é qual lyrio  
 Entre espinhos. Oh quanto é linda! oh quanto!  
 Qual romã, que escachou, rubim é a bocca;—  
 Semelha a coma á copa da Palmeira.  
 Qual a Aurora, no Eão a Spôsa splende;  
 Qual o incenso que exhala, e sóbe em nuvem,  
 Sóbe ella do êrmo. Oh Filhas de Solyma  
 Pelos serris Capréolos, vos conjuro  
 Com fructos me sustende, e com Boninas,  
 Que o peito se me fende á voz da Amada.  
 Véрте, oh meridio sôpro, véрте aromas  
 Suavissimos, na que é do Spôso enlêvo.  
 Feriste-me a alma, oh muito amada minha.  
 Tuas portas de Cédro me abre. O orvalho  
 Da Noite humedecêo minhas madeixas.  
 Alóes, e Myrrha te perfume o Thálamo;  
 Com tua séstra mão sustem-me a face  
 Que langue. Oh qual signal me pões no peito!  
 Mais fórte do que o Amor é ainda a Morte!»  
 Dava o Virginio Còro fim ao Cantico,  
 Eis resôa de fóra outro Concento  
 Dos Parentes e Amigos de Demódoco,

Que Cymodoce, e Eudoro Espôso cantão.  
 «Brilhou da tarde a Estrella: sahi, Jovens,  
 Das Mesas do banquetê, Hymen se entõe,  
 E cante-se Hymineo. E vista a Virgem.  
 Cultor do verde Pindo, prole Uranica,  
 Tu, que guias ao Spôso, a Spôsa timida,  
 Nas mãos sacóde, facho auri-comado;  
 E aos sons da tua voz melodiosa,  
 O alcatifado chão pisa festivo,  
 Da alcova nupcial franquêa as portas;  
 Que já se adianta a Virge'. O Pejo os passos  
 Lhe prende; e o patrio umbral chorosa deixa.  
 Vem nova Spôsa, vem: que, no teu seio,  
 Anhêla reclinar-se o fido Spôso.  
 Desse hymineo fecundo brótem filhos  
 Mais formosos que o Dia. Um novo Eudoro  
 Pendurado do seio de Cymódoce,  
 Desejo ver, que as alvas mãos mimosas  
 Estenda á Mãe; e acolha c'um sorriso  
 Meigo, ao prestante Heroe, que á luz o manda.»—  
 Dous Cultos, com dous Hymnos celebravão  
 O venturoso Par, o Par, que ignora,  
 Quaes transes, quaes angustias o ameação.  
 Findos apenas os festivos Canticos;  
 Eis rumor de armas;—eis regrado pizo  
 De soldados, que marchão.—Pelo ar rompe  
 Tórvo arruido.—A turba atroz, ferina  
 Com ferro, e fôgo, á Paz devassa o Asylo.  
 Por quantas portas rasga o Templo, em sustos,  
 Rompe a gente, em rondão. Meninos, Velhos,  
 Suffocão-se ao sahir. Nas naves chórão,

Dão gritos lamentosos as Mulheres.  
 Fógem: fugindo, cahem.—Ao Bispo, ante a Ara,  
 Des-soçobrado, e firme, em véste sacra  
 Com algêmas, as mãos (ímpios!) profanão.  
 Quiz o Centurio a quem é nota a Espôsa  
 Pôr-lhe impia mão... (Que assim lh'o ordena Hierócles).  
 Não já Cordeiro manso; é Leão, que ruge,  
 Que se atira ao Centurio, Eudóro.—Arranca-lhe  
 Da dextra a espada, e a rompe. A Espôsa em braços,  
 No escuro, no tropél, esquivava á insultos.  
 Desarmado o Centurio, á tropa grita:  
 «Correi no alcance, a Eudóro.» Este açodado  
 Couto mira em moimento de Leónidas.—  
 Co'ouvir rastreio de tão vis Satéllites,  
 Os passos fôrça. As forças exauridas  
 Lhe falsêão o amor.—Fraqüêa ao pêso.  
 Depõe a Amada no escondrijo régio;  
 Junto do qual se erguia um trophéo de armas,  
 Dos mortos, nas Thermópilas.—Eudóro  
 Do Monarcha Spartano a lança empunha,  
 E aos soldados, que já se lhe arremessão...  
 Eis que, á luz de seus fachos, affigura-se-lhes  
 Vêr em sombra o magnanimo Leónidas...  
 Párão.—Fuzís dispara o olhar de Eudóro.  
 Movendo a preta coma, mil relampagos  
 Re-lança á luz dos fachos, furibundo.  
 Menos horrído a Xerxes foi Leónidas,  
 Morte, e espanto espargindo, na hoste barbara,  
 Quando lhe entrou, na Tenda, em tréva escura.—  
 Eis mór assombro! Muitas dos Romanos  
 Vêm, nelle, o General, com quem servirão.



(Eudoro) «Guerreiros, se a roubar-me a Spôsa vindes,  
 A vida haveis, primeiro de arrancar-me.»  
 Cóbrão spanto da voz, do tórvo aspécto  
 Do Caudilho, que em guerra os guiou.—Parárão.  
 Quando a segar a mêsse, entrão Ceifeiros,  
 Cáhem, d'aquí, d'além, debeis espigas.  
 Da fouce ao gume.—Vão chegando ao Róbre,  
 Que, alteroso á seára, aos Céos se arrója,  
 Admirão-lhe a estatura agigantada;  
 Que abater podem sós machados, Euros.  
 Tal (sparsa a turba dos Christãos) a tropa  
 Stáca ante Eudóro.—Em vão o impio Centúrio  
 Clama: que o chão lhes prende os pés guerreiros.  
 Tanto pavor, nos peitos, Deos lhe infunde!

Mais fêz Deos. Ao Custodio (diz) de Eudóro:  
 «Descobre-te qual és, aos vis Satéllites»  
 Ronca horrendo um Trovão—Descobre o Anjo  
 Ladeando Eudóro; as armas centelhavão-lhe.  
 Pela trêva, entre raios e relampagos,  
 Ás costas os broqueis, a tropa fôge.  
 Fica azo a Eudóro, que re-ponha aos hombros,  
 A Espôsa, e o cinjão desta os braços lindos.  
 Com graça igual, oh não se estreita amante  
 A tenra Vide ao Choupo, que a assegura!  
 Nem tão viva, c'o Pinho, que a alimenta,  
 Se abraça a Labaréda: ao masto, menos  
 Se cóze, em vendaval, a frouxa véla.—  
 Cumulado, c'o seu thesouro Eudóro  
 Entra, e em tanto, em sacro tecto, abriga  
 A Virgem, que em dominio seu, lhe é dada.

(Eudóro).....

A funerea trombeta ultimo sôa!

Dos grillhões sôlto, o Tigre se arremessa

Ao Côrro, e ruge... Em susto involuntario

Stremece o Spectador.

(Cymódooe, esmorecida). Oh Spóso, vále-me.»

Eudóro que se volta, a toma em braços,

Ao peito a cinge (e a entrára na alma). O Tigre

Invêste, empina o corpo, as garras cruas

Crava no Martyr, rasga-lhe, co'as prêsas,

As alvas, nuas carnes palpitantes.

A Espôsa, que se aperta estreita e tímida

Com o peito de Eudóro, os olhos abre

Entre sustos, e amor. Vê sobre o Espôso

Se debater em assanhada luta,

Dos Colmilhos vertendo sangue o Tigre...

Subito fôge á Virgem victoriosa

Dos membros o calor, os olf os cerrão-se-lhe.

Fica em braços do Espôso suspendida

Qual na Enzinha do Ménalo, ou Taygéte,

Pende o flócco de neve. As Virgens Martyres

Felicidade, Eulalia, Ignez, Cecilia

Baixão a se apossar da Companheira,

A quem rompêra o Tigre o cóllo eburneo.

C'um sorriso na bocca o anjo da Morte

O curto fio lhe cortou da vida:

E ella, sem ancia, ou dôr, o S'prito exhala,

Restituindo ao Céu Divino alento,

Que apenas semelhava andar prendido

Ao lindo corpo, que obra foi das Graças.

Qual Bonina cahio, que a fouce rustica

Talhou. Seguiu-a Eudóro ao throno eterno.  
Sacrifício de Paz, Novilho, e Pomba,  
Que Aaronia próle ao Deos de Isaac sif'rece!

Apenas tinham empunhado a Palma  
Os Martyres Esposos, que se avista  
Uma Cruz, despendendo, no ar, luzeiros,  
Qual a que dêo triumpho a Constantino.

Roncou rouco trovão no Vaticano.  
(Desérta emposta então, mas que de ignóto  
Esp'rito era, a miudo, visitada.)

Tremêo, cahio, quanta houve Státua de Idolos,  
Qual em Solyma a ouvio, outr'ora, a Gente,  
Souu em Roma, voz:—*Os Deoses vão-se.*—

Já do Circo o tropél deserta attonito;  
Todo furores, vólta ao Paço, Augusto,  
Matar manda os de Eudóro socios inclytos;  
Chega ás portas de Roma Constantino.  
Vence, e prostra a Galério a ruim molestia:  
Eis morre, blasphemando de Deos summo.

Em vão, novo Tyranno toma o leme  
Do supremo poder. Lá, do alto Emyreio,  
Troveja o Eterno, brilha a Cruz nos ares,  
Constantino dá o golpe, cahe Maxencio  
Despenhado no Tibre.—Entra, em triumpho,  
Glorioso o Vencedor, na Rainha do Orbe;  
Dispersos vão, de Christo os inimigos.

Esse amigo de Eudóro, egregio Augusto,  
Se applica a recolher os derradeiros  
Suspiros de Demódoco, a quem mágoa  
A' morte avisinharão; que, saudoso  
Da Filha (cara Filha!) quer ir vêl-a,



E o baptismo requer —Córre aos logares  
 Constantino, onde jazem de taes victimas  
 Arroçados os corpos, como a monte.  
 Mórtos inda retêm, ambos os Martyres,  
 A que em vida lográrao, gentileza.  
 Por dom do Céu, cerradas as feridas,  
 Dita, e Paz lhes reluz, fixa nos rostos.  
 Juntos jazem no Cemiterio, aonde  
 Riscou dentre os Fieis a Eudóro o Antiste.  
 As Legiões das Gallias, que ao triumpho  
 Guiára outr'ora o Martyr, o jazigo  
 Do antigo General magoadas cercão.  
 Co'a Cruz, timbre de Paz, as lidiadoras  
 Aguias ornão de Romulo: e no tumulto  
 Dos dous Esposos, cinge Constantino  
 C'roa Imperial: a Fé Christã proclama,  
 Fé do Universo, em que Sob'rano impera.

Da primeira passagem, que contem a morte de Vellêda, e é uma das mais dramaticas e bellas do poema, citar-vos-hei os seguintes admiraveis versos:—

Adornos de Vestal, não mais vos mancho.—  
 C'o Sacro gume o niveo cóllo investe,  
 E o sangue, em espadana, sahe de rôjo.—  
 Vellêda verga, e cahe.—Assim nos sulcos,  
 Que ha cegado, a Ceifera o cóllo inclina,  
 E, pesada de afan, se entrega ao somno.  
 Sólla, da frouxa mão, a fouce crúa,  
 No hombro debruça brandamente a face.  
 Quer inda proferir o amado nome,

E só; nos labios, volve um som confuso.  
 Vaga-lhe Eudóro, nos deliquios d'alma,  
 Té que olhos lhe cerrou somno invencivel.

Ha a notar neste soberbo trecho muita poesia onomatopica e de imagens, resultantes, seja da combinação dos sons e pausas, seja da propriedade dos epithetos, seja da opposição dos contrastes.

Os seguintes versos, por exemplo: «C'o Sacro gume o niveo investe E o sangue em espadana, sahe de rôjo, Vellêda verga, e cahe,» são essencialmente onomatopicos pela combinação de consoantes asperas e sybillantes com vogaes mudas, e pela das pausas. Est'outros: «Assim nos sulcos, Que ha cegado, a Ceifeira o cóllo inclina, E, pesada de afan, se entrega ao somno» não o são menos pela combinação de consoantes mais brandas com vogaes ou mudas ou abertas. Est'outros: «Sólta, da frouxa mão, a fouce crua No hombro debruça brandamente a face,» são admiraveis, como os do comêço, pelas imagens e contrastes, que illuminão o quadro. Mas os ultimos: «Quer inda proferir o amado nome, E só nos labios volve um som confuso. Vaga-lhe Eudóro, nos deliquios d'alma, Té que olhos lhe cerrou somno invencivel,» igualmente onomatopicos e imaginosos, como os outros, os sobrelevão a todos pela força do pathetico, que nelles a cada passo sobresahe. Ha ainda a notar ahi a felicissima expressão—deliquios d'alma.—

Estes bellissimos versos fazem-me recordar os não

menos bellos da cantata de Dido: «Com a convulsa mão subito arranca A lamina fulgente da bainha, E sobre o duro ferro penetrante Arroja o tenro christalino peito: Em borbotões de espuma murmurando O quente sangue da ferida salta: De roxas espadanas rociadas Tremem da sala as dóricas columnas.»

Versos tão imaginosos e onomatopicos só Francisco Manoel e Garção os sabião bem fazer.

Entretanto não é possível desconhecer ahi as bellezas proprias do original, que transparecem na traducção como em fiel espelho, seja na lindissima comparação que começa, «Assim nos sulcos,» seja sobretudo no admiravel pathetico, que della transpira. O seu á seu dono.

Da segunda passagem, em que se descreve o casamento de Eudóro com Cymódoce, e a subita accommettida do templo christão pelos soldados de Hyerocles, reproduzirei a seguinte bellissima imitação do Cantico dos Canticos de Salomão:—

Minha amada, entre as Virgens, é qual lyrio  
Entre espinhos. Oh quanto é linda! oh quanto!  
Qual romã que escachou, rubim é a bocca;  
Semelha a coma á copa da Palmeira.  
Qual a Aurora no Eòo a Spôsa splende;  
Qual o incenso que exhala, e sóbe em nuvem,  
Sóbe Ella do êrmo. Oh filhas de Solyma,  
Pelos serris capréolos vos conjuro,  
Com flôres me sustende e com boninas,  
Que o peito se me fende á voz da Amada.

Verte, oh meridio sopra, verte aromas  
 Suavissimos na que é do Spôso enlêvo.  
 Feriste-me a alma, oh muito amada minha.  
 Tuas portas de Cedro me abre. O orvalho  
 Da Noite humedecêo minhas madeixas.  
 Alôes e Myrrha te perfume o Thálamo;  
 Com tua séstra mão sustem-me a face  
 Que langue. Oh qual signal me pões no peito!  
 Mais forte do que o Amor é ainda a Morte.

Ha aqui a notar primeiramente a belleza da poesia biblica, que brilha pelo pensamento, pelas comparações, pelas figuras, pelas imagens, e depois a insigne mestria com que o poeta portuguez passou tudo para a sua lingua, sem a menor quebra, antes com o realce das mais expressivas onomatopéas.

São mui bellos, quer pelas comparações que exprimem, quer pela combinação dos sons que os tornão essencialmente onomatopicos, os seguintes versos:—  
 «Qual Aurora no Eão o Spôso esplende: Qual incenso que exhala, e sóbe em nuvem, Sóbe Ella do êrmô.»  
 Vêde agora como são graciosos, expressivos, e ternos, est'outros, de que o amor se exhala como um perfume, «... Oh filhas de Solyma, Pelos serris capréolos vos conjuro, Com flôres me sustende e com boninas, Que o peito se me fende á voz da Amada.» Em nenhuns porem os sons se justão para formar poesia imitativa tão bella como nestes, que são dulcissimos: «Verte, oh meridio sôpro, verte arômas Suavissimos na que é do Spôso enlêvo.» Notai ainda quanto é bello o se-

guinte pelo arrojado da metaphora, «Feriste-me a alma, oh muito amada minha;» e quanto tem de apaixonado e ardente os ultimos, em que o contraste da idéa da morte com a do amor vem annuiar o quadro de delicias, mostrando a curta duração dos prazeres da vida. «Tuas portas de Cedro me abre. O orvalho da Noite humedecêo minhas madeixas. Alôes e Myrra te perfume o Thálamo Com tua sêstra mão sustem-me a face, Que langue. Oh qual signal me pões no peito! Mais forte de que o Amôr é ainda a Morte.» É de notar que esta poesia, a que nenhuma se iguala, é contra posta pelo autor á poesia profana do canto nupcial entoado fora do templo pelos parentes de Demódoro, e muito a sobreleva em belleza, posto seja ella tambem linda.

Da terceira passagem, que é pela ventura a mais pathetica e bella de todo o poema, submetterei a vossa illustrada consideração o seguinte admirabillissimo trecho:—

«A funerea trombeta ultimo sôa!

Dos grillhões sôlto, o tigre se arremessa  
A côrro, e ruge... Em susto involuntario  
Stremece o Spectador.

*Cymódoce* (esmorecida).—Oh Spôso, vale-me.

Eudóro, que se volta, a toma em braços,  
Ao peito a cinge (e entrára n'alma). O tigre  
Investe, empina o corpo, as garras crúas  
Crava no Martyr, rasga-lhe co'as prêsas,  
As alvas, nuas carnes palpitantes.

A Espôsa, que se aperta estreita, e tímida  
 Com o peito de Eudóro, os olhos abre  
 Entre sustos e amor. Vê, sobre o Espôso  
 Se debater em assanhada luta  
 Dos colmilhos vertendo sangue o tigre...  
 Subito foge á Virgem victoriosa  
 Dos membros o calor, os olhos cerrão-se-lhe.  
 Fica em braços do Espôso suspendida,  
 Qual na enzinha do Ménalo, ou Taygête,  
 Pende o flócco de neve. As Virgens Martyres  
 Felicidade, Eulalia, Ignez, Cecilia  
 Baixão a se apossar da companheira,  
 A quem rompêra o tigre o cóllo eburneo.  
 C'um sorriso na bocca o Anjo da Morte  
 O curto fio lhe cortou da vida:  
 E ella, sem ancia, ou dôr, o Sp'rito exhala,  
 Restituindo ao Céu divino alento,  
 Que apenas semelhava andar prendido  
 Ao lindo corpo, que obra fei das Graças  
 Qual Bonina cahio, que a souce rustica  
 Talhou. Seguiu-a Endóro ao throno eterno  
 Sacrificio de paz, Novilho e Pomba,  
 Que Aaronia próle ao Deus de Isaac off'rece.»

Tão admiravel é toda esta pathetica passagem, que nada deixa a desejar ao critico o mais exigente, nem em jogo de affectos, nem em colorido de estylo, nem em belleza de metrificacão. Os primeiros versos, por que começa, «A funerea trombeta ultimo sôa! Dos grilhões sôlto, o tigre se arremessa Ao côrro, e ruge. Em susto involuntario Stremece o Spectador,» são de uma

expressão onomatopica tal, que fazem logo recordar os de Camões, «Dá signal a trombeta Castellhana, Horrondo, ingente, fero, e temeroso,» ou os de Tasso, «Al rauco suon della tartarea tromba Treman le spaciöse atre caverne.» É porém nelles ainda mais para admirar, que as soberbas onomatopéas, a bella descripção do susto que involuntariamente se apodera do espectador á vista do tigre sôlto. Parece que o leitor estremece com elle!

Vêde agora como nos seguintes nada escapa ao poeta para pintar as cousas ao vivo: «Oh Spôso, vale-me. Eudóro, que se volta, a toma em braços Ao peito a cinge (e entrára n'alma!) O tigre Investe, empina o corpo, as garras crúas Crava no martyr, rasga-lhe co'as prêsas As alvas, núas carnes palpitantes. A Espôsa que se aperta estreita, e timida, Com o peito de Eudóro, os olhos abre Entre sustos e amor. Vê, sobre o Espôso Se debater em assanhada luta Dos colmilhos vertendo sangue o tigre. . . Subito foge á Virgem victoriosa Dos membros o calôr, os olhos cerrão-se-lhe. Fica em braços do Espôso suspendida Qual na enzinha do Ménalo ou Taygête Pende o flócco de neve.» Onomatopéas tão expressivas como bellas, imagens que tudo põem diante dos olhos, contrastes que formão o claro e escuro do quadro, comparações que o enriquecem, tudo ahi se encontra, e tudo tão ao natural, que faz sobresahir o admiravel pathetico, que em todo elle domina. O leitor commovido até o fundo d'alma, parece tudo presencear!

Não são menos imaginosos e bellos os versos, por que termina quadro tão sensibilizador: «C'um sorriso na botca o Anjo da Morte O curto fio lhe cortou da vida: E ella, sem ancia ou dôr, o Sp'rito exhala, Restituindo ao Ceo divino alento, Que apenas semelhava andar prendido Ao lindo corpo, que obra foi das Graças. Qual Bonina cahio, que a fouce rustica Talhou. Seguiu-a Eudóro ao throno eterno, Sacrificio da paz, Novilho e Pomba, Que Aaronia prole ao Deus de Isaac off'rece.» Aqui as comparações, que são lindissimas, representão o principal papel, e tudo é igualmente admiravel, ou antes sem igual no seu genero, pois não me recordo de haver lido em nenhum poeta passagem alguma, que com essa se assemelhe.

Grande parte do merito da pintura, ou todo o que resulta do pathetico da situação, e das comparações, pertence sem duvida ao autor; mas quanto merito não resta ainda ao traductor na criação da bella poesia imitativa, das imagens pittorescas, e colorido verdadeiramente poetico, que dêrão tão subido realce a tudo! O trabalho deste é como uma segunda criação do quadro original, e talvez tão ardua como a primeira; por isso mui justo e merecido louvor lhe cabe por haver feito á poesia e á lingua portugueza um serviço a todos os respeitos inestimavel.

Tendo apreciado a Francisco Manoel do Nascimento, ou Filinto Elysio, em suas composições poeticas, passarei na seguinte prelecção a tratar do celebre repen-tista Manoel Maria de Barbosa du Bocage, ou Elmano, e suas poesias. Por hoje aqui faço ponto.



---

## SECÇÃO SEGUNDA.

—53—

Manoel Maria de Barbosa Du Bocage, poeta; sua Biographia; suas Poesias Lyricas; suas Poesias Pastoris; suas Poesias Eroticas e Satyricas.

### LICÇÃO LXVI.

Vou hoje, Senhores, tratar do famoso repentista, Manoel Maria de Barbosa du Bocage, um dos grandes engenhos do começo deste seculo, e o segundo poeta portuguez depois de Camões, como querem alguns, si Francisco Manoel do Nascimento, de quem elle foi contemporaneo, e que veio ao mundo antes d'elle, não preenchesse dignamente esse logar, mas poeta incontestavelmente de primeira ordem, e um dos maiores vultos da litteratura portugueza, mais que nenhuma outra das modernas fecunda em poetas distinctos. Bocage, que, para conformar-se com os estylos do tempo, tomou o nome de Elmano, por que era geralmente conhecido no Parnaso, assim como Garção havia tomado o de Coridon, Diniz o de Elpino, e Francisco Manoel o de Filinto Elysio, foi um poeta lyrico, como os tres citados, e o ultimo poeta classico digno deste nome,

ou antes já uma especie de intermediario entre classicos e românticos, pois ha nos seus versos alguns presentimentos da poesia dos ultimos, que se podem reputar devidos á segunda vista do genio. Fundou, como Francisco Manoel, uma escola que ainda hoje tem sectarios apaixonados, por que tal é a condição dos grandes engenhos, que, desdenhando seguir em tudo a estrada batida, abrem sempre caminho novo á alguns respeitos.

Nascêo Bocage em Setubal, aos 15 de Setembro de 1765, e nascêo poeta, como elle proprio diz, «Das faixas infantis despido apenas, Sentia o sacro fogo arder na mente,» pois de oito annos já fazia versos como estes, notaveis certamente para idade tão tenra:—

Fui ver a procissão a San Francisco  
A quem o vulgo chama da cidade;  
E supposto o apertão, foi raridade  
Que indo eu em carne, não viesse em cisco.

Fallecêo em Lisboa, aos 21 de Dezembro de 1805 com 40 annos de idade, e fallecêo soltando no seu leito de dôr o ultimo canto do Cysne, do qual é entre outras admiravel a seguinte nota:—

Meu ser evaporei na lida insana  
Do tropel das paixões que me arrastava;  
Ah! cego eu cria, ali misero eu sonhava  
Em mim quasi immortal a essencia humana:  
De que innumerous sões a mente ufana

Existencia fallaz me não dourava !

Mas eis succumbe natureza escrava

Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos !

Esta alma, que sedenta em si não coube,

No abysmo vos sumio dos desenganos:

Deus, oh Deus ! . . . Quando a morte á luz me roube,

Ganhe um momento o que perdêrão annos,

Saiba morrer o que viver não soube.

Foi filho do bacharel em Canones e advogado, José Luiz Soares de Barbosa, tambem poeta, e de sua mulher D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, senhõra mui prendada, e oriunda de uma familia da Normandia por seu pae Gil Le Doux du Bocage, que entrando para o serviço da marinha portugueza no posto de capitão de mar e guerra, chegou a ser vice-almirante. Esmerada foi a educação que recebêo de tão distinctos pães, que tratârão de desenvolver nelle os dotes do engenho, com que o favorecêo a natureza, mandando ensinar-lhe tudo quanto se podia aprender em Setubal, onde, depois de haver estudado Latim com um ecclesiastico hespanhol de nome D. João de Medina, e Francez com seu pae, frequentou com aproveitamento as aulas de humanidades até os quatorze annos de idade.

Em 1780 tendo completado seus estudos, sentou praça de cadete no regimento de Setubal; e ao cabo de dous annos, talvez em memoria do avô, passou a servir na armada real em qualidade de guarda mari-

nha, transferindo sua residencia para Lisbôa, sem duvida para cursar os estudos da nova academia de marinha, que a rainha D. Maria I acabava de crear.

Em 1785, na idade de 19 para 20 annos, passou de novo para o exercito no posto de tenente de infantaria, e partio para a India, onde servio por algum tempo na cidade de Gôa. Dando depois baixa do posto por motivos pouco averiguados, sahio d'aquella cidade, e fez uma viagem a Macau, que alguns querem que fosse uma verdadeira deportação, determinada pelo governo d'aquelle Estado. Esta viagem voluntaria, ou forçada, calcula-se que se effectuou pelos annos de 1788 e 1789. Em Agosto de 1790, estava elle de volta em Lisbôa, satisfeito de tocar terra da patria, posto que demittido do posto, e sem meios de subsistencia. Na India, onde o seu espirito mordaz e satyrico lhe creou logo antipathias e inimigos rancorosos, passou por não poucos dissabores e decepções, soffrêo enfermidade que esteve a ponto de cortar-lhe os fios da existencia, e naufragou na ida ou volta de Macau, como Camões, salvando-se como elle á nado com algumas de suas poesias.

Assoberbado por estes desgostos, para cuja mór parte elle proprio concorrêra por seu genio irascivel e sarcastico, que lhe suscitou inimigos poderosos, que chegarão a mandar fazer-lhe esperas, é que fez o soneto que começa:—

«Camões, grande Camões, quão semelhante

Acho teu fado ao meu quando os cotejo;  
 Igual causa nos fez perder o Tejo,  
 Arrostar co'sacrilego gigante.

O terceiro verso deste quarteto faz suppôr, que algumas contrariedades, que experimentou na patria, como Camões, e que até hoje não teem sido bem averiguadas por seus biographos, quaes fossem, motivarão a sua partida para a India, onde se demorou cinco annos, e donde voltou desenganado e pobre, como o primeiro, e só com o peculio de seus versos prodigiosamente augmentado.

Eis agora algumas das amabilidades, com que o poeta costumava a brindar os habitantes de Gôa, que não tinhão em verdade motivo, para ser-lhe affeiçoados, e romper por elle lanças:—

Das terras a peor tu és, ó Gôa,  
 Tu pareces mais êrmo que cidade;  
 Mas alojias em ti maior vaidade  
 Que Londres, que Paris, ou que Lisboa.

.....

Em outro lugar:

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças  
 Bem como Ovidio misero entre os Getas,  
 Terra sem lei, madrastra de poetas,  
 Estuporada mãe de gentes baças!

.....

Restituído ao reino na idade de 24 annos, ou em sua florecencia, mas sem outros meios de vida a não ser o que lhe vinha dos versos, dos amigos e protectores, creou-se logo Bocage uma turba de cegos admiradores, pelo seu insigne talento de repentista, improvisando nos oiteiros, nos cafés, e nas sociedades para que era convidado como um de seus principaes ornamentos, pelo gosto que havia então para os versos, muito maior, que o de hoje. Mas a sua natural disposição para a satyra, filha de seu intoleravel amor proprio, e sobrançeria para com os outros poetas, pois em seu furor satyrico nem ao pobre cantor das petas, José Daniel, perdoou, suscitou-lhe tambem logo não pequeno numero de detractores e inimigos inconciliaveis; que não cessavão de feril-o na parte mais sensivel--o orgulho.

Admittido na nova Arcadia, que existio em Lisbôa desde 1790 a 1793, e fazia suas sessões no palacio do conde de Pombeiro, sob a presidencia do P.<sup>o</sup> Domingos de Sousa Caldas, hospede e commensal do referido fidalgo, protector da instituição, não poupou os collegas, que reputava seus inferiores, e na verdade o erão á todos os respeitoes. D'ahi as suas desavenças com Curvo Semedo, com o Abbade de Almoster Paulino Cabral, e outros muitos. As que teve com José Agostinho são de data posterior. O P.<sup>o</sup> Domingos, par-do nascido no Brazil, pobre autor da viola de Lere-na, foi retratado por mil diversas maneiras, das quaes ahi vão duas graciosas amostras:—

Preside o neto da rainha Ginga  
 Á corja vil, adulatora, insana:  
 Traz sujo moço amostras de chanfana,  
 Em copos desiguaes se esgota a pinga.

.....  
 Por casa Phebo entrou c'um vil bogio  
 As musas o animal não conhecião,  
 E fúgindo assustadas do que vião,  
 Foi de ventas a terra a pobre Clio.

Esta interminavel guerra dos vates durou até a morte de Bocage, nas proximidades da qual quasi todos os que em natural desforço lhe havião ferido o orgulho, satyrisando-o pelo seu turno, se reconciliárão com elle, menos José Agostinho, que só o fez apparentemente, pois continuou a abocanhal-o ainda depois de morto.

O fraco de Bocage era querer que lhe reconhecessem a superioridade sobre os outros poetas, e ser insaciavel de elogios, que almejava merecer a todo custo, ainda que partissem das pessôas menos habilitadas para dal-os a um bom poeta. Não era impio; mas para contentar a turba dos admiradores e libertinos, que o cercavão, e elevavão ás nuvens, fez versos impios, como os que começam «Pavorosa illusão da eternidade, Terror dos vivos, carcere dos mortos,» de que se extrahirão logo, e espallárão milhares de copias. Tinha muitos desaffectedos e inimigos. Denunciado, por alguns delles, ao intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique, entendêo este, que devia passar ordem

de prisão contra o indigitado autor de taes impiedades.

Morava então Bocage em casa de André da Ponte do Quental e Camara, cadete do regimento da armada; ignora-se quem o avisou da ordem de prisão, mas teve conhecimento della, e fugio para bordo da corveta *Aviso*, que partia em poucos dias para a Bahia. Não o achando em casa, prendêrão os beleguins a André da Ponte, que não houve tempo de avisar, e apoderarãose de todos os papeis e manuscriptos, que encontrarão.

A 10 de Agosto de 1797, sendo descoberto na embarcação, aonde se homisiára, foi preso, remettido para a cadeia do Limoeiro, e ahi posto em rigoroso segredo.

Instaurou-se-lhe processo em que foi diversas vezes perguntado pelo desembargador Ignacio José de Moraes Brito; e decorridos quasi tres mezes, o intendente da policia officiou ao inquisidor geral D. José Maria de Mello, remettendo-lhe o preso, que foi transferido para os carceres da inquisição, donde passou para o mosteiro de S. Bento da Saude.

A inquisição, ou fosse porque o processo havia sido intentado pelo poder civil, ou fosse pela alta protecção que tinha o poeta nos marquezes de Ponte de Lima, de Abrantes, e de Pombal, a quem dirigio bellas epistolas, e sobre tudo no ministro de Estado José de Seabra da Silva, seu admirador, ou fosse porque os tempos já erão outros, pela converção que começava a operar-se nas ideas com o apparecimento da revo-



lução franceza, mostrou-se desta vez menos severa, que de costume, accitando os protestos de arrependimento que elle fez, e contentando-se com uma severa admoestação, sem lhe dilatar a prisão, nem sujeital-o á expiações infamantes.

Nos carceres da inquisição, ou na casa religiosa para que foi depois passado, compoz a maior parte da sua excellente traducção das *Methamorphoses* de Ovidio, uma de suas obras mais primorosas, assim como no Limoeiro havia composto as tres epistolas mencionadas, e outras poesias de muito menos valor. A dura provação por que passou o poeta, teve ao menos a utilidade, para as lettras, de dispôr-lhe o espirito a emprehender um trabalho de vulto, qual foi dar-nos esse bello transumpto de um dos mais engenhosos, e maiores poetas da antiguidade. Pena é que a versão ficasse incompleta, porque nenhum poeta era tão proprio para verter Ovidio como Bocage, cujo engenho tinha suas parecenças com o d'aquelle.

Nos 8 annos que decorrêrão, desde a sua sahida dos carceres do Santo Officio até a época da sua morte, vivêo Bocage vida mais laboriosa e reportada, que a que levára até então. Tomou casa propria, e chamou para a sua companhia a sua irmã D. Maria Francisca, que não tinha outro arrimo, e á cuja subsistencia e á sua provêo, contratando com Frei Marianno da Conceição Velloso, director da Officina Calcographica, occupar-se, mediante a retribuição de 24\$000 rs. mensaes, em rever as provas das obras de instrucção, com ap-

plicação do resto do tempo ás versões de bons autores, e á composições originaes. Á este trato com aquelle sabio religioso, devemos as bellas traducções dos «Jardins de Delille,» das «Plantas de Castel,» do «Consortio das Flôres de Lacroix,» e do «Canto de Tripoli de Cardozo.» Tanto era isto mais para admirar em Bocage, que havia elle regeitado anteriormente de José de Seabra um logar de official da Bibliotheca Publica, achando insupportavel a sujeição do emprego. A quanto o não obrigava então a sua piedade fraternal, digna por certo dos maiores elogios em vida tão dissoluta.

O seguinte retrato moral de Bocage, traçado com mão de mestre pelo Sr. L. A. Rebello da Silva explica um tal procedimento: «Bocage (diz este Snr.) teve erros e defeitos; mas a raiz dos seus desvarios não estava no coração; nascia do venenoso applauso da turba anonyma, que o cegava com lisonjas, e o atrahia com prazeres. Erão sombras que lhe cabião de fóra, e que se desvanecião em algumas horas de conversação com a sua alma, envergonhada então do que a seduzira antes! Nelle o homem era bom, compassivo e crente; o poeta é que foi agreste, ciumento, propenso á ira; capaz de esquecer a gratidão em um gracejo elogiado; e eternamente escravo de dous vicios, fataes ao genio e á felicidade:—a sensibilidade extrema do orgulho exaltado; e o horror da quietação e da existencia commum.»

Neste periodo é que se dêo a sua encarniçada guer-

ra com José Agostinho de Macedo, á quem cobrio de indelevel ridiculo na famosa satyra que começa, «Satyras prestão, satyras se estimão.» Em 1802 foi de novo denunciado ao Santo Officio, como pedreiro livre, e o foi, por uma mulher, filha de um poetastro de má morte, a quem elle fustigára com o latego da satyra. Não foi porem encommoado desta vez, por que o tribunal poz pedra em cima da denuncia, ou por lhe não achar fundamento, ou por outro qualquer motivo.

Gasto pelos prazeres socios seus e seus tirannos, bem como pelo uso immoderado dos espiritos e do tabaco de fumo, e extenuado pelas vigílias do trabalho e de vida tão irregular, entrou o poeta a definhar, declarando-se a aneurisma, de que veio a fallecer, e que o prostrára antes no leito de dôr, donde não cessou de poetar nos intervalos, em que experimentava algum allivio, fazendo-o até meia hora antes de expirar.

Nunca a grande popularidade de que sempre gosou Bocage, se tornou mais evidente, que nos dias, que precedêrão a sua morte. A sua casa estava constantemente cheia de pessoas, que desejavão com anciedade saber noticias do enfermo, e procuravão illudir-se a si mesmas sobre o seu verdadeiro estado. Era uma continua procissão dos que ião e vinhão. Todos os poetas lhe consagravão versos, em que exaltavão o seu talento prestes a extinguir-se, e ainda os mais feridos por elle, todos o visitárão nos seus ultimos momentos. No dia em que expirou, foi o sentimento geral em Lisboa, que experimentou consternação tão profunda, como Paris quando perdêo Mirabeau.

Assim acabou na época justamente em que o seu talento extraordinario começava a amadurecer, e promettia os mais sasonados fructos, um dos maiores poetas de que se honra o parnaso portuguez, e poeta sem o menor esforço, pois o foi desde que começou a ter uso de razão até o momento em que expirou.

Compoz Bocage poesias lyricas de todo genero, pastoris, didaticas, e apenas fragmentos de tragedias que nunca completou. Alem das traducções, que ficão mencionadas fez mais a do poema de Rosset sobre a agricultura, a de varias peças de theatro, e muitas em prosa de novellas. Primou nos sonetos, em que não tem rival em nenhuma lingua, nas cantatas, idyllios, e traducções em que foi insigne. As suas peiores poesias são as composições hybridas chamadas elogios dramaticos; o seu maior defeito é a exageração, filha do seu orgulho.

Diversas são as edições das obras deste autor, mas é superior a todas por qualquer lado que se encare a que foi feita em Lisbôa no anno de 1853, em 6 volumes de 8º francez, pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva, enriquecida de notas do mesmo, e precedida de um bello estudo biographico pelo Sr. L. A. Rebello da Silva.

Tendo-vos dado succinta noticia da vida de Bocage, e de seu merito como poeta, passarei em outros discursos a apreciar algumas de suas melhores poesias. Por hoje aqui faço ponto.

## LICÇÃO I XVII.

Manoel Maria de Barbosa du Bocage, ou Elmano, que foi, como fica dito, um lyrico de primeira ordem, o foi positivamente nas cantatas, genero de composição em que domina o pathetico, á que muito se prestava o seu felicissimo engenho; mas não nas odes, em que não pode correr parellas, nem no arrojado e sublime com Francisco Manoel, nem no aprimorado do estylo com Garção, dos quaes, um é o maior lyrico portuguez, e o outro o mais perfeito. Ha comtudo algumas odes suas do genero anacreontico, que podem passar por bellas. Mas tendo de apreciar-o como poeta lyrico, fal-o-hei unicamente em suas melhores composições, porque são justamente aquellas de que se póde tirar mais proveitosa licção.

Das cantatas que compôz Bocage, e que não são aliás muitas, passão pelas melhores a de Medea, a de Ignez

de Castro, e a de Leandro e Hero. Destas escolherei a ultima para objecto de minha analyse, porque a reputo superior ás outras.

Antes porem releva observar aqui, que poucos são os poetas portuguezes, e brazileiros, que se teem applicado a este moderno genero de poesia lyrica, mas que os primeiros que o fizerão, todos o fizerão com felicidade, porque todos erão grandes engenhos. Assim a cantata de Dido por Garção, a de Pigmalião pelo P.<sup>o</sup> Antonio Pereira de Sousa Caldas, e esta de Leandro e Hero por Bocage, são todas admiraveis, e taes, que nada teem que invejar ás melhores compostas em outras linguas.

Outra observação que ainda cumpre fazer, mas só quanto ao ultimo poeta, é que um engenho tão favorecido da natureza, que primava como nenhum outro em composições lyricas, nas quaes os affectos representam o principal papel, parecia antes predestinado ao genero dramatico ou épico, que ao lyrico, si a morte o não tivesse arrebatado no vigor dos annos, ou quando promettia fructos mais sazoados. Mas a vida dissipada e irregular á que se entregou desde a mocidade, não só lhe tolhia dar longas horas ao estudo, paraprehender obras originaes de vulto, como o provão tantos fragmentos de tragédias começadas, que deixou, mas até lhe consumio a saude, e apressou a morte, quando delle ainda muito se esperava. A pouca cultura deste singular engenho é ainda attestada por uma circumstancia especial,—a linguagem empregada

nas suas poesias, a qual comquanto seja pura e de lei, não é todavia copiosa e variada, como a de Francisco Manoel, e a de Camões.

Assim as bellezas de forma em Bocage estão mais na perfeição metrica, em que não tem igual, e na apropriada expressão do sentimento, que na copia da dicção, e riqueza do colorido; ou o seu estylo é, para melhor dizer, mais dramatico, ou ainda épico, que lyrico.

Feitas estas breves considerações, passarei a ler-vos a cantata sobredita, para que ajuizeis do subido merito do poeta neste genero de composição, que tem sido quasi exclusivamente tratado em Portuguez por grandes mestres, dos quaes elle não desdiz, ou antes em cujo numero deve ser com razão incluído.

Eil-a:

De horrenda cerração c'roada a Noite  
 Surgira ha muito da ciméria gruta;  
 Tapando o longo Céu co'as azas longas  
 Reina em meio-Universo:  
 Occupão-lhe os degrãos do negro throno  
 A Tristeza, o Silencio,  
 O Medo, a Solidão, o Amor, e o Crime;  
 Vôão-lhe em roda lugubres phantasmas,  
 Aves sinistras pousão-lhe no gremio.  
 Eis manso e manso as nuvens se entumecem,  
 Eis o liquido pezo  
 Rompe os enormes, carregados bojos,  
 Em torrentes susurra, e cõe na terra.  
 Rebutão furacões, flammejão raios,

O estrondoso trovão no Céu rebrama,  
O Hellesponto nas rochas ferve, e ronca.

Tu, Abydeno amante,

Tu vélas neste horror, com a saudade.

Já corres insoffrido ás ermas praias,

Donde é teu uso arremessar-te ao pégo,

E, destro nadador, talhando as vagas,

Teus gostos demandar na opposta margem.

Ao longe em celsa torre, estancia chara

D'Hero, sol d's teus dias,

O brilhante signal, o amigo lume

(Que é no facho d'Amor por ella acezo)

Vês entre as sombras scintillar á espaços,

E como que te acena, e te suspira.

Debalde o mar bramindo, o céu troando

Teu impeto ameação:

Ardem-te n'alma os sofregos desejos;

Fulgurante illusão, dourando as trevas,

N'um quadro tentador te off'rece aos olhos

Glorias a furto, vívidos prazeres,

Doces mysterios, que da luz se temem.

A sagaz Esperança

Te reforça, te incíta,

Jura aplacar-te o ar, pòr freio ás ondas,

Dar-te aos suspiros da suave amada.

Attento á meiga voz que attrahe, que mente,

No montuoso pèlago te arrojas:

A' queda repentina altêa um grito

O Corvo grasnador na dextra parte,

E os Echos despertando ao som medonho,

Gemem nas brutas, cavernosas fragas.



O triste agouro te arripia as carnes,  
     Teus cabellos erriça;  
 Mas prevalece Amor, e, expulso o medo,  
 Fórcas a equorea, tumida braveza.  
 Metade já do transito afanoso  
 Industria e robustez vencido havião:  
 N'isto a procella horrisona recresce,  
 Tingem sombras do Inferno os véos da noite,  
 Que o subito relampago retalha:  
 Braveja o mar, aos astros se remontão  
 Serras, e serras de fervente espuma;  
 Carrancudos tufões arrebatados  
 Dobrando a força, a raiva, luctão, berrão,  
 E revolvem do pèlago as entranhas:  
 Rochedo immovel, afferrado á terra,  
 Rebate apenas o horroroso assalto...  
 Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas,  
 A destreza, o vigor, nas mãos, nas plantas  
 Já misero amador, já te fallecem.  
 Procuras o distante, o charo lume,  
 Astro benigno, que te influe, e guia,  
     Olhas, vês que te falta,  
 Que desapparecêo, que jaz extincto:  
     Suspiras, esmoreces,  
 Da tua doce luz desamparado.  
 Invocas o gran Deus, que rege os mares;  
 De teus rogos não cura immoto, e surdo.  
 Invocas de Nerêo potente as filhas;  
 Ellas ardem por ti; mas, invejosas  
 Do objecto encantador, que lhes preferes,  
 Ás maritimas furias te abandonão.

Hero invocas, e Amor, e os Céos, e a Sorte:

A Sorte é implacavel,

Dos males, que dispõe, não se arrepende,

Teus dias signalou de um termo infausto.

Debalde te auxilia o Deus mimoso,

O alado Creador de teus suspiros,

Dos amorosos bens, que desfructaste;

O facho luminoso em vão menêa

Para encurtar-te as sombras,

E mais facil tornar a undosa estrada;

Em vão co'as azas brandas

Tenta arrazar os orgulhosos mares.

Sobre altos escarcéos o Fado escuro

Folga, triumphá, e reina.

Punge, ameaça, desespêra os ventos,

Enrôla a morte nas horrendas vagas.

Ella, prompta a seu mando, ella accommette

O deploravel moço:

Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,

O tardo movimento eis lhe sopêa,

Pelas aguas o embebe, e d'Hero o nome

Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.

Abaixo, acima, co'as cavadas ondas

Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...

Ai! Já sem vida aqui, e alli vaguêa

Á discripção do mar, e o mar com elle

De Sésto ás praias subito arremette:

Dá contra a torre d'Hero, alli rebenta,

E deixa o triste côrpo á margem nua.

Tu entretanto, carinhosa amante,

Que fazias (oh Céos!) que imaginavas?

Solitaria, anhelando,  
 Nas trevas espantosas,  
 Nos soltoŝ ventos, alterosos mares,  
 Lias de feio azar presagios feios.  
 Em torno á viva luz, que vigiavas,  
 (Que em raro véo com arte envolto havias,  
 Resguardando-a dos ares indignados)  
 Em torno á viva luz eis de improviso  
 Negro insecto voou, zunio tres vezes,  
 E á terceira apagon a experta chamma:  
 (Foi no ponto funesto em que o mancebo  
 Com teu nome adoçou o extremo arranco!)  
 Do repentino assombro espavorida,

Attonita, convulsa

O agourado clarão não renovaste.  
 Em ancias implorando os deuses todos,  
 E mais que todos o que em ti reinava,  
 A bem do affouto, desvelado amante,  
 Ao numen indulgente, á mãe piedosa  
 Mil incensos, mil victimas votaste.  
 Depois, cevando a revoltosa idéa

Em terriveis imagens,

Ora do moço audaz o ousado arrojo  
 Reprovavas contigo,  
 Ora a céga imprudencia maldizias,  
 Com que em tão desabrida, horrivel noite  
 A perigosa senha aventuraras...  
 Ah triste! Contra ti não te conjures;  
 Foi lei dos fados a imprudencia tua.

Hero desanimada

Mettida em profundissimo lethargo,

Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta  
 A purpurea manhã no Céu já lèdo.  
     Farto o cruel Destino,  
     Adelgaçára aos ares,  
 Ao pégo a mansidão restituira  
 Depois que a terna victima saudosa  
 Foi suffocada nas voragens feras.  
 Elle, o duro oppressor dos desditosos,  
 Elle do almo prazer, que os dois gozárão,  
 Está vingado em parte, e da vingança  
 Á desesperação commette o resto.  
 Hero, ah Hero infeliz! Tu pelas aguas  
 Humida vista suspirando alongas.  
 Não vês o nadador por quem desmaias,  
     O teu bem não fluctúa  
     Pelas ondas desertas:  
 Eis a consternação te inclina os olhos  
     Á pedregosa arêa  
 Onde o desventurado está sem alma.  
 Que vista!... Que terror!... As alvas carnes  
 Rotas nas rochas pelo embate undoso,  
 Inda gotejão sangue; aberta a bocca  
 Parece que inda quer, que inda procura  
 Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome!  
     No espectaculo horrendo  
     Misera, tu reparas;  
 Tu... (Céos, não lhe acudis!...) tu reconheces  
 O querido semblante, o corpo amado,  
 Entre as sombras da morte inda formoso:  
     Com pallidez, que a pinta,  
 Gritas, arquejas, desesperas, fremes,

Deitas as mãos de neve ás tranças d'ouro,  
 E as tranças d'ouro, delirando, arrancas.  
 Levada enfim de um impeto raivoso  
 Te arremessas da torre, e dás, e entregas  
 O teu ai derradeiro ao mudo amante.

Lá jazem sobre a arêa luctuosa

As victimas do Fado:

Nas angustias mortaes a linda moça  
 Inda, estendendo os amorosos braços,  
 Tenta apertar o suspirado objecto.  
 Apiedados delphins nas ondas surgem,  
 E altos sons (oh prodigio!) derramando,  
 Lamentão junto á praia o duro caso:  
 As mesmas nymphas invejosas d'Hero  
 Solução de pesar nos vitreos lares.  
 Um marmoreo padrão se erige em breve;  
 Compadecidas mãos a historia triste  
 Gravão na lisa pedra; a pedra existe:  
 Mas o monstro voraz, que róe penedos,  
 Comendo em parte a funebre escriptura,  
 Só deixa soletrar-lhe  
 O remate piedoso,  
 Em meus piedosos versos trasladado,  
 Carpido ao som da lyra:  
 Inda agora de ouvil-o Amor suspira.

---

Aos dous amantes  
 De'Abydo e Sésto  
 Ardor funesto

Dèo negro fim.

Forão-lhe algozes

Qs seus extremos;

Mortaes amemos,

Mas não assim.

Da bella poesia que vos li, reproduzir-vos-hei a seguinte admiravel passagem, em que Leandro, assoberbado pelas vagas em furor, lucta com as ancias da morte:—

Ah Leandro infeliz ! Tu já fraquêas,

A destreza, o vigor, nas mãos nas plantas

Já, misero amador, já te fallecem.

Procuras o distante, o charo lume,

Astro benigno, que te inflúe e guia,

Olhas, vês que te falta,

Que desapparecêo, que jaz extincto:

Suspiras, esmoreces

Da tua doce luz desamparado.

Invocas o gran Deus, que rege os mares;

De teus rogos não cura immoto, e surdo.

Invocas de Nereo potente as filhas;

Ellas ardem por ti, mas invejosas

Do objecto encantador que lhe preferes,

Ás maritimas ondas te abandonão.

.....  
Sobre altos escarcêos o Fado escuro

Folga, triumphá e reina,

Punge, ameaça, desespêra os ventos,

Enrola a morte nas horrendas vagas.

Ella prompta a seu mando, ella accommette

O deploravel moço:

Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,

O tardo movimento eis lhe sopêa,

Pelas aguas o imbebe, e de Hero o nome

Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.

Abaixo, acima, co'as cavadas ondas

Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...

É bella, compungidôra e toda cheia de verdade, essa pintura, em que se vê o infeliz Leandro, luctando já desfallecido com as ondas erguidas em serra, procurando em vão com a vista o lume da torre de Hero, que lhe serve de phanal na tenebrosa noite, esmorecendo com o desaparecimento desse Santelmo, e, perdidas as forças e o alento, proferindo ainda o amado nome no ultimo ai, que lhe arranca a morte. Os esforços, a ancia, e o esmorecimento do mancebo em tal situação são admiravelmente descriptos nos seguintes versos, cheios da energia do desespero: «Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas, A destreza, o vigor, nas mãos nas plantas, Já, misero amador, já te fallecem. Procuras o distante, o charo lume... Olhas, vês que te falta... Suspiras, esmoreces Da tua doce luz desamparado» O desastrado fim do mancebo exhalando o ultimo suspiro no meio das vagas não pode ser mais poeticamente pintado, que nest'outros, em que a morte é personificada, «Eis dos olhos gentis lhe enturva o lume, O tardo movimento eis lhe sopêa, Pelas vagas o embebe, e de Hero o nome Do ancioso coração n'um

ai lhe arranca.» São da mais bella poesia imitativa os dois ultimos versos, que o pintão rolando a som das vagas, ou já cadaver, ou prestes a sê-lo: «Abaixo, acima, co'as cavadas ondas, Vai, vem mil vezes, o infeliz mancebo . . .» Ha alem disso neste trecho outros igualmente onomatopicos, como aquelles: «Punge, ameaça, desespera os ventos, Enrola a morte nas horrendas vagas.» As imagens tambem nelle contribuem para dar relevo á pintura, que nada deixa a desejar, por qualquer lado que se encare.

É admiravel tudo quanto o poeta põe na bocca de Hero que entre sustos e sobresaltos espera pelo amante, que se anima a atravessar o Hellesponto em noite tão tempestuosa, que tarda, e afinal não chega; mas sendo a passagem um pouco extensa sô reproduzirei della a ultima parte, que contem a narração da catastrophe, á que nenhuma se iguala:

«Hero, oh Hero infeliz! Tu pelas aguas  
Humida vista suspirando alongas.

Não vés o nadador por quem desmaias,

O teu bem não fluctúa

Pelas ondas desertas:

Eis a consternação te inclina os olhos

Á pedregosa arêa

Onde o desventurado está sem alma.

Que vista! . . . Que horror! . . . As alvas carnes

Rotas nas rochas pelo embate undoso,

Inda gotejão sangue; aberta a bocca

Parece que inda quer, que inda procura



Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome!  
 No espectáculo horrendo  
 Misera, tu reparas;  
 Tu, . . . (Céos não lhe acudis!) tu reconheces  
 O querido semblante, o corpo amado  
 Entre as sombras da morte inda formoso:  
 Com pallidez, que a pinta,  
 Gritas, arquejas, desesperas, fremes,  
 Deitas as mãos de neve ás tranças de ouro,  
 E as tranças d'ouro delirando arrancas.  
 Levada emfim de um ímpeto raivoso  
 Te arremessas da torre, e dás, e entregas  
 O teu ai derradeiro ao mudo amante.  
 Lá jazem sobre arêa luctuosa  
 As victimas do Fado:  
 Nas angustias mortaes a linda moça  
 Inda, estendendo os amorosos braços,  
 Tenta apertar o suspirado objecto.

Aqui é levado ao seu auge o pathetico, em cuja expressão ninguém excede a Bocage, que havia sido tallhado para um grande poeta tragico, como o provão estes e outros logares de suas poesias. Todo este trecho é bellissimo, porque nelle a poesia imaginosa anda á par da sentimental, aproximação que só os grandes mestres sabem fazer. Vêde como são admiraveis os seguintes versos, que reúnem em si tudo quanto ha de apaixonado e poetico, «Que vista! . . . Que terror! . . . As alvas carnes Rotas nas rochas pelo embate undoso Inda gotejão sangue; aberta a bocca Parece que inda

quer, que inda procura Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome ! » Parece que isto não pode ser excedido; entre tanto, si o não são mais, são pelo menos tão bellos como os primeiros est'outros versos, que tanto fallão ao coração como aos olhos, «Tu... (Ceos não lhe acudis!) tu reconheces O querido semblante, o corpo amado Entre as sombras da morte inda formoso... Te arremessas da torre, e dás, e entregas, O teu ai derradeiro ao mudo amante.» Mas a todos sobrelevão em belleza os tres ultimos, em que a delicadesa das imagens parece disputar a primazia á vehemencia da paixão, «Nas angustias mortaes a linda moça Inda, estendendo os amorosos braços Tenta apertar o suspirado objecto.» Ha ainda outros soberbos pelas imagens como este: «Deitas as mãos de neve ás tranças de ouro.» Esta é de certo uma das pinturas mais animadas, poeticas, e primorosas, que jamais se fez em caso analogo, porque nella tudo é pathetico, ou antes divino, que é o nome que melhor lhe quadra; e tanto que ao lê-la não haverá entendedor que deixe de exclamar extasiado: ah Bocage nascêste poeta!

De todas quantas existem em lingua portugueza esta bellissima cantata, de que vos apresento dois quadros, é sem duvida a que causa impressão mais real e profunda; pois si cede em primor de colorido á tão gabada de Garção, leva-lhe certamente vantagem na admiravel expressão do pathetico, que nos commove e arrebatá. Em poesia tão bella ha com tudo a notar o vago das entidades Fado e Sorte, de que o poeta faz

tamanho uso, ou antes abuso em suas composições. São leves maculas, que lhe não empanão o brilho, e que o autor faria pela ventura desaparecer na maturidade do seu engenho, si visse mais tempo, e estudasse mais.

Tendo apreciado a Bocage como poeta lyrico propriamente dito, passarei em outro discurso a avaliá-lo como poeta bucolico ou pastoril. Por hoje aqui termino.



## LICÇÃO LXVIII.

Bocage, senhores, é um bello genio fadado pelas Musas, e inspirado pelas Graças, quando na delicada expressão do sentimento em que ninguem o excede, se eleva á verdadeira altura do singular talento, com que a natureza o dotou para o pathetico, como vistes na cantata de «Leandro e Hero, que analysei na precedente sessão; e vereis no Idyllio «a Saudade Materna», que me proponho apreciar hoje, por ser uma de suas melhores producções neste genero, em que elle não primou menos, que no lyrico sentimental das cantatas.

O Idyllio é uma poesia do genero pastoril, que admite muito mais liberdade, que a écloga, no que respeita á delicadeza e elevação do estylo, porque nella ou falla de ordinario o poeta, ou não poucas vezes algum personagem de condição mais nobre, que o commum dos pastores e pescadores, como se observa no

intitulado «Tritão» do nosso autor, o qual começa por estes admiraveis versos, que não posso deixar de citar-vos:—

A' foz do Tejo em bronca penedia  
 Min.da pelas ondas salitrosas,  
 Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.  
 Luzião-lhe as espadas escamosas,  
 Sustentava o marítimo instrumento,  
 O busio atroador nas mãos callosas:  
 Conchas da côr do liquido elemento  
 Parte do corpo enorme lhe vestião,  
 Igual na ligeireza ao proprio vento:  
 Das barbas salsas gotas lhe cahião,  
 E nos olhos, que amor afogueava,  
 Em borbotões as lagrimas fervião.

N'um genero de composição que dá largas ao jogo dos affectos, ou ao pathetico, já se deixa ver quanto não devia sobresahir o nosso poeta, cujo delicado e extraordinario engenho propendia mais, como dissemos, para o dramatico, ou para o épico, que para o lyrico propriamente dito, em que lhe são superiores não só Francisco Manoel, mas Garção e Diniz. Assim é elle o primeiro poeta portuguez neste genero de poesia pastoril, porque nada ha na nossa lingua que seja comparavel em belleza aos seus Idyllios «Tritão» e a «Saudade Materna», que são verdadeiras obras primas.

Quita a quem Garrett dá a preferencia sobre todos os

bucolicos portuguezes, tem seguramente poesias pastoris lindas por sua singela graça e amenidade, mas si se fizer a justa distincção entre éclogas e idyllios, não pode de certo correr parelhas nos vãos sentimentaes com Bocage, porque era engenho muito inferior a este. Assim por mais graciosos que sejam alguns de seus idyllios, não são para comparar em merito ao Tritão e á Saudade Materma, que contem bellezas de outra ordem, aliás não estranhas ao genero, attentas as personagens que ahí figurão. O genio não tem genero proprio; torna por sua superioridade seu o que adopta, como praticou Camões, e antes delle Virgilio. Quantas vezes não levarão estes o estylo na propria écloga, conforme o assumpto e as personagens?

Das duas composições mencionadas escolhi para objecto de minha analyse a segunda, porque sendo composta já durante a enfermidade, de que fallecêo o poeta, a melancholia de que se acha toda repassada, dá um novo realce aos divinos versos, em que foi escripta, imprimindo-lhes o caracter do ultimo canto do Cysne. Passarei agora a lêr-vol-a, para que faças ajustada idéa dos subidos quilates de um tão singular engenho:—

Não longe da louçã, da flórea margem,  
 Por onde ameno se espreguiça o Tejo,  
 E abrilhanta os cristaes em sóes estivos;  
 Dos jardins Ulysseus não mui distante  
 (Qual d'elysios vergeis visinho o Averno)

Sítio jáz, que parece em negras sombras  
Sumir-se á natureza, ou não ser d'ella!

Alli jamás os lépidos Prazeres  
(Meigos socios d'Amor, quando é ditoso)  
Ousárão d'exercer mimosos brincos:  
Oh mirthos! Oh rosaes! Oh Paphios bosques!  
Alli não floreceis, alli não vôão  
Perfumes vossos a encontrar o olfato:  
Nem teus quebros por lá, nem teus gorgeios,  
Cantor da Primavera, e dos Amores,  
Gerão ternura, melodia exhalão.

Ao medonho logar negreja em roda  
Selva d'esguios, funeraes cyprestes,  
Que a profunda raiz no chão da morte  
(Fieis ás cinzas) espontaneos ferrão.  
Em circulo forrando o escuro alvergue  
Da Tristeza, e do Horror, sustém na rama  
Aves de pranto, de pavôr, de agouro,  
Que o dia aborrecendo, amando a noite,  
Vivem nas trevas, e nas trevas morrem.  
Que sítio para a dôr, para o queixume  
D'aquelles, a que a vida é pezo, é jugo!

Alli carpindo, suspirando, errante,  
Sosinha, ao desamparo, a triste Analia  
De olhos fitos nos céos, aos céos pedia  
Em lagrimas, em ais vãmente anciosa,  
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.

«Nunes, que a possuis, que m'a invejastes,  
Era digna de vós, eu d'ella indigna!»  
(Soluçando a miserrima exclamava)  
«Mas valhão prantos meus o que eu não valho:



Oh Fado! Oh céo! Restitui clementes  
 A suspirada filha á mãe saudosa.  
 Os genios divinaes, que em vós adejão  
 (Candida imagem da innocencia d'ella)  
 Travem d'alma gentil, que entre elles brilha,  
 Sobre as plumas de neve ao mundo a tornem;  
 E com ella, e comsigo á morte as sombras,  
 Aos sepulchros o medo esmaltem, dourem:  
 No despojo mortal formoso, e claro,  
 Soltando almo calor, bafejo ethereo,  
 Acoídem graças, insinuem vida!  
 Não careces, oh céo, de seus encantos,  
 E dos encantos seus carece o mundo:  
 Por ella a triste mãe não só prantêa,  
 Por ella está carpindo a Natureza,  
 Que o dia ornava c'os sorrisos d'ella!  
 Os campos da existencia, em cujo seio  
 Foi momentanea flôr, na ausencia murchão  
 Da linda producção, que os enfeitava!  
 Espinhos lhe deixaes, levais-lhe as flores!  
 Oh Fado! Oh céo! Restitui clementes  
 Ao saudoso universo, á mãe saudosa  
 As delicias de amor, de amor sagrado.  
 Mais um milagre vos mereção prantos:  
 Si lagrimas de sangue obtel-o podem,  
 Por lagrimas de sangue o quero, oh numes!  
 No coração materno extremos fervem,  
 Capazes d'isto (oh ceos!) de mais, de tudo...  
 Mas ai triste! Eu deliro... Ai triste! Eu sonho...  
 Da morte a férrea lei não se derroga;  
 Nas paginas fataes é tudo eterno!

O que se escreve alli jamáis se risca!  
 Mãe, chorosa, infeliz, sem fructo gemes,  
 Pênas sem fructo, em lagrimas te mirras,  
 Em ais te esfaldas, e o destino é surdo!  
 Pezada escuridão me enlute a vida,  
 (Vida tão negra, que arremede a morte)  
 Noites, bem noites os meus dias sejam,  
 Em quanto eternos sóes lá são teus dias,  
 De um puro, e doce amor, oh doce prenda,  
 Espirito sereno, alma querida,  
 Que no mundo em ti mesma o céu gosavas!  
 Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,  
 Como a viuva solitaria rôla,  
 Em sons carpidos apiedando as selvas!  
 Não roce os labios meus nem mais um riso;  
 Meu terno coração ralai, saudades! . . . »

Aqui desprende um ai, que aos astros vôa;  
 Em subito desmaio os olhos cerra,  
 (Os olhos, a que Amor victorias deve)  
 E cae sem voz, sem côr, sem luz, sem alma.

Em torno a terra lhe gemêo piedosa,  
 As plantas sepulchraes com dôr vergarão,  
 E vós, aves do luto, aves da morte  
 Em menos agro som, porém mais triste,  
 Como que as leis embrandecer tentastes,  
 As leis terriveis, de inviolavel firma!

Tudo penou, tremêo, fez tudo extremos  
 No mal de Analia . . . E que faria Elmano,  
 Ouvindo á voz da Fama o caso acerbo?

Sagrou com debil mão no leito infausto  
 Á cinza amada lutosos versos;  
 E quasi revivêo para choral-a.

Da bella poesia que acabei de ler-vos, citar-vos-hei logo o começo que é admiravel:—

Não longe da louçã, da florea margem,  
 Por onde ameno se espreguiça o Tejo,  
 E abrilhanta os cristaes em sóes estivos;  
 Dos jardins Ulysseus não mui distante  
 (Qual de elysios vergeis visinho o Averno)  
 Sitio jaz, que parece em negras sombras  
 Sumir-se á natureza, ou não ser della!

Alli jamais os lepidos prazeres  
 (Meigos socios de Amor quando é ditoso)  
 Ousárão de exercer mimosos brincos:  
 Oh myrtos! oh rosaes! oh paphios bosques!  
 Alli não floreceis, alli não vôão  
 Perfumes vossos a encantar o olfato:  
 Nem teus quebros por lá, nem teus gorgeios,  
 Cantor da Primavera, e dos Amores,  
 Gerão ternura, melodia exhalão.

Neste soberbo trecho é digno de notar-se primeiro o artificio, com que o poeta desejando descrever um sitio medonho, apresenta-lhe em contraposição os lugares mais apraziveis e risonhos, afim de tornal-o ainda mais horroroso pelo contraste, o que é só proprio dos grandes mestres; depois a bella prosopopéa, e a riqueza de imagens dos seguintes versos: «Não longe da louçã, da florea margem, Por onde ameno se espreguiça o Tejo, E abrilhanta os cristaes em sóes estivos;» por fim a suavidade, e a graça sem igual dos

tres ultimos, que terminão por metaphoras as mais felizes e poeticas: «Nem teus quebros por lá, nem teus gorgeios, Cantor da Primavera e dos Amores, Gerão ternura, melodia exhalão.» Tão bello em summa é tudo quanto se nota neste trecho, cujos outros versos em nada desdizem dos seis mencionados, que só é possível exprimir o que se sente ao lê-lo com a exclamação, que logo occorre: Que divinal poesia!

Reproduzír-vos-hei agora o começo da eloquente supplica em que a mãe delirante pede aos Ceos a filha extincta, que é mui bello:—

Nunes, que a possuis, que m'a invejastes,  
 Era digna de vós, eu della indigna!  
 (Soluçando a miserrima exclamava)  
 Mas valhão prantos meus o que eu não valho:  
 Oh Fado! Oh Ceo! Restitui clementes  
 A suspirada filha á mãe saudosa.  
 Os genios divinaes, que em vós adejão  
 (Candida imagem da innocencia della)  
 Travem d'alma gentil, que entre elles brilha,  
 Sobre as plumas de neve ao Mundo a tornem;  
 E com ella, e comsigo á morte as sombras,  
 Aos sepulchros o medo esmaltem, dourem:  
 No despojo mortal formoso, e charo,  
 Soltando almo calor, bafejo ethereo,  
 Acordem graças, insinuem vida!

Nunca o pathetico levado ao supremo grão se exprimio na lingua portugueza em versos tão lindos e

plangentes, como nessa admiravel supplica, que reúne em si tudo quanto a dôr maternal tem de mais eloquente e sublime. O delirio da infeliz mãe, que presume poder obter do Ceo com lagrimas a vida da filha extincta em flôr, não pode ser nem mais bem figurado, nem mais poeticamente descripto, pois só a grande dôr moral chega a levar ao extremo, ou antes ao sublime de um tal devaneio. Ninguem como Bocage sabia lançar flores sobre um tumulo, principalmente quando o fazia já quasi das bordas do seu! Como são divinos, que outro nome lhes não quadra, quer no conceito, quer na expressão, quer na harmonia os seguintes inimitaveis versos: «Os Genios divinaes, que em vós adejão, Candida imagem da innocencia della, Travem d'Alma gentil, que entre elles brilha, Sobre as plumas de neve ao Mundo a tornem, E com ella e consigo á Morte as sombras, Aos sepulchros o medo esmaltem, dourem: No despojo mortal formoso e charo, Soltando almo calor, bafêjo ethereo, Acordem graças, insinuem vida!» Este ultimo verso não é menos bello que o ultimo do primeiro trecho, «Gerão ternura, melodia exhalão.» Versos como esses, que exprimem o primor e o beijo do que é mais delicado no sensitivo, só Bocage os sabia fazer, porque a sua Musa, quando geme em tom elegiaco ou tragico não tem rival entre as Musas Portuguezas.

Eis o final da admiravel supplica, que em nada desdiz do começo:—

Pesada escuridão me enlute a vida,  
 (Vida tão negra, que arremede a morte)  
 Noites, bem noites os meus dias sejam,  
 Em quanto eternos sóes lá são teus dias,  
 De um puro, e doce amor, oh doce prenda,  
 Espirito sereno, alma querida,  
 Que no mundo em ti mesma o Ceo gosavas!  
 Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,  
 Como a viuva solitaria rola,  
 Em sons carpidos apiedando as selvas!  
 Não roce os labios meus nem mais um riso;  
 Meu terno coração rolai, saudades!...

Neste bellissimo trecho, rico de imagens poeticas, que dão muito relêvo ao estylo, como as que revêem nos seguintes versos, «Pesada escuridão me enlute a vida, Noites, bem noites os meus dias sejam, Em quanto eternos sóes lá são teus dias,» ha sobretudo a notar a lindissima comparação, a que nenhuma se iguala no mavioso, «Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo, Como a viuva solitaria rôla, Em sons carpidos apiedando as selvas!» bem como a felicissima metaphora, que tanto faz realçar este admiravel verso, «Não roce os labios teus nem mais um riso,» Versos iguaes a esses e outros, que ficão notados, não se encontrão em poesia alguma analoga. Tão lindos, ou antes tão divinos são elles!

Assim como Francisco Manoel é o primeiro dos modernos poetas portuguezes em exprimir o sublime que respeita à elevação do pensamento, assim Bo-

cage o é em exprimir o que resulta da paixão levada ao seu ultimo apuro. O quadro sentimental traçado neste idyllio é de belleza incomparavel, e a irresistivel força do pathetico que nelle se nota, faz justamente lamentar a prematura morte do autor, que tanto podia sobresahir no genero dramatico, se continuasse a viver. Si Bocage chegasse a levar ao cabo algumas de suas começadas tragedias, ou si tivesse constancia em persistir no que emprehendia, seria de certo o maior tragico da lingua portugueza.

Esta admiravel poesia que parece exhalar um divino perfume, presago da eterna gloria, e pode ser reputada o ultimo, e o mais melodioso canto do Cysne moribundo, termina pelos seguintes versos, que pintão bem qual era o triste estado do enfermo, quando a compoz no seu leito de dôr, tendo já diante dos olhos o seu proximo fim, ou pallido já com a morte futura e eminente, como diz Virgilio:—

Tudo penou, tremêo, fez tudo extremos  
No mal de Analia. . . E que faria Elmano,  
Ouvindo á voz da Fama o caso acerbo?

Sagrou com debil mão no leito infausto  
A' cinza amada lutosos versos;  
E quasi revivêo para choral-a.

Em outro discurso apreciarei este grande poeta nos sonetos, em que não teve igual, e por transição quasi insensivel no genero satyrico.

Por hoje aqui faço ponto.





## LICÇÃO LXIX.

Tendo apreciado a Manoel Maria de Barbosa du Bocage como poeta lyrico nas cantatas, e como poeta pastoril nos idyllios, genero em que primou, resta-me agora, Senhores, apreciar-o como poeta erotico e satyrico, nos seus admiraveis sonetos, que comprehendem para bem dizer todos os generos, e muitos dos quaes são devidos ao seu singular talento de repentista, em que foi talvez superior aos improvisadores italianos os mais celebres. A facilidade que tinha o poeta em fazer versos extemporaneos, era tal, que podia passar por um verdadeiro prodigio, pois levava horas e horas a improvisar sem que nunca lhe falhasse, ou parecesse esgotada; mas não contribuiu ella pouco para a exaggeração que se nota no seu estylo, porque as idéas não acodião á mente do repentista na mesma proporção, que as phrases poeticas, e os versos já tornea-

dos. Dahi vem acharem-se tantas vezes nelles repetidos, *Fado, Sorte, Céos, Mundos, Sôes, Orbes, Eternidades, Esphas, Furias, Górgonas, Lémures etc;* o que o torna por vezes até inintelligivel.

Depois que Sá de Miranda introduzio em Portugal o soneto, que tomou dos Italianos, como em outro lugar vos disse, ainda nenhum poeta portuguez sobresahio nelle como Bocage, que parece haver sido talhado de molde para fazel-o sem senão. Sá de Miranda, poeta mediocre, e sem gosto, tem apenas o merito de introductor sem outro neste genero, em que pouco aliás deixou. Ferreira, seu discipulo, e contemporaneo, tem alguns sonetos bons, mas em pequeno numero. Camões, genio incomparavel á todos os respeitos, e contemporaneo de Ferreira, é dos antigos poetas portuguezes o verdadeiro rival de Petrarca no soneto, e muitos tem superiores aos do seu modelo. Nem Garção, nem Diniz, nem Francisco Manoel, conseguirão depois igualar á Camões nos sonetos, com quanto tenham alguns bons, e até optimos. Veio porem Bocage, e excedêo neste genero, em que pode se dizer que não tem rival em lingua viva, não só aos Italianos, mas ao proprio principe dos poetas portuguezes, que nelle até'hi não tinha ainda sido igualado pelos seus!

Tal foi o grão de perfeição a que Bocage levou este genero de poesia, que difficilimo é poder ser hoje attingido. O certo é que depois d'elle, tanto os poetas portuguezes, como os brazileiros, o tem como tacita-

mente abandonado, ou fosse porque desesperassem de poder chegar a tanto primor, ou fosse porque os espiritos tomassem nova direcção com as imitações de Bayron, Garrett, Lamartine e Victor Hugo, ou com aquillo a que se chama poesia romantica. Assim é elle ainda hoje o primeiro poeta da lingua portugueza no soneto, e o será provavelmente por muito tempo, até que volte o gosto para esta especie de poesia, e appareção engenhos superiores ao seu, o que será raro.

O soneto nas mãos deste poeta toma todos os tons por mais variados que sejam; é todo doçura e graças ineffaveis, quando canta os amores; todo queixumes suavissimos e perfumes ethereos, quando chora alguma beldade extincta; cheio de eternas verdades e idéas magnificas, quando celebra a Divindade; grandiloquo e altisonante, quando exalta os heróes; mordaz e picante em extremo, quando vitupera alguém: ora tem o privilegio de lyra, ora de harpa eolia, ora de orgão, ora de tuba, ora de setta hervada: é um instrumento sempre perfeito, uma arma às vezes mortifera. Muitos forão os que elle compoz, eroticos, elegiacos, sublimes, heroicos, satyricos, e ainda de outros generos, quasi todos admiraveis, e muitos delles de inimitavel perfeição. Entre tantos sonetos bons difficil é certamente a escolha; por isso passarei a lêr-vos somente alguns dos melhores, tomando delles um de cada genero, que me pareça optimo, para objecto de minha analyse. Eis-os:—

Si é doce no recente, ameno estio

Vêr tocar-se a manhã d'ethereas flôres,  
 E lambendo as arêas, e os verdores,  
 Molle e queixoso deslizar-se o rio:

Si é doce no innocente desafio  
 Ouvirem-se os volateis amadores,  
 Seus versos modulando e seus ardores  
 D'entre os aromas de pomar sombrio.

Si é doce mares, céos ver anilados  
 Pela quadra gentil, de Amor querida,  
 Que experta os corações, florêa os prados:

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,  
 Dar-me em teus brandos olhos desmaiados  
 Morte, morte de amor, melhor que a vida.

—

Importuna Razão, não me persigas;  
 Cesse a rispida voz que em vão murmura:  
 Si a lei de Amor, si a força da ternura  
 Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Si accusas os mortaes, e os não abrigas,  
 Si (conhecendo o mal) não dás a cura,  
 Deixa-me apreciar minha loucura,  
 Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projecto encher de pejo  
 Esta alma, fragil victima d'aquella  
 Que, injusta e varia, n'outros laços vejo:

Queres que fuja de Marilia bella,  
 Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo  
 É carpir, delirar, morrer por ella.

—

Grato silencio, trêmulo arvoredo  
 Sombra propicia aos crimes, e aos amôres,  
 Hoje serei feliz! Longe, temores,  
 Longe, phantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo  
 Entre os braços de Nize, entre estas flôres,  
 Furtivas glorias, tacitos favores  
 Heide emfim possuir; porem segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes  
 Não leveis, não façais isto patente,  
 Que nem quero que o saiba o pai dos numes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,  
 Porque si elle o souber, terá ciumes,  
 Vibrará contra mim seu raio ardente.

Vai-te, fêra cruel, vai-te inimiga,  
 Horror do mundo, escandalo da gente,  
 Que um ferreo peito, uma alma que não sente,  
 Não merece a paixão me affadiga:

O céo te falte, a terra te persiga,  
 Negras furias o inferno te apresente,  
 E da baça tristeza o voraz dente  
 Morda o vil coração, que Amor não liga:

Disfarçados, mortiferos venenos  
 Entre licôr suave em aurea taça  
 Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,  
 Que ainda por mais leves, mais pequenos,  
 Os meus tormentos invejar te faça.

De homens e nunes suspirado encanto,  
 Lilia innocente como Virgem rosa,  
 Lilia mais branda, Lilia mais formosa,  
 Que a Nympha ethérea, de puniceo manto:

Eu e os Amores, que perdêrão tanto,  
 Damos-te ás cinzas oblação mimosa;  
 Curva goteje minha Dôr saudosa  
 Na molle off'renda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado perennal retiro,  
 Disponho ao som de languidas querélas,  
 A rosa, o cravo, a túlipa, o suspiro:

Medrai no chão de Amor, florinhas bellas....  
 Ah! Lilia, eu goso o céo!... Lilia, eu respiro  
 Tua alma pura na fragancia dellas!

—

Ao crébo som do lugubre instrumento  
 Com tardo pé caminha o delinquente;  
 Um Deus consolador, um Deus clemente,  
 Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento:

Duro nó pelas mãos do algoz cruento  
 Estreitar-se no cóllo o réo já sente;  
 Multiplicada a morte, ancêa a mente,  
 Bate horror sobre horror no pensamento:

Olhos e ais dirigindo á Divindade,  
 Sóbe, envolto nas sombras da tristeza,  
 Ao termo expiador da iniquidade:

Das leis se cumpre a salutar dureza;  
 Sáe a alma d'entre o véo da humanidade;  
 Folga a justiça, e geme a Natureza.

—

Os milhões de aureos astros coruscantes,  
 Que estão d'azul abobeda pendendo;  
 O sol, e a que illumina o throno horrendo  
 Dessa, que anima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,  
 Serras de espuma contra os céos erguendo,  
 A leda fonte humilde o chão lambendo,  
 Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a próvida formiga,  
 A rama chocalheira, o tronco mudo,  
 Tudo que ha Deus a confessar me obriga:

E para crer n'um braço, autor de tudo,  
 Que recompensa os bons, que os máos castiga  
 Não só da fé, mas da razão me ajudo.

Oh tu, que tens no seio a eternidade,  
 E em cujo resplendor o sol se acende,  
 Grande, immutavel ser, de quem depende  
 A harmonia da etherea imensidade!

Amigo, e bemfeitor da humanidade,  
 Da mesma que te nega, e que te offende,  
 Manda ao meu coração, que a dôr se rende;  
 Manda o reforço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza  
 Em mim com vozes languidas te implora,  
 Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora;  
 Sabes que, de alta fé minha alma acceza,  
 Té nas angustias o teu braço adora.

Magro, de olhos azues, carão moreno,  
 Bem servido de pés, meão na altura,  
 Triste de facha, o mesmo de figura,  
 Nariz alto no meio, e não pequeno:

Incapaz de assistir n'um só terreno,  
 Mais propenso ao furor do que á ternura;  
 Bebendo em niveas mãos por taça escura  
 De zelos infernaes lethal veneno:

Devoto incensador de mil deidades  
 (Digo, de moças mil) n'um só momento,  
 E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;  
 Sairão d'elle mesmo estas verdades  
 N'um dia em que se achou mais pachorrento.

Cára de réo, com fumos de juiz,  
 Figura de presepe, ou de entremez,  
 Mal haja quem te soffre, e quem te fez,  
 Já que mordeste as decimas que fiz:

Hei de pôr-te na testa um T com giz,  
 Por mais e mais pinotes, que tu dês;  
 E depois com dois murros, ou com tres,  
 Acabrunhar-te os queixos, e o nariz:

Quem da cachóla vã te inflamma o gaz,  
 E a abocanhares syllabas te induz,  
 Oh dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o A B C, pobre lapuz;  
 E pasmo de que, sendo um Satanaz,  
 Com tinta faças o signal da cruz!



Por casa Phebo entrou c'um vil bugio;  
 As musas o animal não conhecião,  
 E fugindo assustadas do que vião,  
 Foi de ventas a terra a pobre Clio:  
     «Não fujão! Venhão cá!. . Não é bravo»  
 Gritava o deus; e as manas, que tremião,  
 Todas por uma voz lhe respondião:  
 «Ai! Que bicho tão feio!. . Ai! Não me fio!. .»  
     «Qual feio (acode Apollo) é mui galante;  
 E na figura, e gestos, dá mil provas  
 De ser em parte aos homens semelhante:  
     Caldas o nomeei; com graças novas  
 Faz-me estalar de riso a cada instante,  
 E em premio lhe concedo o dom das tróvas.»

Eis-aqui um bellissimo soneto erotico, que nada tem que invejar aos melhores compostos em outras linguas:—

Grato silencio, trêmulo arvoredo,  
 Sombra propicia aos crimes e aos amores,  
 Hoje serei feliz! Longe temores,  
 Longe, phantasmas, illusões do medo.  
     Sabei, amigos Zephyros, que cedo  
 Entre os braços de Nize, entre estas flores  
 Furtivas glorias, tacitos favores  
 Hei de enfim possuir: porem segredo!  
     Nas azas frouxos ais, brandos queixumes,  
 Não leveis, não façais isto patente,  
 Que nem quero que o saiba o pai dos Numes:  
     Cale-se o caso a Jove omnipotente,

Porque si elle o souber terá ciumes,  
Vibrará contra mim seu raio ardente.

Neste admiravel soneto, em que tudo parece feito sem o menor esforço, e ao correr da penna, tudo pelo contrario está disposto com arte e segundo as regras. Os quartetos e tercetos de que consta, são todos conceituosos, e todos formão sentidos perfeitos, bem que inteiramente ligados: o fecho é epigrammatico, e inesperado, porque ninguem contava que Jupiter tivesse ciumes do poeta, ou, «Vibrasse contra elle seu raio ardente,» sabendo de sua felicidade amorosa. Si entrarmos no mecanismo especial deste pequeno e gracioso poema, veremos que os versos são todos harmoniosos e expressivos; que os epithetos, *grato, tremulo, furtivas, tacitos, frouxos, brandos, omnipotente, ardente*, todos formão poeticas imagens; que os versos, «Sombra propicia aos crimes e aos amores, Hoje serei feliz! Longe temores, Longe, phantasmas, illusões do medo,» apresentam bellos contrastes; que a metaphora, antes prosopopéa, «Nas azas frouxos ais, brandos queixumes Não leveis,» tem virtude e belleza, ou que tudo n'uma palavra ahí concorre para dar expressão, graça e relêvo ao estylo, que é mui pittoresco.

Eis agora um lindissimo soneto elegiaco, que todo parece recender ce'lestial perfume:—

«De homens e numes suspirado encanto,  
Lilia innocente co no virgem rosa,  
Lilia mais branda, Lilia mais formosa,

Que a *Nympha etherea*, de puniceo manto:

Eu e os amores, que perdêrão tanto,  
 Damos-te ás cinzas oblação mimosa;  
 Curva goteje minha Dôr saudosa;  
 Na molle off'renda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado perennal retiro,  
 Disponho ao som de languidas querélas,

A rosa, o cravo, a túlipa, o suspiro:

Medrai no chão de Amor, florinhas bellas. . .

Ah! Lilia, eu goso o Céu! . . . Lilia eu respiro

Tua alma pura na fragancia dellas!»

Este soneto que pode a todos os respeitos passar por modelo do genero, e não contem menos artificio do que o antecedente, o sobreleva certamente, em belleza, porque o fecho «Medrai no chão de Amôr, florinhas bellas. . . Ah! Lilia, eu goso o Céu! . . . Lilia eu respiro Tua alma pura na fragancia dellas,» não só é epigrammatico, mas admiravel, ou antes divino pela delicadeza do conceito, a que nada se iguala no poetico. Os versos logo do primeiro quarteto, «De homens e numes suspirado encanto, Lilia innocente como virgem rosa, Lilia mais branda, Lilia mais formosa, Que a *Nympha etherea* de puniceo manto,» são admiraveis, seja pela belleza das comparações, seja pela da rica periphrasis, porque terminão. Os dois ultimos do segundo quarteto, «Curva goteje a minha Dôr saudosa Na molle off'renda que requer meu pranto,» não o são menos, pela soberba prosopèa da dôr personificada, e pelo poetico das imagens. Os do primeiro terceto, si não

se distinguem pelas figuras, são tão graciosos e bellos, que em nada desdizem dos que ficção citados. Esta lindissima poesia, toda flores e perfumes balsamicos, é um quadro perfeito, e em tudo filho do maravilhoso pincel de Bocage, que tão bem sabia dourar as sombras e o horror do sepulchro, oppondo-lhes ideas as mais graciosas e risonhas.

Eis ainda um magnifico soneto em que o poeta levanta a vóz á grande altura, para dar testemunho da existencia de Deus:—

Os milhões de aureos astros coruscantes,  
Que estão d'azul abobeda pendendo;  
O sol, e a que illumina o throno horrendo  
Dessa, que anima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,  
Serras de espuma contra os Céos erguendo,  
A leda fonte humilde o chão lambendo,  
Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a provida formiga,  
A rama chocalheira, o tronco mudo,  
Tudo que ha Deus a confessar me obriga:

E para crer n'um braço autor de tudo,  
Que recompensa os bons, que os máos castiga,  
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

É bello, e ao mesmo tempo consolador, ver o autor da «Pavorosa Illusão da Eternidade» cujo coração era aliás tão pio, e só por momentos podia ser hallucinado, dar o mais solemne testemunho da existencia de

Deus, tanto aqui como em grande numero de suas poesias deste, e diverso genero! Não ha homem que se não curve diante da omnipotencia e da bondade infinita de Deus, cuja idéa é em nós innata. O atheismo é uma hedionda mentira. Neste magnifico soneto, em que a magestade de estylo é realçada pelo pittoresco das imagens, e arrojado das figuras, é sobretudo admiravel pela eterna verdade que encerra o seguinte terceto, que lhe serve de fecho: «E para crer n'um braço autor de tudo, Que recompensa os bons, que os mãos castiga, Não só da fé, mas da razão me ajudo.» E' sem duvida bellissima a hyperbole contida nestes versos do segundo quarteto, «As vastissimas ondas arrogantes, Serras de espuma contra os Cèos erguendo,» mas empallidece diante da simples verdade poeticamente expressa nest'outros do primeiro, «Os milhões de aureos astros coruscantes, Que estão d'azul abobeda pendendo,» porque as maravilhas da criação são sempre maiores, que tudo quanto o homem pode conceber de mais sublime. Apontarei ainda como soberbos pelas imagens os dois seguintes versos: «A leda fonte humilde o chão lambendo, A rama chocalheira, o tronco mudo.» O quadro formado por esses quatorze versos, tão ricos de poesia de estylo, não pode ser nem mais grandioso, nem mais digno do seu elevado objecto, qual é a existencia de Deus attestada pelos prodigios, que nos cercão de todos os lados.

Eis por fim um bellissimo soneto satyrico, em que o ridiculo é manejado por mão de mestre:—

Por casa Phebo entrou c'um vil bugio;  
 As musas o animal não conhecião,  
 E fugindo assustadas do que vião,  
 Foi de ventas a terra a pobre Clío:  
 «Não fujão! Venhão cá!... Não é bravio»  
 Gritava o Deus; e as manas que tremião,  
 Todas por uma voz lhe respondião:  
 «Ai! Que bicho tão feio!... Ai! Não me fio!...»  
 «Qual feio (acode Apollo) é mui galante;  
 Essa figura e gestos dão mil provas  
 De ser em parte aos homens semelhante:  
 Caldas o nomeei; com graças novas  
 Faz-me estalar de riso a cada instante,  
 E em premio lhe concedo o dom das trovas.»

Neste gentil soneto faz o poeta a caricatura do padre Domingos de Sousa Caldas, párdio, autor da viola de Lereno, e presidente da nova Arcadia, que teve a infelicidade de desagradar-lhe, por se deixar collocar por seu protector, o conde de Pombeiro em um lugar immerecido para o seu mesquinho talento de trovista, como vos disse em uma das precedentes licções. O ridiculo que aqui se lança ás mãos cheias sobre o pobre poetastro, cujo physico parece não era mui favorecido da natureza, é indelevel, e devia fazer rir á toda gente que o conhecia. O movimento de involuntario susto que experimentão as Musas á vista do feio animal que lhes traz Apollo, não pode ser mais poetica e naturalmente descripto, do que o é nos dois quartetos que são soberbos, mas são sobre tudo admira-

veis os dois tercetos, em que se acha concentrada toda força do ridiculo: «Qual feio (acode Apollo) é mui galante; E na figura e gestos dá mil provas De ser em parte aos homens semelhante: Caldas o nomeei; com graças novas, Faz-me estalar de riso a cada instante; E em premio lhe concedo o dom das trovas.» O ridiculo, ou *vis comica*, não se analysa, indica-se. Neste soneto que é tambem, como os precedentes, um quadro perfeito no seu genero, está elle no arremedo grotesco dos gestos, que fazia o padre ao improvisar as suas trovas ao som da guitarra, esforçando-se por supprir a falta de talento com esgares.

Como este tem Bocage dezenas e dezenas de sonetos que elevão o seu talento para satyra, principalmente mordáz, ao mais alto grão, e são em minha opinião superiores ás suas satyras propriamente ditas, por que cada um delles é um quadro perfeito, em que toda força satyrica se acha concentrada em só quatorze versos, ou ainda em menos segundo se acaba de vêr, e não dessiminada como nas satyras, que são composição de muito maior extensão. Sonetos taes erão verdadeiros tiros mortiferos, a que ninguem resistia; e forão justamente elles que tornárão o poeta tão temivel como satyrico. Haja vista aos mais que contra os arcades, seus antagonistas compoz, e ao que começa, «Cara de réo com fumos de juiz,» e outros muitos, todos soberbos e primorosos no ridiculo, que tambem tem as suas bellezas e o seu sublime.

Tendo analysado a Bocage ou Elmano nos generos

de poesia em que mais sobresahio, e com mais especialidade neste, em que não tem rival entre antigos e modernos, passarei em outros discursos a apreciar os autores brasileiros, que florecerão durante o governo portuguez.



LITTERATURA BRAZILEIRA.

---

PARTE PRIMEIRA.



---

## SECÇÃO PRIMEIRA.

— 92 —

Frei José de S. Rita Durão, poeta; sua Biographia; seu  
poema épico—Caramurú.—

### LICÇÃO LXX.

Tenho, Senhores, de occupar-me hoje pela primeira vez com um poeta nascido no Brazil, posto pertença ainda ao tempo em que a litteratura era commun aos dois povos, brasileiro, e portuguez, que formavão então uma só nação. Este poeta que foi contemporaneo de Garção e Diniz, pois que florecêo nos reinados de D. José I e de Maria I, é Frei José de S. Rita Durão, autor do poema épico «Caramurú.»

Como poeta épico foi fundador de uma nova escola em Portugal, já porque, seguindo á Tasso, Milton e Voltaire, dêo de mão aos deuses da fabula, que figurão nos Luziadas de Camões, na Ulyssêa de Gabriel Pereira de Castro, e ainda no Affonso Africano de Vasco Mouzinho de Quevedo, já porque introduzio a côr local na sua epopéa, que é essencialmente brasileira. Antes porem de apreciar o seu poema, devo dar-vos

succinta noticia do pouco que se sabe de sua vida, que começou na America, e terminou na Europa.

Nascêo Frei José de S. Rita Durão na Cata-preta, arraial de N. Senhora de Nezareth do Infeccionado, quatro leguas ao norte da cidade de Marianna, em Minas Geraes. Não se sabe ao certo a data de seu nascimento, mas conjectura o Sr. Innocencio Francisco da Silva, que teria logar pelos annos de 1718 a 1720. Fallecêo no collegio de S. Agostinho em Lisbôa, a 24 de Janeiro de 1784, sendo maior de 60 annos.

Foi Eremita Augustiniano, e Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra. Professou na regra de Santo Agostinho a 12 de Outubro de 1738, e doutorou-se no anno de 1756, mediando uns 18 annos entre a data de sua profissão, e a de sua formatura.

A sua grande proficiencia nas lettras revela que teve uma educação mui accurada, a qual sem duvida começou no Brazil, onde os jesuitas havião então fundado boas escolas, e onde aprendêo tambem José Basilio da Gama, seu conferraneo, com quem me heide occupar depois, bem como antes delles o Padre Antonio Vieira. Mas não consta quem forão seus paes, nem tão pouco a época, em que passou á Europa, sendo ainda facil averiguar o primeiro ponto, si fôramos mais curiosos de nossas cousas.

Pouco depois de sua formatura achava-se, ao que se sabe, conventual em Leiria, em cuja Sé pregou em 1758 um magnifico sermão em acção de graças, por haver el-rei D. José escapado com vida dos tiros contra

elle disparados a 3 de Setembro do mesmo anno. Não foi porem longa alli a sua persistencia. Sahio do reino, e percorreò a Hespanha e a Italia, gastando uns 18 annos nestas viagens. Dêo motivo á sua salida, antes expatiação de Portugal, o seguinte facto relatado pelo Sr. Varnhagem no seu Florilegio da Poesia Brasileira:

«Um anno depois (diz este Sr., referindo-se a 1758), sendo decretada a expulsão dos jesuitas, o bispo de Leiria, celebre mais tarde com o titulo de cardeal da Cunha, aproveitou-se da occasião para augmentar seu valimento com Pombal, publicando uma pastoral fulminante contra os mesmos jesuitas. E ou porque a dita pastoral continha proposições injustas, ou porque pela propria forma se prestava á satyra, é certo que Durão sahio a campo pulverisando-a, á ponto de se comprometter, e ver-se obrigado, afim de livrar-se das iras do prelado, a evadir-se para a Hespanha.»

Na Hespanha, para onde partio provavelmente em fins de 1759, foi preso como suspeito de ser espia, quando rebentou a guerra do pacto de familia, e sendo solto, depois de assignadas as pazes de Paris a 10 de Fevereiro de 1763, passou-se de lá a Italia, onde se conservou até regressar á Portugal. É certo que já ali se achava em 1778 com outros foragidos, porque com a morte d'el rei D. José em 1777 havia cessado o poder do marquez de Pombal, e tinham as cousas mudado de face.

«No anno seguinte (diz o mesmo Sr. Varnhagem, referindo-se a 1777), ao abrir-se no mez de Outubro

o curso lectivo da Universidade de Coimbra, é um desses foragidos quem pronuncia em Latim a oração *de sapientia*. Preside tal acto solemne o bispo reitor, gloria da Universidade e do Brazil, sua patria; entre os ouvintes não faltão outros brazileiros, tanto nas douto-raes, como nos bancos dos estudantes. Filho do Brazil é tambem o orador, que não terá ainda cincoenta annos de idade: seu rosto grande e trigueiro se destaca perfeitamente junto do alvo do capello, que tira por venia de quando em quando. Elogiando os antigos reis Portuguezes, exalta os monumentos por elles deixados, como quem tinha direitos para o fazer em comparação dos que vira por outros paizes; circumstancia que faz sentir nas quatro palavras do discurso:— *Perambulatem me saepe orbem.*—» Este orador é Frei José de Santa Rita Durão.

Restituído á Portugal, apenas ahi vivêo mais uma meia duzia de annos, nos quaes concluiu, e publicou o seu poema, que vio a luz em Lisbôa em 1781, sem que se saibão outras circumstancias de sua aventureosa vida, que foi como a de Camões pelo mundo em pedaços repartida, senão que em Roma secularisou-se, e depois, provavelmente já no reino, tornou a voltar para a sua ordem, em cujo habito morrêo, e foi sepultado.

Sobre este poema, que foi recebido friamente em Portugal segundo o Sr. Varnhagem, que suppõe, não sei com que fundamento, que isso talvez concorresse para abreviar os dias do autor, eis aqui a opinião de Almeida Garrett:—

«Muito havia (diz este) que a tuba épica estava entre nós silenciosa, quando Frei José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de *Caramurú*. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobretudo para a poesia descriptiva. O autor atinou com muitos dos tons, que devião naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto; mas de leve o fez: só se estendêo em os menos poeticos objectos, e d'ahi esfriou muito do grande interesse, que a novidade do assumpto, e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moema, que é dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brasileira, da do heroe, do logar, do tempo, não poderia tirar o autor, si tão de leve não tivera desenhado este, assim como outros paineis?—O estylo é ainda por vezes affectado; lá surdem aqui e alli seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza, e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.»

José Maria da Costa e Silva e José Agostinho de Macedo tecem muitos elogios a Durão. Aquelle o dá como o fundador da poesia brasileira, porque foi o primeiro que se descartou das preocupações europeas, para compôr uma epopéa brasileira pela acção, pelos costumes, pelos sentimentos e idéas, e pelo colorido local. Este não hesitou em caracterisar a Durão «homem a quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande.»

Em todos esses juizos ha mais ou menos verdade, pois não ha duvida que o autor não dêo todo o desenvolvimento a alguns dos seus quadros, que erão por sua natureza eminentemente poeticos, nem abunda nas descripções, que devião suscitar-lhe as variadas scenas da America, como diz Garrett; que foi o primeiro poeta nascido no Brazil, que se mostrou brasileiro pelas idéas, sentimentos, e côr local, como affirma Costa e Silva; e que só lhe faltou o ser antigo para ser reputado grande, como quer José Agostinho.

Os gongorismos em Durão são rarissimos, e não frequentes como pretende Garrett, que se limita a considerações geraes sobre o poema, sem particularisar cousa alguma á excepção do episodio de Moema; o que me faz suppôr que este judicioso critico, cuja opinião é aliás de muito peso, cansado de percorrer tantos poetas, e desejoso de chegar ao termo do seu trabalho, fez apenas ligeira leitura deste. O pathetico episodio de Moema, podia sê-lo ainda mais pelo desespero do heroe, que não pôde salvar a apaixonada india, é certo; mas não podia ser muito mais extenso, attenta a mesma situação desta, que náda atrás de um navio á vela, e é afinal tragada pelas ondas, que lhe afogão os queixumes. De tres oitavas apenas consta nos Luziadas o quadro do triste fim de D. Leonor de Sá e Manoel de Souza de Sepulveda, expirando á mingua nos areiaes de Africa, e é comtudo admiravel pela força do pathetico.

Nas suas viagens pela Hespanha e pela Italia adque-



rio o autor nova somma de conhecimentos, pois não se limitou a correr mundo, como outros, mas cultivou o seu espirito, estudando com esmero a litteratura dos dois paizes, e com especialidade a do ultimo, cujo gosto não deixa de transpirar nos seus versos; e tanto, que José Maria da Costa e Silva o dá como poeta da escola italiana, e não sem fundamento. Estudando assim a litteratura moderna, a par da antiga, dispunha-se elle para levar ao cabo a empreza que meditava, que nada menos era, que enriquecer a litteratura portugueza com uma epopéa brazileira, ou com o seu Caramurú, que quer dizer, filho do trovão, dragão do mar, segundo a explicação dada pelo autor. O sentimento o mais nobre que leva o homem a operar prodigios, o amor da patria, é que lhe inspirou a idea do seu poema, como elle proprio diz nestes termos: «Os successos do Brazil não merecião menos um poema, que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da Patria.»

«A acção do poema é, como ainda explica o autor, o descobrimento da Bahia, feito quasi no meio do seculo XVI por Diogo Alvares Corrêa, nobre Viannez, comprehendendo em varios episodios a historia do Brazil, os ritos, tradições, milicias de seus indigenas, como tambem a natural e politica das colonias.»

O assumpto si não é verdadeiramente heroico, como pretende Garrett, á ponto de prestar-se á toda a sorte de bellos e variados quadros, é pelo menos vasto e nobre. O heroe do poema é Diogo Alvares Corrêa, a

quem os Indios chamavão Caramurú pelo uso das armas de fogo. Eis aqui a proposição:—

De um varão em mil casos agitado,  
 Que as praias percorrendo do Occidente,  
 Descobrio o Reconcavo affamado  
 Da Capital Brazilica potente:  
 Do Filho do Trovão denominado,  
 Que o peito domar soube á fêra gente,  
 O valor cantarei na adversa sorte,  
 Pois só conheço heroe quem nella é forte.

O poema que se divide em dez cantos, é regular e bem traçado; a acção grande, uma e unica; o maravilhoso, tirado da Religião Christã: as partes componentes do todo são de ordinario bem ligadas; os caracteres perfeitamente sustentados, com especialidade o do heroe, o de Paraguaçu, e os dos chefes indios. Assim como o poeta na adopção do maravilhoso parece haver-se guiado pelos poetas modernos, que banirão de seus poemas os deuses do paganismo, assim parece no desenho dos caracteres haver-se regulado por Homero, que tão bem os traça.

Nos episodios sobresaem o de Moema, e o do descobrimento do Brazil; nas descripções, as dos costumes dos Indios, e a das flores e fructos do Brazil: mas a multiplicidade de episodios historicos prejudica, a meu ver, o interesse da acção, que deve ser sempre crescente; a raridade das descripções das scenas naturaes do Novo Mundo faz-nos sentir um como me-

rito de menos; e o pouco desenvolvimento de alguns quadros justificão em parte o juizo de Garrett. Entretanto o poema contem rasgos admiraveis e sublimes, bem como quantidade de quadros de grande belleza. O estylo é por sua nobreza perfeitamente adaptado ao assumpto, e mui raros são os resaibos de affectação que se lhe podem notar. A linguagem é castiça, e de boa lei; a metrificação, harmoniosa e rica.

Entre todas as epopéas de segunda ordem escriptas em Portuguez, o «Caramurú» é, ao que posso ajuizar, uma das melhores, apesar de seus defeitos, por ser uma das que melhor preenche o seu fim. Grande pois é o louvor que cabe a Durão, porque, quando os outros poetas Brasileiros seus contemporaneos, si exceptuarmos José Basilio da Gama, cantavão na America as scenas da Arcadia, e os costumes da Europa, foi o primeiro poeta nascido no Brazil, que soube dar ao seu poema a côr local, ou que, na expressão de José Maria da Costa e Silva, creou a poesia brasileira, sendo que na ordem chronologica é anterior ao cantor de Uruguay, a quem precedêo no nascimento.

Tendo-vos dado a noticia biographica de Durão, e uma idéa geral do merito do seu poema, passarei em outro discurso a fazer a analyse por partes do mesmo poema, precedendo-a do argumento traçado pelo proprio autor.

Por hoje aqui faço ponto.



## LICÇÃO LXXI.

Uma epopéa digna deste nome é cousa tão elevada, que ainda sendo de segunda ordem excita a nossa admiração; e com razão, porque uma bôa epopea é um dos maiores esforços do espirito humano. Assim depois da Eneida de Virgilio é justamente admirada a Pharsalia de Lucano.

De todas as litteraturas modernas a litteratura portugueza é sem contradicção a mais rica em epopéas; pois possui, alem de uma de primeira ordem, ou os Luziadas de Camões, não menos de tres de segunda, que não deixão de ter muito valor, o Affonso Africano de Vasco Mouzinho de Quevedo, a Ullysea de Gabriel Pereira de Castro, e o Caramurú de Frei José de Santa Rita Durão, objecto hoje de minha analyse; isto sem fallar em outras, que só podem aspirar ao terceiro e quarto logar. Neste genero de poemas não só é ella a

litteratura moderna mais a rica, mas é até mais fecunda, que a propria litteratura latina nelles tão abundante. E tanto mais para admirar é uma tal fecundidade, quanto maiores são os esforços de engenho, e a sciencia, que exige uma epopéa! Por isso a litteratura portugueza será sempre considerada como uma das mais bem aquinhoadas em bons engenhos.

Disse eu no precedente discurso, que, entre todas as epopéas de segunda ordem escriptas em Portuguez, o Caramurú deve ser reputado uma das melhores, não obstante os seus defeitos; e com effeito assim me parece, ou se attenda ao merito intrinseco do poema, que não é inferior ao dos outros de sua cathegoria, ou sobre tudo á circumstancia de ser uma das que melhor preenche o fim, pela côr local que o poeta soube dar aos seus quadros, muitos dos quaes são eminentemente poeticos.

Apesar de ser tão fecunda a litteratura portugueza, e do Brazil, que já se achava descoberto a mais de dois seculos, offerecer assumptos e prospectos os mais ricos e variados a todo o genero de poesia, não havia até então uma epopéa brazileira. Durão foi o primeiro que tentou a empreza de dotar Portugal e o Brazil com uma; e si não tirou todas as possiveis vantagens do assumpto, que era vasto, posto tirasse muitas, desculpa tem no mesmo facto de haver sido o que abriu caminho a futuros poetas, para poemas analogos revestidos da côr local.

Na descripção dos usos, costumes, e tradições dos

indigenas, a qual constitue a parte essencial do poema, ou o fundo sobre que o poeta traçou os seus quadros, é o Caramurú verdadeiramente admiravel, quer na verdade, quer no colorido das pinturas, e nada tem que invejar aos melhores poemas. O homem selvagem ali é magistralmente desenhado com todos os seus caracteristicos e habitos, e posto a par do homem civilisado, que o domina pela força do seu genio. Na descripção das scenas da natureza, aliás tão rica no Novo Mundo, é que o poeta se demora pouco, e torna-se deficiente, sendo para desejar que com ella variasse amiude os seus quadros, que se tornariam assim mais bellos.

Tendo-vos já anteriormente dado idea geral do poema, e de sua acção, passarei a analysar as suas melhores passagens, resumindo primeiro o argumento traçado pelo autor.

Diogo Alvares Corrêa, fidalgo portuguez, naufragou nos baixos de Boipeba junto da Bahia, quando se dirigia a S. Vicente. Salvou-se com seis companheiros, que forão devorados pelos gentios antropophagos, ficando elle que vinha doente e magro, reservado para quando se achasse mais nutrido, a servir-lhes igualmente de pasto. Deixarão-no entretanto os selvagens tirar do navio que encalhára, polvora, ballas, e armas, cujos usos ignoravão.

Com uma espingarda matou caçando certa ave, do que espantados os barbaros o acclamarão, filho do trovão, e Caramurú; isto é, dragão do mar. Combatendo

com os gentios do sertão os vencêo, e reduzio á sua obediencia. Offerecerão-lhe os principaes do Brazil suas filhas por mulheres, mas elle escolhiêo a Paraguaçu, que depois conduzio á França em um navio francez, que aportára á Bahia, seguindo-o á nado outras cinco brazilianas, até que afogando-se uma, as outras se retirão intimidadas. Em França, onde então reinava Henrique II, foi Paraguaçu baptisada com o nome de Catharina, sendo-lhe madrinha a rainha Catharina de Medicis.

Antes de sua partida para a França salvou Diogo Alvares um navio hespanhol, pelo que lhe escreveu o imperador Carlos V uma carta de agradecimento. Restituido á Bahia com sua esposa em outro navio francez, foi recebido com o antigo respeito pelos Tupinambás, que considerão a Paraguaçu como herdeira do seu principal. Na viagem para a Bahia tem esta uma visão famosa, em que lhe é revelada a futura sorte do Brazil. Chega neste meio tempo de Portugal Thomé de Sousa com algumas náos, familias e tropas, para povoar a Bahia, cuja colonisação começa. Paraguaçu ou Catharina Alvares, renuncia os seus direitos em D. João III, que ordenou a seus governadores, que honrassem a Diogo Alvares pelos serviços prestados, e foi ella com effeito o tronco da nobillissima casa da Torre na Bahia. Aqui termina a acção.

Agora passarei a ler-vos tres passagens escolhidas do poema, pelas quaes podereis fazer idea do merito do autor como poeta epico:—



Ouve-se rouco som, que o ouvido atrôa,  
 Retumbando com éco a voz horrenda  
 De um grosseiro instrumento, que a arma sôa,  
 Com que se inflamma entre elles a contenda:  
 E quando o horrivel som mais desentôa,  
 Faz que no peito mais furor se accenda;  
 De retorcidos páos são as cornetas;  
 De ossos humanos frautas e trombetas.

Com batalhões a espaços separados,  
 Triplicado cordão se vê composto;  
 E em silencio admiravel ordenados,  
 Ao redor vão do outeiro em meio posto;  
 Costuma um orador fallar-lhe a brados,  
 E ardendo-lhe mil furias sôbre o rôsto,  
 O ar co'a espada furibunda corta,  
 E a combater valente a turba exhorta.

Jararaca no mando então primeiro,  
 Ao sacro e civil rito presidia,  
 E no mais alto do sublime outeiro  
 Entre um senado ancião se distinguia:  
 Aos outros na estatura sobranceiro  
 Ás costas de um Tapuia, que o trazia,  
 De um lado a outro magestoso corre,  
 E com geral silencio assim discorre:

.....

Já se avistava barbaro tumulto  
 Das inimigas tropas em redondo;

E antes que emprendão o primeiro insulto,  
 Levanta-se o infernal medonho estrondo;  
 Os marraques, uapis e o brado inculto  
 Todos um só rumor, juntos compondo,  
 Fazem tamanha bulha na esplanada,  
 Como faz na tormenta uma trovoadá.

Tu, rapido Pagé, foste o primeiro,  
 De quem o negro sangue o campo inunda;  
 Que com seres no salto o mais ligeiro,  
 Mais ligeira te colhe a cruel funda;  
 Paraguaçú lh'atira desde o outeiro;  
 Chovem as pedras de que o monte abunda;  
 E do lado e de cima do cabêço,  
 Tudo abatem com tiros de arremeço.

Não ficou no cambate em tanto ociosa  
 A fréxa do inimigo, que o ar encobre;  
 Começa Jararáca a acção furiosa,  
 Dando estímulo ousado ao valor nobre,  
 E a turba de Diogo receosa  
 Foge do grão Tacápe, onde o descobre:  
 Que tanto estrago faz, que qualquer fera  
 Maior entre os cordeiros não fizera.

Mas quando tudo com terror fugia,  
 O bravo Jacaré se lhe põem diante:  
 Jacaré, que si os tigres combatia,  
 Tigre não ha, que lhe estivesse avante!  
 Treme de Jararáca a companhia,  
 Vendo a fôrma do barbaro arrogante,

Que com pelle cuberto de panthera,  
Ruge com mais furor que a propria fera.

Avista-se um com outro: a massa ardente  
Deixão cair com barbaro alarido;  
Corresponde o clamor da bruta gente,  
E treme a terra em roda do mugido:  
Aparou Jacaré no escudo ingente  
Um duro golpe, que o deixou partido;  
E em quanto Jararaca se desvia,  
Quebra a massa no chão, com que o batia.

Nem mais espera o Caeté furioso,  
E qual onça no ar quando destaca,  
Arroja-se ao contrario impetuoso,  
E um sobr'outro co'as mãos pejeja ataca:  
Não póde discernir-se o mais forçoso;  
E sem mover-se em tórno a gente fraca,  
Olhão luctando os dous no fero abraço,  
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porem em quanto a luta presistia,  
No sangue em terra lubrico escorrega  
O infeliz Jacaré; mas na porfia  
Nem assim do adversario se despega:  
Sobre o chão um com o outro ás voltas ia:  
E qual o dente, qual o punho emprega,  
Até que Jararaca um golpe atira,  
Com que rôta a cabeça o triste expira.

Á Gupeva entretanto e Taparica  
 Dava o ultimo abraço: e á forte esposa  
 A intenção de leval-a significa  
 A vêr de Europa a região famosa:  
 Suspensa entre alvoroço e pena fica  
 Paraguaçú contente, mas saudosa;  
 E quando o pranto na sentida fuga  
 Começava a saudade, amor lh'o enchuga.

É fama então que a multidão formosa  
 Das damas, que Diogo pretendião,  
 Vendo avançar-se a não na via undosa,  
 E que a esperança de o alcançar perdião:  
 Entre as ondas com ancia furiosa  
 Nadando, o esposo pelo mar seguião,  
 E nem tanta agua que fluctua vaga,  
 O ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da não franceza  
 Corre a vêr o espectaculo assombrada;  
 E ignorando a occasião da estranha empreza,  
 Pasma da turba feminil, que nada:  
 Uma, que ás mais precede em gentileza,  
 Não vinha menos bella do que irada:  
 Era Moema, que de inveja geme,  
 E já visinha á não se apega ao leme.

«Barbaro, a bella diz, tigre e não homem...  
 Porém o tigre, por cruel que brame,  
 Acha fôrças amor, que em fim o domem,  
 Só a ti não domou, por mais que eu te ame:

Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,  
 Como não consumis aquelle infame?  
 Mas pagar tanto amor com tédio e asco!...  
 Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,  
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;  
 Nem me offendêras a escutar-me altivo,  
 Que é favor, dado a tempo, um desengano:  
 Porém deixando o coração captivo  
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano  
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte  
 Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,  
 E este fado cruel doce me fôra,  
 Si a meu despeito triumphar não vira  
 Essa indigna, essa infame, essa traidôra:  
 Por serva, por escrava te seguira,  
 Si não temêra de chamar senhóra  
 A vil Paraguaçú, que sem que o creia  
 Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia.

Emfim, tens coração de ver-me afflicta,  
 Fluctuar moribunda entre estas ondas;  
 Nem o passado amor teu peito incita  
 A um ai somente, com que aos meus respondas:  
 Barbaro, si esta fé teu peito irrita,  
 Disse vendo-o fugir, ah não te escondas;  
 Dispara sobre mim teu cruel raio...»  
 E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
 Pállida a còr, o aspecto moribundo,  
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,  
 Entre as salsas espumas desce ao fundo:  
 Mas na onda do mar, que irado freme,  
 Tornando a apparecer desde o profundo:  
 «Ah Diogo cruel!» Disse com mágua,  
 E sem mais vista ser, sorvêo-se n'agua.

Chorárão da Bahia as Nymphas bellas,  
 Que nadando a Moema acompanhavão;  
 E vendo que sem dôr navegão dellas,  
 A' branca praia com furor tornavão:  
 Nem pôde o claro Heroe sem pena vel-as,  
 Com tantas provas, que de amor lhe davão;  
 Nem mais lhe lembra o nome de Moema,  
 Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

—

Voava em tanto a náo na azul corrente,  
 Impellida de um Zefyro sereno,  
 E do brilhante mar o espaço ingente  
 Um campo parecia igual e ameno:  
 Encrespava-se a onda docemente,  
 Qual aura leve, quando move o feno;  
 E como o prado ameno rir costuma,  
 Imitava as boninas com a espuma.

Du Plessis, que os francezes governava,  
 Em uma noite clara á pópa estando,

Os casos de Diogo, que escutava,  
 Admira no naufragio memorando:  
 Depois ao Heroe prudente perguntava  
 Quem achára o Brazil, e como e quando  
 Ganhára no recondito hemispherio  
 Tanto thesouro o lusitano imperio ?

Dois Monarcas, responde o lusitano,  
 Já sabes que no occaso e no oriente  
 Novos mundos buscárão pelo oceano,  
 Depois de haver domado a Lybia ardente:  
 E que, onde não chegou grego ou romano,  
 Passea o forte hispano e a lusa gente;  
 Que instruidos na nautica com arte,  
 Descobrirão do mundo outra grã parte.

Do Tejo ao china o portuguez impera,  
 De um pólo ao outro o castelhano vò,  
 E os dois extremos da redonda esfera,  
 Dependem de Sevilha e de Lisbôa:  
 Mas depois que Colon signaes trouxera,  
 Colon de quem no mundo a fama vò,  
 Deste novo admiravel continente,  
 Discorda com Castella o luso ardente.

Já se dispunha a guerra sanguinosa;  
 Porém o commum pae aos dois intima  
 Arbitrio na contenda duvidosa,  
 Que a parte competente aos reis estima:  
 Desde Roma Alexandre imperiosa,  
 Deixando ambos em paz a empreza anima,

E uma linha lançando ao Ceo profundo,  
 Por Fernando e João reparte o Mundo.

Na vasta divisão que ao luso veio,  
 O precioso Brazil contido fica:  
 Paiz de gentes e prodigios cheio,  
 Da America feliz porção mais rica:  
 Aqui do vasto Océano no meio  
 Por horrivel tormenta a prôa applica  
 O illustre Cabral, com fausto acaso  
 Sôbre grãos dezeseis do nosso occaso.

Da nova região, que attento observa,  
 Admira o clima doce, o campo ameno,  
 E entre arvoredos immenso, a fertil herva  
 Na viçosa extensão do aureo terreno:  
 Coberta a praia está de grã caterva  
 De incognita nação, que com o aceno,  
 Porque a lingua ignorava, á paz convida,  
 Erguendo-lhe o trophéo do autor da vida.

Era o tempo, em que alegre resuscita  
 A verde planta que murchou no inverno,  
 E quando a solar méta o tempo excita,  
 Em que o rei triumphou da morte eterno:  
 Tão sagrada memória a frota incita  
 A celebrar ao vencedor do inferno  
 O sacrificio donde a fé venera,  
 A paixão que em tal tempo succedêra,

Em frondosa ramada o lusitano  
 Um altar fabricou no prado extenso,



Donde assista ao mysterio soberano  
 Ao rei triumphante do infernal tyrano  
 Odorifero fuma o sacro incenso,  
 E a victima do Ceo, que a paz indica  
 A' gente e nova terra sanctifica.

Notar o americano alli contende  
 Do sacrosanto altar o acto sublime;  
 E tanto a simples gente o aceno entende,  
 Que parece que a acção por santa estime:  
 Alguem que olhava ao celebrante, emprende  
 O gesto arremedar que orando exprime,  
 E as mãos une e levanta e talvez sóta,  
 E quando o vê voltar tambem se vólta.

Como as nossas acções talvez espia  
 O pelloso animal que o matto hospêda,  
 E quanto vê fazer, como á portia,  
 Tudo posto a observar, logo arremeda:  
 Tal o gentio simples parecia,  
 Que nem um pé, nem passo d'alli arreda,  
 E ao santo sacrificio attento e mudo,  
 O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

Aqui depois que ás turbas eloquente  
 Dicta o sacro orador pio conceito,  
 E a fé dispensa no animo valente  
 Do nobre povo a propagal-a eleito:  
 Participa da cêa a chistã gente,  
 E o dom recebem com fiel respeito;  
 E é fama que Cabral, que os convocára,

Montando sôbre um alto, assim fallára:

.....

Na primeira das passagens que vos li, notai, senhores, a verdade e o colorido, com que o poeta sabe descrever os costumes e hábitos dos indigenas, pintando apropriadamente a sua descommunal ferocidade nos combates, para os quaes se desfigurão, afim de infundir terror ao inimigo, e a sua insaciavel sêde de vingança, a que tudo sacrificão. Vêde, como dando á seus heroes forças e proporções mais que humanas, os eleva á altura dos heroes da Iliada, os quaes parece haver tomado por modelo. Nesta passagem em que ha tanta belleza de imagens, e tanta poesia imitativa, é notavel sobre tudo o combate singular dos dois campeões, Jararaca e Jacaré, soberbamente descripto nas tres admiraveis oitavas, que aqui reproduzo:—

Avista-se um com outro: a massa ardente  
 Deixão cahir com barbaro alarido;  
 Corresponde o clamor da bruta gente,  
 E treme a terra em roda, do mugido:  
 Aparou Jacaré no escudo ingente  
 Um duro golpe, que o deixou partido;  
 E em quanto Jararaca se desvia,  
 Quebra a massa no chão, com que o batia.

Nem mais espera o Caeté furioso,  
 E qual onça no ar quando destaca,

Arroja-se ao contrario impetuoso,  
 E um sobr'outro com as mãos peleja ataca:  
 Não pode discernir-se o mais forçoso;  
 E sem mover-se em torno a gente fraca,  
 Ollião luctando os dois no fero abraço,  
 Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém em quanto a lucta persistia,  
 No sangue em terra lubrico escorrega  
 O infeliz Jacaré; mas na porfia  
 Nem assim do adversario se despêga:  
 Sobre o chão um com o outro ás voltas ia;  
 E qual o dente, qual o punho emprega,  
 Até que Jararaca um golpe atira,  
 Com que rota a cabeça o triste espira.

A descripção deste combate, em que se vêem os dois campeões lutar arca, por arca, até que um delles expira aos golpes do outro, sem que lhe falte a menor circumstancia, que se costuma dar em casos taes, nada deixa a desejar em movimento de attitudes, e é pelo vigor e naturalidade da pintura verdadeiramente digna do pincel de Homero. Para dar-vos idea do movimento e poesia imitativa que encerra, basta-me chamar a vossa attenção para as pausas e sons onomatopicos dos quatro primeiros versos: «Avista-se um com outro: a massa ardente Deixa cahir com barbaro alarido; Corresponde o clamor da bruta gente, E treme a terra em roda, do mugido.» E para fazer-vos sentir a verdade da pintura, citar-vos-hei unicamente os tres ultimos da

segunda oitava: «E sem mover-se em torno a gente fraca Olhão lutando os dois no fero abraço, Pé com pé, mão com mão, braço com braço.»

A segunda passagem, ou o bello episodio de Moema, é notavel pela força do pathetico, naseido da situação da amante, que, segura ao leme da não, lucta com as ondas e a morte, para exprobar a ingratição ao heroe, que parte para a Europa com outra, abandonando-a. Nesta passagem com tanta razão louvada pelos homens de gosto, é mais que todas admiravel a seguinte oitava:

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,  
 Pallida a côr, o aspecto moribundo,  
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,  
 Entre as salsas escumas desce ao fundo:  
 Mas nas ondas do mar, que irado freme,  
 Tornando a apparecer desde o profundo;  
 Ah Diogo cruel ! disse com magua,  
 E sem mais vista ser, sorvêo-se n'agua.

Que bellissima poesia! Não sei o que seja mais para admirar, si a commoção, que excita a desditosa amante, expirando victima do seu amor no meio das ondas, si a verdade e o colorido da pintura, que faz o poeta do seu ultimo transe. Não me recordo de haver lido nada mais poetico e pathetico, que o sentimento expresso nestes dois ultimos versos entre as agonias da morte: «Ah Diogo cruel ! disse com magua E sem mais vista ser, sorvêo-se n'agua.» Um tal quadro não é só bello, é sublime !

Já no precedente discurso emittí o meu juizo sobre este excellente episodio, a que nada falta quanto á situação da amante, que se acha magistralmente descripta, mas em que ha alguma cousa a desejar quanto a situação do heroe, cuja dôr devia ser expressa em termos menos vagos.

Na terceira passagem, que é a descripção do descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral, ha a admirar a insigne mestria, com que o poeta pinta as poeticas scenas, que apresenta a nova terra de Santa Cruz em seus magnificos prospectos e curiosos habitantes, começando por esta bellissima transição:—

Voava em tanto a não na azul corrente,

Impellida de um zefiro sereno,

E do brilhante mar o espaço ingente

Um campo parecia igual e ameno:

Encrespava-se a onda docemente,

Qual aura leve, quando move o feno;

E como o prado ameno rir costuma,

Imitava as boninas com a escuma.

Não é de certo possível fazer uma pintura mais aprazível e deleitosa do mar impellido por um vento brando, quando a navegação se torna agradável pelo sublime aspecto do immenso oceano em bonança, dando largas aos navegantes a entreterem-se em mutua conversação. Ha neste gracioso quadro muita poesia de imagens, e muita suavidade metrica.

Desta passagem, que é um pouco extensa, só vos citarei mais o seguinte trecho notavel por sua belleza descriptiva:—

Da nova Região, que attento observa,  
 Admira o clima doce, o campo ameno,  
 E entre arvoredos immensos, a fertil herva  
 Na viçosa extensão do aureo terreno:  
 Coberta a praia está de grã caterva  
 De incognita Nação, que com o aceno,  
 Porque a lingua ignorava, á paz convida,  
 Erguendo-lhe o trophéo do autor da vida.

Esta bella pintura de uma terra virgem de clima doce, de campo ameno, e immenso arvoredos entresachado de fertil herva em sua viçosa extensão, bem como de uma nação incognita, que se exprime por acenos, encanta por sua amenidade, ao mesmo tempo que surprende por sua novidade, e faz palpitar o coração de todo o brazileiro, que nella reconhece a pintura da terra da patria. Como este se notão outros bellos quadros em toda esta rica passagem, que não é mais do que uma soberba galeria delles. E si o autor nos tivesse dado mais vezes a descripção destas scenas naturaes da America, o seu poema seria a todos os respeitos uma verdadeira obra prima.

Podia ir por diante em minha analyse, mas basta já o que fica citado para dar-vos idea do subido merito deste distincto poeta, a quem coube a gloria de ser autor de uma de nossas melhores epopéas de segunda

ordem, e que não tem sido avaliado como merece. Feliz me reputarei se a minha fraca apreciação convidar a nossa mocidade estudiosa a ler o seu interessante poema, porque o não fará sem proveito.

Tendo analysado o Caramurú de Frei José de S. Rita Durão, passarei no seguinte discurso a apreciar o Uruguay de José Basilio da Gama. Por hoje termino aqui.





---

## SECÇÃO SEGUNDA.



José Basilio da Gama, poeta; sua Biographia; seu poema  
épico—Uruguay.—

### LICÇÃO LXXII.

O poeta com quem me vou hoje occupar, e que ad-  
querio um nome celebre na republica das lettras por  
seu incontestavel merecimento, José Basilio da Gama,  
autor do poema heroico Uruguay, nascêo tambem no  
Brazil como Durão, de quem foi contêmporaneo, bem co-  
mo de Garção e Diniz, porque florecêo nos reinados de  
D. José I e D. Maria I, e foi, apesar de ex-jesuita, se-  
cretario particular do marquez de Pomabal, que o es-  
timava, e a cujo irmão Francisco Xavier Furtado de  
Mendonça, ex-governador das então capitancias do Pará  
e Maranhão, dedicou o seu poema. Profundo aprecia-  
dor das bellezas da lingua, que estudou com muito  
gosto e esmero, foi este insigne poeta o que melhor,  
depois de Camões, e antes de Francisco Manoel do  
Nascimento, conhecêo, e poz em practica todos os se-  
gredos da harmonia imitativa; por isso muito teem que

aprender os cultores da bôa poesia em sua licção, aos quaes a recommendo, como a de um classico.

Nascêo José Basilio da Gama em 1740 na villa de S. José do Rio das Mortes em Minas Geraes, e fallecêo a 31 de Julho de 1795 em Lisbôa, com 55 annos de idade pouco mais ou menos, sendo seu corpo sepultado na igreja do extincto convento da Boa Hora de Belem.

Foi cavalleiro da ordem de S. Thiago, escudeiro fidalgo da Casa Real por alvará de 6 de Agosto de 1787, e official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino por portaria do primeiro ministro marquez de Pombal, de 25 de Junho de 1774. A estes titulos, que dão testemunho de sua distincta posição official e social, unio outros, que attestão o seu credito litterario, como o de socio da Arcadia de Roma desde 1763 com o nome de Termindo Sipilio, e o de correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa desde 11 de Fevereiro de 1795, ou poucos mezes antes de seu fallecimento.

Foi filho do capitão-mór Manoel da Costa Villas Bôas, e de sua mulher D. Quiteria Ignacia da Gama, ambos pessôas illustres de Minas Geraes. Não puderão seus paes dar-lhe a educação que desejavão, porque sua mãe enviuvou mui cedo, e apesar de possuir titulos de nobreza, e ser neta de um governador da colonia, vio-se por morte de seu marido reduzida á extrema pobreza em uma terra, onde ainda os menos abastados possuem não poucas libras de ouro, e por consequente sem

meios de educar seu filho. Mas um religioso Franciscano que por alli passára, encantado do singular talento do joven José Basilio, o trouxe em sua companhia para o Rio de Janeiro; onde o pôz a estudar nas aulas de humanidades instituidas pelos jesuitas, que se encarregarão de sua educação litteraria. Tão rapidos forão os progressos, que nestas escolas, então mui acreditadas, fez o novo alumno, que estes padres que tractavão de chamar para a sua ordem o talento, onde quer que o encontravão, não poupárão diligencia para attrahir a este que tanto promettia de si, captando-lhe com arte a benevolencia. Entrou com effeito José Basilio na ordem, e vestio a roupeta de jesuita.

Era elle ainda noviço, quando chegou ao Rio de Janeiro o decreto da extincção da companhia de Jesus; e nessa qualidade era-lhe permittido optar por uma modica congrua, si se decidisse a deixar o habito, ao que elle se resolveo para não soffrer a desnaturalisação e o desterro, como os professos, e continuou a estudar humanidades com outros mestres.

Concluidos os seus estudos, resolvêo-se a viajar, ou impellido do desejo de melhorar de fortuna, ou como era mais provavel em um joven estudioso, de aperfeiçoar-se nas bellas lettras, e deixando o Rio de Janeiro dirigio-se á Roma, fazendo via por Lisboa, sem que n'esta ultima cidade se demorasse.

Na capital do Orbe Christão, onde residio alguns annos, estudou com a lingua a litteratura italiana, e tanto se distinguio por seu talento, que não só foi admittido

membro da Arcadia Romana com o nome de Termindio Sipilio, mas até chegou a reger uma cadeira, em certo seminário, lugar em que pouco persistio. De Roma passou á Nápoles, sem que se saiba o motivo, e de lá á Lisboa, afim de regressar ao Brazil.

Chegado ao Rio de Janeiro, aonde pela ventura o levárão as saudades da terra natal, foi, depois de pouco tempo de residencia, denunciado por intrigas como jesuita, preso, e remettido para Lisboa, onde o tribunal da inconfidencia, a que fôra entregue se dispunha a enviar-o para Angola.

Nesta extremidade recorreo o poeta á sua musa, e fez um soberbo epithalamio, em que entre os louvores que tributou ao marquez pela reedificação de Lisboa, applaudio a queda dos jesuitas. Esta poesia valêo-lhe não só a soltura, como as boas graças do marquez, que reconhecendo-lhe o talento, e sobretudo quanto podia servir para a justificação de sua politica um ex-jesuita, que reprovava os planos ambiciosos de seus confrades, começou a tratal-o com afabilidade e distincção.

Estimulado pelos favores, que lhe dispensava o primeiro ministro de D. José I, resolvêo o poeta concluir o seu poema Uruguay, que havia começado, ou traçado, e cujo assumpto era a reduccão á obediencia da corôa portugueza, dos povos de Missões armados pelos jesuitas, ou a extincção do poder destes padres alli; e por este facto ganhou a inteira confiança do marquez de Pombal, que o chamou para o seu gabi-

nete, e fêl-o official de Secretaria d'Estado, sendo mais tarde nomeado escudeiro fidalgo, pois parece que soubera tambem tornar-se agradavel á D. Maria I.

O Sr. F. A. Varnhagem diverge nas datas destas nomeações do Sr. Innocencio F. da Silva; mas fui levado a seguir o ultimo, não só porque escreveu depois do primeiro, como porque cita as peças officiaes, em virtude das quaes se effectuárão as nomeações.

O serviço do gabinete de um ministro, que devia ser enfadonho para um poeta, nunca o fez abandonar o commercio das Musas, a que se dava com prazer nas horas vagas, como o provão o seu poema e outras poesias, que compoz durante este tempo, em que organisava e redigia sobre o dictado do marquez de Pombal muitos trabalhos importantes, como o regimento da Inquisição publicado com o nome do cardeal da Cunha e outros.

Era José Basilio, segundo informações que poude colher o Sr. Varnhagem de pessoas que o conhecêrão, de compleição fraca, mediano de corpo, trigueiro, de olhos mui vivos; ameno no trato; estimado na melhor roda da côrte; dotado de serenidade de espirito, e de veia fecunda em anedotas.

Foi summamente versado, ao que se infere de seu poema e outras poesias originaes e traduzidas, em todo o genero de litteratura antiga e moderna, e com especialidade na Grega, Latina, e Italiana, cujos poetas lhe erão familiares.

Sobre este distincto poeta e o seu poema Uruguay, eis aqui o juizo de Almeida Garrett:—

«Justo elogio merecêo (diz este illustrado critico) o sensivel cantor da infeliz Lindoya, que mais nacional foi, que nenhum de seus compatriotas brazileiros. O Uruguay de José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brazileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional e legitima americana. Magoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Si houvera tomado esse trabalho, desapparecerião algumas incorrecções de estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado, e constante em um poema longo, é defeito.»

Eis agora sobre o mesmo objecto o juizo do Sr. Varnhagem digno tambem de apreço no que se refere á forma:—

«O autor do Uruguay, diz este, principalmente se extremou pelo talento da harmonia imitativa, pelo mechanismo da linguagem, sabendo sempre adaptar os sons ás imagens. As vezes faz correr os versos fluidos e naturaes; outras, como nas fallas de Cacambo, demora no verso de proposito; porque deseja representar distancia, socego, ou brandura. Si a imagem é audaz e viva, como quando falla Cepé, faz precipitar os

versos: até dirieis que em casos duros e de batalhas, soube fazel-os roçar asperamente uns com outros.»

Compoz José Basilio o poema Uruguay, á que deve a sua corôa de poeta, o poemeto Quitubia mui inferior ao primeiro; o epithalamio a que alludi acima; o Canto ao marquez de Pombal em 12 oitavas; oitavas de Termino Sipilio aos condes de Redinha; sonetos, alguns dos quaes são mui bellos; e outras poesias, comprehendida a Liberdade traduzida de Metastasio.

O Uruguay foi pela primeira vez impresso em Lisboa na Regia Officina Typographica em 1769 em 8º, com a *Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabelecêrão nos dominios ultramarinos das duas monarchias*, e teve depois da morte do autor diversas edições, sendo a ultima feita em Lisboa em 1845 pelo Sr. Varnhagem conjunctamente com o Caramurú.

Este poema heroico sobre que deve versar a minha analyse, por ser a melhor obra do poeta, divide-se em cinco cantos, e si bem elle lhe não dêsse todo o desenvolvimento que o assumpto comportava, revela todavia muita viveza de imaginação, muito fogo de inspiração e muito e apurado gosto, porque o plano é regular e bem traçado, o interesse da acção que é uma, sempre crescente, os caractéres bem sustentados, as descripções e os episodios admiraveis, e a forma quasi sempre bella e bem concebida.

A acção do poema é a redução á obediencia, ou antes a conquista dos povos de Missões sujeitos ao do-

minio dos jesuitas, e o seu heroe Gomes Freire de Andrade, general portuguez, como se deprehende destes primeiros versos, em que se acha incluída a proposição:—

«Fumão ainda nas desertas praias  
Lagos de sangne tepidos e impuros,  
Em que ondeão cadaveres despídos,  
Pasto de corvos. Dura inda nos valles  
O rouco som da irada artilharia.  
Musa, honremos o heroe, que o povo rude  
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue  
Dos decretos reaes lavou a affronta.»

Os defeitos do Uruguay quasi todos provenientes da pressa, com que o autor quiz dar a luz o seu trabalho, talvez para satisfazer os desejos do poderoso ministro, que o protegia, são felizmente compensados por grandes bellezas de invenção e execução; como o soberbo episodio de Lindoya, descripções de combates dignas de Homero, ou de Camões, pinturas admiraveis das scenas naturaes e dos costumes dos indios da America, estylo verdadeiramente grandiloquo, não obstante alguns descuidos, linguagem pura e rica, muita e variada poesia onomatopica, expressa em versos numerosos e perfeitos. Tantas e taes bellezas espalhadas com mão larga por composição, que devia aliás apresentar maiores dimensões, elevão sem duvida á cathegoria de grande poeta epico ao seu autor, a



quem só faltou tempo, e não engenho para produzir uma obra em tudo prima.

Este abalisado poeta em summa, que deixou o cunho do genio impresso nos seus versos feitos á pressa, foi tambem, si deixarmos de attender á datas, o verdadeiro fundador da poesia brazileira, porque soube empregar a côr local com mais arte, que Durão que o procedêo na ordem chronologica, ou aquelle a quem na phrase de Almeida Garrett os brazileiros devem a melhor corôa de sua poesia.

Tendo-vos dado neste uma idéa geral do merito do «Uruguay» com a noticia da vida de seu autor, passarei em outro discurso a analysar o mesmo poema por partes, esmerilhando as suas bellezas uma por uma. Disse.



## LICÇÃO LXXIII.

Antes do descobrimento da America e da India, o Mundo physico e moral da velha civilisação, limitado unicamente á parte do antigo continente, offerecia á poesia um campo menos vasto, que o actual, no que se refere ás scenas naturaes, ás raças de homens e ir-racionaes, á riqueza e variedade dos productos da terra.

A poesia biblica teve por theatro a Judéa, a Syria, o Egypto, parte da Arabia e da Assyria: a poesia classica grega e romana, a Europa, a Asia Menor, a Grande Asia, menos a India e a Sibéria, parte da Africa, ou o Egypto e a actual Berberia: a poesia da idade media, um espaço quasi das mesmas dimensões, que o precedente, si bem de limites menos certos, e pela ventura mais distantes.

Este mesmo theatro porem circumscrevêo-se e alar-

gou-se para a poesia épica, segundo os tempos e os assumptos.

No tempo de Homero que cantou a guerra de Troia na cholera de Achilles, limitou-se à Grecia, a Asia Menor, ao Egypto, e parte do litoral do Mediterraneo. No de Virgilio que cantou a fundação do imperio romano pelo troiano Eneas, e cuja Eneida é ainda um reflexo da guerra de Troia, comprehendêo de mais directamente a Syria, parte da actual Berberia, a Scicilia, a Italia, e indirectamente todo o Orbe Romano de então. Dante que cantou o Inferno, o Purgatorio e o Paraíso pelos fins da idade media, abrangêo o theatro de um Mundo puramente ideal, em que o poeta soube aliás comprehender o physico e moral.

Depois do descobrimento da America e da India alargou-se a esphera do Mundo physico e moral para a poesia épica, bem como para a civilisação.

De todos os poetas modernos Camões que cantou o descobrimento da India por Vasco da Gama e seus heroicos companheiros, foi o que escolhêo um theatro mais vasto; pois comprehende este directa ou indirectamente todos os continentes, ou todo o Mundo conhecido no tempo do poeta. Ariosto que cantou as proezas da cavallaria andante, e Tasso que cantou a restauração do Santo Sepulchro, ou a conquista de Jerusalem por Gofredo de Bulhões e seus cruzados, e cujos poemas são meros reflexos da idade media, a que pertencem as respectivas acções, tiveram unicamente por theatro o antigo continente ou parte delle.

Milton que cantou o Paraiso Perdido, ou a queda do primeiro homem, escolheu um theatro puramente ideal como Dante, e só pela tradição e revelação em relação com o Mundo actual.

Mas o primeiro poeta moderno distincto que tratou de um assumpto propriamente americano, foi o soldado hespanhol Alonzo de Ercilla, que cantou a *Araucana*, cuja primeira parte foi impressa tres annos antes dos Luziadas, escolhendo directamente para theatro o paiz mais meridional da America do Sul, ou o Chile e o archipelago de Chiloe.

Na litteratura portugueza só mais de dois seculos e meio depois do descobrimento da America e do Brazil, é que apparecêrão dois poemas de assumptos propriamente americanos, O Caramurú de Frei José de Santa Rita Durão, e o Uruguay de José Basilio da Gama, dos quaes já vos dei ampla noticia, e cujo theatro directo foi a America ou o Brazil. Atéhi os portuguezes, sem exclusão dos mesmos nascidos no Brazil, admiradores e sectarios da poesia classica, só tractavão de assumptos europeos, e o que é mais singular de scenas e costumes da antiga Grecia, com cujos numes ornavão as suas composições. Os dois poetas nascidos no Brazil, cujos nomes citei, forão os primeiros, que, sacudindo o jugo da poesia classica, ousarão fundar uma nova escola, e crear a poesia brazileira. Por isso a leitura de seus poemas tem um attractivo de mais para os Brazileiros.

O Uruguay, que constitue hoje o objecto de minha

analyse, distingue-se do Caramurú, que já analysei, pelo melhor e mais bem distribuido emprego da côr local, ou porque não resfriou a acção com tantas e tão longas digressões historicas, como o segundo. Ha com tudo no emprego da mesma côr local outra differença entre os dois poemas, que cumpre tornar aqui bem saliente para a melhor apreciação de ambos.

O Caramurú descrevêo o indio da America em toda a sua selvatica bruteza, com todos os seus ferozes instinctos, e hediondos banquetes de carne humana, para se conformar á verdade historica da época, em que se passou a respectiva acção, que foi durante as malogradas tentativas de colonisação do Brazil, feitas por particulares até a fundação da primeira colonia na Bahia por conta do Estado.

O Uruguay, cuja acção se aproxima mais de nossos dias, pois apenas dista delles cousa de um seculo, pinta o mesmo indio já meio civilisado pelos jesuitas, sem aquelles instinctos anthropophagos, e posto a par dos soldados de Gomes Freire de Andrade, o que é sem duvida muito mais poetico.

Assim o assumpto favorecêo mais á José Basilio, ou este soube escolher para a sua epopéa mais poetico assumpto, que Durão.

Feitas estas considerações previas, que me parecêrão requeridas pela materia, entrarei na minha analyse, escolhendo para ler-vos tres das melhores passagens do Uruguay, por onde podereis ajuizar do subido merito do poeta.

Eil-as:—

.....Tinha Cacambo  
 Real esposa a senhoril Lindoya,  
 De costumes suavissimos e honestos  
 Em verdes annos; com ditosos laços  
 Amor os tinha unido, quando ao som primeiro  
 Das trombetas lh'o arrebatou dos laços  
 A gloria enganadora. Ou foi que Balda  
 Engenhoso e subtil quiz desfazer-se  
 Da presença importuna e perigosa  
 Do indio generoso; e desde aquella  
 Saúdosa manhã, que a despedida  
 Presenciou dos dois amantes, nunca  
 Consentio que outra vez tornasse aos braços  
 Da formosa Lindoya, e descobria  
 Sempre novos pretextos da demora.  
 Tornar não esperado e victorioso  
 Foi todo o seu delicto. Não consente  
 O cauteloso Balda que Lindoya  
 Chegue a fallar ao seu esposo; e manda  
 Que uma escura prisão o esconda e aparte  
 Da luz do sol. Nem os reaes parentes,  
 Nem dos amigos a piedade, e o pranto  
 Da enternecida esposa, abrandam o peito  
 Do obstinado juiz: até que á força  
 De desgostos, de mágua e de saudade,  
 Por meio d'um licôr desconhecido,  
 Que lhe dêo compassivo o santo padre,  
 Jaz o illustre Cacambo: entre os gentios  
 Unico, que na paz e em dura guerra,  
 De virtude e valor dêo claro exemplo.  
 Chorado occultamente e sem as honras

Do regio funeral, desconhecida  
 Pouca terra os honrados ossos cobre,  
 Si é que os seus ossos cobre alguma terra.  
 Cruéis ministros, encobri ao menos  
 A funesta noticia. Ai que já sabe  
 A assustada amantissima Lindoya  
 O successo infeliz. Quem a soccorre!  
 Que aborrecida de viver procura  
 Todos os meios de encontrar a morte.  
 Nem quer que o esposo longamente a espere  
 No reino escuro, aonde se não ama.  
 Mas a enrugada Tanajura, que era  
 Prudente e experimentada, e que á seus peitos  
 Tinha creado em mais ditosa idade  
 A mãe da mãe da misera Lindoya,  
 E lia pela historia do futuro,  
 Visionaria, supersticiosa,  
 Que de abertos sepulcros recolhia  
 Nuas caveiras, e esburgados ossos,  
 A uma medonha gruta, onde ardem sempre  
 Verdes candeias, conduzio chorando  
 Lindoya, a quem ama como filha,  
 E em ferrugento vaso licôr puro  
 De viva fonte recolhêo. Trez vezes  
 Girou em roda, e murmurou trez vezes,  
 Co'a carcomida bocca, impias palavras,  
 E as aguas assoprou: depois com o dedo  
 Lhe impõe silencio, e fáz que as aguas note.  
 Como no mar azul, quando recolhe  
 A lisongeira viração as azas,  
 Adormecem as ondas, e retratão



Ao natural as debruçadas penhas,  
 O copado arvoredo, e as nuvens altas.  
 Não de outra sorte á tímida Lindoya  
 Aquellas aguas fielmente pintão  
 O rio, a praia, o valle e os montes, onde  
 Tinha sido Lisboa, e vio Lisboa  
 Entre despedaçados edificios,  
 Com o sôlto cabello descomposto,  
 Tropeçando em ruínas encostar-se;  
 Desamparada dos habitadores  
 A Rainha do Tejo, e solitaria  
 No meio de sepulcros, procurava  
 Com seus olhos socorro; e com seus olhos  
 Só descobria de um e de outro lado  
 Pendentés muros e inclinadas torres.  
 Vê mais o luso Atlante, que forceja  
 Por sustentar o peso desmedido  
 Nos roxos hombros. Mas do ceo sereno,  
 Em branca nuvem próvida donzella  
 Rapidamente desce, e lhe apresenta  
 Da sua mão, espirito constante,  
 Genio de Alcides, que de negros monstros  
 Despeja o mundo, e enxuga o pranto á pátria.  
 Tem por despojos cabelludas pelles  
 De ensanguentados e famintos lobos,  
 E fingidas raposas. Manda e logo  
 O incendio lhe obedece, e de repente  
 Por onde quer que elle encaminhe os passos,  
 Dão logar as ruínas. Vio Lyndoya  
 Do meio dellas, só a um seu aceno,  
 Sahir da terra feitos e acabados

Vistosos edificios. Já mais bella  
 Nasce Lisboa de entre as cinzas: gloria  
 Do grande Conde, que co'a mão robusta  
 Lhe firmou na alta testa os vacillantes,  
 Mal seguros castellos. Mais ao longe  
 Promptas no Téjo, e ao curvo ferro atadas  
 Aos olhos dão de si terrivel mostra,  
 Ameaçando o mar, as poderosas,  
 Soberbas náos. Por entre as cordas negras  
 Alveião as bandeiras: geme atado  
 Na pôpa o vento; e alegres e vistosas  
 Descem das nuvens a beijar os mares  
 As flamulas guerreiras. No horizonte  
 Já sobre o mar azul apparecia  
 A pintada Serpente, obra e trabalho  
 Do Novo Mundo, que de longe vinha  
 Buscar as nadadoras companheiras;  
 E já de longe a fresca Cintra e os Montes,  
 Que inda não conhecia, saúdava.  
 Impacientes da fatal demora,  
 Os lenhos mercenarios junto á terra  
 Recebem no seu seio, e a outros climas,  
 Longe dos doces ares de Lisboa,  
 Transportão a Ignorancia e a magra Inveja;  
 E envolta em negros e compridos pannos  
 A Discordia, o Furor. A torpe e velha  
 Hypocrisia vagarosamente  
 Atrás delles caminha; e inda duvida  
 Que houvesse mão, que se atrevesse a tanto.  
 O povo a mostra com o dedo; e ella  
 Com os olhos no chão da luz do dia

Foge, e cobrir o rosto inda procura  
 Com os pedaços do rasgado manto,  
 Vai, filha da ambição, onde te levão  
 O vento e os mares: possão teus alumnos  
 Andar errando sobre as aguas: possa  
 Negar-lhe a bella Éúropa abrigo e porto.

—

Salvas as tropas do nocturno incendio,  
 Aos povos se avisinha o grande Andrade,  
 Depois de afugentar os indios fortes,  
 Que a subida dos montes defendião,  
 E rotos muitas vezes e espalhados  
 Os Tapes cavalleiros, que arremeção  
 Duas causas de morte em uma lança,  
 E em largo gyro todo o campo escrevem.  
 Que negue agora a perfida calumnia  
 Que se ensinava aos barbaros gentios  
 A disciplina militar, e negue  
 Que mãos traidoras á distantes povos  
 Por asperos desertos conduzião  
 O pó sulfureo, e as sibilantes ballas,  
 E o bronze, que rugia nos seus muros.  
 Tu que viste e pizaste, ó Blasco insigne,  
 Todo aquelle paiz, tu só pudeste,  
 Co'a mão, que dirigia o ataque horrendo,  
 E aplanava os caminhos á victoria,  
 Descrever ao teu rei o sitio e as armas,  
 E os odios e o furor e a incrível guerra.  
 Pisarão finalmente os altos riscos

De escavada montanha, que os infernos  
Co' o peso opprime, e a testa altiva esconde  
Na região, que não perturba o vento.  
Qual vê quem foge á terra, pouco a pouco  
Ir crescendo o horisonte, que se encurva,  
Até que com os céos o mar confina,  
Nem tem á vista mais que o ar e as ondas:  
Assim quem olha do escarpado cume,  
Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre  
A tarda e fria nevoa, escura e densa.  
Mas quando o sol, de lá do eterno e fixo  
Purpureo encôsto do dourado assento,  
Co' a creadora mão desfaz, e corre  
O véo cinzento de ondeadas nuvens,  
Que alegre scena para os olhos! Podem  
Daquella altura, por espaço immenso,  
Vêr as longas campinas retalhadas  
De tremulos ribeiros; claras fontes  
E lagos cristallinos, onde molha  
As leves azas o lascivo vento;  
Engraçados outeiros, fundos valles  
E arvoredos copados e confusos,  
Verde theatro, onde se admira quanto  
Produzio a superflua Natureza.  
A terra soffredora de cultura  
Mostra o rasgado seio; e as varias plantas,  
Dando as mãos entre si, tecem compridas  
Ruas, por onde a vista saúdosa  
Se estende e perde. O vagaroso gado  
Mal se move no campo, e se divisão  
Por entre as sombras da verdura, ao longe,

As casas branquejando, e os altos templos.  
 Ajuntavão-se os indios entretanto  
 No logar mais visinho, onde o bom padre  
 Queria dar Lyndoya por esposa  
 Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto  
 E a regia autoridade de Cacambo.  
 Estão patentes as douradas portas  
 Do grande templo, e na visinha praça  
 Se vão dispendo de uma e de outra banda  
 As vistosas esquadras differentes.  
 Co'a chata frente de Urucú tingida,  
 Vinha o Indio Kobbé disforme e feio,  
 Que sustenta nas mãos pesada maça,  
 Com que abate no campo os inimigos,  
 Como abate a seára o rijo vento.  
 Traz comsigo os selvagens da montanha  
 Que comem os seus mortos; nem consentem  
 Que jámais lhes esconda a dura terra  
 No seu avaro seio o frio corpo  
 Do doce pae, ou suspirado amigo.  
 Foi o segundo, que de si fez mostra,  
 O mancebo Pindó, que succedêra  
 A Cepé no logar: inda em memoria  
 Do não vingado irmão, que tanto amava,  
 Leva negros pennachos na cabeça.  
 São vermelhas as outras pennas todas,  
 Côr, que Cepé usára sempre em guerra.  
 Vão com elle os seus Tapes, que se affrontão,  
 E que têm por injuria morrer velhos.  
 Segue-se Caitutú do regio sangue,  
 E de Lindoya irmão. Não muito fortes

São os que elle conduz; mas são tão déstros  
 No exercicio da fréxa, que arrebatão,  
 Ao verde papagaio o curvo bico,  
 Voando pelo ar. Nem dos seus tiros  
 O peixe prateado está seguro  
 No fundo do ribeiro. Vinhão logo  
 Alegres Guaranis de amavel gesto.  
 Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.  
 Pennas da côr do ceo trazem vestidas,  
 Com cintas amarellas: e Baldetta  
 Desvanecido a bella esquadra ordena  
 No seu Jardim: até o meio a lança  
 Pintada de vermelho, e a testa e o corpo  
 Todo coberto de amarellas plumas.  
 Pendente a rica espada de Cacambo,  
 E pelos peitos ao través lançada,  
 Por cima do hombro esquerdo, a verde faxa  
 De donde ao lado opposto a aljava desce  
 N'um cavallo da côr da noite escura  
 Entrou na grande praça derradeiro  
 Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando  
 Tropel confuso de cavalleria,  
 Que combate desordenadamente.  
 Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem  
 Pelles de monstros os seguros peitos.

..... Não faltava,  
 Para se dar principio á estranha festa,  
 Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparão

Todas de brancas pennas revestidas,  
Festões de flores, as gentis donzellas.  
Cansados de esperar, ao seu retiro  
Vão muitos impacientes a buscal-a.  
Estes da crespa Tanajura aprendem  
Que entrâra no jardim triste e chorosa,  
Sem consentir que alguém a acompanhasse.  
Um frio susto corre pelas veias  
De Caititú, que deixa os seus no campo;  
E a irmã por entre as sombras do arvoredo  
Busca co'a vista, e treme de enconral-a.  
Entrão em fim na mais remota e interna  
Parte do antigo bosque, escuro e negro,  
Onde ao pé de uma lapa cavernosa  
Cobre uma rouca fonte, que murmura,  
Curva latada de jasmins e rosas.  
Este lugar delicioso e triste,  
Cangada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a misera Lindoya.  
Lá reclinada, como que dormia,  
Na branda relva e nas mimosas flores,  
Tinha a face na mão e a mão no tronco  
De um funebre cypreste, que espalhava  
Melancolica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim sobresaltados,  
E parão cheios de temor ao longe:  
E nem se atrevem a chamal-a, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,

E fuja, e apresse no fugir a morte.  
 Porém o déstro Caititú, que treme  
 Do perigo da irmã, sem mais demora  
 Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes  
 Soltar o tiro, e vacillou trez vezes  
 Entre a ira e o temor. Em fim sacode  
 O arco, e faz voar a aguda setta,  
 Que toca o peito de Lindoia, e fere  
 A serpente na testa, e a bocca e os dentes  
 Deixou cravados no visinho tronco.  
 Açouta o campo co'a ligeira cauda  
 O irado monstro, e em tortuosos giros  
 Se enrosca no cipreste, e verte envolto  
 Em negro sangue o lívido veneno.  
 Leva nos braços a infeliz Lindoia  
 O desgraçado irmão, que ao despertal-a  
 Conhece (com que dôr!), no frio rosto,  
 Os signaes do veneno, e vê ferido  
 Pelo dente subtil o brando peito,  
 Os olhos em que amor reinava um dia,  
 Cheios de morte; e muda aquella lingua,  
 Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes  
 Contou a larga historia de seus males.  
 Nos olhos Caititú não soffre o pranto,  
 E rompe em profundissimos suspiros,  
 Lendo na testa da fronteira gruta  
 De sua mão já tremula gravado  
 O alheio crime, e a voluntaria morte.  
 E por todas as partes repetido  
 O suspirado nome de Cacambo.  
 Inda conserva o pallido semblante



Um não sei què de magoado e triste,  
 Que os corações mais duros enternece.  
 Tanto era bella no seu rosto a morte!

Na primeira das tres passagens escolhidas, a qual é a primeira parte do bello episodio de Lindoya, notai, Senhores, a exquisita sensibilidade, que o poeta sabe derramar por toda ella, quer no tocante ao triste fim de Cacambo, quer na expressão da dôr da misera amante: outro sim, a rara habilidade, com que n'uma visão desta ultima apresenta primeiramente a vista de Lisbôa destruida pelo terremoto, depois a da mesma cidade reedificada pelo marquez de Pombal, e por ultimo a do embarque dos jesuitas expulsos de Portugal e do Brazil. Vêde como são sentimentaes e patheticos estes versos:—

Cruéis ministros, encobri ao menos  
 A funesta noticia. Ai que já sabe  
 A assustada amantissima Lyndoya  
 O successo infeliz. Quem a soccorre!  
 Que aborrecida de viver procura  
 Todos os meios de encontrar a morte.  
 Nem quer que o esposo longamente a espere  
 No reino escuro, aonde se não ama.

O susto, a dôr e o desespero, que experimenta a desditosa amante ao saber a fatal noticia da morte do esposo, envenenado no carcere pelo jesuita Balda, achão-se ahi expressos com todos os caracteres de

verdade, e commovem profundamente. A natural pintura da acerbissima situação da infeliz é um rasgo de pathetico verdadeiramente sublime, porque falla eloquentemente ao coração, e só a elle.

Só vos citarei mais outro trecho da mesma passagem, porque é ainda uma notavel pintura de outro genero:—

..... A torpe e velha  
 Hypocrisia vagarosamente  
 Atrás delles caminha, e inda duvida  
 Que houvesse mão, que se atrevesse a tanto.  
 O povo a mostra com o dedo, e ella  
 Com os olhos no chão da luz do dia  
 Foge, e cobrir o rosto inda procura  
 Com os pedaços do rasgado manto.

A Hypocrisia Jesuitica, que com indizivel artificio fascinou, e subjugou por tanto tempo os reis e os povos, acha-se retratada nestes versos com traços caracteristicos lançados por mão de mestre. Nada escapa ao poeta neste retrato tirado ao natural, quanto ao phisico e moral, pois conhecia o original de perto, por haver pertencido á ordem. Os epithetos, tôrpe, velha, ahí formão imagens apropriadas. As pausas dos versos, que se empernãõ uns nos outros de proposito, pintão perfeitamente seja o andar lento, . . . «A torpe e velha Hypocrisia vagarosamente A trás delles caminha,» Seja a duvida sobre a ousadia do golpe desfechado, «e . . . inda duvida Que houvesse mão que se atrevesse a

tanto;» seja o desapontamento, o sobresalto e a vergonha. . . «e ella Com os olhos no chão da luz do dia Foge, e cobrir o rosto inda procura Com os pedaços do rasgado manto.» É uma soberba pintura, a que nada falta para produzir o desejado effeito poetico.

A segunda passagem é notavel pela belleza das scenas naturaes. As vastas campinas da America do Sul com seus ribeiros e lagos, suas graciosas collinas, seus fundos valles, seus arvoredos copados e confusos, avistadas do cume de um monte pelas tropas de Gomes Freire, como Jerusalem ao longe pelas de Godofredo de Bulhões, ahí apresentam o mais soberbo e magnifico prospecto, que poeta jámais descrevêo. Para prova do que digo basta citar-vos este bello trecho:—

..... Podem  
Daquella altura, por espaço immenso,  
Ver as longas campinas retalhadas  
De tremulos ribeiros, claras fontes  
E lagos cristalinos, onde molha  
As leves azas o lascivo vento.  
Engraçados outeiros, fundos valles  
E arvoredos copados e confusos  
Verde theatro, onde se admira quanto  
Produzio a superflua Natureza.

Não é de certo possível pintar com mais naturalidade, galhardia e frescura as admiraveis paisagens da America, que se desdobraão a perder de vista, e descrevem o mais soberbo e variado panorama aos olhos

extasiados, observado do cimo de um monte. O poeta, que reunia á grande eugenho perfeito conhecimento local, não podia escolher melhor ponto de observação para tão grandioso e sublime quadro.

Citar-vos hei ainda desta passagem os seguintes versos notaveis pela poesia imitativa que encerrão:—

N'um cavallo da cõr da noite escura  
 Entrou na grande praça derradeiro  
 Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando  
 Tropel confuso de cavallaria,  
 Que combate desordenadamente.

Ahi tudo é pittoresco e onomatopico,—as imagens, os sons, e os versos descarcauos de proposito para representar o abalo, o estremecer do solo, a desordem, a confusão: . . . «E vem guiando Tropel confuso de cavallaria, Que combate desordenadamente.» Parece que se sente, ouve e vê, o que o poeta quiz representar-nos.

A terceira passagem, que é a ultima parte do episodio de Lindoya, ou a catastrophe, é notavel pela fôrça do pathetico que em toda ella domina, e a mais bella pela ventura de todo o poema, que aliás contem outras mui ricas de poesia. Pelo menos não me recordo de haver lido nada melhor neste genero, que os seguintes admiraveis versos:—

Leva nos braços a infeliz Lyndoya  
 O desgraçado irmão que, ao despertal-a,

Conhece, com que dor ! no frio rosto  
 Os signaes do veneno, e vê ferido  
 Pelo dente subtil o brando peito !  
 Os olhos em que Amor reinava um dia  
 Cheios de morte; e muda aquella lingua  
 Que ao surdo vento, e aos echos tantas vezes  
 Contou a larga historia de seus males.  
 Nos olhos Caititú não soffre o pranto,  
 E rompe em profundissimos suspiros,  
 Lendo na testa da fronteira gruta  
 De sua mão já trémula gravado  
 O alheio crime, e a voluntaria morte.  
 E por todas as partes repetido  
 O suspirado nome de Cacambo.  
 Inda conserva o pallido semblante  
 Um não sei que de magoado e triste,  
 Que os corações mais duros enterneece.  
 Tanto era bella no seu rosto a morte !

Aqui não descerei a promenores de analyse; tudo é bello, primoroso, pathetico—as imagens, os versos, e o conceito. Ninguém ao lêr esta magnifica descripção da belleza morta, e morta de morte prematura e voluntaria, para não pertencer ao filho de quem lhe assassina o amante esposo, deixará de exclamar enternecido, é natural, arrebatador, sublime; pois faz vibrar todas as cordas do coração. Assim só accrescentarei que uma tão primorosa pintura não podia terminar melhor, que por estes inimitaveis versos, que revelão a um tempo o coração sensível, e o apurado

gosto do poeta: «Inda conserva o pallido semblante  
Um não sei que de magoado e triste, Que os corações  
mais duros enternece. Tanto era bella no seu rosto  
a morte!»

O sensível cantor da infeliz Lindoya, como Almeida Garrett designa o autor, pode correr parêllhas na expressão do sentimento com Bernardim Ribeiro e com Camões, que forão os poetas portuguezes, que melhor o exprimirão antes d'elle, guardada todavia a differença dos tempos, e assumptos.

Tendo apreciado o Uruguay de José Basilio da Gama, que é o ultimo poeta notavel do seculo XVIII, nascido no Brazil, passarei em outros discursos a analysar as poesias do Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, o primeiro poeta notavel, igualmente nascido no Brazil, que florecêo já no seculo XIX. Por hoje aqui termino.

---

## SECÇÃO TERCEIRA.



O Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, poeta; sua Biographia; sua Traducção Paraphrastica dos Psalmos de David; suas Poesias Lyricas sacras; suas Poesias Lyricas profanas.

### LICÇÃO LXXIV.

Vou, Senhores, occupar-me agora com o poeta mais distincto nascido e fallecido no Brazil, em quanto este fazia parte da monarchia portugueza, o Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, autor da sublime paraphrase dos psalmos de David, que o eleva á cathegoria de um dos maiores lyricos dos tempos modernos, e de poesias originaes de subido merito, que lhe assignão igualmente um dos primeiros logares entre os lyricos da lingua portugueza. Este grande poeta que foi, segundo o attesta o seu dialecto poetico e apurado gosto, um dos mais genuinos representantes da escola de Camões, florecêo no reinado de D. Maria I, e na regencia do principe D. João que reinou depois com o titulo de D. João VI, e foi contemporaneo de Francisco Manoel e de Bocage, aos quaes igualou em talento, e excedêo em instrucção. A sua traducção dos

psalmos sobre tudo, um dos mais soberbôs monumentos da poesia biblica em lingua viva, é um verdadeiro thesouro de poesia lyrica, com que enriquecêo a litteratura portugueza então tambem nossa, e tal, que, si exceptuarmos as litteraturas ingleza e allemã, a eleva nesta parte acima das outras da Europa, que não possuem transumptos igualmente magnificos dessa antiga e primordial poesia, tão cheia de magestade, nobreza e súblimidade. Antes porem de entrar na apreciação das poesias deste insigne poeta, devo dar-vos noticia de sua vida, character e estudos especiaes.

Nascêo Antonio Pereira de Sousa Caldas a 24 de Novembro de 1762 na cidade do Rio de Janeiro, que foi pouco depois elevada á cathegoria de capital do Estado do Brazil por el-rei D. José I, porque a perda da colonia do Sacramento no Rio da Prata, occorrida a 29 de Outubro do mesmo anno, chamára para o sul da vasta colonia portugueza a attenção do governo da metropole. Nascêo de compleição mui debil e doentia, como Garção, porque ás vezes a natureza capricha em revestir o genio com um involucro mais fragil, que o dos outros homens.—O genio é um privilegio que não se possui de ordinario, senão com perda das dimensões de outras vantagens de diversa ordem.—

Foi filho de Luiz Pereira de Sousa, negociante pouco abastado, e de sua mulher D. Anna Maria de Sousa, ambos nascidos no Brazil, mas oriundos de honestas familias portuguezas.

Recebêo educação mui esmerada, mas toda europêa,



por que seu pae julgando que a mudança de clima contribuiria para o desenvolvimento de seu physico, e melhoramento de sua saude, o mandou para Lisbôa na idade de 8 annos, confiando-o aos cuidados de parentes que alli tinha. Desta viagem e de seu triste estado faz menção o poeta no seguinte soneto, escripto provavelmente nos carcerees da inquisição:—

Oito annos apenas eu contava,  
Quando á furia do mar abandonando  
A vida, em fragil lenho, demandando  
Novos climas, da patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava  
O tenro peito a ir acostumando;  
E mais tyranna sorte adivinhando  
Em lagrimas o Pae, e a Mãe deixava.

Entre ferros, pobreza, enfermidade  
Eu vejo, ó Ceos! que dôr! que iniqua sorte!  
O comêço da mais risonha idade!

Á velhice cruel, (ó dura morte!)  
Que faz tremer tão triste mocidade,  
Para poupar-me, descarrega o côrte.

A sua educação litteraria que teve principio em Lisbôa sob as vistas dos parentes de seu pae, completou-se na universidade de Coimbra, para onde partio aos 16 annos de idade a estudar jurisprudencia, e onde se formou em direito, não obstante um incidente desagradavel, que interrompêo os seus estudos, e de que logo tratarei.

Era o poeta affavel e de character brando, mas sujeito a accessos de melancholia, porque o estado valedudinario do seu phisico influa necessariamente sobre o moral, occasionando-lhe invencivel tristeza, como elle proprio diz. Esta disposição para a melancholia, proveniente do seu phisico, foi aggravada pelo incidente alludido, o qual contribuiu para tornal-o mais melancholico e hypocondriaco.

Foi justamente quando elle frequentava as aulas da universidade, que entrou a desenvolver-se com mais força o seu talento, pois durante essa quadra é que compoz quasi todas as suas poesias denominadas profanas, entre as quaes se notão algumas mui bellas, como a cantata de Pigmalião e a ode ao homem selvagem. Esses e outros lindos versos, com que se ensaiava a sua brilhante Musa para missão mais alta, derão-lhe logo uma celebridade, que, transpondo o circulo de seus amigos e collegas nos estudos, estendêo-se ao longe, e o prejudicou, tornando-o mais conhecido do que convinha, segundo os tempos que corrião, porque tinha-se regressado então ao beaterio de meio seculo atrás, ou do tempo de D. João V.

Havia fallecido D. José I; achava-se exilado o marquez de Pombal; e reinava D. Maria I, que seguia uma politica opposta á de seu pae que se mostrara protector das lettras, reformando a universidade, e animando a cultura da boa poesia.

O governo fradesco desta Senhora achou que era perigoso um sujeito de tanto talento, mandou-o prender,

apesar de seus poucos annos, e o fez julgar pelo tribunal do Santo Officio. Em attenção porem á sua idade, pouco tempo se conservou preso, e foi apenas condemnado a fazer exercicios por seis mezes na congregação dos padres cathequistas de Rilhafoles. Entregue ali á solidão e á leitura dos livros santos, soube por suas maneiras affaveis e talentos superiores captar a benevolencia dos padres da congregação, que intercederão por elle ao governo, e lhe obtiverão o perdão, e a licença para continuar os seus estudos interrompidos.

Assim não forão só Francisco Manoel e Bocage, que soffrêrão perseguições por seu talento, e tiverão a ajustar contas com a inquisição. Tambem Sousa Caldas gemêo nos carceres d'esta, como o segundo, porque não poudo expatriar-se como o primeiro. Era esse então o baptismo do genio, e felizmente que já não era de sangue, como o que teve o infeliz Antonio José. Que tempos para os homens de lettras !

De volta á universidade, continuou o poeta os seus estudos de jurisprudencia, e conseguidos os grãos academicos, dedicou-se á profissão de advogado, que exercêo por algum tempo, recusando o lugar de juiz de fóra de uma das comarcas do Brazil, para que fóra despachado por solicitações de seus amigos.

A noticia porem da morte de seu pae, que sobreveio pouco depois, occasionou-lhe tão profundo desgosto, que se resolvêo a deixar Portugal, e a viajar pela Europa, para distrahir-se com a locomoção, e ao

mesmo tempo instruir-se, cultivando o seu espirito nos focos mais notaveis das sciencias.

A França de cujos escriptores celebres tinha grande licção, foi a primeira parte do continente europeu, que attrahio as suas vistas, e para ahi dirigio seus passos. Era istó em 1785; e já então esse paiz começava a agitar-se com os preludios da immensa revolução, de que foi ensanguentado theatro. A geral effervescencia que ahi notou, não podia de certo convir ao seu espirito, que só ambicionava cultivar-se no remanso da paz. Por isso sem fazer longa demora no territorio francez encaminhou-se logo para a Italia, cujas principaes cidades e monumentos visitou com proveito de seus estudos, porque ahi vivêo vida repousada, e conforme aos seus desejos. Em Roma estabeleçêo por fim a sua residencia, para dedicar-se inteiramente á cultura das lettras. Ahi, estimado do papa Pio VI, abraçou a vida ecclesiastica, compoz grande parte de suas poesias sagradas, e entreteve relações com os mais acreditados sabios da época.

Depois de residir alguns annos em Roma, como o celebre padre Antonio Vieira, regressou á Portugal, onde recusou, para viver em independente pobreza, a rendosa abbadia de Lobrigos, e a mitra episcopal do Rio de Janeiro, que lhe fôrão offerecidas em consequencia da grande nomeada de suas lettras e virtudes, mostrando-se ainda nisto semelhante áquelle padre, que tambem regeitou bispados, para ficar isempto de toda e qualquer sujeição official. Nos quatro annos que resi-

dio em Portugal depois da sua vinda de Roma, entregou-se com ardor ao ministerio do pulpito, concorrendo sempre grande multidão de povo a ouvir a sua palavra eloquente, e cheia de unção.

A lembrança porém de sua patria, e as saudades de sua mãe que ainda vivia, o conduzirão ás praias do Rio de Janeiro, em 1801, segundo se suppõe, quando ainda essa cidade estava sob a recente e terrivel impressão da execução de Joaquim José da Cunha Xavier, por alcunha o Tira Dentes, e das sentenças de degredo fulminadas contra seus illustres e infelizes complices, por tentarem em 1780 separar a então capitania de Minas Geraes do dominio da corôa portugueza, enthusiasmados com a emancipação dos Estados-Unidos da America do Norte, e com idéas da revolução franceza.

Projectou, para dar impulso á cultura do espirito na sua patria, reorganisar as sociedades litterarias que haviam existido, mas sem resultado, porque os principaes homens de letras, que devião compô-las, gemião dispersos pelos insalubres presidios de Africa, e os mais estayão ainda aterrados com a lembrança da precedente catastrophe, que só a gente instruida havia alcançado. Ao cabo de quatro annos de residencia na patria, desgostoso sem duvida com este estado de cousas, voltou para Portugal em 1805, e dêo então começo á sua primorosa traducção dos psalmos.

De Portugal sahio de novo para o Brazil em companhia da familia real pelos fins de 1807, e com ella

em principio de 1808 aportou no Rio de Janeiro, onde se conservou até a época de sua morte, occorrida a 2 de Março de 1814.

Nos seis annos que ainda vivêo na patria, cercado do geral respeito e consideração, que inspiravão o seu saber, talentos e virtudes, concluiu a sua traducção sobredita, e exercêo o ministerio do pulpito sempre com admiração de numeroso concurso de povo, que, como em Portugal acodia a ouvil-o, arrebatado por sua persuasiva eloquencia.

Compoz Sousa Caldas a paraphrase dos psalmos, das poesias lyricas sacras e profanas, que correm impressas em 2 volumes de 8.<sup>o</sup> francez, estampados em Paris em 1820 e 1821 por diligencia de seu sobrinho Antonio de Sousa Dias, com um discurso sobre a poesia e a lingua hebraica, notas e observações, do tenente general Francisco de Borja Garção Stoeler, amigo do autor. Compoz mais, além dessas, outras poesias que nunca forão impressas, entre as quaes algumas tragedias, segundo affirma o Sr. João Manoel Pereira da Silva, e grande numero de obras em prosa, como sermões, cartas, e outras, que ou se perdêrão, ou se conservão ineditas nas mãos de seus parentes.

Foi o padre Sousa Caldas um dos maiores lyricos do principio deste seculo; e si com elle rivalisárão em talento Francisco Manoel e Bocage, excedêo em instrucção a todos os poetas contemporaneos; pois não satisfeito com a que tinha bebido em Portugal, viajou pelos paizes mais cultos da Europa, unicamente com

o fim de augmentar o seu cabedal litterario. Assim foi cabal no conhecimento das linguas e litteraturas antigas e modernas, como o attestão suas obras, ou um grande poeta, e ao mesmo tempo um sabio. A sua sublime paraphrase dos psalmos assigna-lhe um lugar tão eminente no Parnaso, que ainda não foi attingido por outro poeta de lingua portugueza, e nas odes e cantadas hombreou com os melhores.

Eis o juizo de Almeida Garrett accerca d'elle; «O padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, brazileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica, apenas encetada por Camões na paraphrase dos psalmos *super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima neste genero.»

«A cantada de Pygmalião, a ode ao homem selvagem, são excellentes tambem.»

Ao deste illustrado critico addicionarei ainda o de M. Ferdinand Denis.» No numero das producções notaveis desta época, releva collocar as poesias de Pereira de Sousa Caldas, que traduzio os psalmos de David. Encontra-se na versão destes canticos sagrados tal nobreza de expressão, e tal magia de estylo, que indicão que Caldas não é simplesmente um habil traductor, mas um verdadeiro poeta original. Com as suas poesias sacras o provou; pois apresentam ellas um movimento de entusiasmo e grandeza tal, que arrebatam o pensamento ao mais elevado sublime. Com razão classifica Garção Stoeler a ode segunda á religião como

uma das mais bellas pro ducções da poesia portugueza. As poesias intitulas profanas revelão ainda o talento o mais distincto; mas nota-se que o poeta acha-se nelas menos em sua esphera. A ode ao homem selvagem porem é igual no poetico aos seus mais bellos hymnos sagrados.»

Tendo-vos dado noticia da vida deste poeta, dotado de tão singular engenho, como instrucção, e geral idèa do seu elevado merito como lyrico sagrado e profano, passarei em outros discursos a analysar as suas poesias, começando pela sua admiravel traducção dos psalmos. Por hoje aqui faço ponto.



## LICÇÃO LXXV.

O padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, poeta insigne e orador eloquente, de cuja vida e obras vos dei abreviada noticia no precedente discurso, é incontavelmente um dos primeiros lyricos, não só da lingua portugueza, mas dos tempos modernos, pela sua soberba traducção dos psalmos de David, á qual nenhuma outra se iguala em lingua alguma viva, de que eu tenha conhecimento. E com effeito passar sem quebra para uma das linguas que actualmente fallamos, toda a grandeza e sublimidade da poesia biblica, é empreza que por si só o eleva á cathegoria de um verdadeiro genio na poesia lyrica, prescindindo já do logar eminente, que nella lhe assignão as suas composições originaes.

Diversos e mui distinctos poetas, italianos e francezes, como Saverio Mattei, Rugilo, J. B. Rousseau, tentárão

esta ardua empresa, antes do exímio traductor portuguez, mas todos ficarão áquem do seu importante objecto nos transumptos, mais ou menos apagados, que nos dêrão dos psalmos de David. E não ha que admirar, porque a poesia biblica tão elevada no grandioso do conceito, como rica em viveza de imagens, é por demais simples na expressão poetica propriamente dita, e por isso mesmo mui difficil de passar em toda a sua ingenua pureza para qualquer de nossos modernos idiomas, tão oppostos em sua indole e riqueza á indole e simplicidade, antes pobreza material, do Hebraico, cujos principaes caracteristicos nos forão fielmente conservados nas versões latina e grega da Biblia. Estava reservado para o padre Sousa Caldas, génio nascido no Brazil, educado em Portugal, e aperfeiçoado na Italia, o atinar com todos os tons da harpa do poeta rei, sem que lhe escapasse um só. Quanta força de engenho não era preciso desenvolver para chegar a este resultado, que nunca pudêrão conseguir outros poetas em diversas linguas, e aliás de reconhecido talento! Para produzir um transumpto dos psalmos tão primoroso, como o de que tratamos, era mister que o Padre Sousa Caldas tivesse não só talento igual ao do poeta rei, mas gosto e criterio em summo grão!

Outros poetas portuguezes, como o tenente general Garção Stoeler, amigo do autor e a marquezia de Alorna e condessa de Assumar e Oeynhausén, mulher eruditissima, vertêrão tambem os psalmos, o primeiro em parte, a segunda no todo, mas ficarão ambos mui-

to áquem do Padre Sousa Caldas, porque nenhum tinha o extraordinario engenho delle.

Camões, para quem Lisbôa era Sião, fez a paraphrase do psalmo *Super flumina Babylonis*, applicando o texto da poesia biblica aos seus infortunios particulares, depois do naufragio, que soffrêo quando vinha de Macáo, e á devassidão de costumes dos portuguezes na India; mas a sua paraphrase, com quanto bella, não pode, por sua applicação especial, ser reputada uma versão propriamente dita. Do comêço della, e do da que fez o Padre Sousa Caldas do mesmo psalmo, se conhece logo o diverso fim que teve em vista um e outro poeta. Eis o da de Camões:—

Sobolos rios qua vão  
De Babylonia me achei,  
Onde sentado chorei  
As lembranças de Sião.

Eis o da do Padre Caldas:—

Nas praias que o Eufrates rega,  
Abatidos nos sentamos,  
De amaro pranto as banhamos,  
Com saudades de Sião.

Assim a traducção dos psalms pelo Padre Sousa Caldas, superior a todas quantas se lêem em diversas linguas, é um verdadeiro thesouro de poesia, com que forão enriquecidas as letras no Brazil e em Portugal, e

por conseguinte a lingua portugueza, que leva nisto vantagem ás dos outros paizes cultos da Europa e America. Para que façais ajustada idea desta soberba versão, passarei a lêr-vos della o primeiro, e o decimo oitavo psalmos, com as suas variantes em versos da arte menor. Eil-os:—

*Beatus vir qui non abiit . . .*

TRADUCÇÃO I.

Feliz aquelle que os ouvidos cerra  
 A malvados conselhos,  
 E não caminha pela estrada iniqua  
 Do peccador infame,  
 Nem se encosta orgulhoso na cadeira  
 Pelo vicio empestada;  
 Mas na lei do SENHOR fitando os olhos,  
 A revolve e medita,  
 Na tenebrosa noite e claro dia  
 A fortuna e a desgraça,  
 Tudo parece á seu sabor moldar -se:  
 Elle é, qual tenro arbusto,  
 Plantado á margem de um ribeiro ameno,  
 Que de virentes folhas  
 A erguida frente bem depressa ornando,  
 Na sazão opportuna,  
 De fructos curva os succulentos ramos.  
 Não sois assim, ó impios;  
 Mas qual o leve pó que o vento assopra,  
 Aos ares alevanta,

E abate, e espalha, e com furor dissipa.

Por isso vos espera

O dia da vingança, e o frio sangue

Vos coalhará de susto;

Nem surgireis, de gloria revestidos,

Na assembléa dos justos.

O SENHOR da virtude é firme esteio,

Em quanto o impio corre,

De horrisonas procellas combatido,

A naufragar sem tino.

TRADUÇÃO II DO MESMO PSALMO.

Venturoso o que não vaga

Pela estrada criminosa

Da impiedade, e a voz dolosa

Do malvado, que extravaga

Com sorriso, não affaga;

Nem do vicio corruptor

Na cadeira pestilente

Se assentou, com cego ardor;

Antes posta sempre a mente

Traz na lei do Creador.

Qual arbusto que plantado,

Das aguas junto á corrente,

Com frescura permanente

Sempre está verde e copado,

E, no tempo apropriado,

Troca em fructo a tenra flôr:

Tal o justo que se esmera

Na lei santa do SENHOR;  
 Logo tudo lhe prospera,  
 Tudo corre á seu sabor.

Não assim a gente impia:  
 Mas qual leve pó, que o vento  
 Ergue e varre n'um momento,  
 E sôlto aos ares envia.  
 É por isso que, no dia  
 Do juizo, se verão  
 Justos e impios separados,  
 Os impios naufragarão;  
 E aos justos, de gloria ornados,  
 O SENHOR dará a mão.

*Coeli enarrant gloriam Dei...*

TRADUÇÃO I.

Os ceos resôão do SENHOR a gloria,  
 E o firmamento luminoso ostenta,  
 Por toda a parte, do supremo artifice

As mãos divinas.

O dia e noite revezados cantão  
 Sua grandeza, que o visinho dia,  
 E a imminente tenebrosa noite

De novo entôão.

Os povos todos, inda o mais selvatico,  
 Ouvem, percebem esta voz sonora;

E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo,  
Sôa e retumba.

Poz o seu throno sobre o sol ardente  
Que as nuvens rompe, e qual gentil esposo  
Ergue do leito nupcial a frente

Pomposa e leda:

Com desmedido agigantado passo,  
De um polo a outro se abalança e gira;  
Deserto monte, solitario valle

Não se lhe escondem.

E como a lei immaculada e pura  
De DEUS esplende! testemunho certo  
De altas promessas, o perdido espr'ito

Toca e converte:

De almo prazer os corações embebe,  
Illustra os olhos deslumbrados, enche  
Singelos peitos de saber profundo:

É santa, e eterna.

Em si descobre da verdade o lume  
Que a justifica; na doçura excede  
Sab'roso favo, mais que o oiro e pedras

Preciosas brilha.

Teu servo a guarda; copioso e grande  
Premio a circumda. Mas, SENHOR, quem pode  
Os seus delictos conhecer? d'occultos

Que me não lembrão,

Ó DEUS, me alimpa o carregado peito;  
Nem me castigues por alheias culpas:

Si o meu espr'ito de tão grande peso

Não fôr curvado,

Puro e innocente de medonhos vicios,

Despedirei a voz canora, e grata  
 Á teus onvidos: este é todo o objecto  
 De meu desvelo.  
 A minha mente, e coração devoto,  
 Ante teus olhos, girará constante,  
 Ó meu SENHOR, e todo o meu amparo,  
 Meu Redemptor.

TRADUCÇÃO II DO MESMO PSALMO.

1

Um DEUS immenso  
 Os ceos resdão,  
 E a gloria entdão  
 Do Creador:  
 No firmamento,  
 Astros brilhantes  
 Cantão, constantes,  
 O seu SENHOR.

2

O clarodia,  
 Que foge, o conta  
 Á que desponta  
 Seguinte luz:  
 Por entre as trevas  
 Da noite escura,  
 A face pura  
 De DEUS traluz.

3

Ouvem da Terra  
 Os povos todos,  
 Em varios modos,  
 Tão alta voz:  
 Do Tejo ao Ganges,  
 Jaz descoberto  
 Este concerto  
 Que elle compoz.

4

No sol se estriba  
 O sublimado  
 Throno sagrado  
 Do grande DEUS:  
 E como bello  
 Rompedo dia  
 O astro, e alumia  
 A Terra e os Ceos!



5

Vede como ergue,  
 Na madrugada,  
 A face ornada  
 D'almo esplendor!  
 Qual sahe do leito  
 Nupcial o esposo  
 Ledo, e mimoso  
 De um puro amor.

8

Si me namora  
 Tanta belleza  
 Que á natureza  
 DEUS emprestou;  
 Mais me transporta  
 A lei benina  
 Que a mão divina  
 Nos outorgou.

6

Apenas surge  
 No firmamento,  
 Eis, n'um momento,  
 Gigante audaz  
 Exulta, vendo  
 Que, á largo passo,  
 De immenso espaço  
 O giro faz.

9

É justa e santa,  
 Converte o esp'rito,  
 E o peito afflito  
 Banha em prazer;  
 Sen testemunho  
 Fiel, constante,  
 Faz o ignorante  
 Rico em saber.

7

Ao summo vertice  
 Dos ceos se lança,  
 E não descansa  
 Té os girar:  
 Nada a seus raios  
 Se esconde, e rapido  
 Aquece, impavido,  
 A Terra e o Mar.

10

Os seus preceitos  
 Resplandcentes  
 Ás cegas gentes  
 Cercão de luz:  
 De DEUS é santo  
 O temor terno,  
 Corôa eterno  
 A quem conduz.

11

É a verdade  
 Quem vivifica,  
 E justifica  
 De DEUS a lei;  
 Á vista della,  
 O oiro brilhante  
 E o diamante  
 Desprezarei.

12

De mel excede  
 Favo doirado  
 Sen delicado  
 Doce sabor;  
 Eu o conheço,  
 Pois fiel servo  
 A lei observo  
 Do meu SENHOR.

13

Que copia ingente  
 De bens espera  
 A quem se esmera  
 Em a guardar!  
 Mas seus peccados  
 Quem ha que entenda,  
 E a sua venda  
 Possa rasgar?

14

O' DEUS perdoa  
 Os que eu não vejo,  
 E que forcejo  
 Por ver, em vão:  
 Si dei motivo  
 Á alheia culpa,  
 O' DEUS desculpa  
 Meu coração.

15

Si não me acurva  
 Tão grande peso,  
 Contente e illeso,  
 Puro serei;  
 E o meu horrendo  
 Fatal peccado,  
 Purificado  
 Em fim verei.

16

As minhas vozes  
 Meus pensamentos,  
 A Ti attentos,  
 Te agradarão;  
 Que es meu escudo  
 E me resgatas  
 Das mãos ingratas  
 Do atroz Dragão.

São magníficos os seguintes versos do primeiro psalmo:—

«Feliz aquelle que os ouvidos cerra  
 A malvados conselhos,  
 E não caminha pela estrada iniqua  
 Do peccador infame,  
 Nem se encosta orgulhoso na cadeira  
 Pelo vicio empestada;  
 Mas na lei do Senhor fitando os olhos  
 A revolve e medita,  
 Na tenebrosa noite e claro dia.  
 A fortuna e a desgraça,  
 Tudo parece á seu sabor moldar-se:  
 Elle é, qual tenro arbusto,  
 Plantado á margem de um ribeiro ameno,  
 Que de virentes folhas  
 A erguida frente bem depressa ornando,  
 Na sazão opportuna  
 De fructos curva os succulentos ramos.

Neste psalmo, *Beatus vir qui non abiit*, é admirável a pintura do homem justo em contraposição á do impio que se lhe segue.

A comparação, porque termina a primeira por mim reproduzida. «Elle é, qual tenro arbusto Plantado á margem de um ribeiro ameno», é do mais bello e poetico effeito. A poesia de estylo que revela o talento e o bom gosto do traductor, é do mais vivo colorido, e nada deixa a desejar, porque os tropos são os mais expressivos, e todos os epithetos formão imagens.

É igualmente bella a segunda traducção em versos octosyllabos, na qual a mesma comparação sobressahe por um modo eminentemente gracioso:—

Venturoso o que não vaga  
 Pela estrada criminosa  
 Da impiedade, e a voz dolosa  
 Do malvado que extravaga,  
 Com sorriso, não affaga;  
 Nem do vício corruptor  
 Na cadeira pestilente  
 Se assentou com cego ardor;  
 Antes posta sempre a mente  
 Traz na lei do Creador.

Qual arbusto que plantado,  
 Das aguas junto á corrente,  
 Com frescura permanente  
 Sempre está verde e copado,  
 E, no tempo apropriado,  
 Troca em fructo a tenra flôr:  
 Tal o justo que se esmera  
 Na lei santa do Senhor;  
 Logo tudo lhe prospera,  
 Tudo corre á seu sabor.

Verter por esta forma de um texto latino em prosa, qual é a vulgata, cujo principal merito para o traductor que deseja ser fiel, é ter conservado todos os hebraísmos do original, não é traduzir, mas compôr uma obra verdadeiramente original em tudo o que se refe-

re ao estylo poetico, porque é vestir pensamentos alheios com todas as galas da elocução, que requer a poesia. Assim dos psalmos de David compostos no original em metro hoje desconhecido, ou em simples prosa poetica, como querem muitos eruditos, que sustentão que o Hebraico, attenta a sua imperfeição, nunca passou de lingua syllabica e sem metrificaçã, dêonos o Padre Sousa Caldas admiraveis hymnos, bellas odes, sublimes, ou philosophicas, sentidissimas endechas e elegias, segundo o objecto e o tom de cada um daquelles canticos. Que flexibilidade de talento, ou antes que extraordinario engenho não era preciso, para com taes elementos operar uma creação destas! Pode se dizer, sem medo de errar, que o Padre Sousa Caldas identificou-se em pensamento com o poeta rei da Biblia para produzir cada um desses magnificos canticos por tal forma ataviados. Tão grande é o poder do genio!

São em tudo magnificos, ou antes divinos, os seguintes versos do psalmo decimo oitavo:—

«Os Ceos resôão do SENHOR a gloria,

E o firmamento luminoso ostenta,

Por toda parte, do supremo artifice

As mãos divinas.

O dia e noite revezados cantão

Sua grandeza, que o visinho dia,

E a imminente tenebrosa noite

De novo entôão.

Os povos todos, inda o mais selvatico,

Ouven, percebem esta voz sonora;  
 E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo,  
 Sôa e retumba.

Poz o seu throno sobre o sol ardente  
 Que as nuvens rompe, e qual gentil esposo  
 Ergue do leito nupcial a frente

Pomposa e leda:

Com desmedido agigantado passo,  
 De um polo á outro se abalança e gira;  
 Deserto monte, solitario valle

Não se lhe escondem.

E como a lei immaculada e pura  
 De DEUS splende ! testemunho certo  
 De altas promessas o perdido esp'rito

Toca e converte:

De almo prazer os corações embebe,  
 Illustra os olhos deslumbrados, enche  
 Singelos peitos de saber profundo:

É santa, e eterna.

Este bellissimo psalmo, *Coeli enarrant gloriam Dei*, é pela ventura a composição mais sublime do engenho humano, que parece haver nelle tocado a ultima meta no engrandecer os louvores de Deus. Não ha em lingua alguma cousa que no seu genero lhe seja comparavel em elevação de pensamento; e é para notar, que a lingua a mais pobre no material das vozes seja a que apresente a producção a mais rica em sublimidade. Em todo elle o grandioso do conceito do autor é realçado pela magnificencia de estylo do traductor; mas limitar-me-

hei a apontar unicamente as bellezas da passagem reproduzida, porque bastão ao meu proposito.

As figuras as mais atrevidas, as imagens as mais ricas, a harmonia a mais ajustada, ahi se notão em quasi todos os versos, ou antes não ha um só que não contenha tudo isto. «Vêde como são bellas as prosopopeas, «Os ceos resôão do Senhor a Gloria, . . . O dia e noite revesados cantão Sua grandeza, que o vizinho dia E a imminente tenebrosa noite De novo entôão;» como entre outras é riquissima a imagem, «Poz o seu throno sobre o sol ardente Que as nuvens rompe»; como é soberba a comparação, « E qual gentil esposo Ergue do leito nupcial a frente Pomposa e leda»; como são felizes as metaphoras, «E como a lei immaculada e pura De Deus splende,» De almo prazer os coraçõs embebe,» «Illustra os olhos deslumbrados!» Seria um nunca acabar se vos quizesse enumerar uma por uma todas as bellezas contidas nesta passagem, porque ahi tudo é figura, tudo, imagens.

Não é menos bella a segunda traducção em versos de cinco syllabas; mas dessa só vos citarei as duas primeiras estancias que são soberbas:—

Um Deus immenso

Os ceos resôão,

E a gloria entôão

Do Creador:

No firmamento,

Astros brilhantes

Cantão constantes

O seu SENHOR.

O claro dia,

Que foge, o conta

Á que desponta

Seguinte luz:

Por entre as trevas

Da noite escura

A face pura

De Deus traluz.

Vêde si em parte alguma se encontra poesia tão bella e sublime, como a que brilha nesta riquissima imagem, «Por entre as trevas Da noite escura A face pura De Deus traluz» !! Um tão magnifico cantico parece haver sido inspirado do alto ao poeta rei, de quem havia proceder o Messias, promettido ás gentes pelos prophetas hebreos. E qual não é o subido merito do traductor, que tão ajustadamente comprehendêo, e tão magistralmente reproduzio o grandioso pensamento do inspirado, do propheta do Senhor, com quem parece todo identificado em espirito!

Depois de vos haver dado uma soberba amostra da bella traducção do Padre Sousa Caldas nos dois psalms que analysei, e de que em nada desdizem no geral os outros vertidos pelo mesmo autor, passarei em outros discursos a apreciar as suas poesias originaes, fazendo aqui ponto neste.



## LICÇÃO LXXVI.

O padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, senhores, não foi só grande e sublime na sua primorosa traducção dos psalmos de David, foi-o tambem nas suas poesias originaes intituladas sagradas, especie de composição lyrica, em que não tem rival em portuquez, nem em outra alguma lingua vulgar, que eu saiba. Em verdade! Tão magnificas, e de uma tão sustentada elevação de pensamento, são algumas de suas odes sacras, que nada se encontra do mesmo genero na poesia moderna, que lhes seja comparavel em belleza. Taes são por exemplo as duas que começam, «Desembainha, Mahomet, a espada,» e «Ó Sinai! ó montanha assignalada.»

Francisco Manoel do Nascimento, o poeta portuquez que na lyra levantou a voz mais alto, tem certamente muitas odes sublimes, como as intituladas, «Os Novos

Gamas,» «Neptuno aos protuguzes,» «Affonso de Albuquerque,» «A Liberdade» &, mas são de genero inteiramente diverso das do padre Sousa Caldas; pois, com quanto magnificas sejão, nada tem que ver com as admiraveis poesias inspiradas ao ultimo pelo que ha de mais elevado na religião christã, e modeladas pelo tom da grandiosa poesia biblica. As primeiras são bellas composições profanas, ou para melhor dizer, composições humanas pelo seu objecto: as segundas, bellas composições sagradas, como as intitula o autor, ou antes composições divinas, quanto á seu objecto. Não ha pois termo de comparação entre os dois no que se refere aos assumptos, á inspiração, e ao tom, senão o que poderia dar-se entre Isaias e Pindaro, porque Francisco Manoel é um poeta como o segundo, e o padre Sousa Caldas um propheta como o primeiro. Assim fica cada um dos dois maiores lyricos da lingua portugueza unico no seu genero, ou antes no seu pedestal.

Nenhum poeta protuguez havia até então tratado assumptos desta ordem com igual mestria, ou com elevação condigna delles; antes assumptos taes, que tanto podem levantar o espirito do poeta, parecião amesquinhar-se, e degradar-se na bocca dos poucos, que tentárão compôr poemas sagrados, como o demonstrão a Santa Comba de Ferreira, e a Santa Ursula de Bernardes, que são composições inteiramente rasteiras e hybridas. Privilegiado pela natureza com o dom do genio, e eminentemente imbuido no espirito

da poesia biblica, da qual fizera toda sua vida o mais aprofundado estudo, como o attesta a sua magnifica traducção dos psalmos, o padre Sousa Caldas foi o unico que sobre elles escreveu condignamente, e por modo tão cabal, que não encontra rival entre os poetas modernos, a não ser, sahindo do genero lyrico, em Milton e Klopstock, porque no seu genero não o tem.

Das duas soberbas odes citadas tomarei para objecto de minha analyse a segunda, que é a mais notavel em elevação e belleza. Antes porem de o fazer devo apresentar-vos sobre a mesma o juizo esclarecido de um homem muito erudito, e amigo intimo do autor, o tenente general Francisco de Borja Garção Stoçler Eil-o:—

«Entre todas as composições do autor (diz o mencionado critico) era esta ode aquella cuja correcção lhe merecêo menos desvelo, sendo talvez a que mais o merecia; e por isso foi tambem aquella em que pratiquei alterações mais notaveis, e em maior numero... Entre tanto seja-me licito dizer que, entre todas as odes sacras de meu defunto amigo, nenhuma conheço em que mais se manifeste o seu estro poetico, em que resplandeça maior erudição, melhor escolha de imagens, mais nobreza de dicção, nem mais força e deducção de argumentos. Estes se dirigem umas vezes ao entendimento, outras ao coração, outras á imaginação, e deste modo elle emprega habilmente todos os meios de persuasão... revestidos com os brilhan-

tes atavios, e magestosos ornatos da mais elevada poesia lyrica. Á excepção da ode ao homem natural, que publicarei entre as suas poesias profanas, não conheço composição alguma poetica nas linguas vulgares que exceda, nem talvez possa entrar em parallelo com esta producção, verdadeiramente original, de um genio extraordinario, tanto na sua força, como na sua vastidão.»

Passarei agora a ler-vos a ode sobredita, para que della possais fazer ajustada idea. Eil-a:—

O' Sinai! ó montanha assignalada  
 Dos pés do Omnipotente!  
 Eu sinto inda soar a voz sagrada,  
 Que entre raios promulga a lei gravada  
 No espirito innocente  
 Do homem justo. O' livro grande e santo!  
 Tu me enches de assombro, horror, e espanto!

Um povo antigo attesta a integridade  
 De tudo que em ti leio;  
 Com vivo fogo, augusta magestade  
 Me retratas do Eterno a potestade:  
 Do mundo firme esteio,  
 Unico, providente, e bom o acclamas,  
 E em fervoroso amor minha alma inflammas.

Quem do commum naufragio,  
 Que o orbe inteiro em erros submergia,  
 Este povo salvou, e do contagio

Da cega idolatria?  
 Quem no meio de inhospito deserto  
 Do Immenso a mão lhe faz notar de perto?

É ainda temes, ó prezada lyra,  
 Levantar ás estrellas  
 O sublime mortal, que Deus inspira,  
 Que de celeste força revestira,  
 E mil virtudes bellas?  
 O' Moisés! tua voz não me hallucina:  
 A voz que sóltas, é a voz divina.

Fervendo em santa ira abrasadora  
 Os crimes reprehende  
 Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora  
 A luz quebranta, que tua alma adora:  
 Seguro a vara estende;  
 Eis vejo a natureza espavorida  
 A teus pés humilhar a frente erguida.

O povo, de que es guia,  
 Mil vezes entre as brenhas estremece:  
 Ao ver que a terra, o mar, a noite, o dia,  
 Que tudo te obedece;  
 Messageiro fiel da Divindade  
 Te reconhece, e affirma em toda a idade.

Serás tu, por ventura o promettido  
 Mediaeiro amavel?...  
 Ah! tu vens predizel-o, e em tom subido  
 Entôas de Jacob o recebido

Oraculo adoravel.

Quem é pois esse augusto messageiro,  
Que o pranto hade enxugar ao mundo inteiro?

Já de Jacob o sceptro não empunha  
Judá, e pressurosa  
A semana corrêo que afoito expunha  
O casto Daniel, quando compunha  
De Gabriel famoso  
Ao fatidico aceno: «Onde é que o Justo  
Para sempre assentou seu throno augusto?»

Qual bussola, agitada  
De embravecido mar, oscilla errante,  
O Norte não atina; tal anciada  
A minha alma inconstante  
Crê, presume, vacilla, incerta treme,  
E em duvidas crueis afflicta geme.

Brioso Gedeão, Sansão robusto,  
Cujo semblante duro  
Ao longe diffundia frio susto;  
Guerreiro Josué, vós sois do justo,  
Que ancioso procuro,  
Escassa sombra, por mais alta empreza,  
Que abone a vossa illustre fortaleza.

A brilhante fortuna, ajoelhando  
De Salomão potente  
Junto ao throno lá vejo, derramando  
Com mão profusa, gesto ledo e brando,

De seus bens a torrente:  
 Mas ah! que elles não são mais que a pintura  
 Dos verdadeiros bens de eterna dura!

O' cantor portentoso  
 Das grandezas do Nume soberano!  
 Si aterraste o gigante pavoroso,  
 Si o destroncaste ufano,  
 Imagem es do vencedor da morte;  
 Mas não é, como o seu, teu braço forte.

Vem aclarar-me, terno Jeremias,  
 Que de suave pranto  
 Meu peito banhas: ó fervente Elias!  
 E tu, sublime energico Isaías:  
 Vinde apontar-me o Santo  
 Das nações, longo tempo suspirado,  
 Tantas vezes por vós prophetisado.

Eu oiço suspirar com voz doente  
 Um varão abatido;  
 A virtude o rodeia refulgente;  
 Descóra ao vel-o o vicio, e de repente  
 Se esconde espavorido.  
 Tudo quanto a vaidade humana preza  
 Placido e firme, impavido despreza.

Seus discursos respirão  
 A linguagem singela da verdade,  
 O amor da justiça, a paz inspirão,  
 A ardente charidade.

Acaso, ó ceos! ó Golgotha tremendo!  
É o homem DEUS, que eu vejo em ti morrendo?

Em pobres palhas inda tenro infante  
    Envolto se recosta;  
Tu o viste nascer, ó radiante  
Venturosa Bethlem, e triumphante  
    A tua frente arrosta,  
Qual os cedros do Libano copados,  
Do voraz tempo os golpes redobrados.

De Tharsis e Sabá, dons preciosos,  
    O berço lhe adornarão;  
E em seus muros os povos revoltosos  
Do Nilo o virão, quando saúdosos  
    Ternos ais retumbarão  
Em Ramá, e Rachel triste chorava  
Os filhos que mão impia lacerava.

Qual vencedor piedoso  
Da paz serena augusto messageiro,  
Elle se mostra sem estrepitoso  
    Apparato guerreiro,  
Em singelo triumpho meigo e brando,  
Jerusalem afflicta consolando.

Ergue a face, ó Sião! sacode altiva  
    O pó do teu semblante:  
Trasborda de alegria pura e viva:  
Eis o teu Redemptor, que a foice esquiva  
    Do crime vem constante



Embotar: eis aquelle grande dia  
Que Abrahão, que Jacob te promettia.

Escuta a voz, que no deserto brada  
Do precursor austero,  
Que havia preparar-lhe a ardua estrada.  
Vê como a natureza olha humilhada  
O aceno severo  
De teu Senhor, vê como lhe obedece,  
Como por Creador o reconhece.

O mar encapellado,  
O sostem sobre as ondas, que se espantão,  
E adora humilde os pés do Sér amado  
Que os ceos, e a terra cantão:  
Judá retumba a voz sublime e forte,  
Que Lazaro arrancou das mãos da morte.

Mas que languor, ó Musa, se apodera  
Da tua amortecida,  
Chorosa voz? Já frouxa não se esmera  
Em acordar-se aos sons da lyra austera  
Que recusa sentida  
Seguir a mão que, o plectro meneando,  
Com ella aos astros se ia remontando.

O' natureza! cobre-te de luto  
E nunca o teu semblante  
De terno pranto faças ver enxuto:  
Não brotes mais, ó Terra, doce fruto!  
Teu curso triumphante

Detem, ó Sol! e finde essa harmonia,  
Que os altos ceos entôão noite e dia!

De sangue está banhado  
O justo em affrontosa cruz pendente:  
O Senhor do Universo transpassado  
De dor acerba, ingente:  
Tyranno povo as vestes lhe sorteia:  
E traição o vendêo, horrenda e feia.

Os macerados olhos lhe circunda  
Piedosa ternura,  
No coração ajunta á dôr profunda  
Os doces sentimentos em que abunda,  
E do Pae só procura  
O perdão dos algozes, que o cravavão,  
E no seu sangue as impias mãos banhavão.

O' Ser eterno! que impressão derrama  
A tua horrivel morte  
Dentro em minha alma! Que abrasada chamma  
De terna gratidão meu peito inflamma!  
O' Deus, e desta sorte  
Quizeste que o perdão fosse sellado  
Aos criminosos do fatal peccado!

Ao clarão luminoso  
De inspirados prophetas, que cantarão  
Os factos, que contemplo fervoroso,  
As duvidas se aclarão  
Ah! rende, ó Musa, o teu inquieto sp'rito,  
E de alegria banha o peito afflito.

Nesta bellissima poesia, a segunda que o poeta compoz sobre a virtude da religião christã, e em que celebra a vinda do Messias, a constante elevação de pensamento que se nota de principio a fim, é em tudo digna do grandioso do assumpto, não o sendo menos o tom altiloquo e biblico que reina em toda a composição, nem o entusiasmo que transpira das expressões ardentes do poeta, antes do inspirado, ou do propheta! É esta uma producção verdadeiramente sublime, por qualquer dos lados que se encare, nem ha nada na poesia lyrica moderna que se possa pôr a par della no seu genero. Supposto ahi tudo seja admiravel, vou reproduzir-vos duas de suas passagens mais notaveis em belleza.

Eis aqui a primeira:—

E ainda temes, ó prezada lyra!

Levantar ás estrellas

O sublime mortal, que Deus inspira,

Que de celeste força revestira,

E mil virtudes bellas?

O' Moysés! tua voz não me hallucina:

A voz que sóltas, é a voz divina.

Fervendo em santa ira abrasadora,

Os crimes reprehende

Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora

A luz quebranta, que tua alma adora:

Seguro a vara estende;

Eis vejo a natureza espavorida

A teus pés humilhar a frente erguida.

O povo, de que és guia,  
 Mil vezes entre as brenhas estremece:  
 Ao ver que a terra, o mar, a noite, o dia,  
     Que tudo te obedece;  
 Mensageiro fiel da Divindade  
 Te reconhece, e afirma em toda a idade.

Serás tu, por ventura o promettido

    Medianeiro amavel?...

Ah! tu vens predizel-o, e em tom subido

Entôas de Jacob o recebido

    Oraculo adoravel.

Quem é pois esse augusto mensageiro,

Que o pranto hade enxugar ao mundo inteiro?

Nesta passagem em que o poeta nos pinta o primeiro, e o maior propheta dos hebreos, revestido de todo o terrivel poder, que lhe foi confiado por Deus para a salvação do seu povo, fazendo o mar obedecer á sua prodigiosa vara, e as fontes brotarem de arida rocha, a magestade da expressão anda sempre a par da grandeza da idéa, que lhe serve de typo. Ahi todos os epithetos formão pittorescas imagens, porque são os mais apropriados; todos os tropos são de felicissimo arrojio, porque são os mais escolhidos, sendo notaveis entre os ultimos a bella hyperbole, por que começa a passagem, «E ainda temes, ó presada lyra, Levantar ás estrellas O sublime mortal que Deus ins-

pira,» e a não menos bella prosopopea, por que termina a segunda estancia della, «Eis vejo a natureza espavorida A teus pés humilhar a frente erguida.» A nobre simplicidade com que se exprime tanta grandeza, torna ainda mais subido o valor do quadro aos olhos de quem o examina attentamente. Que grande, que sublime poeta, não é o Padre Sousa Caldas !

Vêde agora o bello contraste que resulta da grandiosa, mas humana figura de Moyses, emcontr aposição à branda, adoravel e divina figura do Messias, todo amor para com homens, por quem se expõe a padecer morte affrontosa, como si fosse um malfeitor.

«Eu oiço suspirar com voz doente  
 Um varão abatido;  
 A virtude o rodeia refulgente;  
 Descora ao vê-lo o vicio, e de repente  
 Se esconde espavorido.  
 Tudo quanto a vaidade humana préza  
 Placido e firme, impavido despreza.

Seus discursos respirão  
 A linguagem singela da verdade,  
 O amor da justiça, a paz inspirão,  
 A ardente charidade.  
 Acaso, ó ceos ! ó Golgotha tremendo !  
 É o homem Deus que vejo em ti morrendo ?

Em pobres palhas inda tenro infante  
 Envolto se recosta;

Tu o viste nascer, ó radiante  
 Venturosa Bethlem, e triumphante  
 A tua frente arrosta,  
 Qual os cedros do Libano copados,  
 Do voraz tempo os golpes redobrados.

De Tharsis e Sabá, dons preciosos,  
 O berço lhe adornarão;  
 E em seus muros os povos revoltosos  
 Do Nilo o virão, quando saúdosos  
 Ternos ais retumbarão  
 Em Ramá, e Rachel triste chorava.

Qual vencedor piedoso,  
 De paz serena augusto messageiro,  
 Elle se mostra sem estrepitoso  
 Apparato guerreiro,  
 Em singelo triumpho meigo e brando  
 Jerusalem afflicta consolando.

Esta admiravel pintura, de que por extensa apenas reproduzo a primeira parte, é a mais bella da ode no pensamento e colorido. O estylo é de uma magestade simples, e condigna da grandeza do objecto, mas sem excluir as figuras, como se vê logo neste começo: «Eu oiço suspirar com voz doente Um varão abatido A virtude o rodeia refulgente; Descóra ao vél-o o vicio, e de repente Se esconde espavorido.» Não era possivel pintar com traços mais nobres e veridicos o homem Deus, cuja missão era toda de paz, do que o fez o

poeta nos seguintes versos: «Seus discursos respirão A linguagem singela da verdade, O amor da justiça, a paz inspirão, A ardente charidade.» As imagens são as mais escolhidas, e apropriadas para dar realce á pintura, como se nota na primeira estancia citada, e nest'outra: «Qual vencedor piedoso De paz serena augusto messageiro Elle se mostra sem estrepitoso Apparato guerreiro.» E quão bella não é a prosopopea de Rachel chorando a morte dos meninos sacrificados por Herodes, que erão seus descendentes: «Quando saúdosos Ternos ais retumbárão Em Ramá, e Rachel triste chorava Os filhos que mão impia lacerava.» Esta figura é tirada da pathetica passagem da Escriptura:— *Vox Ramla audita est, Rachel plorans filios suos...*

A estas bellissimas estancias só accrescentarei mais a seguinte:—

«Ergue a face, ó Sião ! sacode altiva  
 O pó do teu semblante:  
 Trasborda de alegria pura e viva:  
 Eis o teu Redemptor que a foice esquivava  
 Do crime vem constante  
 Embotar: eis aquelle grande dia  
 Que Abrahão, que Jacob te promettia.»

A magnifica prosopopea contida nesta estancia serve como de corôa á primeira parte de tão soberba pintura, que não podia terminar melhor, e é em tudo traçada por mão de mestre, bem como a segunda parte, que não reproduzo, mas que não cede á primeira em bel-

leza. Não ha por certo poesia sacra moderna, nem mais elevada, nem mais bella, que esta; e si Garrett considera a cantata de Garção uma das mais sublimes concepções do engenho humano, que qualificação não se devia dar a esta incomparavel ode, unica no seu genero? Deixo á vossa consideração o julgal-o.

Tendo apreciado as poesias sagradas do Padre Sousa Caldas, passarei em outro discurso a analysar as suas poesias profanas, fazendo aqui ponto neste.



## LICÇÃO LXXVII.

O padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, verdadeiro genio na poesia lyrica, a que nenhum se iguala em portuguez nas odes sacras, nem em lingua viva na paraphrase dos psalmos de David, primou tambem nas poesias profanas que compoz, como ides vêr no decurso desta analyse. Entre as ultimas a sua cantata intitulada «Pigmalião» e a sua ode ao «Homem Selvagem» são ainda composições taes, que o elevão á cathedra de um dos maiores lyricos da lingua portugueza, e tanto mais para admirar, que são da sua primeira juventude, pois tinha apenas 21 annos de idade, quando produzio a segunda. Quem ao ler produções tão primosas, e sabendo serem de mocidade ainda tão nova, não reconhecerá logo que o padre Sousa Caldas nascêo poeta, e dotado d'aquella sobrehumana fa-

culdade a que os antigos chamavão com muita propriedade *mens divinior*?

O fim do seculo XVIII e o começo do XIX forão notaveis em Portugal pelo apparecimento de tres poetas lyricos de primeira ordem, Francisco Manoel, Boccage, e o padre Sousa Caldas, que todos florecêrão na mesma época, phenomeno assás raro em um só povo, porque o genio, de que a natureza nunca foi prodiga, só brilha de longe em longe na ordem dos tempos, como o attestão os poucos grandes poetas, grandes oradores, e grandes historiadores da civilisação antiga e moderna. Todos estes tres extraordinarios engenhos, dos quaes o primeiro e o ultimo reunirão ao natural talento instrucção cabal para a perfeição dos generos de poesia a que se dedicárão, tiverão todos a sorte commum de experimentar os rigores do Santo Officio, que erão então o baptismo do genio, farejado logo ao despontar pelos inquisidores. Poucos annos antes vimos ainda um poeta lyrico de primeira ordem, o celebre Garção, expirando em um carcere para satisfazer os caprichos de um ministro prepotente. Assim a litteratura portugueza é pela ventura d'entre todas as da Europa a mais rica em poesia lyrica, porque aos quatro citados, acresce ainda Diniz, que foi contemporaneo e amigo de Garção, e cujas odes pindaricas teem um valor mui subido.

A ode ao homem selvagem do padre Sousa Caldas é certamente uma composição soberba, sobre a qual o seu amigo Garção Stockler emitta o seguinte juizo.

«Esta ode onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições deste genero escriptas na lingua portugueza, e talvez mesmo que em todas as linguas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o autor apenas 21 annos de idade; por occasião de uma disputa que, em conversação amigavel, casualmente se levantou entre mim e elle, acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João Jacques Rouseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia.»

Tendo porem analysado a sublime ode sacra do autor, «Ó Sinai! ó mentanha assignalada» e dois psalms da sua magnifica paraphrase modelados pelo tom elevado da ode, julgo dever, para evitar a monotonia, deixar de parte esta bella ode ainda unica no seu genero pelo assumpto, e escolher para objecto de minha analyse a cantata de Pigmalião, producção lyrica não menos bella, e que aliás me offerece termo de comparação com outras do mesmo genero.

Esta admiravel cantata é em minha opinião uma obra tão prima, como o pode ser a de Dido por Garcão e a de Leandro e Hero por Bocage, a nenhuma das quaes cede em belleza e primor: pois si a de Garcão é inimitavel em perfeição de estylo, a de Bocage em jogo de affectos, ella o é em novidade, movimento e vida, sem excluir nem a perfeição de estylo, nem o pathetico o mais bello. Cada uma destas tres soberbas composições lyricas pode servir de modelo no

seu genero, e não tem que eu saiba, rival em lingua alguma viva. Tão primorosas são ellas!

Já em occasião opportuna vos analysei as de Gargão e Bocage, agora passarei a ler-vos a do padre Sousa Caldas, para que della façais ajustada idéa:—

Ja da lucida Aurora scintillava  
O tremulo fulgor, e a Noite fria  
Nas mais remotas praias do Occidente,  
Entre abismos gelados se escondia.

Amor impaciente

Dos filhos de Morpheo se acompanhava,  
E de Pigmalião a altiva mente,  
Com lisongeiros sonhos, affagava.

Ora de Galathea,

A estatua airosa e bella,  
Obra do seu cinzel, obra divina,  
Se lhe avivava na amorosa idea:

Ora cuidava vê-la

Pouco a pouco animar-se,  
E a marmorea dureza transformar-se  
Em suave vital brandura, dina

D'aquella que em Cithera,

Sobre os Amores e o Prazer domina.

Sobresaltado freme;

E entre illusões espera

Galathea apertar nos ternos braços:

Mas subito desperta

Procura-a, não a vê; suspira, e geme.

Então com rosto triste e carregado,

O corpo ergue cansado,

E mal firmando os passos,  
 Girando a vista incerta  
 Pela vasta officina, o busto encara  
 Da magestosa Juno,  
 Que junto collocára  
 Ao do implacavel, fero Deus Neptuno:  
 Lança mão do cinzel; ergue o martello  
 Repolil-os intenta,  
 E o extremo ideal tocar do do bello.  
 Mas o cinzel da mão se lhe extravia;  
 Froxo o martello assenta,  
 E na vivaz ardente fantazia,  
 Só Galathea com prazer revia.  
 Acceso, arrebatado  
 De insolito furor, quebra, esmigalha  
 O marmore inculpado  
 Dos bustos, que polia:  
 Arremessa por terra, e á tôa espalha  
 O martello, e o cinzel, com que trabalha.  
 Volve os olhos, repara  
 De Galathea amada  
 Na formosura rara,  
 E ferido de Amor, curva tremendo  
 Os joelhos, e já não lhe cabendo  
 Dentro d'alma encantada  
 O transporte que o agita, ardido brada:

«Ó tu, que os Deuses do Olimpo  
 Feres de inveja, e de espanto,  
 Porque nunca poude tanto  
 Todo seu alto poder;

É possível que reúnas  
 Tanto graça, tal belleza,  
 E te negue a Natureza  
 Respirar, sentir, viver?

Eis do genio o prodigio soberano:  
 Nem poderá jamais o sp'rito humano,  
 Depois de rematar esta obra prima,  
     Conter força sobeja,  
     Que poderosa seja  
 Para novos inventos, sem que o opprima  
     Tão grande esforço d'arte,  
 E esmorecido desfaleça, e caia.  
 Amor, ó Deus, sem quem tudo desmaia;  
     Amor que me guiaste  
 O sublime cinzel nesta ardua empreza,  
     Ah! desce, vem; reparte  
     Da minha vida parte  
 Com aquella, que tu avantajaste  
     Á Deusa da belleza:  
 Supre assim o languor da natureza:  
     Influe doce alento  
 Na minha Galathea tão formosa;  
 Inflúe-lhe razão, e sentimento.  
 Ó amor! ó Deidade grandiosa!  
 Anima-a do calor em que abrasado  
 Meu coração a teu poder se rende:  
 Rouba a Jove esse facho sublimado  
     Do qual a vida pende:  
     Sacode, vibra a chamma,  
 Que os mortaes aviventa, anima, inllamma.

O' Amor! ó Deus grande! por quem vive  
     Quanto nos vastos mares  
 Se volve, e quanto talha os leves ares;  
     Por quem tudo revive,  
 E cuja mão potente desencerra  
 A vital força, que fecunda a terra!  
 Escuta a voz que o teu soccorro implora,  
     E a minha Galathea  
     Possa eu ver sem demora  
 Sentir o fogo que em meu peito ondeia.  
 Deuses, se isto impedís, de novo digo  
     Que inveja negra e feia  
 Em vossos corações achou abrigo.  
     Mas que vejo! ó justos ceos  
     Treme o marmore e respira  
     E parece se retira  
     Ao toque de minha mão!  
     Rubro sangue as veias gira;  
     Já seu braço me rodeia,  
     E da linda Galathea  
     Ja palpita o coração!  
 Nos olhos lhe circula, eu não me engano,  
 O teu fogo, ó Amor! hoje cessaste  
     De ser um Deus tyranno.  
 Hoje sobre os mais Deuses te elevaste!  
 Que te direi, Amor!... Olha... Repara,  
     Nas faces delicadas  
     As graças animadas  
 Ateiando desejos, e compara  
 Tuas acções com esta que fizeste:  
 Vê bem como a ti mesmo te excedeste:

Prazeres fervorosos,  
 Suspiros encendidos,  
 Transportes anciosos,  
 Mil ais interrompidos,  
 Affagos e deleites, como em bando,  
 Pela voluptuosa  
 Cintura, mais que airosa  
 Qual a hera se enrolão, misturando  
 As engraçadas frentes;  
 E de mimos ardentes,  
 De delicias minha alma repassando.  
 O' Galathea ! ó minha doce vida !  
 Tu me faltavas só para endeusar-me,  
 E de immortaes prazeres inundar-me.

Agora brame irada  
 A Natureza contra mim erguida !  
 Não a receio, e nada  
 Já me pode assustar, por que te vejo  
 Responder a meu fervido desejo;  
 Dar vida a novos sêres,  
 Criar o sentimento  
 De mil novos prazeres:  
 Eis, ó Deuses ! sem duvida a ambrosia,  
 O divinal sustento,  
 A suave celeste melodia,  
 Que embebe de alegria,  
 E torna glorioso o Firmamento !»

Com este pensamento  
 Transportado contempla a Galathêa  
 (Que, ou mova a medo os passos,



Ou gire o seu semblante,  
 Ou arredonde os braços  
 Em torno ao seu amante,  
 Em cada movimento,  
 Em cada novo instante,  
 Sente uma nova idé:  
 Sente um novo prazer que a senhoreia).  
 Então outro prodigio amor obrando,  
 A linguagem dos sons vai-lhe inspirando,  
 E de repente usando  
 Deste dote sublime,  
 A feliz Galathea assim se e exprime:

«Este marmore que toco,  
 Essa flôr tão graciosa,  
 Nem essa arvore frondosa,  
 Nada disso, nada é eu.  
 Mas ó tu quem quer que és,  
 Que todo o meu peito abalas,  
 Que tão doce de amor fallas,  
 Ah! tu sim, tu inda és eu.  
 Vem a mim querido objecto,  
 Vem cercar-me com teus braços  
 E assim presa em doces laços,  
 Convencer-me que inda es eu.»

Vêde si ha nada mais bello do que este começo no que se refere á perfeição do estylo:—

Já da lucida aurora scintillava  
 O tremulo fulgor, e a Noite fria

Nas mais remotas praias do Occidente  
Entre abismos gelados se escondia.

Amor impaciente

Dos filhos de Morpheo se acompanhava,  
E de Pigmalião a altiva mente,  
Com lisongeiros sônhos affagava.

Ora de Galathea

A estatua airosa e bella,  
Obra do seu cínzol, obra divina,  
Se lhe avivava na amorosa idea.

Ora cuidava vél-a

Pouco a pouco animar-se,  
E a marmorea dureza transformar-se  
Em suave, vital brandura, dina

Daquelle que em Cythera,

Sobre os Amores e o Prazer domina.

No começo desta soberba cantata, cujo objecto é Pigmalião enamorado da bella estatua que formou, pedindo ardentemente aos deuses que a animem, e vendo-a por um milagre de amor animar-se, e cingi-lo estreitamente em seus braços, quasi todos os versos estão cheios de poeticas imagens, que tornão o estylo de grande perfeição e belleza, como se nota logo nos quatro primeiros: «Já da lucida Aurora scintillava O tremulo fulgor, e a Noite fria Nas mais remotas praias do Occidente Entre abysmos gelados se escondia.» Não são menos pittorescos os outros em que o apaixonado artista sonha vêr a sua obra. «Pouco a pouco animar-se E a marmorea dureza transformar-se Em

suave, vital brandura, dina Daquella que em Cythera, Sobre os Amores e o Prazer domina.» Esta especie de exordio insinuativo serve tambem artificiosamente a preparar o leitor para o estupendo milagre de amor, que se opera no marmore animado com um sopro de vida. Tudo aqui já é formoso e rico.

Vêde agora quanto movimento e vida nos seguintes versos em que domina o pathetico o mais bello:—

«Mas que vejo! ó justo céos!  
 Treme o marmore e respira,  
 E parece se retira  
 Ao toque da minha mão!  
 Rubro sangue as veias gira,  
 Já seu braço me rodeia,  
 E da linda Galthea  
 Já palpita o coração!

Nos olhos lhe circula, eu não me engano,  
 O teu fogo, ó Amor! hoje cessaste  
 De ser um Deus tyranno:  
 Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.  
 Que te direi, Amor?... Olha... repara,  
 Nas faces delicadas  
 As graças animadas  
 Ateiando desejos, e compara  
 Tuas acções com esta que fizeste:  
 Vê bem como a ti mesmo te excedeste:  
 Prazeres fervorosos,  
 Suspiros incendidos,  
 Transportes anciosos,  
 Mil ais interrompidos,

Affagos e deleites como em bando,  
 Pela voluptuosa  
 Cintura, mais que airosa,  
 Qual a hera se enrolão, misturando  
 As engraçadas frentes;  
 E de mimos ardentes,  
 De delicias minha alma repassando.»

De tudo quanto tenho lido nos poetas antigos e modernos, nada ainda encontrei que apresentasse mais novidade, animação e vida, do que esta admirabilissima passagem em que Pigmalião extasiado de amor vê animar-se o marmore de sua bella estatua, sentindo-o estremecer ao toque de sua mão, e ir pouco e pouco adquerindo as propriedades de um corpo que se move, respira e sente. Para mim sempre forão de incomparavel belleza os seguintes versos que tão bem pintão um tal prodigio: «Mas que vejo! ó justos céos! Treme o marmore e respira E parece se retira Ao toque da minha mão! Rubro sangue as veias gira, Já seu braço me rodeia, E da linda Galathea Já palpita o coração!» Isto é um verdadeiro primor de poesia, que outro nome não tem. Nem menos bello e soberbo é todo o resto da passagem, onde brillão as imagens as mais deliciosas, risonhas, e pittorescas, a par das figuras as mais felizes. Vêde quanta riqueza de sentimento e de expressão senão encerra nos seguintes versos, tão delicados, como arrebatadores: «Prazeres fervorosos, Suspiros encendidos, Transportes anciosos, Milais interrompidos, Affagos e deleites como em bando, Pela ve-

luptuosa Cintura, mais que airosa, Qual a hera se enrolão, misturandô As engraçadas frentes; E de mimos ardentes, De delicias minha alma repassando.» Esta maravilhosa pintura não tem igual no seu genero, e pode se considerar unica como o seu objecto, porque nella tudo é novo, animado, gracioso, e admiravel... Bellezas que assim nos enlevão e arrebatão, são mais facéis de sentir, que de analysar: por isso rematarei, dizendo que neste requissimo trecho em que o estylo parece acompanhar o pensamento na rapidez, o conceito é sublime, a expressão de fogo, e a harmonia metrica perfeita.

Admirai por ultimo a aria final da cantata em que o pathetico é levado ao seu auge:—

Então novo prodigio Amor obrando

A linguagem dos sons vai lhe inspirando,

E de repente usando

Deste dote sublime

A feliz Galathea assim se exprime:—

«Este marmore que loco,

Essa flôr tão graciosa,

Nem essa arvore frondosa

Nada disso, nada é eu:

Mas ó tu quem quer que és,

Que todo o meu peito abalas,

Que tão doce de amor fallas,

Ah! tu sim, tu inda és eu.

Vem a mim querido objecto,

Vem cercar-me com teus braços,

E assim presa em doces laços,  
Convencer-me que inda es eu.

Que linguagem tão nova, tão ardente, e ao mesmo tempo tão natural, em quem abria os olhos á luz só por milagre de amor! Não era de certo possível pôr na bocca da feliz, e admirada Galathea, expressões mais apropriadas para exprimir o seu amor ao apaixonado artista, a quem devia todo o seu ser:—«Este marmore que toco, Essa flôr tão graciosa, Nem essa arvore frondosa, Nada disso, nada é eu: Mas ó tu, quem quer que es, Que todo o meu peito abalas, Que tão doce de amor fallas, Ah! tu sim, tu inda és eu.» Que expressiva e divinal poesia! Quão superior não é esta admiravel aria final, em que o pathetico é levado ao supremo grão, á tão fria da cantata de Garção: «Dido infelice Assas vivêo D'alta carthago o muro erguêo Agora nua A sombra sua Já de Charonte Na barca feia A negra veia do Phlegethonte Cortando vai.» Quem ao comparar uma com outra não dirá que a primeira serve merecidamente de corôa a mais linda e animada poesia, e a segunda apenas de cauda a uma peça tão primorosa e rica, da qual em tudo desdiz?

Com a analyse desta sublime poesia, verdadeiro primor de engenho e arte, tenho concluido o exame das obras poeticas do padre Sousa Caldas, que, brasileiro de nascimento, ainda florecêo durante o governo portuguez, e passarei a occupar-me nos seguintes discursos com a nascente, e já brilhante litteratura brasileira propriamente dita, fazendo ponto neste.

LITTERATURA BRAZILEIRA.

---

PARTE SEGUNDA.





---

## SECÇÃO PRIMEIRA.

—5813—

Manoel Odorico Mendes, poeta; sua biographia; sua traducção da Eneida de Virgilio.

### LICÇÃO LXXVIII.

Chegado, senhores, á época em que o Brazil foi por sua gloriosa emancipação politica elevado á cathegoria de nação independente, livre e culta, á época em que a litteratura brazileira se separa com a nação da portugueza a que até então se conservára unida, e começa a ter existencia propria, deixo de parte a segunda, para occupar-me exclusivamente com a primeira, que será d'óra avante objecto do meu particular estudo.

Formada no seio de um povo culto, e com uma lingua aperfeiçoada, a litteratura brazileira, não apresenta os antecedentes de uma época de rudeza, e outra de polimento, como as dos povos europeos que se emanciparão ainda mui atrasados em civilisação; e posto que nascida hontem, pois não tem meio seculo de existencia se quer, já conta escriptores mui distinc-

tos por seu talento, instrucção, criterio e bom gosto, ou pode figurar no meio das litteraturas dos povos cultos do universo, porque pertence a um povo que se emancipou civilisado.

Já muito antes da emancipação politica da nação, que se operou em 1821, ou desde meados do seculo XVIII, diversos autores brazileiros de nascimento, e de incontestavel merito, com especialidade poetas, enriquecião a litteratura portugueza com seus escriptos em nada inferiores aos dos autores naturaes de Portugal, seus contemporaneos. Forão os poetas brazileiros, frei José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama, os primeiros que em Portugal dêrão de mão aos deuses e fabulas da Grecia, que os poetas portuguezes introduzião em suas composições, e descreverão em seus poemas, *Caramurú* e *Uruguay*, as scenas naturaes da America e os usos e costumes de seus habitantes, e os primeiros por conseguinte que lançarão as bases da actual litteratura brazileira, que começa a distinguir-se da portugueza, não só pela nacionalidade, mas pela côr local, como convem.

A grande colonia fundada por Portugal na America crescia em riqueza e illustração sob o longo e feliz reinado de D. José I, que promovêo o seu engrandecimento com sabias providencias; por isso não é de admirar que já na segunda metade do seculo XVIII, ou com pouco mais de dous seculos de existencia produzisse poetas de reconhecido talento e instrucção, que, prevendo o que ella havia de vir a ser um dia,

se constituíssem desde então fundadores de uma escola litteraria verdadeiramente americana, a qual só devia ter sectarios e representantes mais de meio seculo depois com a emancipação politica da nação, e seu progressivo desenvolvimento.

Desde a fundação do grande imperio brasileiro, que já é hoje a segunda potencia da America á todos os respeitos, e ha de vir um dia a ser uma das maiores do mundo, começou a côr local a dominar mais ou menos, como era natural, nos escriptos de seus poetas e prosadores em tudo o que a pode constituir, como assumptos, accidentes e scenas locaes, usos e costumes, legislação e historia do paiz, e com a fundação do imperio nascêo a nossa nova, e ja brillante litteratura, como o attestão as obras dos autores que a illustrarão, e illustrão.

Tendo de apreciar antes dos prosadores os principaes poetas brasileiros, na forma do meu programma, começarei pelo eximio traductor de Virgilio, ou autor do Virgilio Brasileiro, como elle proprio se inculca, Manoel Odorico Mendes, mui distincto comprovincia-no nosso, ha pouco fallecido, e amigo meu e mestre na quadra da mocidade, o qual é o primeiro de todos na ordem chronologica.

Nascêo Manoel Odorico Mendes na cidade de S. Luiz do Maranhão a 24 de janeiro de 1799, e fallecêo em Londres de uma apoplexia fulminante a 18 de Agosto de 1864, quando se dispunha a regressar ao Brazil, e á sua provincia, depois de uma prolongada ausencia de 17 annos em paiz estrangeiro.

Era oriundo das mais antigas e illustres familias desta terra, si bem fosse filho natural, pois descendia, por seu pae o capitão-mor Francisco Raimundo da Cunha, do capitão-mor Antonio Teixeira de Mello, heroico restaurador do Maranhão, donde expulsou os Hollandezes em 1664, e por sua mãe D. Maria Raimunda Corrêa de Faria, do celebre e infeliz Bekman. Tomou porem o appellido de Mendes de seu tio, padrinho e pae adoptivo, Manoel Mendes da Silva.

Foi commendador da ordem de Christo, deputado por diversas vezes á assemblea geral legislativa, inspector da thesouraria da provincia do Rio de Janeiro, logar em que se aposentou, e membro do Instituto Historico Geographico Brasileiro, e de diversas sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras.

Dotado pela natureza de mui feliz engenho, e concluidos aqui os seus primeiros preparatorios com grande applauso de seus mestres, dirigio-se á Portugal com intento de graduar-se na faculdade de medecina da universidade de Coimbra, e ahi fez o curso completo de philosophia natural, depois de haver estudado philosophia racional e moral e Grego. Por inconvenientes, como falta de mesadas por fallecimento de seu pae adoptivo, vio-se obrigado a interromper os seus estudos, e a voltar ao Maranhão em 1824, ainda com proposito de ir continual-os, si se lhe proporcionassem meios.

Dado ao commercio das musas, desde os mais verdes annos, nunca deixou de cultivar a poesia nas ho-

ras que lhe sobravão dos outros estudos, que emprendêra; e foi durante o tempo em que cursou a universidade de Coimbra, que compoz entre outras poesias lyricas o seu bello hymno á tarde, que foi reimpresso em 1861 no Parnaso Maranhense, e é com razão elogiado pelos entendedores.

Ao chegar porem á provincia ainda estremecida das luctas intestinas que se seguirão á independencia, mudou de intento, e escreveu com ardor juvenil o *Argos da Lei* em que consignou as suas ideas liberaes, e que logo lhe adquerio muita popularidade. Eleito deputado á assembléa geral legislativa em 1824, partio para o Rio de Janeiro que lhe abriu campo mais vasto á carreira politica, e onde associou logo o seu nome aos de Evaristo Ferreira da Veiga, Paula Sousa, Vergueiro, Feijó, Vasconcellos, Carneiro Leão, Limpo de Abreu, Costa Carvalho, e outros homens proeminentes do partido liberal, que fundarão aquella opposição vigorosa que só devia terminar com a revolução de sete de Abril, e subsequente divisão do partido que a tinha operado.

Reeleito consecutivamente deputado, por sua popularidade sempre crescente, foi muitos annos secretario da camara dos deputados, iniciou leis importantes, como a da abolição dos morgados, e a da primeira reforma eleitoral, e concorrêo para a confecção de outras que o não erão menos, sendo a sua palavra autorisada, se não eloquente, de grande peso na tribuna.

Na imprensa foi com Vergueiro, Feijó, e Costa Car-

valho, fundador da *Astréa* e do *Pharol Paulistano*, e collaborador da *Aurora*, do *Jornal do Commercio*, do *Sete de Abril* e da *Liga Americana*, ou de tudo quanto então passava por bem escripto, e tinha importancia politica. De volta á provincia em fins de 1831 redigio ainda nella commigo o *Constitucional*.

Si concorrêo para revolução de Sete de Abril, grande foi a influencia benefica que nella exercêo, empregando seus esforços para que não fossem perseguidos os vencidos, e pedindo tolerancia para com elles do alto da tribuna com sacrificio de sua popularidade, porque a sua alma patriotica era tão nobre, como generosa. É fama constante que não quiz ser então regente, e apresentou em seu lugar á seu amigo João Braulio Moniz, que foi nomeado.

Feita a scisão do partido liberal em moderados e exaltados, pertencêo aos primeiros; mas prevalecendo na provincia os segundos, deixou de ser reeleito deputado em 1833; e embora fosse chamado como suppleto em 1834 na vaga do deputado Costa Ferreira escolhido senador, e eleito deputado pela provincia de Minas em 1844, grande foi o desgosto que dahi lhe proveio, vendo tão mal galardoados por seus comprouvicianos os serviços, que prestára á causa publica á custa de tantos sacrificios.

Em 1847 abandonando de todo a vida politica, que por seu nobre desinteresse e franqueza só lhe occasionára desgostos e decepções, sahio do Rio de Janeiro, e dirigio-se a Pariz, onde vivêo 14 annos da aposen-

tadoria do seu emprego de fazenda, occupado nas suas traducções de Virgilio e Homero, e quasi totalmente ignorado do Brazil, em cujos destinos tanta influencia exercêra. Em 1861 fez uma viagem á Italia para visitar o tumulo de Virgilio, seu poeta querido, e nelle depôr uma corôa de flores em testemunho de sua admiração por tão singular engenho. Em 1864 partio para o Maranhão, fazendo viagem por Inglaterra, que desejava visitar; e ahi nos foi roubado por uma morte subita na idade de 65 annos e alguns mezes, quando se dispunha a vir imprimir no imperio a sua traducção da Iliada e da Odyssea de Homero, que tinha concluido, e não deve por certo ser menos rica, que a da Eneida de Virgilio.

O maior elogio que se pode fazer a um homem de bem, que recusou um dos maiores cargos do imperio, e que tendo tantas occasiões de engrandecer-se, sempre despresou as honras e a riqueza, para viver em honrada mediania, acha-se consignado nas seguintes palavras de João Francisco Lisboa na bella biographia, que lhe compoz. «Os companheiros de Odorico nas lutas do primeiro reinado (diz o illustrado biographo) chegarão todos ou quasi todos ás maiores honras, e ás mais elevadas posições politicas e sociaes. Alguns as devêrão sem duvida aos seus talentos fora do commum; outros á destreza e habilidade com que souberão manobrar no mar incerto em que navegavão. Mais inflexivel ou menos habil no caminho que preferio, Odorico Mendes tem visto sem pesar todas essas grandezas

que lhe não couberão em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida, conservando-a immaculada até da menor suspeita, que lhe pudesse levemente marear o lustre. . . . Homem moldado á antiga, sua velhice socegada e digna passa-se na pratica de todas as virtudes, e na effusão dos sentimentos de amizade, indulgencia e brandura, que sempre caracterisárão a sua alma affectuosa. Essa placidez porém nem é inerte e egoista, nem esteril.»

Compoz Odoricó Mendes muitas poesias originaes do genero lyrico, das quaes pôcas forão impressas nos jornaes, e as mais se perdêrão manuscriptas na Bahia em uma de suas viagens, sem que o poeta, tratasse de refazel-as com o trabalho da memoria, como praticou Bocage com muitas das suas que tiverão igual sorte.

Traduzio primorosamente a *Merope* e o *Tancredo*, tragedias de Voltaire, ambas impressas no Rio de Janeiro, a primeira em 1831, e a segunda em 1839.

Mas a sua obra impressa de mais vulto e nomeada é o *Virgilio Brasileiro*, ou traducção em verso, do poeta latino, publicada em Paris em 1858, e da qual já a Eneida havia sido publicada em 1854, ná mesma cidade.

Esta traducção superior a quantas se teem feito até hoje em Portuguez do poeta latino; é uma verdadeira obra classica, que basta por si só para dar a seu autor um nome mui distincto na republica das letras; porque sobre ser um dos mais poeticos e fieis transumptos da melhor producção do genio, que nós legou



a antiga Roma, é acompanhada de mui ricas e copiosas notas, que lhe dobrão ainda o valor. Nenhuma das traducções do mesmo poeta que tenho lido em outras linguas, a iguala em concisão, e bem poucas poderão competir com ella em riqueza de dicção, viveza de imagens, e belleza de poesia imitativa e onomatopica.

A sua traducção de Homero existe ainda inedita.

Compoz em prosa o *Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra* impresso em Lisboa em 1860, no qual prova com argumentos irrecusaveis que o romance de cavallaria, que tem este titulo, foi originalmente composto em Portuguez.

Foi Odorico Mendes versadissimo em todo o genero de litteratura antiga e moderna, profundo no conhecimento das linguas, de erudicção inexgotavel, e o poeta pela ventura mais sabedor de nosso idioma de quantos teem ultimamente florecido no Brazil e em Portugal, como o attestão suas obras impressas, e por imprimir. Pela amisade com que me honrava, e de que ainda hoje me recordo com saudade, tive muitas vezes occasião de apreciar a sua erudicção verdadeiramente pasmosa, nas extensas passagens que me recitava dos principaes poetas portuguezes, e com especialidade, de Ferreira, Camões, e Francisco Manoel, que erão os seus autores favoritos, e dos quaes sabia de cór quasi tudo o que produzirão de melhor.

Si a politica não tivesse absorvido grande parte do tempo deste felicissimo engenho, de quem recebi licções de bom gosto na apreciação dos poetas, muito

mais enriquecida se teria visto a nossa litteratura com escriptos seus, porque sobrava-lhe talento, e nunca lhe faltou amor ao trabalho.

Quanto á escola a que pertence, si algumas das suas poucas poesias lyricas que existem impressas, teem resaios românticos, é antes, por seus constantes estudos sobre os grandes môdelos da antiguidade, e sobre os modernos que os imitârão, um poeta classico, que romântico. E com effeito o insigne traductor de Virgilio e de Homero não podia deixar de ser um verdadeiro poeta classico.

Quanto ao esmero com que fazia as suas versões, fui disso testemunha nas traducções da *Merope* e do *Tancredo*, das quaes me recitava muitas passagens comparadas; pois não satisfeito com ter de memoria o seu trabalho que ia polindo e repolindo, segundo o preceito do grande mestre Horacio, retinha tambem nella muito do original, com o qual o confrontava a cada passo. Quem fazia isto com as traducções de Voltaire, devia por maioria de razão fazê-lo com as de Virgilio e Homero, de quem era entusiasta; e a perfeição da que existe impressa assás o demonstra.

Tendo vos dado uma noticia geral de um dos mais excellentes poetas de nossa nascente litteratura, e um dos nossos mais nobres caracteres politicos ao mesmo tempo, passarei no seguinte discurso a apreciar a sua traducção da Eneida, visto não existir colleccão alguma impressa de suas poesias originaes, e farei aqui ponto neste.

## LICÇÃO LXXIX.

Traduzir, senhores, uma obra prima da antiguidade classica, qual é a Eneida de Virgilio, que tem atravessado tantos seculos sempre admirada dos bons entendedores como uma das melhores producções do genio, não é por certo empreza facil, e muitos dos que a tentárão, aliás poetas de merito, teem nella naufragado, porque suas forças não erão para tanto. O escolho dos tradutores de Virgilio está, não só na diversa indole das linguas, difficuldade com que se luta em toda e qual-quer versão, e pode ser vencida por quem é profundo no conhecimento da lingua do original e da sua, mas e sobretudo na perfeição do estylo, ou da forma artistica do pensamento, que sendo grande em todos os modelos antigos, é neste de belleza incomparavel, e absolutamente desanimadora para quem pretende trasladal-o: por quanto, si não ha producção dos grandes

poetas gregos e romanos, cujo estylo não seja eminentemente pittoresco, donde provem o preceito de Horacio, *Sicut pictura poesis*, o estylo de Virgilio é antes uma verdadeira pintura, que a expressão do pensamento, e pintura tão viva e delicada, que não tem rival em belleza. Esta segunda difficuldade só por optimos engenhos pode ser superada.

Traducções ha certamente tão ricas, que excedem o proprio original na perfeição da forma, como seja por exemplo a dos Martyres de Chateaubriand por Francisco Manoel do Nascimento, a dos Psalmos de David pelo padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, e a do Ossian de Macpherson pelo abbade Cesarotti na lingua italiana; não acontece porem o mesmo com as traducções das obras de Virgilio, as quaes por mais primorosas que sejam, muito fazem, si se assemelhão ao original em belleza. Tão perfeito é elle! Tal é a novissima e bella traducção da Eneida por Manoel Odorico Mendes, superior a quantas se teem publicado do mesmo poema na lingua portugueza, e sem rival em concisão entre as mais gabadas feitas em outras linguas, ás quaes aliás nada tem que invejar no bem acabado, si é que as não supera ainda nesta qualidade. Tão primorosa é ella! O poeta brasileiro vestio tambem com primor as demais obras de Virgilio, mas escolho a sua traducção da Eneida para objecto de minha analyse, por ser a da obra mais importante do poeta latino, que para compol-a ensaiou primeiro as forças nas outras.

Antes de Odorico Mendes tres poetas portuguezes traduzirão igualmente a Eneida de Virgilio, João Franco Barreto em oitava rima, e Lima Leitão, e Barreto Feio em versos sôltos, mas todos ficarão muito aquem do seu grande modelo, cujas figuras, imagens e perfeição de estylo, não souberão reproduzir com a mesma valentia e propriedade, seja por falta de gosto e talento, seja por falta de um estudo aprofundado dos dialectos poeticos latino e portuguez. O que é por demais certo é que as tres traducções citadas são todas rasteiras em comparação da do poeta brasileiro que, mais feliz que os autores dellas, conseguiu dar-nos um transumpto muito fiel e aprimorado do immortal poema do grande poeta latino, trasladando com insigne mestria uma por uma todas ou quasi todas as suas innumerables bellezas de estylo e metrificacão.

Mas que laborioso e indefesso estudo comparado dos dois idiomas não era preciso fazer, quanta riqueza de linguagem e elegancia poetica não era mister enthesourar nos armazens de memoria, que apurado gosto e criterio, que talento poetico não convinha possuir, para chegar a esse resultado por tantos desejado, e de tão poucos conseguido?! E com effeito Odorico Mendes, de quem Gonçalves Dias, juiz mui competente na materia, dizia que metrificava como um rei em poesia, era poeta que possuia todas essas qualidades, por ser profundo no conhecimento da litteratura classica antiga e moderna, bem como no das linguas que com ella jogão, si exceptuarnos as do norte da Europa, mais sabedor

de nosso patrio idioma, que nenhum poeta contemporaneo, nos dois paizes de lingua portugueza, dotado de mui rico engenho poetico, bem como de longa paciencia para polir os seus versos; e era por conseguinte o mais proprio para dar-nos o bello transumpto que nos deixou da Eneida, cuja inimitavel perfeição de estylo é não só obra do genio, mas tambem de longo estudo e paciencia, como referem os biographos de Virgilio.

Assim como o poeta latino se ensaiou na composição das Bucolicas e das Georgicas, antes de compôr a Eneida, assim tambem o traductor portuguez, antes de apprehender a versão desta, ensaiou-se na traducção das tragedias de Voltaire—Merope e Tancredo, que são duas obras mui bem acabadas.

A traducção da Eneida que passo a analysar, reúne ás mais qualidades que se requerem em uma obra destas, a virtude de ser a mais concisa de todas as de que ha noticia, pois os versos portuguezes em que é feita, igualão quasi em numero aos hexametros latinos; o que é um verdadeiro milagre de concisão, porque os segundos são, como se sabe maiores, que os primeiros. O Sr. Innocencio Francisco da Silva que se dêo ao trabalho de contal-os, verificou que os 9901 hexametros latinos da Eneida forão convertidos em 9944 portuguezes na traducção sobredita, que tem menos 1913 versos, que a de Lima Leitão!!!

Para que possaes fazer ajustada idea de tão primorosa versão, passarei a ler-vos uma curta passagem do

I livro, e a bella e extensa passagem do II, em que se descreve a destruição de Troia. <sup>1</sup>

Na primeira passagem que vos li, Senhores, é logo notavel o principio pela suavidade dos versos:—

Á voz da chara mãe, depondo as azas,  
 Finge gozoso Amor de Iulo o porte.  
 Ella em somno abebera o neto amado;  
 No collo amima, e o sobe ao luco Idalio,  
 Onde mole e suave mangerona  
 Entre flores o abraça e fresca sombra.  
 E obediente os regios dons Cupido  
 Leva aos Tyrios, folgando após Achates.

Neste trecho da traducção que iguala em numero de versos, suavidade e belleza, ao trecho correspondente do original, o poeta brasileiro, grande mestre em poesia imitativa, soube tão ajustadamente combinar as consoantes liquidas com as vogaes mudas, que tirou dellas em Portuguez a mesma vantagem, que Virgilio em Latim, como se vê no admiravel effeito harmonico destes quatro versos portuguezes em nada inferiores aos latinos: «Ella em somno abebera o neto amado; No collo amima, e o sobe ao luco Idalio, Onde molle e suave mangerona Entre flores o abraça e fresca sombra.» Para traduzir por esta forma, reproduzindo-nos

<sup>1</sup> Sendo esta traducção mui conhecida, e manuseada nas annas de Latinidade, dispenso-me, para não avolumar muito o livro, de reproduzir aqui as passagens lidas.

o original sem a menor quebra de seus primores, era preciso que o traductor se houvesse em certa maneira identificado em espirito com o proprio autor do poema, que tão superiormente vertia; por isso razão teve de chamar a sua traducção da Eneida, *Eneida Brasileira*, e a de todas as obras do poeta latino *Virgilio Brasileiro*, pois que seu é todo trabalho de vestir tão elegantemente á brazileira alheios pensamentos, o que é como nova creação delles.

Da segunda passagem que vos li, tão cheia de logares admiraveis, citar-vos-hei a catastrophe de Priamo, superiormente reproduzida na traducção, quasi verso por verso:—

Eis furtando-se á morte, por extensos  
 Porticos entre lanças, entre imigos,  
 Polites filho seu desertos claustros  
 Corre, gyra ferido; em braza Pyrrho  
 Já já, de bote feito, o apanha, o aterra;  
 Ao momento em que os paes ia avistando  
 No tombo, dessangrado, a vida exhala.  
 A sua o rei sentio no extremo fio,  
 Mas reprimir não soube a voz e a ira:  
 «Pelo attentado exclama, e audacia tanta,  
 Si ha no ceo providencia e piedade,  
 Pague-te o ceo com merecido premio,  
 A tí que o matas ás paternas barbas,  
 E estas cãs me funestas e enxovalhas!  
 Não, tal não se houve Achilles meu contrario,  
 De quem te finges prole: ao supplicar-lhe



Enrubecêo, direito e fê guardou-me,  
 Sepultar permittio-me Heitor exangue,  
 Rever meus reinos.» Frouxo atira o velho  
 Dardo imbelle sem gume, que repulso  
 Pelo rouco metal, á superficie  
 Do embigo do broquel frustrado pende.  
 «Pois vai contal-o ao genitor Pelides;  
 Nuncio narrar te lembre estas baixezas,  
 E o quanto o degenero. É tempo, morre.»  
 Fallando Neoptolemo o arrasta ás aras  
 Tremebundo, e do filho em quente sangue  
 A resvalar, na esquerda a coma enleia;  
 Com a dextra saca a lamina fulgente,  
 No vazio lh'a embebe até aos copos.  
 De Priamo este o fado, assim finou-se  
 Troia arder vendo, e Pergamo assolar-se:  
 Quem d'Asia em povos cem reinou soberbo  
 É cadaver Na praia o corpo informe  
 Jaz sem nome, a cabeça destroncada.

Quem ao ler este bello trecho da traducção, não reconhecerá nelle a admiravel pintura que faz Virgilio da catastrophe de Priamo? São as suas mesmas figuras, as suas mesmas imagens, a sua mesma poesia onomatopica, até com as mesmas pausas nos versos! Apon-tarei aqui os logares mais salientes de quadro tão perfeito, para que se veja que em nada desmerecêo no traslado: «Eis furtando-se á morte, por extensos Porticos entre lanças, entre imigos Polites filho seu desertos claustros, Corre, gyra ferido: em braza Pyrrho

Já já, de bote feito, o apanha, o aterra; Ao momento em que os pais ia avistando» . . . «Frouxo atira o velho Dardo imbelles sem gume, que repulso Pelo rouco metal, á superficie Do embigo do broquel frustrado pende» . . . «Fallando Neoptolemo o arrastra ás aras Tremebundo, e do filho em quente sangue A resvalar: na esquerda a coma enleia Com a dextra saca a lamina fulgente No vazio lh'a embebe até aos copos.» Toda a poesia imaginosa e imitativa do original se acha fiel e soberbamente expressa nesses optimos versos da traducção, a que servem como de corôa os ultimos não menos expressivos: «De Priamo este o fado: assim finou-se Troia arder vendo, e Pergamo assolar se: Quem d'Asia em povos cem reinou soberbo É cadaver. Na praia o corpo informe Jaz sem nome, a cabeça destroncada.» Os discursos de Priamo e Neoptolemo exprimem unicamente o movimento e jogo dos affectos, que não forão menos habilmente reproduzidos na traducção, que é em tudo transumpto mui veridico.

Cotejai estes logares com os correspondentes do original, que passo a ler-vos, e verificareis que os segundôs não perdêrão na passagem circumstancia alguma das que os tornão tão expressivos e bellos. Tudo ali se acha fiel e magistralmente reproduzido,—movimento, vida, sons, côres, e sombras.

Nenhuma das versões da Eneida que tenho lido, iguala a esta na verdade com que exprime a poesia imaginosa, ou simplesmente imitativa do original, como podeis certificar-vos, abrindo qualquer dos respectivos

livros, e fazendo della leitura comparada; pois não ha um só verso de Virgilio notavel por alguma belleza, que não se ache trasladado em toda a sua valentia ou graça. Citar-vos tudo o que ha de melhor na versão impossivel é n'um só discurso, porisso limito-me ás duas passagens analysadas, que vos dão perfeita idea do bello trabalho do poeta brasileiro.

Com ser tão bem acabada não deixa esta traducção de ter defeitos, como tudo o que nos vem dos homens, e esses provem de uma de suas maiores virtudes, a concisão, que levada ao extremo em certos casos foi parte para que o poeta, uma ou outra vez, alatinasse a phrase portugueza com frequentes elykses.

Mas (repetirei aqui o que disse em outro lugar) estes raros e aliás desculpaveis defeitos em trabalho de tão difficil execução, qual é a versão do poeta mais perfeito da antiguidade, são compensados por tanta phantasia e vigor de imagens, e tanto arrojio e felicidade de figuras, tanta viveza e verdade de colorido, tanta riqueza e propriedade de linguagem, tanta poesia imitativa e onomatopica, tanta e tão sustentada harmonia metrica, que o illustre poeta brasileiro podia bem dizer ao concluir a sua obra:—*Non ego paucis offendar maculis.*

Tendo apreciado a traducção da Eneida por Manoel Odorico Mendes, passarei nos seguintes discursos a occupar-me com Antonio Gonçalves Dias, outro illustre poeta, comprovinciano nosso; e por hoje faço aqui ponto neste.



---

## SECÇÃO SEGUNDA.

Antonio Gonçalves Dias, poeta; sua biographia; seus Primeiros Cantos; seus Segundos Cantos; seus Ultimos Cantos; seu poema épico—Os Tymbiras.

### LICÇÃO LXXX.

Ha, Senhores, certos homens privilegiados a quem a natureza enriquece com aquillo, que se pôde considerar a supremacia, ou a realza da intelligencia, concedendo-lhes faculdades intellectuaes muito mais desenvolvidas, que as dos outros homens. Este dom especial, ou este privilegio, que distingue o homem como intelligencia, não de milhares, não de centenas de milhares, mas de milhões e milhões de outros homens, é o que se chama genio, engenho singular, talento por excellencia, porque todas as denominações são mesquinhas para bem designal-o.

O genio constitue uma superioridade tal, que difficilmente pôde ser tolerada pelos outros homens, quando não anda unida ao poder para subjugal-os, como em C. Julio Cesar, como em Napoleão primeiro; porisso

os reis da intelligencia, sem o poder material, são quasi todos eminentemente infelizes, como o forão, Homero, Dante, Camões, e Tasso.

É um destes reis da intelligencia da segunda especie que me proponho apreciar hoje, o poeta Antonio Gonçalves Dias, illustre comprovinciano nosso, ha pouco fallecido, verdadeiro genio na poesia lyrica, e sem rival em nossos dias nos dois paizes de lingua portugueza, quer se attenda á phantasia imaginosa e creadora, quer á poesia de estylo, que brilhão em suas admiraveis composições.

Foi bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem da Rosa, professor de historia e latinidade no imperial collegio de Pedro II, primeiro official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, e de outras sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras.

Nascêo Gonçalves Dias, a 10 de Agosto de 1823, na provincia do Maranhão, em um sitio denominado Boa Vista nas terras do Jatobá cerca de 14 leguas da cidade de Caxias, a cujo districto pertencem.

Foi filho natural do negociante João Gonçalves Dias, e de Vicencia Mendes Ferreira, mulher de côr, que ainda vive, e a quem sempre prestou os officios de bom filho, partindo côm ella do que ganhava.

Vio-se logo desde os mais tenros annos privado dos carinhos maternas, porque seu pae, havendo casado em 1829 com D. Adelaide Ramos de Almeida, o to-

mou para a sua companhia, a fim de dar-lhe a educação conveniente.

Destinado á principio á vida commercial, tal foi o talento precoce que desenvolveo na escola de primeiras letras, que seu pae, mudando de intento, pôl-o a aprender Latim com o professor Ricardo Leão Sabino, e resolvendo mandal-o estudar á universidade de Coimbra, o trouxe comsigo em 1837 para a cidade de S. Luiz do Maranhão, aonde fallecêo, quando se dispunha a ir á Portugal tratar-se da phtisica pulmonar, de que padecia, e de que sem duvida por herança foi acommettido o poeta no ultimo periodo de sua vida.

Tendo voltado para Caxias depois do fallecimento de seu pae, propoz-se o Dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, então juiz de direito da comarca, obter-lhe da assemblêa legislativa provincial, de que era membro, que o mandasse estudar á Europa á expensas publicas. A madrasta que o estimava como filho, regeitou a offerta, e fel-o partir para Portugal á sua custa em 1838, a fim de estudar em Coimbra, para onde á principio se destinára.

A revolta porem occorrida na provincia em 1839, com o nome de balaiada, em taes apuros poz a esta boa senhora, que vio-se forçada a interromper as mesadas, que mandava ao entiado. Privado absolutamente de meios de poder subsistir em paiz estrangeiro, retirou-se elle para a Figueira, donde se dispunha a vir para o Maranhão. Mas João Duarte Lisboa Serra, que o apreciára no estudo dos preparatorios em Co-

imbra, referio o facto aos maranhenses que frequentavão a universidade, e que o fizerão voltar do caminho, e desistir do intento, dando-lhe casa, mesa e livros, para continuar os seus estudos. Sobresahirão entre todos neste acto de generosidade, o referido João Duarte, depois conselheiro de estado, e hoje fallecido, e os Srs. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Pedro Nunes Leal, e Antonio Rego, que residem actualmente na provincia.

Matriculado no curso de direito em 1840, tomou o grão de bacharel em 1844, e deixou de frequentar o sexto anno por delicadeza para com seu amigo e collega, Pedro Nunes Leal, o ultimo que restava na universidade dos que havião concorrido para a sua formatura, e sobre o qual pesavão então todas as despesas do supprimento.

Foi em Coimhra que escreveu grande parte de suas poesias lyricas, os seus dramas «Patkull» e «Beatriz Cenci», e as «Memorias de Agapito Goiaba», ou a sua vida intima, cujo manuscripto queimou dois annos antes de morrer, mas de que existe um fragmento no *Archivo*, jornal que se publicava na provincia em 1846.

Regressando de Portugal ao Maranhão em 1845, na sua viagem pelo Itapucurú, e em Caxias, escreveu parte das suas «Poesias Americanas» e a «Meditação,» composição em prosa, que se assemelha no tom e na simplicidade ao genero biblico.

Na *Revista*, folha politica, que então redigiamos, fo-



mos o primeiro, si bem o menos competente, a saudar o desabrochar do talento no joven poeta, que nos dedicou em retribuição a sua bella poesia, intitulada «o Cometa.»

Por conselho do seu amigo, o Sr. Dr. Theophilo, partio o poëta para o Rio de Janeiro em 1846, onde imprimio os seus «Primeiros Cantos», que forão recebidos com geral applauso, e elogiados em quasi todos os jornaes da época, sendo depois em Portugal saudado o seu singular talento pelo distincto litterato A. Herculano.

Apesar porem da celebridade que d'ahi lhe vinha, augmentada ainda com a publicação de seus «Segundos Cantos,» vivêo no Rio Janeiro cheio de privações, empregando o melhor das horas do dia em redigir, e concertar as discussões das camaras, que se publicavão, ora no *Jornal do Commercio*, ora no *Correio Mercantil*.

Exercêo a principio o logar de secretario do lyceu de Nitheroy, cujo mesquinho ordenado mal podia chegar para a sua subsistencia. Foi em 1849 nomeado professor de historia e latinidade no collegio de Pedro II, e depois em 1852 official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, logares que, por mais bem retribuidos, ja lhe davão para viver com decencia, e sustentar familia; pois por ultimo casára-se com D. Olympia da Costa, de quem teve uma filha, que morreu em tenra idade.

Encarregado pelo governo de estudar o estado da

instrucção publica nas provincias, fez por este tempo uma excursão ao norte do imperio.

Em 1854 foi enviado em commissão á Europa para estudar o estado da instrucção publica nos paizes mais adiantados, examinar os archivos e bibliothecas de Portugal e Hespanha, e extrahir delles copias de documentos relativos á historia do Brazil.

Em 1860 fez parte da commissão scientifica que se enviou ao Ceará, sendo encarregado dos trabalhos ethnographicos, e dos relatorios da mesma.

Em 1862 partio muito doente para a Europa, a ponto de o darem como fallecido na viagem, e de ser a sua morte lamentada nos jornaes como factó averiguado. Apesar do seu máo estado de saude, foi alli de novo encarregado de extrahir copias dos archivos portuguezes. Aggravando-se porem de novo os seus padecimentos, regressou de França no brigue *Ville de Boulogne*, que naufragou nas costas de Guimarães, na madrugada do dia 3 de Novembro de 1864, e vindo quasi moribundo perecê) no naufragio, tendo seu corpo por sepultura o oceano, mas ja nas aguas da patria.

Assim acabou, com pouco mais de 44 annos de idade, um dos mais bellos talentos que ha produzido a Terra de Santa Cruz, sem que tivesse a extrema satisfação de fechar os olhos na terra da patria, para onde se dirigia já exaustó de forças, apenas animado por um debil sopro de vida, e sem que o seu cadaver, que não poudé ser encontrado, apesar de todas as diligencias, tivesse sequer nella o ultimo jazigo!

Quem diria que a falsa noticia, que se espalhou dois annos antes, de haver perecido no mar, era como um fatal presagio da triste realidade?! . . .

Quanto não amava elle esta terra, que nunca deixou de visitar nas diversas excursões que fazia; esta terra, objecto quasi constante de seus lindos versos, e de todos os seus sonhos; esta terra, para onde vinha moribundo, afim de ver nella pela ultima vez a luz, e expirar, legando-lhe os seus restos mortaes! Não o podendo fazer sobre seu tumulo, reproduzirei aqui como echo de seu ultimo desejo, não cumprido, a bella canção, com que em paiz estrangeiro exprimira as saudades da patria:—

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aquí gorgeião,  
Não gorgeião como lá.

Nosso ceo tem mais estrellás,  
Nossas varzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida, mais amores.

Em scismar sósinho á noite  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que taes não encontro eu cá;

Em scismar sósinho á noite  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras  
 Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deus que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;  
 Sem que eu desfructe os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem que inda aviste as palmeiras  
 Onde canta o Sabiá.

Neste homem dotado pela natureza de faculdades superiores, e cujas admiraveis poesias attestão o mais rico engenho, o espirito era muito mais vigoroso, que o corpo, que aliás não poupava, excessivo no trabalho mental, e ainda nas distracções d'elle, como para aturdir-se: porisso não admira que a debilidade de seu phisico não pudesse por mais tempo resistir á vida intellectual que nelle superabundava, origem de sua gloria, e ao mesmo tempo de seu tormento.

Versado em todo genero de litteratura, e em diversas linguas, possuidor de muita e variada instrucção, bebida nos paizes da Europa que visitou, e favorecido de tão superior talento, não só produzio muito em poucos annos, como podia produzir muito mais, si continuasse a viver; basta porém o que nos deixou, e não foi pouco, attento o seu valor, para collocar-o entre os primeiros poetas contemporaneos, e immortalisar o seu nome na republica das lettras.

Existem delle impressas as seguintes obras em verso: —Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos, publicados no Rio de Janeiro; 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> edição dos mesmos reunidos, feita em Leipsik com o additamento de varias poesias; o drama Leonor de Mendonça; e 4 cantos do poema intitulado «Os Tymbyras»: as seguintes em prosa:—o Diccionario da lingua Tupy; varias Memorias Historicas, publicadas na *Revista* do Instituto Historico e Geographico; e a introduccão á nova edição dos Annaes de Berredo.

Existem manuscriptas as seguintes obras em prosa e verso:—os dramas, Boabdil, Beatriz Cenci, e Patkull; varias poesias lyricas originaes, e traduzidas do Francez, Latim, Inglez, Allemão e Sueco; a tragedia de Schiller «a Noiva de Messina»; a volumosa obra historica «o Brazil e a Oceanea»; e a Meditação.

Perdêrão-se, ou extraviarão-se em Alcantara, onde depois do naufragio forão parar seus manuscriptos, o poema Tymbiras, que havia completado, a Historia dos Jesuitas, e poesias sôltas.

Escrevêo relatorios importantes sobre a instrucção publica no Norte do Brazil e na Europa, sobre a exposição de Paris, e os trabalhos scientificos da commissão exploradora no Ceará, os quaes devem existir nas secretarias de estado.

Muitos d'esses manuscriptos attestão á um tempo os seus longos serviços feitos ao paiz, para quem pôde se dizer que unicamente vivêo, o seu extraordinario talento, a sua competencia em materias mui variadas,

e um estudo de ferro, o qual, com as suas excursões pelo Amazonas e paizes estrangeiros, muito concorrêo para abreviar-lhe os dias.

Impellido pelo genio, que constantemente o incitava a produzir, e entregue a um excessivo trabalho de espirito, ainda em suas longas viagens, como se previsse que a existencia lhe fugia, podia Gonçalves Dias deixar um nome immortal, como deixou, mas nunca ser feliz em estado algum da vida, porque a atmosphera puramente ideal, em que vivia, o afastava cada vez mais do que é propriamente a vida real e positiva do commum dos homens.

Assim foi infeliz nella, como todo aquelle a quem cabe em partilha o genio: porque vio-se na infancia arrancado dos braços maternos, e começou mui joven a experimentar toda a sorte de repellões da fortuna; porque na época em que o seu brilhante talento lhe proporcionou meios de possuir as commodidades da vida, achava-se o seu phisico já gasto, e extenuado de forças, para poder gosar-as; porque no derradeiro transe, emfim, avistou talvez a terra da patria, sem poder morrer nella, como desejava.

Eis ahi o que é o genio na vida real, desacompanhado da força material que subjuga, e a que se curva o geral da humanidade.

## LICÇÃO LXXXI.

Disse-vos eu, que Antonio Gonçalves Dias era o maior poeta lyrico de nossos dias nos dous paizes de lingua portugueza; e com effeito, senhores, nenhum dos poetas lyricos seus contemporaneos, quer no Brazil, quer em Portugal, levantou a voz tão alto, tomou tons tão variados, e apresentou ainda tanta poesia de estylo, como elle o fez nos seus admiraveis quadros dos Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos, a cada um dos quaes devo como é de razão, consagrar uma licção, considerando os Novos Cantos da edição de Leipsik, como um simples additamento de algumas poesias mais.

Assim como Manoel Odorico Mendes, de quem ha pouco tratei, é por seus estudos especiaes e suas bem acabadas traducções de Virgilio e Homero um verdadeiro poeta classico, assim Gonçalves Dias é pela inspiração que o anima, e pela forma artistica de seus quadros,

um perfeito poeta romantico, que nada tem que invejar aos melhores, nem no fogo sagrado do enthusiasmo, nem na eloquente e pittoresca expressão da idea.

Não obstante ser romantico na forma e na essencia, tem este insigne poeta no genero biblico para o qual tambem propendia, algumas poesias originaes, que se assemelhão em elevação e belleza ás do padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, isto, sem fallar nos valiosos especimens, que nos dêo nos generos épico e dramatico: tão rico e vasto foi o engenho com que o dotou a natureza!

Os Primeiros Cantos do poeta, porque tenho de começar a minha apreciação, são poesias dos seus primeiros annos, feitas pela mor parte durante o tempo que frequentou a universidade de Coimbra, ou pouco depois, mas que já attestão o seu singular talento, e sobre as quaes se exprime pela seguinte maneira o disticto litterato A. Herculano:

«Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A Terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio, pode abençoar mais um illustre filho.

«O autor, não o conhecemos; mas deve ser muito joven. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificacão, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.»

Continuando a louvar as poesias do joven poeta,



das quaes transcreve o *Canto do Guerreiro*, as ultimas estrophes do *Mórro do Alecrim*, e *Seus Olhos*, conclue o illustre critico:

«Si estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o autor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem, que o não conhece, e que provavelmente o não conhecerá nunca, e que não costuma dirigir aos outros elogios encommendados, nem pedil-os.»

Concordando com o Sr. A. Herculano na belleza das poesias que cita, e das quaes a intitulada «Seus Olhos» é por elle com razão reputada uma das mais mimosas composições lyricas que lêo em sua vida, escolherei todavia para objecto de minha analyse as intituladas «O Mar» e a «Idéa de Deus,» que pela constante elevação de pensamento que nellas se nota, dão-nos idéa mais cabal do grande engenho do poeta, que nos informa elle proprio tel-as composto com as outras dos seus *Primeiros Cantos*, «nas margens viçosas do Mondego e nos pincares ennegrecidos do Gerez, no Doiro e no Tejo, sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America,» ou na idade de entre desoito a vinte e dous annos, ou ainda menos, o que lhes dobra certamente o valor.

Passarei pois a lêr-vos com preferencia á quaesquer outras, aliás mui bellas, as duas ultimas poesias a que me refiro, e a que o autor com muita propriedade

chama hymnos, e nem sei que haja outras que mais mereção esta designação.

## O MAR.

Oceano terrivel, mar immenso  
 De vagas procellosas que se enrolão  
 Floridas rebentando em branca espuma  
     N'um pólo e n'outro pólo,  
 Emfim . . . emfim te vejo; emfim meus olhos  
 Na indomita cerviz tremulos cravo,  
 E esse rugido teu sanhudo e forte  
     Emfim medroso escuto !

D'onde houveste, ó pelago revolto,  
 Esse rugido teu? Em vão dos ventos  
 Corre o insano pegão lascando os troncos,  
     E do profundo abysmo  
 Chamando á superficie infindas vagas,  
 Que avaro encerras no teu seio undoso;  
 Ao insano rugir dos ventos bravos  
     Sobresáe teu rugido.  
 Em vão troveja horrisona tormenta;  
 Essa voz do trovão, que os céos abala,  
 Não cobre a tua voz.—Ah! d'onde a houveste,  
     Magestoso oceano?

Ó mar, o teu rugido é um echo incerto  
 Da creadora voz, de que surgiste:  
 Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas  
     As vagas compelliste.  
 E á noite, quando o céu é puro e limpo,

Teu chão tinges de azul,—tuas ondas correm  
 Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos  
 Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto  
 Julgo ser teu rugir; mas só, perenne,  
 Imagem do infinito, retratando  
 As feitura de DEUS.

Por isto, a sós contigo, a mente livre  
 Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,  
 E deste lodo terreal se apura,  
 Bem como o bronze ao fogo.  
 Férvida a Musa, c'os teus sons casada,  
 Glorifica o Senhor de sobre os astros  
 Co'a fronte além dos ceos, além das nuvens,  
 E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se errigas  
 A coma perigosa, a não possante,  
 Extremo de artificio, em breve tempo  
 Se afunda e se aniquila.  
 És poderoso sem rival na terra;  
 Mas lá te vás quebrar n'um grão d'areia,  
 Tão forte contra os homens, tão sem força  
 Contra cousa tão fraca!

Mas n'esse instante que me está marcado,  
 Em que hei-de esta prisão fugir pr'a sempre,  
 Irei tão alto, ó mar, que lá não chague  
 Teu sonoro rugido.  
 Então mais forte do que tu minha alma,

Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
Quebrará n'um relance o circ'l'o estreito  
Do finito e dos céos !

Então, entre myriadas de estrellas,  
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,  
Mais forte soará que as tuas vagas,  
Mordendo a fulva areia;  
Inda mais doce que o singelo canto  
De merencoria virgem, quando a noite  
Occupa a terra,—do que a mansa brisa,  
Que entre flores suspira.

—  
IDEA DE DEUS.

I

Á voz de Jehovah infindos mundos  
Se formárão do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,  
E a noite foi creada.

Luzio no espaço a lua! sobre a terra  
Ronqueja o mar raivoso,  
E as espheras nos céos erguêrão hymnos  
Ao Deus prodigioso.

Hymno de amor á creação, que sôa  
Eternal, incessante,

Da noite no remanso, no ruído  
Do dia scintillante !

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,  
O que é para o Senhor?  
Eterno, immenso, que lh'importa a sanha  
Do tempo roedor ?

Como um raio de luz, percorre o espaço,  
E tudo nota e vê—  
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;  
E o homem que não crê.

E elle que pode aniquilar os mundos,  
Tão forte como elle é,  
E vê e passa, e não castiga o crime,  
Nem o impio sem fé !

Porém quando corrupto um povo inteiro  
O Nome seu maldiz,  
Quando só vive de vingança e roubos,  
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo  
Soffre as penas do mal,  
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,  
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldicta,  
Cheia de ingratição,  
Que ha de ella mesma sujeitar seu collo  
À justa punição.

Ou já terrível peste expande as azas,  
 Bem lenta a esvoaçar;  
 Vai de uns a outros, dos festins conviva,  
 Hospede em todo o lar !

Ou já turvo rugir da guerra accesa  
 Espalha a confusão;  
 E a esposa, e a filha, de terror oppresso,  
 Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,  
 Vomita o fêl raivoso;  
 —Milhões de insectos vis que um pé gigante  
 Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce  
 Esperançoso e crente,  
 Como do pôdre e carunchoso tronco  
 Hastea forte e virente.

## II

Oh ! como é grande o Senhor Deus, que os mundos  
 Equilibra nos ares;  
 Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras  
 Do pelago fremente,  
 A cujo sôpro a machina estrellada  
 Vacilla nos seus eixos,  
 A cujo aceno os cherubins se movem  
 Humildes, respeitosos,  
 Cujó poder, que é sem igual, excede

A hyperbole arrojada !  
 Oh ! como é grande o Senhor Deus dos mundos,  
 O Senhor dos prodigios.

## III

Elle mandou que o sol fosse principio,  
 E razão de existencia,  
 Que fosse a luz dos homens—ôlho eterno  
 Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,  
 Refizesse o vigor  
 Da terra hiante, do animal cansado  
 Em praino abrasador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,  
 Roubando aroma á flôr;  
 Que os rochedos tivessem longa vida,  
 E os homens grato amor !

Oh ! como é grande e bom o Deus que manda  
 Um sonho ao desgraçado,  
 Que vive agro viver entre miserias,  
 De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere  
 Na sua providencia;  
 Que o justo durma, descansado e forte  
 Na sua consciencia !

Que o assassino de continuo vele,

Que trema de morrer;  
 Em quanto lá nos céos, o que foi morto  
 Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege  
 A machina estrellada,  
 Que ao triste dá prazer; descanso e vida  
 Á mente atribulada!

São sobretudo notaveis as duas seguintes estancias  
 do primeiro dos dois hymnos:—

«O' Mar, o teu rugido é um echo incerto  
 Da creadôra voz, de que surgiste:  
 Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas  
 As vagas compelliste.

E á noite, quando o Ceo é puro e limpo,  
 Teu chão tinges de azul,—tuas ondas correm  
 Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos  
 Entre dois ceos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto  
 Julgo ser teu rugir; mas só, perenne,  
 Imagem do infinito, retratando

As feitura de Deus  
 Por isto, a sós contigo, a mente livre  
 Se eleva, aos ceos remonta ardente, altiva,  
 E deste lodo terreal se apura

Bem como o bronze ao fogo.  
 Fervida a musa, co'os teus sons casada,  
 Glorifica o Senhor de sobre os astros



Co'a fronte alem dos ceos, alem das nuvens.

E co'os pés sobre ti.

Nesta descripção do Mar, uma das mais bellas que tenho lido, o sublime do pensamento que eleva o espirito á Deus, anda á par do sublime da pintura que subjuga os sentidos, porque tudo nella é grandioso, magnifico, elevado, como seu objecto: «Ó Mar o teu rugido é um echo incerto Da creadora voz, de que surgiste. Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas As vagas compelliste.» Após o sublime desses quatro versos vem o pittoresco dos quatro ultimos, que fazem com os primeiros um bello contraste. «E á noite, quando o ceo é puro e limpo, Teu chão tinges de azul,—tuas ondas correm Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos Entre dois ceos brilhantes.»

A segunda estrophe, sem fallar na bella comparação de que se adorna, não podia terminar de um modo mais apropriado e sublime, que pelo seguinte magnifico conceito: «Férvida a Musa, co'os teus sons casada Glorifica o Senhor de sobre os astros Co'a fronte alem dos ceos, alem das nuvens, E co'os pés sobre ti.»

E com effeito quem observa a vastidão do mar, que com seus incommensuraveis abismos se apresenta á nossos olhos, ora agitado e terrivel, ora sereno e pacifico, e sempre sem limites visiveis, representando-nos em certo modo a imagem do infinito, não póde deixar de conceber a mais alta idea do immenso poder

de Deus, manifestado nesta e outras admiraveis obras da criação; exprimil-o porém em tão magnificos e expressivos versos, como os que ficão citados, só ao genio é permittido, porque só elle encontra expressões proprias para bem pintar tanta grandeza. Esta bella poesia que vimos ainda em manuscripto com outras do poeta, quando na *Revista* saudamos o seu singular talento, foi uma das que mais nos impressionou por sua elevação nunca desmentida, quer no conceito, quer no estylo.

Do segundo hymno não menos bello é logo notavel o principio:—

«A' voz de Jehovah infindos mundos

Se formárão do nada;

Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,

E a noite foi creada.

Luzio no espaço a luz!—sobre a terra

Rouqueja o mar raivoso,

E as espheras nos ceos erguerão hymnos

Ao Deus prodigioso.

Hymno de amor á criação, que sôa

Eternal, incessante,

Da noite no remanso, no ruído

Do dia scintillante !»

Vêde, si era possivel entoar um hymno á Deus, mais magnifico no conceito e no estylo, do que o annuncia este

comêço, e o atesta o corpo da poesia! Nada em verdade acharia o poeta mais sublime do que essas tres estrophes, em que o arrojado das figuras, «Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia, E as espheras nos ceos erguêrão hymnos Ao Deus prodigioso,» fazem realçar a grandeza do assumpto expressa nos dois primeiros versos: «Á voz de Jehovah infinidos mundos Se fórmarão do nada.» E d'ahi que harmonia nos versos realçada pela expressão que a auxilia, prolongando-lhe os sons dulcissimos: «Hymno de amor á criação, que sôa Eternal, incessante, Da noite no remanso, no ruido Do dia scintillante.» É que a linguagem dos homens, quando empregada pelo genio, assemelha-se á celeste harmonia das espheras e orbes infindos, que gyrão no espaço obedientes á lei do Creador! É que só os grandes poetas sabem bem pintar a grandeza de Deus!

Vêde agora como termina ainda apropiadamente poesia tão bella:—

«Oh! como é grande o bom Deus que manda  
 Um sonho ao desgraçado,  
 Que vive agor viver entre miserias,  
 De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere  
 Na sua providencia;  
 Que o justo durma descansado e forte  
 Na sua consciencia.

Que o assassino de continuo vele,

Que trema de morrer;  
 Em quanto lá nos ceos o que foi morto  
 Desfructa outro vivèr !

Oh ! como é grande o Senhor Deus que rege  
 A maquina estrellada,  
 Que ao triste dá prazer; descanso e vida  
 Á mente atribulada.»

Não poderia de certo terminar melhor este grandioso hymno á Deus, cujo immenso poder se glorifica na maravilhosa obra da criação, do que fazendo sobressahir a sua divina providencia, que vela sobre o homem em qualquer estado da vida. Vêde como o poeta pinta bem a bondade infinita de Deus em todo esse notavel trecho, e, quanto são expressivos e bellos os versos: «Oh ! como é grande e bom o Deus que manda Um sonho ao desgraçado Que vive agro viver entre miserias De ferros rodeado ?» O Deus que manda ao infeliz que espere Na sua providencia Que o justo durma descansado e forte Na sua consciencia». Com o justo forma contraste o assassino que vela de continuo, e ralado de remorsos treme de morrer em quanto a sua victima gosa da bem-aventurança no ceo. Este mesmo ultimo quadro da humanidade afflicta sob a protecção de Deus forma bello e perfeito contraste com as maravilhas da criação precedentemente descriptas.

Um tão soberbo hymno em nada é inferior aos melhores do mesmo genero, que se leem em diversos

idiomas; e parece-me que em Portuguez só no padre Sousa Caldas se encontra cousa que com elle rivalise.

Quanto ás leves maculas que nota no joven poeta o Sr. Alexandre Herculano, e que não prejudicão a sua gloria no sentir do mesmo, algumas forão apagadas na edição de Leipsik, si bem não todas.

Tendo apreciado os Primeiros Cantos de G. Dias passarei em outro discurso a analysar os Segundos, fazendo por hoje aqui ponto neste.



## LICÇÃO LXXXII.

Quereis, Senhores, saber o que é o genio em seu progresso ascendente até topetar com os astros que fita, o genio que não pode ser desconhecido em seu primeiro raiar, e brilha depois em todo seu esplendor, inundando-nos da mais pura luz? Em ninguém o conhecereis melhor do que no poeta Antonio Gonçalves Dias, que vivia ainda hontem, admirado por todos nós, e cujo inèxgotavel éstro começou a produzir logo mui cedo, porque nelle o vereis, para bem dizer, desabrochar, viçar, florecer, fructificar, e amadurecer.

Nos Primeiros Cantos deste eximio poeta ha poesias por elle compostas aos dezeseis e dezoito annos de idade, que surprehendem. e arrebatão a quantos as leem por sua belleza ou elevação, parecendo obra de uma idade propecta, como vistes no precedente discurso em que as analysei; era então até aos vinte um

ou vinte dous annos o desabrochar, viçar, florecer, e fructificar do rico talento com que o dotou a natureza. Por isso não admira, si o distincto litterato portuguez o Sr. A. Herculano, reconhecendo a excellencia de tão singular engenho, que lhe arrancou um testemunho de admiração não solicitado, lhe nota ainda em tão verde juventude os defeitos do escriptor não amestrado pela experiencia.

Nos Segundos Cantos do mesmo, porem, trabalho de tres ou quatro annos mais em que o genio enriquecido e aperfeiçoado pelo estudo começa a dar os seus mais sasonados fructos, ha poesias não só de notavel belleza, mas de grande perfeição de estylo, como entre outras muitas que pudéramos citar, a «Canção nas Lagrimas» a «Rosa no Mar», o «Hymno á Lua», e as «Sextilhas de Frei Antão», que por sua novidade, bom gosto, e correccão, captivárão as sympathias de alguns litteratos portuguezes, que não cessavão de admiral-as quando apparecêrão.

Tendo de apreciar hoje estes Cantos, como me propuz, escolherei delles para objecto de minha analyse as mencionadas Sextilhas, que, por seu genero e lavor especial dão um testemunho mais palpavel do grande e extraordinario talento do poeta, que as outras composições suas, cuja belleza se admira ordinariamente como cousa de antemão esperada em tal poeta.

Causa em verdade assombro vêr como um môço de vinte e tres ou vinte quatro annos poude em tão pouco tempo adquerir tão profundo conhecimento do portu-



guez antigo e moderno, para compôr, por um milagre de talento que outro nome não tem, as mais bellas e mimosas poesias na velha e pobre linguagem do Cancioneiro d'el-rei D. Diniz! Que estudo de ferro não era preciso fazer noite e dia, não só para possuir em tal idade um tão cabal conhecimento do idioma, mas e sobretudo para se exprimir com tanta graça e mestria na linguagem obsoleta, que fallarão nossos avós ha mais de quinhentos annos atrás! Só o poder do genio podia chegar a tanto.

É fama que o poeta respondia com essas admiráveis producções do seu prodigioso talento, que attestão tanta sciencia da lingua portugueza, á certos censores do manuscripto da sua Beatriz Censi os quaes acoimavão de pouco castiça a linguagem do drama.— Si assim é, teve ao menos uma tal censura o merito de enriquecer a nossa litteratura com mais um producto de tão singular engenho.

Assim si os Francezes se jactão de que o seu La-fontaine, homem provector, quando compunha as suas fabulas, si exprimisse tão bem na antiga linguagem, ou langage du vieux temps, com mais razão devemos nós os Brasileiros gloriar-nos de que o nosso Gonçalves Dias, ainda mui moço, manejasse tão bem a antiga linguagem portugueza, como aquelle celebre fabulista manejava a franceza, já maduro.

Buffon definiu o genio «longa paciencia», mas isto não passa de um paradoxo; porque o genio que vemos brilhar em Gonçalves Dias na mais verde mocidade,

e ainda depois atravez da pobre linguagem do Cancioneiro de D. Diniz, ou desacompanhado, para assim dizer, da lingua culta, attesta que o sabio naturalista francez confundio o genio, ou a intelligencia mais apurada, que a natureza concede á seus privilegiados, com o estudo e trabalho que apenas contribue para aperfeçoal-o. Do que dizemos é uma prova não só Gonçalves Dias, mas o mesmo Buffon que sem genio nunca seria o que foi.

Passarei agora a lêr-vos d'entre as Sextilhas as que tem por titulo Gulnare e Mustaphá, para que formeis ajustada idea do singular talento do poeta neste genero de composição por elle inventada.

Quanto o sol mais se abaixava,  
 Tanto mais alto gemia  
 Aquella moira mimosa,  
 Que as suas magoas carpia:  
 He hora que espalha enlevos  
 A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,  
 Louvor a nosso Senhor!  
 Ultimo vôo desprega  
 E hum doce grito de amor;  
 Nas pennas esconde o bico,  
 Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuas,  
 Definhão, só de tristura:

O mar soluçando geme,  
 Mais alto a fonte murmura,  
 Reina o silencio que falla,  
 Bafeja a doce frescura.

«Vistes vós meu bem amado,  
 (Dizia a filha d'Allah)  
 «Vistes vós meu bem amado,  
 «O meu senhor Mustaphá!  
 «Se o vistes, dizei-me onde!  
 «Por alma vossa, onde está?

.....

Então pera junto della  
 Cheguei-me sem sêr sentido;  
 Fallei-lhe em som cavernoso,  
 Medonho e baixo no ouvido:  
 —Por que assi amas o escravo?  
 Disse eu, do meu mal vencido.

Foy certo o espirito malvado  
 Quem para ally me arrastou,  
 Quem nos meus castos ouvidos  
 Palavras taes derramou,  
 Quem aos pés da moça moira  
 O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meus hombros  
 Pezava co'o pezo seu,  
 Quando a moira espavorida

Do vasto leito se ergueo:  
Vendo-me ally de gíolhos,  
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,  
Mas antes seus olhos vi;  
Aquelles olhos fermosos  
Lavar-me o rosto senti,  
Tocar-me no fundo d'alma,  
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos,  
Ora bem se me afigura  
A lua rasgando as trevas  
Em meio de noite escura:  
Vi Diana, a caçadora,  
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente  
Hum grito franzino dá!  
De mi se parte voando  
Senhor Deos, o que será?  
Volto prestes a cabeça...  
Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seu pescoço  
A moira os braços prendeo;  
Arfa-lhe o peito açodado,  
Pera traz roja o seu véo,  
Offerece o rosto mimoso  
Aos bejos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa  
 Hera que hum robre vingou;  
 Ligou-se estreita com elle,  
 Do tope se debruçou,  
 Folha metteo pelas folhas,  
 Vida com vida cazou.

«Gulnare, disse-lhe o mouro,  
 Gulnare, meu doce amor,  
 Melhor que a roza da Persia,  
 Que arabio incenso melhor,  
 Frol dos jardins do propheta,  
 Que dás mate a minha dôr!»

Responde a moira mimosa:  
 «Dizes bem, meu Mustaphá,  
 O fogo chegou-se ao incenso,  
 O incenso effluvios dará;  
 O sol scintilla na roza,  
 A roza resurgirá.»

Abelha, tornou-lhe o mouro,  
 Que sussurras de agastada;  
 Herva, que as folhas constringes,  
 De estranho corpo tocada;  
 Quem tocou na minha abelha,  
 Quem na herva delicada?

Ella entonces de malquista  
 Deo-lhe d'olhos pera mi;  
 Sancto Jezus! em que apertos

N'aquelle ensejo me vi,  
Prendera-me força occulta,  
Foy porem que não fugi!

Trazia o moiro atrevido  
Adaga no boldrié;  
Deixar a moiros com armas,  
Gente de baixa ralé,  
Em que escravos de Princeza,  
He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,  
A passo, vem sobre mi;  
Trinca as pontas do bigode,  
Quais cerdas de javali,  
A barba toda se erricha,  
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,  
Jamais não vi seus iguais;  
Devião ser puro fogo,  
Senão faiscas fatais  
D'aquelle sol do deserto,  
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,  
Luzindo em feia spelunca;  
Olhos que o gyro do sangue  
Nas veias demora e trinca;  
Olhos cheios de carniça  
E della não fartos nunca.

Vêde como o poeta exprime bem na antiga linguagem a paixão de frei Antão por Gulnare, a belleza arrebatadora desta, comparavel a de uma houriz do phantasiado paraíso de Mafoma, o encontro do frade com a mesma na postura a mais encantadora, os ciumes que experimenta, notando as provas de amor que a Moura dá a seu amante Mustaphá, e o terror de que se possui com a presença do Mouro que o ameaça com gesto furibundo, levando a mão á adaga. Tudo isso é tão natural, delicioso, terrível e poetico, que nada deixa a desejar, quanto ao jogo dos affectos, e á pintura que dá realce á situação das personagens, que não podem ser mais bem caracterisadas. Desta bella poesia citar-vos-hei primeiramente as tres admiraveis sextilhas, que precedem o canto da Moura:—

«Quanto o sol mais se abaixava,  
Tanto mais alto gemia  
Aquella Noira mimosa  
Que as suas magoas carpia;  
Hé hora que espalha enlevos,  
A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,  
Louvor a nosso Senhor!  
Ultimo vôo desprega  
E hum doce grito de amor;  
Nas pennas esconde o bico  
Nem teme o visgo tedor.

As froles do sol viúvas,  
 Definhão, só de tristura:  
 O mar soluçando geme,  
 Mais alto a fonte murmura,  
 Reina o silencio que falla,  
 Bafeja a doce frescura.

Quem diria que o poeta pudesse em tal linguagem exprimir as ideas as mais graciosas, e crear as imagens as mais pittorescas, vestindo tudo do mais fino colorido? Mas não ha resistir á evidencia que nos surprehende agradavelmente. Vêde como são bellos e maviosos os seguintes versos em que descreve o fim do dia: «He hora que espalha enlevos, A hora do fim do dia:» quanto são naturaes e expressivos est'outros em que pinta o passaro despregando da rama o ultimo vôo, e buscando o seu poiso com um doce grito de amor. «Nas pennas esconde o bico Nem teme o visgo tredor:» como é bella a ultima sextilha que apresenta imagens tão pittorescas: «As froles do sol viúvas Definhão, só de tristura; O mar soluçando geme, Mais alto a fonte murmura, Reina o silencio que falla, Bafeja a doce frescura.» Quanta poesia e verdade não ha nessa admiravel prosopopea, «O mar soluçando geme?» Quanto arrojo e novidade nest'outra não menos bella, «Reina o silencio que falla?» É que o genio sabe escolher os termos os mais expressivos e felizes, e formar-se uma linguagem propria em cada lingua, ainda a mais pobre e inculta, pois de outro modo não seria genio.



Si são bellas essas tres sextilhas, não o são menos as seguintes:—

Então pera junto della  
 Cheguei-me sem ser sentido;  
 Fallei-lhe em som cavernoso,  
 Medonho e baixo no ouvido:  
 ¿Porque assi amas o escravo?  
 Disse eu, do meu mal vencido .

Foi certo o espirito malvado  
 Quem pera ally me arrastou,  
 Quem nos meos castos ouvidos  
 Palavras taís derramou,  
 Quem aos pés da moça Moira  
 O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meus hombros  
 Pesava co'o peso seu,  
 Quando a Moira espavorida  
 Do vasto leito se ergueo:  
 Vendo-me ally de gíolhos,  
 Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,  
 Mas antes seus olhos vi;  
 Aquelles olhos fermosos  
 Lavar-me o rosto senti,  
 Tocar-me no fundo d'alma,  
 Tirar-me todo de mi.

Luz que eu vi daquelles olhos,  
 Ora bem se me afigura  
 A lua rasgando as trevas  
 Em meio de noite escura,  
 Vi Diana, a caçadôra,  
 Naquella hardida postura.

São por certo mui notaveis as sextilhas em que o poeta descreve o frade fallando em som cavernoso ao ouvido da linda Moira que o não vê, e esta saltando do leito espavorida, e baixando de medrosa o veo, mas mais o são ainda as duas ultimas em que a impressão que causão no frade os olhos da moça, é pintada pela maneira a mais rica, poetica e nova. Vêde que feliz arrojio de figuras, ou antes que magica e embriagante poesia, não contém os quatro ultimos versos d'esta inimitavel sextilha: «O véo baixou de corrida, Mas antes seus olhos vi: Aquelles olhos fermosos Lavar-me o rosto senti, Tocar-me no fundo d'alma, Tirar-me todo de mi.» Notai agora a bellissima comparação que encerrão os quatro primeiros versos da ultima, que é como repercussão esplendida da outra: «Luz que vi daquelles olhos, Ora bem se me figura A lua rasgando as trevas Em meio da noite escura.» Lêde os melhores poetas antigos e modernos, e ficovos que em nenhum encontrareis poesia do mesmo genero superior a esta em belleza, ou pela ventura em novidade: tão admiravel é ella!

Quereis agora uma soberba pintura d'outro genero?  
Eil-a:—

Ella entonces de malquista  
Deo-lhe d'olhos pera mi;  
Sancto Jesus! em que apertos  
N'aquelle ensejo me vi,  
Prendêra-me força occulta,  
Foy porem que não fugi.

Trazia o Moiro atrevido  
Adaga no boldrié;  
Deixar a Moiros com armas,  
Gente de baixa relé,  
Em que escravos da princeza,  
He certo extranha mercê.

A mão no punho da adaga,  
A passo vem sobre mi  
Trinca a ponta do bigode,  
Quais cerdas de javali;  
A barba toda se erriga,  
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou  
Jamais não vi seus iguais;  
Devião ser puro fogo,  
Senão faiscas fatais  
Daquelle sol do deserto,  
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,

Luzindo em feia spelunca;  
 Olhos, que o gyro do sangue  
 Nas veias demora e trunca;  
 Olhos cheios de carniça,  
 E della não fartos nunca.

Nada mais sinistro e feroz, que esse gesto do Moiro com o furor pintado nos olhos: nada mais apropriado, que o terror do frade preso a tal vista por força occulta, e sem poder mover-se do logar em que se acha: é o sublime da sanha em um, é o do medo em outro. Não ha nas cinco sextilhas citadas uma só que não concorra por diversas circumstancias para a belleza do quadro tão magistralmente traçado pelo poeta, mas são sobretudo magnificas as duas ultimas, que o rematão do modo o mais surprehendedor: «Os olhos que me lançou, Jamais não vi seus iguaes; Devião ser puro fogo, Senão faiscas fatais Daquelle sol do dezerto Que abraza e funde areais.» «Negros olhos de panthera, Luzindo em feia spelunca; Olhos que o gyro do sangue Nas veias demora e trunca; Olhos cheios de carniça, E della não fartos nunca.» Que riqueza de imagens! que movimento! que fascinação! Nunca o furor de um filho do deserto foi mais poeticamente descripto: é a tempestade prestes a desfechar, e formando um bello contraste com o terror do frade!

Concluirei dizendo que quem quer que ler a admiravel poesia «Gulnare e Mustaphá», que denuncia tambem talento dramatico no grande poeta lyrico, reco-

nhecerá logo em Gonçalves Dias o verdadeiro genio; pois só por um brilhante effeito de genio se podião tirar taes accents da pobre e obsoleta linguagem, que se fallava em tempo de D. Diniz, e dos reis seus predecessores.



## LICÇÃO LXXXIII.

Depois de haver emittido o meu juizo critico sobre os Primeiros e os Segundos Cantos do nosso eximio poeta, Antonio Gonçalves Dias, resta-me hoje, Senhores, apreciar os seus Ultimos Cantos, em nada inferiores áquell'outros, antes pela ventura mais castigados, por serem fructo da maturidade do seu extraordinario engenho, que vimos desde a mais verde mocidade brilhar na poesia lyrica sem rival entre os contemporaneos nos dois paizes de lingua portugueza.

Disse-vos eu, que assim como Odorico Mendes é por sua bem acabada traducção de Virgilio e a inedita de Homero um verdadeiro poeta classico, assim Gonçalves Dias é incontestavelmente por suas admiraveis poesias lyricas um poeta romantico; e com effeito ainda nem um moderno poeta brasileiro se mostrou em suas producções mais imbuido na fertil e sublime inspiração

christã, e no espirito cavalleiroso da idade media. Haja vista nos Primeiros Cantos ás suas soberbas poesias intituladas hymnos, nos Segundos ás Sextilhas de Frei Antão, e nos ultimos á não poucas de suas bellas poesias, das quaes citarei por exemplo a intitulada «Menina e Moça,» á que nenhuma outra se iguala. Creou alem d'isso este insigne poeta um genero novo, as Poesias Americanas, nas quaes descreve mui poeticamente os usos e costumes de nossos Aborigenes.

Como poeta romantico á nenhum dos dois grandes lyricos do seculo XIX, Lamartine e Victor Hugo, cede em concepção imaginosa, fogo de inspiração e delicada expressão sentimental, porque á ambos iguala em grandeza do engenho, senão em nomeada por ser a lingua portugueza muito menos conhecida, que a franceza. Como poeta do Novo-Mundo não tem rival nas suas Poesias Americanas, porque nenhum dos contemporaneos sóbe em seus vôos tão alto como elle, quer nos descreva o immenso Gigante de Pedra, quer o tragico caso de Y-Iuca-Pyrama.

Em linguagem pittoresca e poetica nenhum poeta romantico é mais rico do que este, que fez um estudo especial de sua lingua á ponto de nos poder dar as poesias as mais deleitaveis na antiga linguagem, que fallavão nossos avós ha mais de cinco seculos. Nas suas Poesias Americanas dêo fôro de cidade a não pequeno numero de termos indigenas, fazendo-os sobresahir por sua valentia ou suavidade no meio das mais engenhosas ficções, das mais ricas imagens poeticas.



e dos mais harmoniosos versos. Para operar o prodigio de adoptar tantos termos da lingua tupy sem quebra do primor poetico, prodigio não menor, que o outro de reproduzir a velha linguagem do Cancioneiro de D. Diniz no bello romance de Gulnare e Mustaphá, era mister ser não só um grande poeta, mas um verdadeiro genio em poesia, e Gonçalves Dias o era em toda a plenitude da expressão.

Dos Ultimos Cantos escolherei para objecto de minha analyse o Gigante de Pedra, soberba poesia do genero das Americanas pelo assumpto, e a Menina e Moça, poesia de grande belleza no gosto romantico, as quaes passarei a ler-vos, para que façaes idea do extraordinario talento do poeta em um e outro genero, ou de como o seu riquissimo engenho se prestava admiravelmente a toda a sorte de concepções poeticas por mais variadas, e diversas que parecessem.

Eil-as:—

## O GIGANTE DE PEDRA.

### I

Gigante orgulhoso, de fero semblante  
 N'um leito de pedra lá jaz a dormir!  
 Em duro granito repousa o gigante,  
 Que os raios sómente pudérão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado

Devêra cuidadoso, sanhudo velar;  
 O raio passando o deixou fulminado,  
 E á aurora, que surge, não hade acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,  
 Mais alto que as nuvens, os ceos a encarar.  
 Seu corpo se estende por montes fragosos,  
 Seus pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos  
 Avultão immensos: só Deos poderá  
 Rebelde lançal-o dos montes erguidos,  
 Curvados ao peso, que sobre lh'está.

E o cêo e as estrellas e os astros fulgentes  
 São velas, são tochas, são vivos brandões,  
 E o branco sudario são nevoas algentes,  
 E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite que surge no manto fagueiro  
 Quiz Deos que se erguesse, de junto a seus pés,  
 A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,  
 Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-n'os odores que as flores exhalão,  
 Bafejão-n'os carmes de um hymno de amor  
 Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,  
 Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido  
 Campeia o gigante,—nem póde acordar!

Cruzados os braços de ferro fundido,  
A fronte nas navens, os pés sobre o mar!

## II

Banha o sol os horisontes,  
Trega os castellos dos céos,  
Aclara serras e fontes,  
Vigia os dominios seus:  
Já descahe p'ra o occidente,  
E em globo de fogo ardente  
Vai-se no mar esconder;  
E lá campeia o gigante,  
Sem destorcer o semblante,  
Immoval, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,  
Vem o silencio, o frescor,  
E a brisa leve e macia,  
Que lhe suspira ao redor;  
E da noite entre os negroses,  
Das estrellas os fulgores  
Brilhão na face do mar:  
Brilha a lua scintillante,  
E sempre mudo o gigante,  
Immoval, sem acordar!

Depois outro sol despouta,  
E outra noite também,  
Outra lua que aos ceos monta,  
Outro sol que após lhe vem:

Após um dia outro dia,  
Noite após noite sombria,  
Após a luz o bulcão,  
E sempre o duro gigante,  
Immovel, mudo, constante  
Na calma e na cerração !

Corre o tempo fugidio,  
Vem das aguas a estação,  
Após ella o quente estio;  
E na calma do verão  
Crescem folhas, vingão flores,  
Entre galas e verdores  
Sazonão-se fructos mil,  
Cobrem-se os prados de relva,  
Murmura o vento na selva,  
Azulão-se os céos de anil !

Tornão prados a despir-se,  
Tornão flores a murchar,  
Tornão de novo a vestir-se,  
Tornão depois a seccar;  
E como gota filtrada  
De uma abobada escavada  
Sempre, incessante a cair,  
Tombão as horas e os dias,  
Como phantasmas sombrias,  
Nos abysmos do porvir !

E no feretro de montes  
Inconcusso, immovel, fito,

Escurece os horisontes  
 O gigante de granito:  
 Com soberba indiferença  
 Sente extincta a antiga crença  
 Dos Tamoyos, dos Pagés;  
 Nem vê que duras desgraças,  
 Que lutas de novas raças  
 Se lhe atropellão aos pés!

## III

E lá na montanha deitado dormido  
 Campeia o gigante, — nem pode acordar!  
 Cruzados os braços de ferro fundido,  
 A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!...

## IV

Vio primeiro os incolas  
 Robustos, das florestas,  
 Batendo os arcos rigidos,  
 Traçando homereas festas,  
 Á luz dos fogos rutilos,  
 Aos sons do murmuré!

E em Guanabara esplendida  
 As danças dos guerreiros,  
 E o guáu cadente e vário  
 Dos moços prasenteiros,  
 E os cantos da victoria  
 Tangidos no boré.

E das igáras concavas  
 A frota aparelhada,  
 Vistosa e fromosissima  
 Cortando a undosa estrada,  
 Sabendo, mas que frageis,  
 Os ventos contrastar:

    E a caça leda e rapida  
 Por serras, por devêsas,  
 E os cantos da janubia  
 Junto ás lenhas accesas,  
 Quando o tapuya misero  
 Seus feitos vai narrar!

E o germen da discordia  
 Crescendo em duras brigas,  
 Ceifando os brios rusticos  
 Das tribus sempre amigas,  
 —Tamoy a raça antiga,  
 Feroz Tupinambá.

    Lá vai a gente improvida,  
 Nação vencida, imbelle,  
 Buscando as matas invias,  
 Donde outra tribu a expelle;  
 Jaz o pagé sem gloria,  
 Sem gloria a maracá.

Depois em mãos flammivomas  
 Um troço hardido e forte,  
 Cobrindo os campos humidos  
 De fumo, e sangue, e morte,  
 Trás dos reparos horridos

D'altissimo pavez:  
 E do sangrento pelago  
 Em miseras ruinas  
 Surgir galhardas, limpidas  
 As portuguezas quinas,  
 Murchos os lizes candidos  
 Do improvido gaulez!

## V

Mudárão-se os tempos e a face da terra,  
 Cidades alástrão o antigo paul;  
 Mas ainda o gigante, que dorme na serra,  
 Se abraça ao immenso cruzeiro do sul,

Nas duras montanhas os membros gelados  
 Talhados á golpes de ignoto buril,  
 Descança, ó gigante, que encerras os fados,  
 Que os terminos guardas do vasto Brazil.

Porem se algum dia fortuna inconstante  
 Puder-nos a crença e a patria acabar,  
 Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,  
 Innunda estes montes, desloca este mar!

## MENINA E MOÇA.

É leda a flôr que desponta  
 Sobre o talo melindroso,  
 E o arrebento viçoso  
 Crescendo em floreo tapiz;

É doce o romper da aurora,  
 Doce a luz da madrugada,  
 Doce o luzir da alvorada,  
 Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha  
 Com seus musicos accents,  
 Com seus virgens pensamentos,  
 Com seus mimos infantis;  
 Como quanto enceta a vida,  
 Que á luz sorri da existencia,  
 Que tem na sua innocencia  
 Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr á pouco e pouco,  
 Cada vez mais bem querida,  
 Tem mais encantos, mais vida,  
 Tem mais brilho, mais fulgôr:  
 De cada gota de orvalho  
 Extrahe celeste perfume,  
 E do sol no raio assume  
 Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,  
 Pouco e pouco, noite e dia,  
 Mais viva flôr de poesia  
 Do rosto lhe tinge a côr;  
 E um anjo nos meigos sonhos,  
 Do seu peito na dormencia  
 Derrama o odor da innocencia,  
 Um doce raio de amor!



Porque tudo, quanto nasce,  
 Seja a luz da madrugada,  
 Seja o romper da alvorada,  
 Seja a virgem, seja a flôr;  
 Tem mais amor, tem mais vida,  
 Como celeste feitura,  
 Que sahe melindrosa e pura  
 D'entre as mãos do credor.

Da primeira poesia é magnifico logo o comêço:—

Gigante orgulhoso de fero semblante  
 N'um leito de pedra lá jaz a dormir!  
 Em duro granito repousa o gigante,  
 Que os raios somente pudêrão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado  
 Devêra cuidadoso, sanhudo velar;  
 O raio passando o deixou fulminado,  
 E á aurora, que surge, não hade acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,  
 Mais alto que as nuvens, os ceos a encarar,  
 Seu corpo se estende por montes fragosos,  
 Seus pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos  
 Avultão immensos: só Deus poderá,  
 Rebelde lança-o dos montes erguidos,  
 Curvados ao peso, que sobre lhe 'stá.

O poeta no começo desta bella poesia traça-nos um

soberbo quadro que nada deixa a desejar, descrevendo as feições illusorias dos montes á entrada do Rio de Janeiro, que vistos de longe semelham por sua posição um gigante deitado, que se chama frade ou gigante de pedra. Tudo ali concorre para a perfeita illusão poetica, tanto as ricas imagens com que nos pinta a enorme figura e as dimensões do gigante, como os versos chamados da arte maior, ou de doze syllabas, que emprega, e são por sua extensão mui proprios para bem representar tão estupendo colosso deitado. Camões descrevendo Adamastor emprega os versos esdruxulos, que são tambem de doze syllabas.

Vêde que grandiosa e soberba pintura não apresentam estes versos: «Co'os braços no peito cruzados nervosos, Mais alto que as núvens, os ceos a encarar, Seu corpo se estende por montes fragosos, Seus pés sobranceiros se elevão do mar!» A concepção é das mais felizes e poeticas, e o desempenho em tudo completo, como passareis a vêr.

Não é menos bello o seguinte trecho:—

Banha o sol os horisontes,  
 Trepá os castellos dos ceos  
 Aclara serras e fontes,  
 Vigia os dominios seus;  
 Já descahe p'ra o occidente,  
 E em globo de fogo ardente  
 Vai-se no mar esconder;  
 E lá campeia o gigante

Sem destorcer o semblante,  
Immovel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia  
Vem o silencio, o frescor,  
E a brisa leve e macia,  
Que lhe suspira ao redor;  
E da noite entre os negroses,  
Das estrellas os fulgores  
Brilhão na face do mar;  
Brilha a lua scintillante,  
E sempre mudo o gigante,  
Immovel, sem acordar!

O que aqui descreve o poeta, o tem sido por milhares de poetas antes d'elle, e o será por milhares de poetas depois d'elle; mas tão poeticas são as imagens com que faz a pintura do dia e da noite, e tal é a suavidade dos versos em que se exprime, que tudo é bello, e nos parece novo, apesar de velho. Dercreever as cousas de todos observadas, e por muitos pintadas, por uma maneira tão nova como brilhante, é unicamente privilegio do genio, que ninguem desconhecerá jamais n'este grande poeta, cujo berço foi embalado pelas Musas que o guiárão ao Parnaso desde os mais verdes annos. Desta admiravel pintura são logo mui bellos os quatro primeiros versos de cada estancia: «Banha o sol os horisontes, Tropa os castellos dos ceos Aclara serras e fontes, Vigia os dominios seus.» «Vem a noite após o dia, Vem o silencio, o fres-

cor, E a brisa leve e macia, Que lhe suspira ao redor.»

Eis agora em conclusão mais outro notavel trecho:—

«Vio primeiro os incolas  
Robustas das florestas,  
Batendo os arcos rigidos,  
Traçando homereas festas,  
A' luz dos fogos rutilos.  
Aos sons do murmuré!

E em Guanabara esplendida  
As dansas dos guerreiros,  
E o guáu cadente e vario  
Dos môços prasenteiros,  
E os cantos da victoria,  
Tangidos no boré.

E das igáras concavas  
A frota aparelhada,  
Vistosa e formosissima  
Cortando a undosa estrada,  
Sabendo, mas que frageis  
Os ventos contrastar.

E a caça leda e rapida  
Por serras, por devêzas,  
E os cantos da janubia  
Junto ás lenhas accezas,  
Quando o tapuia misero  
Seus feitos vai narrar.»

Nestes lindos versos dactilicos descreve o poeta os

usos e costumes de nossos aborigenes, suas festas homericas, suas dansas estrepitosas ou guáus, suas viagens por agua, suas caçadas, e o canto do prisioneiro destinado a ser comido, depois de haver dado as maiores provas de coragem em seu prolongado martyrio. Estas quatro estancias por si mesmas constituem um quadro perfeito, bello por sua novidade, imagens poeticas, verdade descriptiva, e harmonia onomatopica dos versos. Não havia por certo melhor maneira de terminar a grandiosa, e poetica pintura do gigante de pedra, que fazê-lo presenciar do seu leito de granito em que parece guardar a entrada do Rio de Janeiro, as diversas raças que tem dominado o Brázil, isto é, os aborigenes, os colonos portuguzes, e os actuaes brazileiros descendentes destes, porque não ha quadro algum por mais soberbo que seja, que nos possa vivamente interessar, sem que nelle figure o homem, que é o rei da creação.

Da segunda poesia que é toda mui bella reproduzirei aqui as duas primeiras estancias:—

É leda a flor que desponta  
 Sobre o talo melindroso,  
 E o arrebento viçoso  
 Crescendo em floreo tapiz;  
 E' doce o romper da aurora,  
 Doce a luz da madrugada,  
 Doce o luzir da alvorada,  
 Doce, mimoso e feliz !

É bella a virgem risonha  
 Com seus musicos accentos,  
 Com seus virgens pensamentos,  
 Com seus mimos infantis;  
 Como quanto enceta a vida,  
 Que a luz sorri da existencia  
 Que tem na sua innocencia  
 Da mocidade o verniz.

Que suavissima, rica e inimitavel poesia! Os conceitos os mais delicados, as imagens as mais graciosas e risonhas, as comparações as mais mimosas, o colorido o mais fino, os accentos os mais musicaes, a versificação a mais perfeita, tudo concorre para tornal-a de belleza incomparavel. Nada me recorde de haver lido em poeta algum que seja tão delicioso, e puro, como esta lindissima poesia, a que nenhuma outra se iguala no seu genero. É ella como uma musica angelical, uma verdadeira essencia de poesia tão delicada e primorosa, como a flor a que o poeta compara a virgem em sua innocencia, pureza e formosura, na mais viçosa quadra da vida, quando tudo lhe sorri, a natureza e os homens. Versos taes podem ser reputados como balsamicas flores entre as producções do genio que se compraz ás vezes em fazel-os.

Tendo apreciado, as melhores poesias lyricas do nosso poeta Gonçalves Dias, consagrarei ainda o seguinte discurso a apreciação do seu incompleto poema—os Tymbiras.—Por hoje aqui faço ponto.

## LICÇÃO LXXXIV.

O extraordinario talento do nosso eximio poeta, Antonio Gonçalves Dias, não resplandecêo unicamente na poesia lyrica, na qual não teve elle rival entre os poetas contemporaneos de lingua portugueza, como vimos na analyse dos seus Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos; brilhou tambem na poesia épica e na dramatica, como o attestão as suas obras impressas e por imprimir.

Do seu poema épico, «Os Tymbyras,» com que me vou hoje occupar, existem impressos só os quatro primeiros cantos, perdendo-se os mais que o completavão, no naufragio em que perecêo o poeta nas costas de Guimarães, ou sendo desencaminhados em Alcantara com outros papeis seus pelos que os achárão, segundo a fama que corrêo logo depois do naufragio. Com quanto não se possa formar idea do plano e urdidura do poema unicamente por esses quatro cantos,

ha com tudo n'elles materia bastante para se apreciar o talento do poeta neste genero de composiçãõ, como quadros ou grandiosos ou patheticos, bellas descripções, bellos episodios, enthusiasmo nunca desmentido e estylo verdadeiramente épico.

O heroe do poema é o chefe dos indios Tymbiras, Itajuba, especie de Archilles ou Fingal americano a que nenhum outro se iguala entre as diversas tribus; as scenas passãõ-se no Maranhão, nos tempos immediatos á colonisação, mas, nestes primeiros cantos, unicamente entre os habitantes das selvas, sem que nellas figure o homem civilizado, como figura no Caramurú de Frei J. de S. Rita Durão, e no Uruguay de J. Basilio da Gama. Sou de opinião que, para que os modernos poemas ou épicos ou dramaticos, em que se descrevem os usos e costumes de nossos aborigenes, nos interessem vivamente, é mister que nelles figurem a par do indigena o homem civilizado, seja para que a presença de algum heroe conhecido torne verosimil a existencia de heroes de pura invenção, seja para que o poeta, podendo apresentar o contraste da vida social com a selvatica, gire em uma esphera moral, religiosa, historica e politica—mais vasta. Os tempos de Homero em que só existia a civilisação nascente dos Gregos e a dos povos da Asia menor em que se comprehendia o Egypto, já la vão ha tres mil annos: hoje a civilisação tem invadido em seu progresso as selvas, os ermos os mais reconditos, e é por demais exigente em suas aspirações.



Com tudo não só não é possível formar idea da contextura do todo de um poema incompleto por quatro cantos somente, como também muito haveria a esperar, si elle se completasse, do singular engenho do poeta que modela a estatura de seus heroes, e as côres com que os pinta, pelas dos magnificos quadros de Homero, e de Ossian, e sabe, apesar de tudo, interessar-nos por uma raça que vai desaparecendo ou por cruzamentos, ou por outras causas, e cujos usos e costumes tão nobre e poeticamente descreve.

E com effeito se havia poeta que pudesse escrever bem sobre tal assumpto, era Gonçalves Dias, que, sobre ser dotado de superior talento, fez um estudo especial da lingua Tupy com cujos termos mais sonóros enriquecêo o nosso dialecto poetico, assim como dos usos e costumes dos aborigenes do Brazil, que vão sendo todos os dias absorvidos por nossa civilização crescente, e cujas poeticas tradições nos conservará nos seus bellos versos.—De um tão acurado estudo na materia dão testemunho, tanto os quatro cantos do seu poema, como as suas Poesias Americanas, de que já tratei.

Não podendo apresentar argumento do poema incompleto, que só apreciarei em algumas de suas partes, recorrerei para dar-vos idea do assumpto aos proprios versos do poeta, que assim o resume em sua introduccão:—

Os ritos semibarbaros dos Piagas,

Cultores de Tupan, e a terra virgem  
 Onde como de um throno, emfim se abrirão  
 Da cruz de Christo os piedosos braços;  
 As festas, as batalhas mal sangradas  
 Do povo Americano, agora extincto,  
 Hei de cantar na lyra.—Evóco a sombra  
 Do selvagem guerreiro!... Tòrvo o aspecto,  
 Severo e quasi mudo, á lentos passos,  
 Caminha incerto,—o bipartido arco  
 Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros  
 Pende-lhe a rôta aljava... as entornadas,  
 Agora inúteis setas, vão mostrando  
 A marcha triste e os passos mal seguros  
 De quem, na terra de seus paes, embalde  
 Procura asylo, e foge o humano trato.

O poeta, como se vê, resume no seu heroe imaginario todo o interesse que deve inspirar uma raça inteira e quasi extincta, cujos ritos semibarbaros, festas e batalhas mal sangradas canta, bem como a marcha triste e os passos mal seguros do selvagem por toda parte acossado pela civilisação, ou, de quem, na terra de seus paes, embalde procura asylo, e foge o humano trato. É um novo modo de considerar a epopeza, ou de interessar-nos, e commover-nos. Mas que caminho foi jamais vedado ao genio que cria uma poetica para si, e á cujos unicos esforços se devem os preceitos da arte? O que é certo é que as bellas passagens contidas nos primeiros cantos fazem com razão lamentar a perda dos outros, que completavão o poema, e o tornarião

pela ventura um todo grandioso, e digno de tal engenho.

Passarei agora a ler-vos as passagens que mais excitirão a minha admiração, como o bello episodio de Coema no segundo canto, e a mensagem de Gerucey no quarto. Eil-as:—

Emmudecêo: na taba quasi escura,  
Com o pé alterno a dança vagarosa,  
Aos sons do maracá, traçava os passos.

«Flôr de belleza, luz de amor, Coema,  
Murmurava o cantor, onde te foste,  
Tão doce e bella, quando o sol raiava?

«Coema, quanto amor que nos deixaste?  
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,  
Tão macios teus olhos! teus accents  
Cantar perenne, tua voz gorgeios,  
Tuas palavras mel! O romper d'alva,  
Si encantos punha á par de teus encantos,  
Tentava embalde pleitear contigo!  
Não tinha a êma porte mais soberbo,  
Nem com mais graça recurvava o collo!  
Coema, luz de amor, onde te foste?

«Amava-te o melhor, o mais guerreiro  
D'entre nós: elegêo-te companheira,  
A ti sómente, que só tu achavas  
Sorriso e graça na presença delle.

Flôr, que nasceste no musgoso cedro,  
 Cobravas pareas de abundante seiva,  
 Tinhas abrigo e protecção das ramas. . . .  
 Que vendaval te despegou do tronco,  
 E ao longe em pó te esperdiçou no valle?  
 Coema, luz de amor, flor de belleza,  
 Onde te foste, quando o sol raiava?

«Anhangá rebocou estreita ygara  
 Contra a corrente: Orapacên vem nella,  
 Orapacên, Tupinambá famoso.  
 Conta prodigios d'uma raça estranha,  
 Tão alva como o dia, quando nasce,  
 Ou como a areia candida e luzente,  
 Que as aguas d'um regato sempre lavão.  
 Raça, a quem os raios promptos servem,  
 E o trovão e o relampago acompanhão.  
 Já de Orapacên os mais guerreiros  
 Mordem o pó, e as tabas feitas cinza  
 Clamão vingança em vão contra os estranhos,  
 Talvez d'outros estranhos perseguidos,  
 Em punição talvez d'atroz delicto.  
 Orapacên fugindo, brada sempre:  
 Mair! Mair! Tapan!—Terror que mostra,  
 Brados que sôlta, e as derrocadas tabas,  
 Desde Tapuy-tapéra alto proclamao  
 Do vencedor a indomita pujança.  
 Ai! não viesse nunca às nossas tabas  
 O tapuya mendaz, que os bravos feitos  
 Narrava do Mair; nunca os ouviras,  
 Flôr de belleza, luz de amor, Coema!

«A cega desventura, nunca ouvida,  
 Nos move compaixão: prestes corremos  
 Com ledo gasalhado a restaural-os  
 Da vil dureza do seu fado: dormem  
 Nas nossas redes, diligentes vamos  
 Colher-lhes fructos—descançados folgão  
 Nas nossas tabas: Itajuba mesmo  
 Offrece abrigo ao palrador tapuya!  
 Hospedes são, nos diz, Tupan os manda:  
 Os filhos de Tupan serão bem vindos,  
 Onde Itajuba impera! Ai que não erão,  
 Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes  
 Os vis que o rio, á custo, nos trouxera;  
 Antes dolosa resfriada serpe  
 Que ao nosso lar creou vida e peçonha.  
 Quem nunca os vira! porem tu, Coema,  
 Leda avesinha, que adejavas livre,  
 Azas da cõr da prata ao sol abrindo,  
 A serpente cruel porque fitaste,  
 Si já do olhado máo sentias pejo?!

«Ouvimos, uma vez, da noite em meio,  
 Voz de afflicta mulher pedir soccorro,  
 E em tom sumido lastimar-se ao longe.  
 Orapacên!—bradou feroz tres vezes  
 O filho de Jaguar: clamou de balde.  
 Somente acode o echo á voz irada,  
 Quando elle o malfetor no instincto enxerga.  
 Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,  
 E tenta com affau chegar ao termo,  
 Donde as querellas miserias partião.

Chegou—já tarde!—nós, mais tardos inda,  
Assistimos ao subito espectáculo!

«Queimão-se raros fogos nas desertas  
Margens do rio, quasi immerso em trevas:  
Afadigados no labor nocturno,  
Os traçoeiros hospedes caminhão,  
Pejando á pressa as concavas ygaras.  
Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,  
Com voz de embrandecer duros penhascos,  
Supplica e roja em vão aos pés do fero,  
Cavilloso tapuya! Não resiste  
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,  
O barbaro, que a vio, que a vê tão bella!

«Vai arrastal-a,—quando sente uns passos  
Rápidos, breves,—volta-se:—Itajuba!  
Grita, e os seus, medrosos, receiando  
A perigosa luz, os fogos matão.  
Mas, no extremo clarão que elles soltavão,  
Vio-se Itajuba com seu arco em punho,  
Calculando a distancia, a força e o tiro:  
Era grande a distancia, a força immensa.

«E a raiva incrível, continúa o chefe,  
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!  
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,  
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força.»  
E assim dizendo nos cerrados punhos  
De novo pensativo a frente opprime.

«Sim, tornava o Cantor, immenso e forte  
 Devêra o arco ser, que entre nós todos  
 Só um achou, que lhe vergasse as pontas,  
 Quando Jaguar morrêo!—partio-se o arco!  
 Depois ouviu-se um grito, após ruído,  
 Que as aguas fazem no tombar de um corpo,  
 Depois—silencio e trevas. . . .

«Nessas trevas,  
 Replicava Itajuba,—inteira a noite,  
 Louco vaguei, corri d'encontro ás rochas,  
 Meu corpo lacerei nos espinheiros,  
 Mordi sem tino a terra já caçado:  
 Soluçavão porém meus frouxos labios  
 O nome della tão querido, e o nome. . .  
 Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,  
 Ou morra, antes de mim, meu nome e glória  
 Si os não heide punir ao recordar-me  
 A aurora infausta que me trouxe aos olhos  
 O cadaver. . . » parou, que a estreita gorja  
 Recusa aos cavos sons prestar accento.

«Descança agora o pallido cadaver  
 (Continúa o cântor) junto á corrente  
 Do regato, que volve areias d'ouro,  
 Alli agrestes flores lhe matizão  
 O modesto sepulcro,—aves canoras  
 Descantão tristes nenias ao compasso  
 Das aguas, que tambem nenias solução.

«Suspirada Coema, em paz descança  
 No teu florido e funebre jazigo;

Mas quando a noite dominar no espaço,  
 Quando a lua coar humidos raios  
 Por entre as densas, buliçosas ramas,  
 Da candida neblina véste as fôrmas,  
 E vem no bosque suspirar co'a brisa:  
 Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,  
 E á virgem, que adormece, amor inspira.»

Calou-se; o maracá rugio de novo  
 Á extrema vez, e jaz emmudecido.  
 Mas no remanso do silencio e trevas,  
 Como debil vagido, escutarias  
 Queixosa voz, que repetia em sonhos:  
 «Veste, Coema, as fôrmas da neblina,  
 Ou vem nos raios tremulos da lua  
 Cantar, viver e suspirar comigo.»

---

Reina o silencio, sentão-se na arena,  
 Jurucey, Gurupema e os mais com elles.  
 Amiga recepção,—alli não viras  
 Nem pompa oriental, nem galas ricas,  
 Nem armados salões, nem côrte egregia,  
 Nem regios paços, nem caçoilas fundas,  
 Onde a cheirosa goma se derrete.  
 Era tudo singelo, simples tudo,  
 Na carencia do ornato—o grande, o bello,  
 Na propria singeleza a magestade.  
 Era a terra o palacio, as nuvens tecto,  
 Columnatas os troncos gigantescos,  
 Balcões os montes, pavimento a relva,  
 Candelabros a lua, o sol e os astros.



Lá estão na branca areia descansados.  
 Como festiva taça n'um banquete,  
 O caximbo de paz correndo em roda,  
 De fumo adelgado cobre os ares.  
 Almejão, sim, ouvir o mensageiro,  
 E mudos são comtudo: não dissera,  
 Quem quer que os visse allí tão descuidosos,  
 Que ardor inquieto e fundo os anciava.

O forte Gurupema alfim começa  
 Após congruo silencio, em voz pausada:  
 Saude ao nuncio do Tymbira! disse.  
 Tornou-lhe Jurucey: «Paz aos Gamellas,  
 Renome e gloria ao chefe seu preclaro!»  
 —A que vens pois! Nós te escutamos: falla.  
 «Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,  
 A mercê da corrente, o arco e as selas  
 Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis.

«E de l'ò ver folguei; mas quero eu mesmo  
 Ouvir dos labios teus quanto imagino.  
 Acata-me Itajuba, e de medroso  
 Tenta poupar aos seus tristeza e luto?  
 A flôr das Tabas suas talvez manda  
 Trazer-me o corpo e as armas do Gamella,  
 Vencido, em mal, no desleal combate!  
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue;  
 E do justo furor quebrando as setas...  
 Mas dize-o tu primeiro... Nada temas;  
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,  
 E mais sagrado o mensageiro estranho.»

Treme de pismo e colera o Tymbira,  
 Ao ouvir tal discurso.—Mais sorprezo  
 Não fica o pescador, que mariscando  
 Vai na maré vasante, quando avista  
 Envolto em lodo um tubarão na praia,  
 Que reputa sem vida; passa rente,  
 E co'as malhas da rede acaso o açoita  
 E a desleixo:—feroz o monstro acorda,  
 E escancarando as fauces mostra nellas  
 Em sete filas alinhada a morte!  
 Tal ficou Jurucey,— não de receio,  
 Mas de sorpeza attonito;—o contrario,  
 Que de o ver merencorio não se agasta,  
 A que proponha o seu encargo o anima.

«Não ignavo temor a voz me embarga;  
 Emmudeço de ver quão mal conhecees  
 Do filho de Jaguar os altos brios!  
 Esta a mensagem que por mim vos manda:  
 —Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,  
 Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
 Cahidas a seus pés a voz lhe escutão.  
 Não quer dos vossos derramar mais sangue:  
 Tigre cevado em carnes palpitantes,  
 Regeita a facil preza; nem o tenta  
 De perjuros haver tropheos sem gloria.  
 Em quanto pois a maça não sopeza,  
 Em quanto no cazcaz dormem—lhe as setas  
 Immoveis—attendei!—cortae no bosque  
 Troncos robustos e frondosas palmas,  
 E novas tabas construi no campo.

Onde o corpo cahio do rei das selvas,  
 Onde empastado inda enrubece a terra  
 Sange d'aquelle heróe que vos infama!  
 Aquella briga emfim de dois, tamanhos  
 Signalae; porque estranho caminheiro  
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,  
 E a fé que usais guardar, sabendo, exclamem:  
 Vejo um povo de heróes, e um grande chefe!»

Em quanto escuta o mensageiro estranho,  
 Gurupema, talvez sem que o sentisse,  
 Vai pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.  
 A baça côr do rosto é sempre a mesma,  
 O mesmo aspecto, — a valida postura  
 A quem de longe o vê, somente indica  
 Vigor descommunal, e a gravidade  
 Que os proprios Indios por incrível notão.  
 Era uma estatua, excepto só nos olhos,  
 Que por entre as em vão cahidas palpebras  
 Clarão funereo derramava em torno.

«Quero vêr que valor mostras nas armas,  
 (Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)  
 Tu que arrogante, em frases descortezes,  
 Guerra declaras, quando paz off'reces.  
 Quebraste o arco teu quando chegaste,  
 O meu te off'reço! O quebrador dos arcos  
 Nos dons por certo liberal se mostra,  
 Quando o seu arco off'rece: julga e pasma!»

E o arco empunha! outro não foi com elle!

Artifice de nome em seus labores  
 Mais de um anno gastára em fabrical-o.  
 As pontas levemente recurvadas  
 Cabeças de bicephala serpente  
 Figuravão,—iguaes no peso e forma:  
 Melhor que nenhum outro equilibrado,  
 Lavrados os desenhos com tal arte,  
 Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,  
 Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,  
 Na corda a ageita,—o arco enteza e curva,  
 Atira,—sôa a corda, a frecha vôa  
 Com silvos de serpente. Sobre a copa  
 D'uma arvore frondosa descançava  
 Ha pouco um cenemby,—frechado agora  
 Despenha-se no rio, sópra iroso,  
 A cortante serrilha embora errica,  
 Co'a dura cauda embora açoita as aguas;  
 A corrente o conduz, e em breve tracto  
 O hâstil da frecha sobre nada á prumo.

Pudera Jurucey, alçando o braço,  
 Poupar acção tão baixa áquelles bosques,  
 Onde os guerreiros de Itajuba imperão  
 Immoavel, mudo contemplou no rio  
 De chofre o cenemby cahir frechado,  
 Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,  
 Desparecer,—a voz por fim levanta.

«Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:

Tu, que medroso em face d'Itajuba  
 Não ousáras tocar o pó que o vento  
 Nas folhas dos seus bosques deposita;  
 Senhor das selvas, que de longe o insultas,  
 Porque me vês aqui sosinho e fraco,  
 Fraco e sem armas, onde armado imperas;  
 Senhor das selvas (que antes frecha accesa  
 Sobre os tectos houvesse arrojado,  
 Onde as mulheres tens e os filhos charos)  
 Nunca miraste em alvo mais funesto,  
 Nem tiro mais fatal vibraste nunca,  
 Com lagrimas de sangue hasde choral-o,  
 Maldizendo o logar, o ensejo, o dia,  
 O braço, a força, o animo, o conselho  
 Do delicto infeliz que vai perder-te!  
 Eu, sosinho entre os teus que me rodeião,  
 Sem armas, entre as armas que descubro,  
 Sem medo, entre os medrosos que me cercão,  
 Em tanta solidão seguro e ousado,  
 Rosto a rosto contigo, e no teu campo,  
 Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,  
 Que és vil, qu'es fraco!

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço  
 Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

«É seguro entre vós guerreiro inerte,  
 É mais seguro o mensageiro estranho!  
 Disse com riso mofador nos labios.  
 Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,  
 Que vos heide tornar, ultriz da offensa

Infame, que Aymorés nunca sonhárão.  
 Ide, correi, quem vos impede a marcha?  
 Vingae esta corrente, não mui longe  
 Os Tymbiras estão!—Voltae da empreza  
 Com este feito heroico rematado;  
 Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!  
 Vida por gota pagareis meu sangue;  
 Por onde quer que fordes de fugida,  
 Vai o fero Itajuba perseguir-vos  
 Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;  
 Tremei! . . .

E como o raio em noite escura  
 Cegou, desaparecêo! De timorato  
 Procura Gurupema o autor do crime,  
 E autor lhe não descobre; inquire . . . embalde  
 Ninguém foi, ninguém sabe, e todos virão.

Do episodio de Coema é notavel logo o começo:—

Fôr de belleza, luz de amor, Coema,  
 Murmurava o cantor, onde te foste,  
 Tão doce e bella, quando o sol raiava?  
 Coema, quanto amor que nos deixaste?  
 Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,  
 Tão macios teus olhos! teus accents  
 Cantar perenne, tua voz gorgeios,  
 Tuas palavras miel! O romper d'alva,  
 Si encantos punha ápar de teus encantos,  
 Tentava em balde pleitear contigo!  
 Não tinha a êma porte mais soberbo,  
 Nem com mais graça recurvava o collo!

Coema, luz de amor, onde te foste?  
 Amava-te o melhor, o mais guerreiro,  
 Dentre nós: elegêo-te companheira,  
 A ti somente, que só tu achavas  
 Sorriso e graça na presença d'elle.  
 Flôr, que nasceste no musgoso cedro,  
 Cobravas pareas de abundante seiva,  
 Tinhas abrigo e protecção das ramas...  
 Que vendaval te despegou do tronco,  
 E ao longe em pó te esperdiçou no valle?

Este episodio que o poeta introduz naturalmente como um saudoso canto de amante, e em que nos pinta Coema arrebatada com violencia e traiçoeiramente ao proprio Itajuba pelo Tupinambá Orapacên, que abusa da hospitalidade que lhe é conferida, e morta pelo roubador na sua fuga, é de uma grande belleza, quer se attenda á força do pathetico, quer ao primor do colorido, quer á suavidade dos versos. O sentimento o mais terno e delicado, as imagens as mais graciosas, os tropos os mais felizes, e a harmonia metrica a mais perfeita, tudo contribue para tornal-o como um suave perfume de poesia, exhalado sobre o tumulto da formosura extincta em flôr. Onde se encontram versos mais cheios de expressão, novidade e graça, do que os seguintes: «Flôr de belleza, luz de amor, Coema, Murmurava o cantor, onde te foste? Eras tão doce, quando o sol raiava! Coema, quanto amor que nos deixaste? Eras tão meiga, teu sorrir tão brando, Tão macios teus olhos! teus accentos Cantar perenne,

tua voz gorgeios, tuas palavras mel! O romper d'alva,  
Si encantos punha á par de teus encantos, Tentava em  
balde pleitear contigo.»

Tudo é bello, pathetico, e expressivo neste episodio  
em que se vê Itajuba acordando em sobresalto aos  
gritos da roubada, correndo com os seus atrás dos in-  
gratos hospedes que lhe levão a amada já embarcados  
nas ygaras ou cascos, calculando a enorme distancia  
para disparar a flexa contra o roubador, partindo o  
arco em dois pela extrema força com que o puxa, e  
o barbaro tapuya arrojando ás ondas por negação o cor-  
po da violada victima; mas nada tão admiravel como  
a bellissima poesia contida nestes ultimos versos:—

Suspirada Coema, em paz descança  
No teu florido e funebre jazigo;  
Mas quando a noite dominar no espaço,  
Quando a lua coar humidos raios  
Por entre as densas, buliçosas ramas,  
Da candida neblina véste as formas,  
E vem no bosque suspirar co'a brisa;  
Ao guerreiro que dorme inspira sonhos,  
E á virgem, que adormece, amor inspira.»

Os mais suaves accents da musica, ouvidos ao lon-  
ge no silencio da noite, não vencem a magica doçura  
desta aerea poesia tão delicada no conceito, como na  
forma, e tão accomodada ás crenças dos indigenas na  
sua ignorancia quasi infantil! Versos tão repassados



de sentimentos ternos, e tão embelezados de poeticas imagens, só Gonçalves Dias os sabia fazer.

Da mensagem de Jurucey só reproduzirei a ultima parte do segundo discurso deste, mui notavel pelo incidente que o perturba:—

«Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas  
Que és vil, que és fraco!»

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço  
Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.  
«É seguro entre vós guerreiro inerte,  
E mais seguro o mensageiro estranho!  
Disse com riso mofador nos labios.  
Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,  
Que vos hei de tornar, ultriz da offensa  
Infame, que Aymorés nunca sonhárão!  
Ide, correi, quem vos impede a marcha?  
Vingae esta corrente, não mui longe  
Os Tymbiras estão; voltae da empreza  
Com este feito heroico rematado;  
Fugi, si vos apraz, fugi, cobardes!  
Vida por gota pagareis meu sangue;  
Por onde quer que fordes de fugida,  
Vai o fero Itajuba perseguir-vos  
Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;  
Tremei!» . .

E como o raio em noite escura  
Cegou, desaparecêo! De timorato  
Procura Gurupema o autor do crime,

E autor lhe não descobre; inquire... em balde!  
Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.

Toda a passagem que finalisa pelo trecho reproduzido, é um bello quadro no gosto homérico, já pelos facundos discursos que contem, tão proprios dos que os proferem, já pelo extraordinario e poetico do desfecho, acabando em completa declaração de guerra pela violação da immuidade do embaixador. Para quem conhece os costumes e o character dos selvagens, tudo isto é natural e apropriado, tanto a seta perdida que fere o ousado mensageiro, como a eloquencia provocadora do seu discurso, que só respira vingança: «Acêito o arco, ó chefe, e a treda frecha Que vos hei de tornar, ultriz da offensa Infame, que Aymorês nunca sonhãrão!... Vida por gota pagareis meu sangue: Por onde quer que fôrdes de fugida, Vai o fero Itajuba perseguir-vos Por agua, ou terra ou campos, ou florestas Tremei!...» Não menos natural e bello é o remate de uma tal scena, já pelo subito desaparecimento de Jurucey, já pelo receio do castigo do attentado que mostra Gurupema, já porque nenhum dos presentes denuncia o autor do crime: «... E como raio em noite escura Cegou, desaparecêo! De timorato Procura Gurupema o autor do crime E autor lhe não descobre; inquire... em balde! Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.» Toda esta soberba pintura em summa é feita com mão de mestre pelo poeta, e nada deixa a desejar em seus menores traços e toques.

Quem tem lição de Homero, julga ao percorrer com atenção esta passagem, estar assistindo, *mutatis mutandis*, á uma das scenas dos heroes da Iliada. Os frequentes discursos cheios de jactancia e feros, os attentados imprevistos, filhos de paixões indomaveis, o medo com que fugião diante dos mais fortes, e de que se não mostra isento o proprio Heitor, são cousas que se notão a cada passo nesses heroes, que pouco mais adiantados em civilisação moral estavam, do que os nossos selvagens guiados pelos impulsos da natureza, não modificada pela cultura.

Depois de haver apreciado este incompleto, e aliás bello poema do nosso melhor poeta em quasi todos os generos, passarei nos seguintes discursos a analysar os nossos mais notaveis prosadores, terminando aqui o volume pelos motivos apontados na introdução.

FIM.



# INDICE

DO

## QUARTO VOLUME.



INTRODUÇÃO . . . . .	V
----------------------	---

### LIVRO V

#### SECÇÃO I.

Francisco Manoel do Nascimento, vulgo Filinto Elysio, poeta; sua Biographia; suas Poesias Lyricas; suas Poesias Didaticas; sua Tradução das Fabulas de La Fontaine; sua Tradução dos Martyres de Chateaubriand.

Licção LIX . . . . .	1
Licção LX . . . . .	11
Licção LXI. . . . .	31
Licção LXII . . . . .	45
Licção LXIII . . . . .	63
Licção LXIV . . . . .	75
Licção LXV . . . . .	93

#### SECÇÃO II.

Manoel Maria de Barbosa Du Bocage, poeta; sua Biographia; suas Poesias Lyricas; suas Poesias Pastoris; suas Poesias Eroticas e Satyricas.

Licção LXVI . . . . .	113
Licção LXVII . . . . .	125
Licção LXVIII. . . . .	141
Licção LXIX . . . . .	153

### LIVRO VI.

#### LITTERATURA BRAZILEIRA.

#### PARTE I.

#### SECÇÃO I.

Frei Jose de Santa Rita Durão, poeta; sua Biographia; seu poema épico—Caramurú.

Licção LXX . . . . .	171
Licção LXXI . . . . .	181

## SECÇÃO II.

José Basílio da Gama, poeta; sua Biographia; seu poema épico—Uruguay.

Licção LXXII . . . . .	201
Licção LXXIII . . . . .	211

## SECÇÃO III.

O Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, poeta; sua Biographia; sua Traducção Paraphrastica dos Psalmos de David; suas Poesias Lyricas sacras; suas Poesias Lyricas profanas.

Licção LXXIV . . . . .	231
Licção LXXV . . . . .	241
Licção LXXVI . . . . .	257
Licção LXXVII . . . . .	272

## PARTE II.

## SECÇÃO I.

Manoel Odorico Mendes, poeta; sua Biographia; sua traducção da Eneida de Virgilio.

Licção LXXVIII . . . . .	289
Licção LXXIX . . . . .	299

## SECÇÃO II.

Antonio Gonçalves Dias, poeta; sua Biographia; seus Princiros Cantos; seus Segundos Cantos; seus Ultimos Cantos; seu poema épico—Os Tymbiras.

Licção LXXX . . . . .	309
Licção LXXXI . . . . .	319
Licção LXXXII . . . . .	335
Licção LXXXIII . . . . .	351
Licção LXXXIV . . . . .	367

# ERRATA

AO

## QUARTO VOLUME.

Pag.	Linhas.	Erros.	Correcções.
16	1	trisculo	trisuleo
17	22	bócca	bocca
36	27	roixo	rôxo
49	8	Nos	Nós
51	2	!	?
52	14	ordenados	ornados.
53	1	É	E
»	12	descompór	descompor
»	13	cambrãia	cambraia
54	20	Perde o cheiro	Perde o vívido cheiro
55	20	longos	longes
»	28	vésgo	vêsgo
57	2 e 27	limpar	himpar
59	13	intróito	introito
65	26	La Fontaiue	La Fontaine
88	1	Destitas	Desditas
98	14	os numes	aos numes
104	3	sifrece	offrece
106	9	o niveo investe	o niveo collo investe
107	18	belissima	bellissima
109	22	A côrro	Ao côrro
»	26	(e entrara	(e a entrara
110	23	dã	de
111	13	(e entrara	(e a entrara
114	25	ali	ah!
133	27	De'Abido	D'Abido
134	3	Gs	Os
»	23	lhe	lhes
136	20	vês'	vês

Pag.	Linhas.	Erros.	Correcções.
143	8	Materma	Materna
144	8	encontrar	encantar
150	23	tens	meus
151	21	excedê o	excedeo
157	18	me affadiga	que me afadiga
158	15	crébo	crébro
160	17	guem	quem
182	1	mais a rica	mais rica
"	15	preenche	preenchem
"	19	a mais de dois seculos	havia mais de dois seculos
190	26	pópa	pôpa
193	26	chistã	christã
196	7	exprobar	exprobrar
215	6	laços	<sup>1</sup> braços
231	16	reprentantes	representantes
239	9	accerca	acerca
258	1	portuguzes	portuguezes
259	14	Stoeler	Stokler
269	9	emecontr aposição	em contraposição
277	9	do do bello	do bello
279	14	ceos	ceos!
"	15	respira	respira.
285	21	flór	flôr
301	20	de memoria	da memoria
330	8	impressionou	impressionarão
337	21	si	se
"	29	Gonçaves	Gonçalves
343	3	houriz	hourí
359	19	imunda	inunda
370	26	exforços	esforços
375	16	glora	gloria
379	28	com elle	como elle

<sup>1</sup> No original está «laços» palavra porque tambem termina o verso penultimo, porem porque me parece mais proprio «braços» para esta palavra emendo.